

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
Instituto de Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

**VOZES INTANGÍVEIS DA PASSAGEM PEDREIRINHA:**  
memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará

**Juliana Cordeiro Modesto**

Pelotas, 2017

JULIANA CORDEIRO MODESTO

**VOZES INTANGÍVEIS DA PASSAGEM PEDREIRINHA:**  
memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – linha de pesquisa “memória e identidade”, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes

Coorientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas Catalogação na  
Publicação

M691v Modesto, Juliana Cordeiro

Vozes intangíveis da Passagem Pedreirinha : memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará / Juliana Cordeiro Modesto ; João Fernando Igansi Nunes, orientador ; Diego Lemos Ribeiro, coorientador. — Pelotas, 2017.

217 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Sociomuseologia. 2. Fenômeno museológico. 3. Cultura popular. 4. Protagonismo social. I. Nunes, João Fernando Igansi, orient. II. Ribeiro, Diego Lemos, coorient.  
III. Título.

CDD : 069

JULIANA CORDEIRO MODESTO

Vozes Intangíveis da Passagem Pedreirinha: memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – linha de pesquisa “memória e identidade”, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes (Orientador)  
Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof. Jorge Eremites de Oliveira (UFPeI)  
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (UFPA)  
Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pelotas, 29 de junho de 2017.

Dedico este trabalho aos sujeitos artistas e religiosos da Passagem Pedreirinha.

## **Agradecimentos**

Em princípio agradeço a Deus Supremo, por mais uma vitória em minha vida. Ao Senhor nosso Pai Celestial, que nunca fez com que eu perdesse as esperanças e prosseguiu comigo neste caminho de descobertas, de superações e de aprendizados.

Muitas pessoas fizeram-se presentes nesta caminhada:

À minha mãe Ana Lúcia, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando psicologicamente, matematicamente e financeiramente. Não tenho palavras para expressar minha gratidão a esse ser tão especial em minha vida, que sempre acreditou no meu potencial profissional e é responsável pelo ser humano que me tornei.

Às minhas duas mães do coração, vó Lúcia e tia Conceição. Agradeço por terem cuidado de mim quando criança, já que minha mãe necessitava ir para a Universidade e depois trabalhar. Vocês me ensinaram tantas coisas nessa trajetória, a dar valor nas coisas pequenas da vida, a amar o próximo e a ser uma pessoa correta na sociedade.

Ao meu tio Ferdinando Cordeiro, que foi um pai para mim. Agradeço por ter ajudado mamãe na minha criação, pois nunca deixou faltar nada em casa, sempre zelando pelo bem-estar de todos.

Ao meu pai Joselito Modesto, agradeço por hoje se fazer tão presente em minha vida, por se preocupar comigo, por torcer pela minha felicidade.

À minha querida e eterna Heliana Baia, minha grande mestra, agradeço por tudo que me ensinou na academia, pela grande honra de ter sido sua orientanda na graduação. Uma amante da educação e da cultura, que deixou um legado, onde eu e outros alunos seus, estão dando continuidade.

Ao meu querido amigo Stéfano Paixão, que vivenciou comigo, esses dois anos de mestrado, só tenho a agradecer por tudo. Pois, vivemos todos os momentos difíceis e felizes, juntos. Tenho certeza que sem você seria tudo mais difícil. Muito obrigada por tudo!!!!

Agradeço também a alguns amigos que me deram muita força no decorrer desta trajetória, meu muito obrigada a: Madson Martins, Silvia Stocking, João Pereira, Rhaussely Moraes, Márcia Modesto e Maria do Socorro.

Às pessoas que tornaram-se amigas, onde às conheci em Pelotas. Agradeço imensamente pelos momentos compartilhados e por todo o apoio dado nos momentos difíceis. Muito obrigada: José Curbelo, Priscila Oliveira, Luciana, Ivan Vanzar, José Brahm, Carlos Miranda, Fernanda Corrêa, Aline Waltzer, Dennis, Estelamares, Giselle Quevedo e Luanne.

E a todas as pessoas que me acolheram nesse período de um ano e meio na Passagem Pedreirinha. Agradeço pela generosidade e paciência de todos, que aceitaram a realização de entrevista sobre a sua história de vida. Esse trabalho não teria os resultados obtidos se não fosse a contribuição de cada um de vocês, que acreditaram na seriedade da pesquisa e na competência do meu trabalho. Muitíssimo obrigada: Mãe Elô, Herivelto Martins, Socorro Chagas, Fabrício Meireles, Roberto Corrêa, Aldrin Silva, Elsa Corrêa, Laudemar Corrêa e Kleber Oliveira. Também às demais pessoas que não foram entrevistadas, porém contribuíram muitíssimo para o constructo deste trabalho: Dora Maciel, Lourdes Soares, Marcus Gama, Inaldo, mãe Lulu, Fátima Chaves, Bacural, Kátia Lima, Erivelton Oliveira, Madalena, Jairo, Caique Souza, Iasmim, entre outros.

Penso haver, em curso no mundo, um processo lento, porém seguro, de transformação social por meio da cultura, partindo da sociedade civil, de gente comprometida, decidida e motivada a criar e buscar parceiros para a ampliação dos espaços de liberdade, de compartilhar saberes e conhecimentos que exigem um modo de se postar ante à sociedade aproximando-se da ação e olhando o outro como um ser preparado para as lides do pensar. (EVELIN, 2013, p. 33 – 34)



## Resumo

MODESTO, Juliana Cordeiro. Vozes Intangíveis na Passagem Pedreirinha: memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará. 2017. 217 f. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Esta dissertação se propôs compreender e ativar o potencial museológico da Passagem Pedreirinha, localizada no Bairro do Guamá, em Belém do Pará. Assim, o recorte de pesquisa procedeu-se por meio do estudo da cultura popular da rua supracitada. Vinculado às concepções da sociomuseologia, este trabalho tem o intuito de provocar, ativar e colocar em evidência as “memórias subterrâneas” das manifestações culturais, religiosas e afroreligiosa existentes neste território. Levando em conta os aspectos da participação social, buscou-se dar “um outro sentido” a Pedreirinha, atribuindo-lhe novas funções, criando possibilidades da mesma tornar-se uma rua-documento, com fortes suportes de informação. A investigação metodológica ocorreu por meio de nove narrativas discursivas coletadas através da entrevista de história de vida; de pesquisa documental e bibliográfica; como também usamos o método da etnografia empregado nas atividades dos grupos culturais e religiosos. Os resultados alcançados foram: a reconstrução da história do Bairro do Guamá bem como da Passagem Pedreirinha e o construto de um mapa cultural desta rua, através do método da cartografia cultural, usando como suporte os depoimentos dos interlocutores entrevistados e dos referenciais identificados por eles. Nesse sentido, tratamos essa rua como um fenômeno museológico, mas é importante ressaltar que a Pedreirinha não perde sua função original de fluxo urbano. Porém, este processo acrescenta dimensões valorativas à rua, gerando novos significados aos que por ela passam e convivem, incorporando-a em uma nova realidade, que por meio do agenciamento das pessoas, do provocar o olhar para a importância do que fazem, damos vitalidade a tudo isso, havendo assim, a ativação patrimonial da Passagem Pedreirinha, processo este construído para a comunidade e com a comunidade. Assim, a Pedreirinha mais do que um simples espaço de tráfego, transforma-se em um lugar de efervescência cultural, tornando-se o testemunho vivo de uma outra faceta dos lugares periféricos da metrópole da Amazônia.

**Palavras-chave:** Sociomuseologia. Cultura Popular. Protagonismo Social. Fenômeno Museológico.

## Abstract

MODESTO, Juliana Cordeiro. *Voices Intangible of the Passage Pedreirinha: memory and patrimony in the District of the Guamá, Belém of Pará*. 2017. 217 f. Dissertation. (Master in Social Memory and Cultural Heritage) - Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

This dissertation intends to understand and activate the museological potential of the Pedreirinha Passage, located in the Guamá District, in Belém do Pará. Therefore, the research cut was made through the study of the popular culture of the aforementioned street. Linked to the conceptions of sociomuseology, this work has the purpose of provoking, activating and highlighting the "underground memories" of the cultural, religious and afro-religious manifestations in this territory. Taking into consideration the aspects of social participation, the aim was to give Pedreirinha "a different meaning", giving it new functions, creating possibilities for it to become a documentary street, with strong information sources. The methodological research occurred through nine discursive narratives collected through the interview of life history; Documentary and bibliographic research; but we also use the method of ethnography employed in the activities of cultural and religious groups. The results achieved were: the reconstruction of the history of the Guamá Quarter as well as the Pedreirinha Passage and the construction of a cultural map of this street, using the method of cultural cartography, using as support the testimonies of the interviewed interlocutors and the references identified by them. In this regard, we treat this street as a museological phenomenon, but it is important to emphasize that the Pedreirinha does not lose its original function of urban flow. However, this process adds value dimensions to the street, generating new meanings to those who pass through it and coexist, incorporating it into a new reality, which through the agency of people, provoking a look at the importance of what they do, give vitality To all of these, and thus, the patrimonial activation of the Pedreirinha Passage, a process that was built for the community and the community. In this way, the Pedreirinha more than a mere space of traffic, turns into a place of cultural effervescence, becoming the living testimony of another facet of the peripheral places of the metropolis of the Amazon.

**Keywords:** Sociomuseology. Museological Phenomenon. Popular Culture. Social Protagonism.

## Lista de Figuras

Figura 1- Registro da entrevista com o senhor Roberto, na residência de Dona Elsa, mostrando o banjo de carimbó que era de Nazareno Silva.....	49
Figura 2- Fotografia de uma das barricas do Boi Malhadinho.....	52
Figura 3- Apresentação do Boi-Bumbá Malhadinho no CENTUR.....	52
Figuras 4 e 5- Visita do Bispo Michael Louis Fitzgerald no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 2005.....	91
Figuras 6 e 7- Antiga Capelinha, localizada na Passagem Pedreirinha .....	94
Figuras 8 e 9- Dois santos centenários, de madeira, trazidos do Maranhão por Mãe Josina. Na figura 8, está a imagem de São Benedito e na figura 9, está a imagem de São José.....	102
Figura 10- Festividade de Don José Rei Floriano, realizada no mês de março no Terreiro “Dois Irmãos”.....	105
Figura 11- Exposição na parede, no salão maior, da fotografia de três gerações de mães de santo (expostas em quadros de vidro) que coordenaram o Terreiro de Mina “Dois Irmãos”.....	108
Figura 12- Oferendas que serão entregues para Yemanjá e Oxum .....	111
Figuras 13 e 14- Momento em que as oferendas são levadas ao mar.....	112
Figura 15- Momento em que as oferendas já foram entregues, as pessoas estão saindo do mar, para tomarem o banho atrativo com Mãe Elô.....	112
Figura 16- Casamento na Roça, em cortejo pela Av. José Bonifácio, rumo a Passagem Pedreirinha.....	115
Figura 17- Dona Elsa, com os santos São Pedro e São Paulo, em sua residência, na festividade dos mesmos, no ano de 2016.....	116
Figuras 18 e 19- Apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, na Festividade de São Pedro e São Paulo.....	118
Figura 20- Frente da sede da Escola de Samba Bole Bole, localizada na Passagem Pedreirinha, no bairro do Guamá.....	120
Figura 21- V Cortejo Cultural da Escola de Samba Bole Bole. Saída da bateria do Bole Bole com a rainha de bateria da Escola, Mara Baena .....	122
Figura 22- Mestres de Bateria do Bole Bole e Mexe Mexe, com Rhaussely Moraes, comemorando a vitória do Bole Bole no Carnaval de Belém .....	122

Figura 23 - Apuração das Escolas de Samba do Carnaval de Belém de 2016. Bole Bole foi campeã do carnaval de 2016.....	123
Figura 24 - O atual Boi Malhadinho, recepcionando seus convidados na Festividade do Dia das Crianças .....	126
Figuras 25, 26 e 27- Fotografia da Família Soares, atual responsável pelo Boi Malhadinho.....	127
Figura 28- Frente da casa de dona Elsa, no dia da apuração dos blocos e escolas de samba de Belém.....	128
Figura 29- Presidente do Bloco Carnavalesco Mexe Mexe carregando o troféu de vice-campeão do Carnaval de Belém.....	128
Figura 30- Carnavalesco Kleber Oliveira com Fátima Chaves, na I Feijosamba do Mexe Mexe, realizada no quintal do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”.....	129
Figura 31- Apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, no V Cortejo Cultural do Bole Bole.....	131
Figura 32- Passeio à Praia do Caripi. Participantes no cortejo cultural percorrendo a orla da praia.....	132
Figura 33- Círio da Passagem Pedreirinha, dia do festejo .....	134

## **Lista de Mapas**

Mapa 1- Mapa de Localização do Bairro do Guamá / PA .....	71
Mapa 2- Mapa de Localização da Passagem Pedreirinha – Guamá/Belém .....	79
Mapa 3- Mapa da Cultura Popular da Passagem Pedreirinha .....	136

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

CAPEMI - Caixa de Pecúlios dos Militares

CENTUR - Centro Cultural Tancredo Neves

CREAS - Centro de Referência Especializado da Assistência Social

DAGUA - Distrito Administrativo do Guamá

FUNPAPA – Fundação João Paulo II

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOM – International Council of Museums

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Nacional

LFC – Lar Fabiano de Cristo

MINC – Ministério da Cultura

SACI - Serviço de Atendimento ao Cidadão

SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	16
<b>Capítulo 1 – Memória, Patrimônio e Sociomuseologia</b> .....	33
1.1. Memórias de um passado-presente .....	33
1.2. As metamorfoses do patrimônio .....	41
1.3. Museu / Museologia / Sociomuseologia: algumas questões a refletir .....	53
<b>Capítulo 2 – Passagem Pedreirinha: o centro da cultura guamaense</b> .....	68
2.1. “O Guamá é um bairro fenomenal, cheio de fenômenos humanos que a gente não consegue explicar” .....	68
2.2. “Eu percebo a Pedreirinha como uma cesta de frutas maravilhosas e diferentes: a uva, a maçã, [...] o carnaval, o boi-bumbá, a macumba, a igreja católica, a igreja evangélica. Quer dizer, essa cesta cultural” .....	77
<b>Capítulo 3 - (Eu) “Sou um patrimônio da Pedreirinha”:</b> ativação do olhar museológico da cultura popular existente neste território .....	96
3.1. Terreiro de Mina “Dois Irmãos”: Mãe Josina deixou um legado .....	101
3.2. Dona Elsa e sua fé em São Pedro e São Paulo.....	114
3.3. “A nossa visão no Bole Bole é dar oportunidade para as pessoas [...] e o nosso resultado é a felicidade” .....	119
3.4. “Eu sempre digo, até escrevo, que sou 100% Malhadinho” .....	124
3.5. “O Mexe Mexe [...] é o apêndice da minha vida” .....	127
3.6. “O objetivo do Caldo de Turu é levar a cultura do Bairro do Guamá” .....	130
3.7. Eventos que já se tornaram “tradição” na rua .....	131
3.7.1. Passeio de Dona Elsa para a Praia do Caripi .....	131
3.7.2. O Círio da Pedreirinha .....	133
3.8. Mapa cultural da Passagem Pedreirinha - resultados dos indicativos memoriais evocados pelos entrevistados.....	134

<b>Considerações finais</b> .....	137
<b>Referências bibliográficas</b> .....	139
<b>Apêndice I</b> – Termo de autorização para a realização da entrevista .....	144
<b>Apêndice II</b> - Roteiros de entrevistas de história de vida, defino por categorias celebrações, saberes e formas de expressão .....	145
<b>Apêndice III</b> – Roteiros das entrevistas de história de vida .....	151



## Introdução

A maior parte das experiências que a pesquisadora deste trabalho obteve no campo da pesquisa, foram proporcionadas pelo Programa Luamim, o qual esteve como bolsista de monitoria e bolsista de pesquisa (Cnpq), nos anos de 2010 a 2012.

O mesmo é vinculado à Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), foi criado em 1992, pelo jornalista, poeta e assistente social, Paulo Martins, inspirado no poema “Luamim: um anjo urbano”, de sua autoria. Atende a demanda de construção de conhecimento ao Serviço Social no contexto das Ciências da Cultura, de forma a subsidiar a prática do assistente social na dimensão da ciência com consciência (*vide* MORIN), contribuindo para que grupos excluídos possam ver atendidos seus direitos constitucionais à cultura e educação. Investiga saberes, modos de vida e formas de expressão artística em grupos que estão em situação de vulnerabilidade social; pesquisa qual o impacto que se remete à construção da cidadania em indivíduos participantes de oficinas, cursos e outras atividades relacionadas à arte e à comunicação; identifica novas peças interventivas empregadas na prática de assistentes sociais e outros trabalhadores sociais; pesquisa a arte como meio de expressão social e popular, de símbolos, valores, representações e formas de comunicação de conteúdos culturais, viabilizando a relação da ciência com o saber popular; identifica situações relacionadas à prática social que necessitem de investigações para subsidiar a instrumentalização de trabalhadores sociais. (EVELIN, 2011). Seus projetos de pesquisa e de extensão, tem como *lócus* de pesquisa os bairros do Guamá e da Terra Firme, localizados na cidade de Belém do Pará. O mesmo mantém suas atividades até os dias atuais, estando como coordenadora geral, a Profª Drª Silvia C. Stockinger<sup>1</sup>. Ou seja, os resultados advindos deste processo de ensino e aprendizagem, vivenciado na comunidade, repercutiram no trabalho de conclusão de curso (TCC) da pesquisadora, intitulado: Cultura Popular no Guamá - memória e representação do patrimônio cultural da Rua Pedreirinha, em Belém do Pará. Destacando abaixo alguns resultados da monografia que influenciaram na construção desta dissertação.

---

<sup>1</sup> Currículo Lattes, disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4765355E2>

Na época em que o Programa Luamim foi coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heliana Baía Evelin<sup>2</sup>, a pesquisadora desta dissertação, atuou como bolsista em dois projetos: o primeiro “Gestão Cultural para a Construção de Comunidades Resilientes”, nos anos de 2010 a 2011, o qual objetivava assegurar o processo de formação dos discentes a partir da relação ensino-pesquisa-extensão, desenvolvendo ações interdisciplinares para integrar saberes entre cultura, produção, criação intelectual, ciência com consciência; e o segundo “O Trabalho do Assistente Social com Sujeitos Artistas Populares Moradores nos Bairros do Guamá e Terra Firme”, esteve na condição de bolsista de iniciação científica, nos anos de 2011 a 2012, no qual o projeto visava contribuir para o desenvolvimento do trabalho profissional do assistente social na área da política da cultura. Constatou-se a necessidade de uma construção teórico-metodológica para intervir na realidade social desses sujeitos artistas, conhecê-los e saber o que eles esperavam da sociedade e principalmente construir um ideário de “manutenção” e reconhecimento da cultura popular como meio de transformação social. Destes dois projetos, os resultados importantes para a construção desta dissertação se deram através da inserção neste universo sociocultural, conhecendo as manifestações culturais, suas lideranças, estabelecendo contatos. A pesquisadora destaca uma das atividades mais relevantes realizadas na comunidade em parceria com o Ministério da Cultura (MINC), onde na época o vice-chefe da Representação Norte – Sr<sup>o</sup> Alberdan (atualmente, o mesmo é Chefe da Representação Norte do MINC) ministrou o I Ciclo de Capacitações (uma das metas alcançadas do Projeto Gestão Cultural para a Construção de Comunidades Resilientes) realizado no Bairro do Guamá, na Passagem Pedreirinha, no ano de 2011. As atividades foram desenvolvidas com temas (O que é Cultura?; Patrimônios culturais do Brasil; Conhecendo o perfil dos editais de cultura do MINC; Como elaborar um projeto social?; entre outros) que elucidavam a cultura como um direito social (direito este promulgado na Constituição Federal de 1988 - CF) assim como da construção de projetos culturais junto aos editais públicos na área da cultura. As atividades perduraram por três meses e teve como público alvo as manifestações culturais do Bairro do Guamá e do Bairro da Terra Firme.

---

<sup>2</sup>

No período de 07/2012 a 07/2013, a mesma participou como voluntária de pertencimento<sup>3</sup> no Programa Luamim e defendeu seu (TCC), estando como sua orientadora a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heliana Baía Evelin. Nesta pesquisa identificou na Passagem Pedreirinha três manifestações artístico culturais (a Associação Carnavalesca Bole Bole, o Bloco Carnavalesco Mexe Mexe e o Boi Malhadinho), um templo afroreligioso (o Terreiro de Mina “Dois Irmãos”), a Festividade de São Pedro e São Paulo e duas manifestações religiosas (a Igreja Assembleia de Deus e a Igreja Assembleia do Avivamento Pentecostal – Brasa Viva). Vale ressaltar que pouco antes de defender seu trabalho de conclusão de curso, a Capelinha (espaço de religião católica) que existia neste espaço fechou suas atividades, pois a proprietária do terreno necessitou vendê-lo. Em entrevista realizada no ano de 2013, Kleber Oliveira (era o pároco do local e realizador das missas) diz que na época não tinham o valor total a pagar, sendo assim o espaço foi comprado por uma igreja evangélica (Assembleia do Avivamento Pentecostal) existente até hoje no local. A monografia teve o propósito de conhecer a realidade desta Rua, a partir da coleta de história de vida das lideranças artísticas e religiosas supracitadas, e assim contribuir para conceber o trabalho do assistente social na área da Cultura viabilizando a construção do reconhecimento do saber popular perante a profissão. Os resultados alcançados evidenciaram a articulação de atividades culturais e religiosas que possibilitam espaços de agregação antiviolença no Bairro do Guamá, dentre vários, podemos citar: o trabalho social realizado com adolescentes e crianças na bateria do Bole Bole; o Boi Malhadinho que no período das festividades juninas proporciona às crianças e adolescentes do Bairro do Guamá, momentos de diversão e de aprendizado acerca da cultura popular; e a forte presença da religiosidade na Passagem Pedreirinha, que a torna uma rua diferenciada das outras, apesar das divergências de credo religioso, os moradores aprenderam a conviver buscando a harmonia e a tolerância.

As ações dos fazedores de cultura popular da rua são as das mais relevantes, pois se constituem por meio da resistência, como também da resiliência. Para

---

<sup>3</sup> Os voluntários do Luamim embora se dediquem sem remuneração ao trabalho social buscam principalmente a possibilidade de crescimento profissional propiciada pela inserção na equipe e na possibilidade de vir a contar com bolsa de estudos à medida que os bolsistas se formam ou inserem-se em outras atividades remuneradas. [...] Os voluntários sabem que sua ação não substitui o Estado nem se choca com o trabalho remunerado e que, na condição de estudante, recém-graduado ou em pós-graduação encontra-se em um espaço privilegiado para construção de conhecimentos e estabelecimento de relações favoráveis para o seu futuro profissional. (EVELIN et al, 2008, p.11).

compreendermos o conceito de resiliência no Serviço Social, Ribeiro (2007) faz analogia com o semáforo, onde o sinal vermelho representa o enfrentamento da adversidade que nos faz parar por um momento; o sinal amarelo representa a superação e, o sinal verde, o fortalecimento, indicando que estamos prontos para novos desafios. O sinal amarelo é muito rápido, mas não podemos ignorá-lo e passarmos para mais uma etapa de nossas vidas, levando adversidades não resolvidas, que dificultarão etapas seguintes. (RIBEIRO, 2007, p. 21-22).

As resultantes obtidas no TCC reverberaram outras questões expressivas a serem investigadas em futuros trabalhos, tais como: constatou-se que a rua é vista como um dos epicentros culturais do bairro, pelo fato de localizarem-se neste território diversas manifestações culturais, religiosas e afroreligiosa, que realizam programações, festividades e eventos culturais que acabam sendo uma das poucas opções de entretenimento de muitas pessoas que residem no bairro, das que não possuem acesso a equipamentos culturais (teatro, cinema, comemorações públicas, parques, museus, praças) e/ou das que buscam diferentes meios de entretenimento.

O tratamento da pesquisa se deu por meio de narrativas discursivas, coletadas através da entrevista de história de vida, pelo fato do discurso se constituir de sentidos, abranger um conjunto de ideias e construções lógicas, que são expostos na narrativa, e poder ser classificado individualmente ou no campo coletivo. A narrativa discursiva ou “discurso oral” é constituído de relatos orais, nos quais o entrevistado articula as suas vivências e expressa seus valores e compreensões sobre o mundo. (PINTO *et al*, 2014). A escolha metodológica se fez primordial para identificar nas memórias provocadas, simbologias e representações que existem para além da aparência física da rua e das atividades realizadas pela cultura popular do local, como também da visibilidade midiática de localizar-se em um bairro historicamente estigmatizado por ser considerado um dos mais violentos da região metropolitana de Belém. Logo, a principal inquietude que os resultados do TCC geraram foi perceber tal esquecimento e o não reconhecimento do Poder Público e da sociedade como um todo.

A presente dissertação intitulada “Vozes intangíveis da Passagem Pedreirinha: memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará”, se propôs a compreender e ativar o potencial museológico da rua supracitada. Levando em conta os aspectos da participação social, buscou-se dar “um outro sentido” à mesma, atribuindo-lhe

novas funções, representando-a como uma rua-documento, com fortes suportes de informação. O objetivo central da pesquisa é que essas memórias uma vez evocadas, coletadas e registradas possam ser compartilhadas com a comunidade e com a sociedade civil. Que por meio do agenciamento das pessoas (agentes do seu patrimônio), do provocar o olhar para a importância do que fazem, damos vitalidade a tudo isso, havendo assim a ativação patrimonial da Passagem Pedreirinha. Ao colocar em evidência as memórias da cultura popular desta rua e a da riqueza do patrimônio que existe na mesma, esta pesquisa contribui para a desmistificação de estigmas já incorporados sobre o Bairro do Guamá. O que será colocado em xeque é a visão midiática “imposta”, de que no Bairro do Guamá “só tem bandido”, intitulado por uma significativa parcela da população belenense como um lugar periférico, violento, sem infra-estrutura, com pouca educação e de pobreza social. Será mostrado a dualidade deste lugar, que é um dos locais mais periféricos de Belém, onde existe violência, pobreza, extermínio de jovens (sendo a maioria homens e negros), onde impera a não efetividade de acesso às políticas públicas que muito contribui para o construto desta visão negativa do mesmo. Porém, será apresentado o outro lado da moeda, quase nunca evidenciado pela mídia e não valorizado pelo Estado. O que fizemos emergir é um Guamá cultural e devoto, de pessoas criativas, talentosas, trabalhadoras, empoderadas, resilientes, religiosas e solidárias com o seu próximo.

Identificamos diversos espaços na localidade da Passagem Pedreirinha em que a memória está sendo trabalhada, como também verificamos nas memórias de todos os entrevistados lembranças de eventos que aconteceram e que ainda acontecem na rua. Seja por meio das festividades, da gastronomia, dos cerimoniais religiosos, dos locais de encontro, das apresentações culturais, da transformação da rua em palco para o acontecimento desses eventos. Usamos como suporte teórico para a realização da etnografia e análise das narrativas discursivas, a definição sobre o “*Spiritu Loc*” (espírito do lugar) adotado na 16ª Assembléia Geral do ICOMOS, onde foi estabelecida a Declaração de Quebec, em 2008. “O espírito do lugar é definido como elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos...) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos, escritos, rituais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc...) isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistérios ao lugar. Em vez de separar o espírito do lugar, o

intangível do tangível e considerá-los antagônicos entre si, investigamos as muitas maneiras dos dois interagirem e se construiram mutuamente”. O olhar imposto foi constituidor de signos, apresentados a uma realidade sendo captados pela via da representação, que não elimina definitivamente a sua primeira função dos “objetos/bens culturais”, apenas lhe é acrescentado novas funções, o que “os transformam em representações, em semióforos, em documentos ou suportes de informação. Um olhar, enfim, que transforma os mais diferentes espaços/cenários em museu”. (CHAGAS, 1994. p. 52). Ou seja, a Passagem Pedreirinha possui a sua função primária de rua, mas a partir do momento em que é atribuído valores socioculturais e religiosos existentes nesse espaço, a mesma passa a constituir-se em outra função, não mais a rua, com casas, asfalto, iluminação, carros, trânsito, mas iremos compreendê-la como um “fato museal” que irá abranger “a relação homem-realidade mediatizada pelos bens culturais” (CHAGAS, 1994. p. 52-53). No que diz respeito ao *lócus* da pesquisa, colocamos em evidência os bens culturais tangíveis e intangíveis que foram identificados e analisados no período de 08/2015 a 05/2017.

Destacamos abaixo:

- As manifestações culturais: o Boi-Bumbá Malhadinho, a Associação Carnavalesca Mexe Mexe (Bloco) – atual vice-campeão do Carnaval de Belém, a Associação Carnavalesca Bole Bole (Escola de Samba) – atual campeã do Carnaval de Belém, reconhecida pelo Poder Público, no mês de novembro de 2016, como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará, e o Grupo de Carimbó “Parafolclórico, Caldo de Turu”.

- A manifestação afrorreligiosa: o Terreiro de Mina “Dois Irmãos” e suas atividades religiosas e festivas - o espaço é tombado como patrimônio histórico pelo Estado do Pará, em outubro de 2010, registrado no Livro de Bens Imóveis (de valor histórico, arquitetônico, urbanístico, rural e paisagístico).

- Duas manifestações religiosas: sobre as duas igrejas evangélicas, existentes na Passagem Pedreirinha – Igreja Assembléia de Deus e Igreja Brasa Viva, informamos que não são objetos desta pesquisa. Porém, as duas foram inseridas no mapa cultural da rua, já que foram citadas nas entrevistas de história de vida.

- Celebrações: a Festividade de São Pedro e São Paulo e o Círio da Passagem Pedreirinha.

- Evento Cultural: passeio promovido pela família Corrêa, para a Praia do Caripi-Barcarena, que movimentam maior parte da rua e participam muitas pessoas de outras localidades de Belém. Este evento não foi inserido no mapa cultural da Passagem Pedreirinha, pois acontece em outra localidade. Mas, achamos relevante inseri-lo em um sub-capítulo da dissertação, pois acontece há 17 anos. Sendo realizado para angariar fundos ao Mexe Mexe, como também se comemora o aniversário dos moradores da Pedreirinha que completam ano no mês de agosto.

Em relação à pesquisa bibliográfica, caracteriza-se na realização de levantamento de referenciais teóricos já analisados, publicados por meios de escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, etc. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Gil (2008) afirma que parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. Sendo que, a pesquisa bibliográfica se faz importante em um trabalho científico, pois permite que o investigador compreenda “uma gama de fenômenos” muito mais amplos do que aqueles que pode pesquisar diretamente. “Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”. (GIL, 2008, p. 50).

Posto isto, a revisão da literatura foi realizada por meio do método pluralista, no qual para Edgar Morin (2005), sua indubitabilidade só é possível quando ocorre: “O surgimento e o desenvolvimento de uma ideia nova que precisa de um campo intelectual aberto, onde se debata e se combata teorias e visões do mundo, se é verdade que toda novidade se manifesta como desvio e aparece frequentemente ou como ameaça, ou como insanidade aos defensores das doutrinas e disciplinas estabelecidas, então o desenvolvimento científico, no sentido de que esse termo comporte necessariamente invenção e descoberta, necessita fundamentalmente de duas condições - 1) manutenção e desenvolvimento do pluralismo teórico (ideológico, filosófico) em todas as instituições e comissões científicas e 2) proteção do desvio, ou seja, tolerar/favorecer os desvios no seio dos programas e instituições, apesar do risco de que o original seja apenas extravagante, de que o espantoso não passe de absurdo. (MORIN, 2005, p. 34-35).

Outro autor que orienta suas pesquisas por meio do pluralismo metodológico é Pierre Bourdieu. No prefácio do livro: *Grandes Cientistas Sociais*, Renato Ortiz (1983, p. 8) diz que é difícil situá-lo em relação a uma “escola”, pois se apresenta como um pensador profundamente original, além de possuir um horizonte aberto para novas produções científicas. Nesta coletânea seus manuscritos iniciam com o texto “trabalhos e projetos”, no qual este sociólogo introduz a orientação de sua maneira de fazer pesquisa. “Desde o começo do meu trabalho, pareceu-me que seria possível fazer com que a sociologia progredisse decisivamente se conseguisse reunir os conhecimentos, na aparência antagônicos ou, em todo caso, dispersos, desta disciplina; se, em outras palavras, conseguisse integrar, sem recorrer às conciliações retóricas ou a compromissos ecléticos, as tradições simbolizadas por Marx, Durkheim, Weber, e a superar as oposições, epistemologicamente fictícias mas, socialmente reais, entre os “teóricos” e os “empiristas” ou, ainda, dentre estes últimos, entre os partidários da indagação estatística e os que defendem a observação etnográfica. Para isto, era preciso criar as condições sociais para uma prática científica realmente coletiva e, portanto, unificada, como foi, contra todas as tendências do mundo intelectual a prática dos durkheimianos.” (BOURDIEU, 1983, p.38).

Partindo do pensamento científico dos teóricos citados acima discutimos conceitos, realizamos diálogos e aprofundamento teórico com autores que abordam sobre o estudo da cultura popular, sociomuseologia, memória e patrimônio:

Cogitamos ser de extrema complexidade categorizar “cultura popular”, de tal modo para esta dissertação dialogamos com autores que construíram abordagens altamente significativas no mundo acadêmico: Mikhail Bakhtin (1996), Peter Burke (1998) e Roger Chartier (1995).

Bakhtin (1996), em seu livro “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” analisa as obras literárias de Rabelais, que além de médico, foi padre e também considerado o mais democrático dos mestres literários no período da Idade Média, pelo fato de ter observado com profundidade e abordado em sua literatura as “fontes populares”. Sua literatura engloba o riso popular do povo, sempre visualizando-o nas apresentações da praça pública, nas festividades, principalmente no carnaval. O autor diz que, Rabelais percebeu nesse “*modus vivendis*” do povo, onde os nobres e “clérigos” prestigiavam



e muitos até participavam, “um mundo infinito das formas e manifestações do riso (que) opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”. (BAKHTIN, 1996, p. 3 - 4). Quer dizer, os encontros na praça pública, nos carnavais e festividades que o povo realizava, era mesmo que uma “segunda vida”, a oportunidade que encontravam (camponeses/artesãos e as elites) para vivenciar uma outra “realidade”, longe dos critérios oficiais da época, que aplicava o medo, o temor.

Nos romances de Rabelais, a alegria é empregada integralmente. O autor analisa uma riquíssima literatura que ocupava um lugar marginal ou/e de pouco interesse para os literários da época em que viveu Rabelais. O estilo de sua obra era conhecido como realismo grotesco (um sistema construído por meio de imagens da cultura cômica popular, expressas no campo material e corporal através de uma forma universal, festiva e utópica). (ibid., p.17). Essa cultura cômica popular se constituía dentro de uma diversidade, de formas e manifestações – “as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, etc. Assim, Rabelais contrapõe concepções de que “a cultura popular é resultado de um dogmatismo e da seriedade da cultura dominante, sobretudo no período da Idade Média”. Como também percebemos na sua obra, muito bem analisada por Bakhtin (1996), a reciprocidade de um “relacionamento circular” entre camponeses, artesãos e nobreza, baseado em uma sociabilidade que percorriam ambas as direções: “de cima para baixo e de baixo para cima” (MORIGI, 2004, p.28).

Burke (1998), em seu livro “Cultura Popular na Idade Moderna” descreve e interpreta a cultura popular dos inícios da Europa moderna. Em seus estudos define como cultura popular, a cultura não-oficial, era compreendida como a cultura da não elite. Mas, o brilhantismo de seu trabalho está em concentrar-se na heterogeneidade da cultura das “classes populares”, na interação entre as duas culturas (culturas do povo e culturas da elite), o que chamou de biculturalidade das elites, de como compartilhavam a cultura do povo – os seus mitos, rituais, os carnavais (por meio das canções, dos contos populares na infância, do aprender a linguagem do povo para se comunicarem e assim interagirem, etc) considerados como a sua segunda cultura, pois também participavam da cultura “alta”, apreendida nas escolas secundárias, universidade, nas cortes, etc, onde as pessoas comuns nunca tiveram acesso. (BURKE, 1998, p. 16-17) E no processo da reforma da cultura popular na Idade

Moderna, iniciado por volta dos anos de 1500 (esses movimentos não aconteceram de modo uniforme nos países europeus), o autor demonstra como os reformadores (pessoas da elite que participavam das igrejas católicas e protestantes – vale ressaltar que não era um movimento integrado) primeiramente, perseguiram movimentos culturais do povo, considerados como “não-cristão”, alegando que na maioria desses movimentos as classes populares se entregavam “à licenciosidade” (ibid, p.233). Para isso, necessitavam criar e “impor” uma nova cultura popular ao povo, que substituisse “as festas, canções e imagens tradicionais que estavam tentando abolir”. [...] O autor cita em seu livro uma coletânea de hinos, organizada por Lutero, o qual era ‘para dar aos jovens’, com o intuito que os afastassem das “baladas de amor e versos carnais”, que os ensinassem algo de valor em lugar destes. (ibid., 246). Chartier (1995), afirma que após os anos de 1600 ou 1650 ocorreram ações conjugadas dos Estados absolutistas e das Igrejas das Reformas protestante e católica, tais investidas na época do Rei-Sol “teriam abafado ou recalado a exuberância inventiva de uma antiga cultura do povo”. A imposição de disciplinas inéditas e novas submissões, que inculcaram novos modelos de comportamento, sendo assim as raízes e tradições da cultura do povo foram aniquiladas, rompendo com um “modo tradicional de ver e de viver o mundo” (CHARTIER, 1995, p.180)

O que podemos constatar nessa breve análise realizada sobre a cultura popular, concordando com o pensamento de Chartier (1995) é que esta sempre esteve em um lugar marginal das sociedades ocidentais. Mas, o autor acima alega, mesmo que seu destino historiográfico tenha sido, permanentemente, o abafamento, o recalque, o arrasamento, a cultura popular sempre “renasce das cinzas”. (ibid., p. 181). Dialogamos, também, com os estudos de Magnani (1986), que analisa o lazer das pessoas que vivem na periferia da cidade de São Paulo, através das diversas maneiras da festa e do circo-teatro que acontecem na rua, ou bem dizer no “seu pedaço”. Observando o modo de vida e os valores das classes populares, o autor comprova que mesmo em uma região metropolitana, com alto nível de industrialização, as diversas formas de lazer associadas à cultura popular se mantêm presentes, mesmo com as presenças das culturas do consumo. Trazendo este exemplo podemos fazer analogias com as manifestações culturais, religiosas e afroreligiosas existentes na Pedreirinha, pois no decorrer do ano é realizado muitas atividades culturais incluídas nesse novo contexto da indústria cultural

(principalmente na sede da Escola de Samba Bole Bole). Mas, o que constatamos é que mesmo se essas atividades coincidirem com eventos da cultura popular da rua, as atividades ocorrem normalmente, com um público “fiel” que sempre se faz presente. Todavia, este interesse é percebido pelo fato que o popular, “renova-se, atualiza-se, reatualiza-se”. (MORIGI, 2004, p.37)

Para trabalhar noções de memória, dialogaremos com os autores: Maurice Halbwachs (2003); (2004), um dos principais estudiosos que se debruçou a estudar a memória dos grupos sociais, afirma que é na sociedade que estão (instituições sociais) os elementos necessários para reconstruir o passado. Joel Candau (2009/2010); (2012), elucida sobre as relações entre memória e identidade, alegando estarem dissolvelmente ligadas. Este autor, cria o conceito de sociotransmissores, que são conceituados como favorecedores de conexões (da formação da metamemória), que abarcam toda a materialidade (das coisas) que “compõe o mundo”, que permitem estabelecer uma “cadeia causal cognitiva” entre pelo menos dois seres pensantes. (CANDAU, 2012, p.52). E, por fim, traremos para dialogar com essas concepções destacadas acima, o conceito de memórias subterrâneas concebido por Michael Pollak (1989), basilar para compreendermos como as narrativas dos excluídos se estruturam no meio social, e como “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso, a memória nacional”. (POLLAK, 1989, p.4)

Na área do Patrimônio, abordamos concepções de Pedro Funari e Pelegrini (2006), Regina Abreu (2007), Dominique Poulot (2009), José Reginaldo Gonçalves (2002); (2005), que foram basilares para conceituar e contextualizar a noção de patrimônio, como também seus usos e desafios na contemporaneidade.

No campo da museologia usamos como suporte teórico concepções da sociomuseologia, baseada em uma “museologia da libertação”, que pensa o museu como um instrumento de pesquisa-ação a favor do desenvolvimento local, fazendo assim, que a museologia crie novas estratégias museológicas condizentes com demandas que surgem das sociedades. Em 2001, na Reunião do Icofom, em Montevideu, um dos ateliês temáticos do evento centrou-se na recomendação de que a museologia tinha o papel de estimular a gestão e utilizar o patrimônio para o desenvolvimento social e comunitário, por meio da formação de recursos humanos,

ou seja, de atores conscientes do desenvolvimento. (VARINE, 2013, p.172). Portanto, nesta pesquisa, para que mobilizássemos esses agentes e o espírito do lugar ganhasse força, trabalhamos com a ideia do patrimônio como ressonância junto ao seu público, focando naquilo que faz sentido e tem importância para aquela comunidade. (GONÇALVES, 2005, p.19). Dentre os distintos autores do campo da museologia, especificamos os que reúnem assuntos centrais para o construto deste trabalho: M<sup>a</sup> Cristina Bruno (1996); (2009), Mário Chagas (1994), Tereza Scheiner (1999); (2005), Hugues de Varine (2013), Raul Lody (2005), Bruno Burlon (2015) Desvalleés e Mairesse (2013); Priscila de Jesus (2014), Mário Moutinho (2012), M<sup>a</sup> Cecília Santos (2002).

Utilizamos como instrumentos e técnicas para a coleta de dados:

#### 1) A reunião

O evento que aconteceu em 25 de agosto de 2015, teve o intuito de apresentar o projeto de dissertação para as lideranças das manifestações populares da Passagem Pedreirinha e saber se havia o interesse de participarem da pesquisa. No segundo momento partimos da ideia de ouvi-los, saber quais eram as necessidades e/ou dificuldades vivenciadas no grupo, identificando as demandas expressas por cada grupo.

#### 2) O método etnográfico

Magnani (2002), expõe que o método etnográfico é caracterizado pela atenção do pesquisador ao seu objeto de pesquisa, analisando fragmentos observados no todo e que oferecem rastros para um novo entendimento do corpo social analisado. O autor entende que a etnografia permite ao pesquisador ter um insight e assim cria possibilidades para o mesmo reorganizar dados apreendidos como “fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo do nativo nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a sua pesquisa”. (MAGNANI, 2002, p. 17). Roberto Oliveira (2000) em seu livro *O Trabalho do Antropólogo*, aborda com muita precisão o ofício do antropólogo ao uso do método da etnografia, “no exercício da pesquisa e da produção de conhecimentos”. Para este autor, o olhar, o ouvir e o escrever são ações que parecem tão triviais, mas carecidas de problematização. Vamos nos atentar para o olhar e o ouvir. No que diz respeito ao olhar do pesquisador em uma atividade de campo é necessário que tenha

domesticado (teoricamente) o seu olhar, muito porque se não o fizer o “olhar por si só” não será suficiente para compreender o contexto cultural estudado. (OLIVEIRA, 2000, p.17-18). Sobre o ouvir, o autor afirma que o olhar e o ouvir são faculdades dependentes no exercício de investigação. Muito em virtude do pesquisador precisar vivenciar a realidade do nativo, seu *modus vivendis*, para assim através da entrevista buscar informações com seu interlocutor sobre informações que não alcançou somente com a observação. Contudo, tem de se saber ouvir, como assinala o autor.

Sendo imprescindível que o pesquisador crie uma relação dialógica com o entrevistado, “um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores” (pesquisador e nativo), onde pode ocorrer “aquela fusão de horizontes”, na medida em que o pesquisador saiba ouvir o nativo e por ele igualmente ser ouvido, sem nenhum receio de que seu discurso esteja contaminando a narrativa discursiva do nativo com elementos do seu próprio discurso (ibid., 24). Conforme afirma Magnani (2002), este novo arranjo carrega as marcas do pesquisador e do nativo, “mais do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado à outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”. (ibid., p.17). Partindo da compreensão dos dois autores citados acima, usamos para esta pesquisa o método da etnografia e a observação participante como uma técnica de trabalho de campo, entendendo que o pesquisador em interação social com a “sociedade observada” passa a ter uma probabilidade maior de aceitação perante os membros daquela sociedade. A etnografia desta dissertação foi desenvolvida no período do mês de agosto de 2015 ao mês de maio de 2017, na Passagem Pedreirinha (no 1º semestre de 2015, me afastei do *locus* da pesquisa por ocasião dos compromissos acadêmicos em Pelotas-RS). As ações em campo foram efetivadas através do olhar observacional, como também através da produção de vídeos e fotos que registraram momentos considerados significativos nesta rua e em outros lugares da cidade de Belém (existem algumas atividades culturais que ocorrem fora da rua, como o desfile de carnaval das escolas de samba de Belém, realizado todos os anos no Bairro da Pedreira, na Aldeia Amazônica).

### 3) Coleta de história de vida

Paralelo a essas atividades de campo, realizamos a coleta da história de vida de nove representantes das seis manifestações pesquisadas na Pedreirinha: Kleber

Oliveira (conhecido como padre), Elsa Corrêa, Fabrício Meireles (conhecido como Minnie), Herivelto Silva (conhecido como Vetinho), Heloísa Oliveira (conhecida como Mãe Elô), Aldrin da Silva (conhecido como Gaguinho), Laudemar Corrêa (conhecido como Branco), Heliana Chagas (conhecida como Socorro) e Roberto Corrêa. O propósito foi o registro das narrativas discursivas de cada entrevistado, que se deu por meio da evocação de suas memórias individuais e coletivas, da história de cada grupo e das ações culturais promovidas na Pedreirinha. Alguns recortes das nove entrevistas, realizada pela pesquisadora desta dissertação, estão apresentadas do início ao fim do texto. Pensamos ser de extrema relevância dar voz para esses sujeitos e colocá-los para dialogar com os pensamentos dos teóricos apresentados neste trabalho, sendo os entrevistados, responsáveis por elencar o que consideravam importante e o que identificavam como patrimônio da Pedreirinha. Ou seja, mais do que acessar essas informações, o importante é que eles se vejam protagonistas do construto e resultados deste trabalho. Assim, foram analisadas as narrativas discursivas e evidenciadas como suporte de reflexão em todo o texto. Também informamos ao leitor que as nove narrativas discursivas completas estão disponíveis para apreciação no Apêndice III desta dissertação.

A coleta de história de vida, procedeu-se com a "abordagem no campo da história oral, que privilegia o estudo das representações e atribui o papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado". Marieta Ferreira (1998) diz que "nesta vertente de abordagem a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistos como elementos negativos para o uso da história oral. Conseqüentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltados para a checagem das informações e a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, pois a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central" desta pesquisa. (FERREIRA, 1998, p. 10).

#### 4) Pesquisa documental

Empregamos a pesquisa documental pela necessidade de exploração das fontes documentais. Visto que, através de conversas com algumas pessoas nos foi contado acontecimentos, como: uma visita ao Terreiro de Mina "Dois Irmãos" do Bispo

de Roma, Michael Louis Fitzgerald, o mesmo veio ao Brasil, no ano de 2005, para realizar visitas em vários estados brasileiros com o intuito de conhecer as principais religiões não-cristãs existentes no território brasileiro e realizar diálogo com a Igreja Católica; a participação do Boi Malhadinho no longa – metragem: “Um dia Qualquer”<sup>4</sup>, exibido em 1962, produzido pelo Cineasta Líbero Luxardo; e a narrativa que se mantém de alguns moradores que dizem ter existido na Pedreirinha a Escola de Samba Madureira (em meados da década de 20 a 30 ) e que esta é a terceira escola de samba mais antiga do Brasil.

A busca documental foi efetuada na Fundação Cultural do Estado do Pará (CENTUR); na Secretaria de Cultura de Belém (FUMBEL); na Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECULT); e por meio do próprio registro (fotográfico, audiovisual e reportagens de jornais) que os entrevistados tinham guardado, como também por meio de blogs e sites documentais.

A organização estrutural da dissertação apresenta-se em três capítulos: o primeiro capítulo, de enquadramento teórico, que dialogou com as vivências apreendidas na Passagem Pedreirinha relacionando-as aos conceitos estruturantes de estudiosos das áreas da memória, do patrimônio e da sociomuseologia. O segundo capítulo apresenta o *locus* da pesquisa – caracterizando o território do Bairro do Guamá, contextualizando-o historicamente, colocando em evidência estudos acadêmicos já produzidos sobre o bairro e também sobre a Passagem Pedreirinha, inserindo-a assim, em uma lógica sociocultural. Neste capítulo tratamos de eventos e manifestações que existiram no passado e que ainda encontram-se presentes na memória dos atuais moradores da Pedreirinha, sendo compartilhadas por meio das narrativas destes e dos apreciadores dos eventos culturais e religiosos da Passagem Pedreirinha. O terceiro capítulo aborda sobre as potencialidades museológicas da Pedreirinha, ativando um processo museológico, baseado no registro de toda a complexidade cultural da rua, percebendo em movimento, na sua interrelação com o

---

<sup>4</sup> Rodado em preto e branco em 1962, o filme teve um lançamento “hollywoodiano” no Cinema Olympia, com a presença dos atores paraenses Cláudio Barradas, Zélia Porpino, Nilza Maria e Alberto Bastos. Líbero escalou o advogado Hélio Castro e a bela Lenira Guimarães como os protagonistas de uma história que acontece em apenas um dia, com passagens de manifestações culturais como o Círio de Nazaré, Boi-Bumbá e um culto de umbanda. Classificação 12 anos. ( Blog Paulo Fonteles – Verdade, Memória e Justiça na Amazônia. Disponível em: <<http://paulofontelesfilho.blogspot.com.br/2017/01/um-dia-qualquer-um-longa-metragem-de.html>> Acesso em: 05 dez. 2016.

Bairro do Guamá e com a própria cidade de Belém. Estruturamos possibilidades da Pedreirinha tornar-se uma rua documento, baseado nas concepções de Chagas (1994) da ativação deste patrimônio por meio da “imaginação museal”. E como resultados desta pesquisa para confirmar tal afirmação, construímos um mapa cultural da cultura popular existente nesta rua, através das narrativas discursivas coletas, os interlocutores tiveram a liberdade de indicar quais eram os patrimônios existentes na Pedreirinha que faziam sentido para as suas vidas. Bem como, colocamos em evidência o registro do vivido, reconstruindo a memória da origem da Passagem Pedreirinha e de seus eventos culturais, afroreligiosos e religiosos, até os dias atuais.

Dentre os vários recursos bibliográficos, históricos, fotográficos, jornalísticos, os recursos orais foram basilares para o construto deste trabalho. O que para Portelli (2010) a busca por narrativas se dá “porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos, as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente” (PORTELLI, 2010, p.3).

Os resultados desta dissertação propuseram-se dar novos significados à Passagem Pedreirinha, retirando-a de sua função original de rua, para incorporá-la em uma nova realidade. Assim, a Pedreirinha mais do que uma simples rua, localizada na periferia de Belém, transfigura-se em um lugar de efervescência cultural, de cultura popular, que se torna o testemunho vivo da existência de aspectos positivos em lugares periféricos da cidade de Belém do Pará.



# ***CAPÍTULO 1***

MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E SOCIOMUSEOLOGIA

## 1. Memória, Patrimônio e Sociomuseologia

Este capítulo tem o objetivo de aprofundar questões referentes às áreas da memória, patrimônio e sociomuseologia. No tópico (1.1) abordaremos sobre a memória compreendendo que a mesma não pode ser tratada restritamente no campo biológico, ou no social, sem compreender que ela se processa no indivíduo. Ao retratar sobre patrimônio no tópico (1.2) buscou-se dialogar com diversos teóricos que debruçaram seu olhar sobre esse campo de estudo constituído paralelamente à formação dos Estados Nacionais, no final do século XVIII. E que atualmente, é encontrado em muitas formulações no cotidiano que discutem novos conceitos, avanços, políticas e desafios. E sobre a sociomuseologia, no tópico (1.3) contemplaremos questões sobre a museologia e a missão dos museus, como também sobre o surgimento de novas abordagens museológicas (onde contemplaremos sobre a sociomuseologia), dos avanços alcançados pela museologia e dos desafios estabelecidos.

### 1.1. Memórias de um passado-presente

A noção de memória compreendida como capacidade humana é um estudo que vem de longa data, porém compreendê-la no campo das relações indivíduo e sociedade sobrevém há menos de cem anos. O sociólogo francês Maurice Halbwachs<sup>5</sup> (1877-1945), foi o precursor nos estudos da memória no campo das ciências sociais, concebendo-a no contexto da vida cotidiana, inaugurando um novo campo epistemológico da memória.

Sua principal constatação e novidade para os estudos da época foi o que ele denominou de quadros sociais da memória. Para Halbwachs (2004), a memória de um indivíduo está inscrita nos grupos ao qual este participa e essa construção se faz através dos quadros sociais (família, religião, bairro, comunidade cultural, escola, etc.). Sendo que, em cada um dos quadros sociais atribui-se uma memória coletiva, ancorada na lembrança do indivíduo com os grupos ao qual pertence. Trazendo sua concepção para este trabalho, percebemos nas entrevistas coletadas diversos quadros sociais em que cada indivíduo enumera suas vivências na Passagem

---

<sup>5</sup> Duas obras deste autor merecem destaque, são: *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, publicado em 1925 e *Le Mémoire Collective*, em 1950.

Pedreirinha. Evidenciamos que os informantes residentes no local, desde o seu nascimento, possuem mais informações sobre a Pedreirinha, como também tiveram mais facilidade de constituir os quadros sociais. Para melhor compreendermos a questão, mais importante do que o registro da coleta de história de vida de Kleber Oliveira, foi escutar estórias contadas por seus antepassados sobre o Bairro do Guamá e acerca da Passagem Pedreirinha. Identificamos que ele guarda e reproduz memórias que vivenciou desde pequeno neste espaço e também compartilha memórias nunca vivenciadas que escutou, principalmente, de sua avó materna. Reintera ser produto de todo esse passado cultural que vivenciou com seus familiares paternos e maternos:

“[...] o meu contato com Deus, ele vem da minha infância, através da minha avó materna e o meu contato cultural vem através dela também. Por que? Porque a minha casa sempre foi uma casa festiva, a minha avó desde criança brincou em pássaro junino, em boi - bumbá, a minha avó era afilhada da dona do (da Escola de Samba) Madureira, que era a mãe do Manelão. Então, a minha família já gostava de carnaval, já gostava de boi-bumbá. E o meu avô (Mestre Valter) por parte de pai, era amo do boi-bumbá Malhadinho (1ª geração). O mestre Valter, foi o único que permaneceu no Malhadinho até o fim, porque o Mestre Setenta saiu e depois o Mestre Fabico saiu também, por causa do Setenta e acabou motando seu próprio boi-bumbá, mas o seu Valter permaneceu no Malhadinho até a morte da família e o término do boi. Infelizmente eu não conheci o meu avô Valter e eu acho que eu tenho essa veia cultural por causa dessa mistura da minha família por parte de pai e de mãe. O meu pai foi um grande festeiro e merengueiro, quer dizer, eu sou essa mistura: do merengue, do boi, do samba, da quadrilha, da religião, do amor e do respeito”. (Entrevista realizada com o griô e carnavalesco, Kleber Oliveira, em 08/01/2017)

Percebemos que as pessoas veem na figura de Kleber Oliveira, uma das referências para aprofundar-se nas memórias do passado sobre a Passagem Pedreirinha. No entanto que, na maioria das entrevistas as pessoas não sabiam o porquê da denominação da rua ser Pedreirinha e disseram para a pesquisadora consultar o Kleber, que com certeza ele saberia. Então, podemos constatar que naquele corpo social as lembranças de Kleber já são reconhecidas, porém referenciá-las como memória coletiva, só se pode a partir do momento em que evocamos um evento que teve relevância na vida do grupo e isso não podemos afirmar. Pois, o interlocutor ouve a mensagem que está sendo transmitida, mas isso não quer dizer que ele irá registrar essa informação e transmití-la, isso dependerá do papel que o sujeito cumpre no grupo e se aquilo é importante para a sua vida. Todavia, Halbwachs (2004) afirma que a linguagem é um forte marcador social, sendo esta

mais precisa do que o tempo e o espaço. Considerando que, para o indivíduo que não consegue se comunicar lhe é zerado qualquer possibilidade de recordar, entendendo assim “as convenções verbais como o marco mais elementar e estável da memória coletiva”. (ibid., p.104, tradução nossa).

Estos marcos colectivos de la memoria no son simples formas vacías donde los recuerdos que vienen de otras partes se encajarían como en un ajuste de piezas; todo lo contrario, estos marcos son - precisamente-los instrumentos que la memoria colectiva utiliza para reconstruir una imagen del pasado acorde con cada época y en sintonía con los pensamientos dominantes de la sociedad. (ibid., p.10)

Halbwachs (2003) diz que os indivíduos podem armazenar suas memórias, mas que não possuem a capacidade de lembrar-se, esta tarefa se dá através da composição dos quadros sociais, que não pertence aos indivíduos, e sim à sociedade. Porém, ao afirmar que os quadros sociais não são totalmente externos aos mesmos, que os possuem de alguma forma - para existirem tem de haver indivíduos e assim encontra uma solução menos contraditória. Ou seja, “ao nunca negar o caráter individual das lembranças, não necessita inventar um substrato diferente da memória coletiva”. (COLACRAI, 2010, p.70, tradução nossa).

Observamos que toda a obra deste sociólogo alinha-se ao pensamento positivista (precisamente às concepções da sociologia de Durkheim), desta forma há o impedimento de legitimar aos sujeitos a capacidade de mudança dos quadros sociais, através de suas ações, concepções e alocações. Quer dizer, ao abranger tais concepções, o autor não analisa em seus escritos os processos de construção e reprodução da memória como mecanismos de “dominação e de violência simbólica”. (ibid, p. 72, tradução nossa). Diz que os diferentes pontos de referência que compõe nossa memória, como os monumentos, as paisagens, as datas comemorativas, os heróis nacionais que são incessantemente lembrados, o folclore, os costumes, tradições, a música, são fortes marcadores sociais inseridos na memória coletiva dos grupos aos quais pertencemos e esses reforçam a coesão social, não através da coerção, mas sim por meio da adesão afetiva ao grupo.

Para que a nossa memória individual se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança

que nos fazem recordar venha a ser reconstituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2003, p. 39)

Para Colacrai (2010) é meritório estudarmos as teorias de Maurice Halbwachs para que possamos compreender “os processos coletivos da memória, as formas que os grupos representam seu passado e o lugar que dão para a memória coletiva”. (ibid., p. 72, tradução nossa).

O antropólogo Joël Candau (2014) alega que Halbwachs se “equivocou em ver nas memórias individuais os ‘fragmentos’ da memória coletiva, atribuindo a essa a ‘substância’(ao ponto de dividi-las em faixas) com o qual tende a privar a primeira”. (CANDAU, 2014, p.48-49). Mas, concorda com o sociólogo sobre a importância dos quadros sociais que fazem do pensar social – que é tão invisível, o próprio alimento da rememoração. Quando Kleber Oliveira narra para as pessoas a sua história na Passagem Pedreirinha, trás neste diálogo com o outro não só aspectos da sua vida , mas usa como referenciais vários quadros sociais que constitui sobre a Pedreirinha, como por exemplo, o contar sobre como iniciou a sua participação na Associação Carnavalesca Bole Bole, quase que involuntariamente, se remete a acontecimentos que não presenciou, como a fundação do Bole Bole, que somente foi incorporado na sua lembrança, mas que acha importante registrar, ou seja, esses acontecimentos se moldam a sua narrativa de vida:

“(O Bole Bole tem ) [...] trinta e dois anos. A idade do Bole Bole eu sei, me marcou, pois foi o ano que me acidentei e perdi um dos dedos da minha mão, em 1984. Então, o Bole Bole surgiu em 1984 e eu era molequinho. Naquela época já tinha o Arco-Íris (Escola de Samba do Guamá) e minha mãe trabalhava lá no Barracão (espaço que confeccionam as alegorias), era aquela febre o Arco-iris e eu pequeno era louco para ir no barracão, mas a mamãe não me levava porque não podia entrar criança. O que eu fazia, eu corria e ia para o barracão do Bole Bole. Chagava lá, o tio Wilson e o Charlie Brown mandavam a gente ir nas casas dos vizinhos pedir bola de natal, que na época eram de vidro, então a gente recolhia as bolas de natal e ficava amassando para fazer porpurina para os carros alegóricos, pois não tinha subvenção, não tinha dinheiro, pois era o primeiro ano do Bole Bole como bloco. E a gente também não tinha instrumentos de percussão, então a gente andava nas ruas atrás de tampinha de cerveja, aí a gente batia aquilo, amassava e furava com prego no meio e fazia as platinelas, tudo com tampinha. Então, eu ainda não estava no barracão, estava ajudando assim e tal, tudo por um guaraná. No outro ano, eu já me interessei mais, no entanto que eu ia pra lá desde a hora que abria. No terceiro ano em 1987, eu já ficava dentro do barracão e passava o dia riscando no papelão (Você tinha quantos anos?) Eu tinha oito anos. Quando eu fiquei mesmo dentro do barracão riscando as coisas, eu já tinha dez anos. E já era em outro barracão que ficava na frente do Terreiro da Mãe Lulu. Depois nós saímos de lá e viemos pra cá onde é até hoje a sede e daí pronto, acabou e fiquei direto”.

(Entrevista realizada com o griô e carnavalesco Kleber Oliveira, em 08/01/2017)

Candau (2014) adverte que o compartilhamento da memória (sugerido o termo de memória coletiva), baseia-se em constatar se realmente as recordações podem ser comuns a um determinado grupo. E para não abordar o conceito de forma essencialista, afirma que “toda memória é social, mas não necessariamente coletiva”. (ibid., p.49). O autor alega que nos enganamos ao pensar que todos os indivíduos do grupo compartilham as mesmas representações do passado, [...] o ato construído através de uma transmissão viabilizada no “recordar como eles creem que os outros se recordam”, [...] a única coisa atestada é a sua metamemória coletiva”. (CANDAU, 2009/2010, p. 50-51). A metamemória coletiva é uma representação relativa da memória, onde cada indivíduo apropria-se de sua memória, e faz dessa o conhecimento que possui e o que pensa sobre as coisas, assegurando que “é uma memória reivindicativa, ostensiva” (ibid., p. 50-51) que dimensiona-se na construção da identidade individual e coletiva. Para esta afirmação citada acima, destacamos a narrativa de Herivelto Martins – conhecido como Vetinho, um dos fundadores do Bole Bole. Comparando a mesma pergunta sobre o surgimento do Bole Bole, identificamos que a narrativa de Vetinho contém mais informações do que a de Kleber. Isto é, Kleber lembra dos momentos de fascínio que começou a adquirir sobre o carnaval, quando criança, do primeiro contato com a cultura popular. E já Vetinho, narra o construto de um sonho que aos poucos foi tornando-se realidade:

“No final da década de 70 nós tínhamos um grupo de samba e choro, os “cabeça”, era eu e o Charles Brown da Pedreirinha, tinha o Mininéia, o Hélio, uma turma, um monte de amigos nossos da juventude. E a gente tinha vontade de fazer uma agremiação carnavalesca no Bairro, tinham várias, mas sem participar dos concursos oficiais, ou seja, o Guamá não era representado. E aí apareceu a União Guamaense, o primeiro festival de samba nós ganhamos, mas era o pessoal de fora que vinha do (Bairro) Jurunas e alugou ali um terreno com o rapaz do Guamá e fizeram o bloco. E no segundo ano do festival do União Guamaense começou a ter desentendimento e não demorou muito para o bloco acabar. Aí, nós ficamos com aquela vontade de fazer, em 1974 experimentamos de ir para a avenida com um bloco em casa, mas em 1975 minha mãe morreu e o bloco parou, o mesmo era dos meus irmãos mais velhos e eu saía na bateria. Aí, em 1978 quando eu fiz esse grupo de choro, ficamos com essa vontade, nós conhecemos um empresário que nos ajudou a fazer a Escola de Samba Arco Íris, na realidade nós queríamos fazer uma agremiação, um bloco que se chamaria Arco Íris, nós já tínhamos uns sambas e algumas coisas planejadas. Mas, aí ele entrou e fez uma grande escola, com as nossas ideias e com o nosso pessoal e a gente participou e foi no embalo, a escola cresceu muito. Aí, eu fiz os três primeiros samba enredo da escola, participei ativamente da

fundação, o nome fui eu que dei, participei dos concursos de 1983 e 1984, em 1985 eu fiz o samba, porém não desfilei. Pois, tivemos um desentendimento lá no Arco Íris em conta justamente disso, nós somos muito bairrista, a gente quer saber de elevar o Guamá e a intenção deles não era muito isso, no futuro que vimos que tinha por trás ideais políticos e a gente não pensava nisso naquela época, a gente queria saber de cultura. E aí, nós fizemos o Bloco Bole Bole, nós sabíamos já como era, já tínhamos passado por essa experiência, foi o mesmo pessoal que fez o Bole Bole, algumas pessoas até ficaram durante alguns anos nas duas agremiações, elas ficaram trabalhando juntas até 1989, juntas que eu digo participando do mesmo concurso, o Arco Íris como Escola e o Bole Bole como bloco. Sendo que, o Arco Íris surgiu em 1982 e seu primeiro desfile foi em 1983 e o último concurso que participaram foi em 1989, mas eles ainda passaram no arrastão em 1990, pois não teve carnaval neste ano. E aí, o Bole Bole seguiu como bloco até 1994 quando a gente fez dez anos e ganhamos este carnaval, e aí decidimos que em 1995 iríamos para escola de samba porque já não tinha mais o Arco Íris e assim o Guamá ficou sem representante de novo”. (Entrevista realizada com o compositor e carnavalesco Herivelto Martins - Vetinho, em 10/11/2016)

Através dessas duas narrativas citadas acima identificamos a manifestação da metamemória, conceituada por Joël Candau (2009/2010), onde toda a linguagem pode causar efeitos sociais poderosos. Este efeito ocorre através do compartilhamento de memórias, onde o autor conceitua como memória forte<sup>6</sup> - que são mais fáceis de serem compartilhadas e as outras não, elencadas de memórias fracas<sup>7</sup>. No entanto, para que haja a formação dessas memórias e seu compartilhamento memorial se faz relevante a atuação dos sociotransmissores. Candau (2010) diz que aos olhares de Halbwachs, os quadros sociais são indispensáveis no compartilhamento memorial, e assim concebe em resumí-los “a multiplicidade de quadros sociais e objetos de transmissão na noção de sociotransmissores”. Esses últimos são conceituados pelo autor como favorecedores de conexões, pois abarcam toda a materialidade (das coisas) que “compõe o mundo (podem ser objetos tangíveis ou intangíveis tal como objetos patrimoniais, seres animados, seus comportamentos e produções)”, que permitem estabelecer uma “cadeia causal cognitiva” entre pelo menos dois seres pensantes. (ibid., p.52)

---

<sup>6</sup>“Denomino memória forte uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo [...] a possibilidade de encontrar tal memória é quando o grupo é menor. Uma memória forte é uma memória organizadora [...] da representação que o (sujeito) vai ter se sua própria identidade”. (CANDAU, 2010, p. 44).

<sup>7</sup> “Denomino memória fraca uma memória sem contornos bem definidos, difusa e superficial, que é dificilmente compartilhada por um conjunto de indivíduos cuja identidade coletiva é, por esse mesmo fato, relativamente intangível. (Esta) pode ser desorganizadora no sentido de que pode contribuir para a desestruturação de um grupo”. (CANDAU, 2010, p. 45).

Entretanto, Halbwachs (2004) influenciado pelos ideais de Durkheim, nos dirá que não temos total autonomia sobre as nossas memórias, ou seja tal construção não depende só do indivíduo (memória individual), pois a sociedade e cultura em que vivemos influenciará e orientará os nossos comportamentos, mas isso se daria por meio de uma coesão afetiva como vimos acima.

Há esforços para lembramos de algumas coisas e há esforços para esquecermos de outras e os sociotransmissores exercem um papel basilar. Neste sentido, percebermos as instâncias de trabalho dessa memória coletiva no nosso meio social, que acaba hipervalorizando certas memórias e momentos históricos. Podemos citar os museus e os patrimônios da cidade que são usados como importanssímos recursos para olharmos e reconhecemos aquilo que socialmente temos de considerar como coletivo. Sendo este ponto uma crítica da sociomuseologia, da antropologia e de outras disciplinas, que nos alerta para ficarmos atento àquilo que foi memorializado, do que virou historiografia oficial. Temos de questionar o que alí foi preservado? O que é que foi esquecido? O que não foi visibilizado? Aquilo que não foi iluminado, o que não foi considerado como importante para comunicar à sociedade.

Neste aspecto, Michael Pollak (1989), afirma que o pensamento citado acima “acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Para fundamentar seu pensamento cria o conceito de memórias subterrâneas que são narrativas dos “excluídos, dos marginalizados e das minorias, menosprezadas pela história oficial”. Estas, fazem parte “integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opondo à "memória oficial", no caso a memória nacional, e prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio”. (ibid.,p. 4). Destacamos aqui a narrativa de Fabrício Meireles, que é mestre de bateria da Escola de Samba Bole Bole. Evidenciamos em sua fala ações culturais realizadas na sede do Bole Bole por meio da Escolhinha de Bateria, que quase nunca é visibilizada pela sociedade civil e pela mídia. O que nos é transmitido diariamente, tendo o constante reforço da mídia, é a crescente violência neste bairro, a ausência do Poder Público e o triste extermínio de jovens - a maioria negros e homens assassinados por milicianos em bairros periféricos da Cidade de Belém. Que dizer, que a parte da população que não conhece o Bairro do Guamá, acredita no que lhe é transmitido e acaba reproduzindo esses discursos, de um bairro periférico, pobre e violento. Mesmo assim, muitas memórias subterrâneas continuam vivas, confinadas ao silêncio, sendo transmitidas de uma



geração à outra, oralmente. Sendo a história oral, um forte mecanismo para quebrar esse silêncio e fazer emergir essas memórias. Apresentando uma outra faceta do Bairro do Guamá, destacaremos abaixo, atividades realizadas pela escolinha de bateria do Bole Bole, mas vale ressaltar que existem dezenas de ações culturais, educativas e também religiosas que contribuem positivamente para o desenvolvimento sociocultural do bairro e quase nunca são colocadas em evidência:

“[...] eu sei que às vezes querem derrubar as coisas, querem de um jeito ou de outro te atingir para que tu não dê continuidade nas coisas, pra que fique do jeito que está aqui. Tipo assim, eu entro aqui nesse horário de 9:00 horas da manhã e me bate uma tristeza, está só nós dois aqui, será que na hora em que você chegou aqui, acho que ficaria muito mais feliz se tu encontrasse pelo menos umas cinquenta crianças fazendo alguma atividade, de musicalização, praticando algum esporte, são esses tipos de sonhos que eu tenho. E assim, a cada dia que passa eu fico muito mais preocupado, ontem mataram cinco lá no (Bairro) do Jurunas e tem mais dois que estão internados e a gente não pode pensar que é só no Jurunas, que não vai acontecer no Guamá e no Guamá tem também. Mas, tem por que? Porque aquela criança e aquele adolescente não têm uma oportunidade, quando ele tem oportunidade eu te digo com todas as letras, com certeza, ele não vai para o outro lado. Então, assim, muitos garotos que estão hoje aqui, estão aqui por que? A gente não paga ninguém, ninguém recebe bolsa, então alguma coisa tem. Mas, o que é que eles querem? Eles querem aprender a música. Ou seja, nós damos oportunidade para todos que querem aprender, para que a gente não se depare com um desses que a gente não deixou entrar, a gente não se depare lá no canto com um deles armado e levando tudo o que a gente tem. Olha, hoje de manhã o Feijão (era mestre de bateria do Bole Bole antes do Fabrício) mandou uma foto de um aluno nosso, tinha um talento muito grande, na realidade eram três (dois irmãos e um primo), só quem resistiu foi o primo que continua aqui com a gente. Ou seja, o menor dos irmãos hoje de manhã foi assaltar um taxista com uma faca e foi pego pela polícia e assim preso, está como morador de rua e usuário de drogas. E aí eu fico me perguntando quando eu vejo uma coisa dessa. O que foi que eu fiz pra contribuir com esse garoto que estava do meu lado ontem e hoje não está mais? Fiquei pensativo: Poxa, eu estou aqui, eu acabei de acordar, o café da manhã está ali, depois vou tomar banho, eu estou com uma roupa boa, com o boné que eu gosto, com o relógio que eu gosto. Mas, e aí, eu tenho tudo isso, e o garoto que não tem nada?”. (Entrevista realizada com o mestre de bateria do Bole Bole Fabrício Meireles, em 18/10/2016)

Esta dissertação compactua com a sentença de que o “longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente se opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p.5). Sendo assim, Pollak (1989) sugere que as características das histórias de vida devam ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade” de uma sociedade, “e não apenas como relato, factuais”. (ibid., p.13).

## 1.2 As metamorfoses do patrimônio

Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, compreendida, entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai, pater ou pater familiares, pai de família. Funari e Pelegrini (2006), afirmam existir semelhança dos termos – pater, *patrimonium*, família – porém, escondem diferenças profundas nos significados, já que a sociedade romana era diversa da nossa. Quer dizer, tudo que estava sob domínio do senhor (a família – os filhos e a mulher; os escravos; os bens móveis e imóveis; e até os animais) consistia em seu *patrimonium*, “[...] tudo que era legado por testamento, sem excluir as próprias pessoas”. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.11). Complementando a afirmação dos autores acima, Dominique Poulot (2009) diz que para o direito romano, o patrimônio era o conjunto dos bens familiares vislumbrados não segundo seu “[...] valor pecuniário, mas em sua condição de bens-a-transmitir”, que participa muita das vezes, de uma mitologia das origens que vem a contribuir, tradicionalmente, para a legitimidade do poder. (POULOT, 2009, p.15-16)

Estudiosos afirmam que o surgimento da emergente noção de patrimônio se deu no final do século XVIII, paralelamente com a formação dos Estados Nacionais, vista pela primeira vez, na França, no período posterior a Revolução Francesa. Mas, é importante salientar que em plena Revolução em meio a um ambiente de violência e lutas civis, criou-se uma comissão encarregada pela preservação dos monumentos nacionais. Pois, a população, ensandecida, tinha o propósito de destruir qualquer vestígio que tivesse ligação ao Antigo Regime (obras de arte, edifícios e monumentos públicos). Assistindo a esse cenário, muitos cientistas mobilizaram-se no sentido de alertar a sociedade francesa para a perda significativa que se processava. Paralelo a esta ação, surge um movimento salvacionista de obras e monumentos indispensáveis para a nação. Partindo desse pressuposto, a ideia de patrimônio afirma-se em divergência da ideia de vandalismo. Que ao entender de Abreu (2007), é o princípio de uma política de patrimônio na França, cujos objetivos consistiam em “inventariar, ou seja, em identificar, reconhecer e inscrever, no contexto da propriedade nacional, as obras consideradas imprescindíveis para a nação”. Tal patrimônio nacional manifesta-se na proeza de estagnar um tempo veloz e de referenciar indivíduos sobre as lembranças heróicas das nações modernas e sobre suas próprias formas de lembrar. (ABREU, 2007, p. 267). Gonçalves (2005), alega que esta afirmativa é correta, pois são estabelecidos “contornos semânticos específicos”. Todavia, este

autor projeta seus estudos afirmando que o patrimônio é uma categoria de pensamento, não exótica, porém bastante familiar ao moderno pensamento ocidental. Sua tarefa como pesquisador está em verificar em que medida ela se manifesta em sistemas de pensamentos não modernos ou tradicionais. (GONÇALVES, 2002, p. 21). À vista disso, sustenta que há a “omissão de seu caráter milenar e sua ampla distribuição geográfica” (GONÇALVES, 2005, p.17). O patrimônio não é simplesmente uma invenção da sociedade moderna. O mesmo está presente em sociedades anteriores a esta, por exemplo, no mundo clássico e na idade média. Além de se fazer presente nas denominadas “culturas primitivas”. Quer dizer, este antropólogo afirma que, “estamos diante de uma categoria extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana”. (ibid., p.17)

Tal pensamento de José Reginaldo (2005) se alinha com as ideias de Regina Abreu (2007). A autora esclarece que a noção de patrimônio a qual nos habituamos, está diretamente relacionada a uma concepção linear de tempo, sendo formulada no contexto da sociedade ocidental moderna e que está diretamente ligada à noção de herança particular que pode não fazer sentido em outras sociedades e contextos. Fundamenta suas afirmações quando aborda sobre a concepção cíclica do tempo, existente nas sociedades tradicionais. Afirma que nesse tipo de sociedade:

[...] a memória está disseminada no tecido social [...] Nelas não é necessário guardar objetos ou fazer registros de qualquer ordem. [...] São sociedades, com forte capital de memória, não há um sentido de guarda, armazenamento ou preservação de objetos, assim como não há o sentido de herança. (ABREU, 2007, p. 266).

Outra questão que Abreu (2007) aborda, é a noção dinâmica do patrimônio, assim como ocorre no campo da linguagem, “de modo que diferentes significados vão justapondo-se no embate entre políticas de lembranças e de esquecimentos”. (ibid., p.267). Funari e Pelegrini (2006) explicam as duas ideias diferentes, porém conexas, sobre patrimônio. A primeira constitui o patrimônio individual pensado nos bens transmitidos aos descendentes (herdeiros), estes podem ser diversos bens materiais - de valor monetário; de pouco valor comercial, mas com grande significado emocional; e o patrimônio espiritual transmitido através dos ensinamentos e aprendizados que os antepassados nos deixaram. Já a segunda ideia, parte da coletividade, do patrimônio definido e determinado por outras pessoas, “mesmo quando essa coletividade nos é próxima”. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.09). Ao

sustentarem que “as coletividades são constituídas por grupos diversos, em constante mutação, com interesses distintos e, não raro, conflitantes, compreendemos melhor a afirmação de Regina Abreu, quando indica a noção dinâmica do patrimônio.

Uma mesma pessoa pode pertencer a diversos grupos e, no decorrer do tempo, mudar para outros. Passamos, assim, por grupos de faixa etária: crianças, adolescentes, adultos, idosos. Passamos ainda de estudantes a profissionais, e, em seguida, a aposentados. São, portanto, inúmeras as coletividades que convivem em constante interação e mudança. (ibid., p.10)

Relacionando essas concepções da dinamicidade da noção de patrimônio que se constitui no grupo e no indivíduo, tomaremos como exemplo a narrativa de “Dona” Elsa Soares ( que é coordenadora da Festividade de São Pedro e São Paulo e realizadora do passeio para a Praia do Caripi, que ocorre há 17 anos ininterruptos, no mês de agosto, em que comemora seu aniversário e de vários vizinhos da Pedreirinha). Contando sobre a sua infância, a mesma relata que foi uma criança que adorava brincar e, que depois de crescida era amante de atividades culturais, participava de quase tudo, e mesmo depois de casada ainda continuou participando. No entanto, alega que agora encontrasse com problemas de locomoção e assim não pode mais participar das atividades culturais da maneira que gostava. Mesmo assim, com as suas limitações, Dona Elsa ainda mantém dentro de si o amor pela cultura, o amor pelo que considera ser seu “patrimônio”. A pesquisadora deste trabalho vivenciou momentos com Dona Elsa, no final do mês de janeiro de 2016, período que faltavam menos de duas semanas para o evento do Carnaval da Cidade de Belém, e assim pensa ser importante destacar. A mesma estava participando do Cortejo Cultural que acontecia na sede da Escola de Samba do Bole Bole, e depois que terminou o evento, já era tarde da noite, volta de 23:00 hs. Seguiu para a residência de Dona Elsa com um amigo que mora no Bairro do Guamá, pois souberam que os integrantes do Bloco Mexe Mexe estavam na frente da residência de Dona Elsa (como o Mexe Mexe não tem sede, eles improvisam na frente da casa de Dona Elsa um espaço que transfigura-se por algumas semanas no barracão do bloco), trabalhando na alegoria das fantasias para o desfile do carnaval. Diz que acabou se entrosando com eles, e ficando por lá até umas 2:00 hs da madrugada, muito porque já conhecia a maioria das pessoas que estavam no local. Neste meio período, por volta de 00:00 hs, Dona Elsa aparece para deixar uma deliciosa farofa com ovo. A pesquisadora confessa que ficou surpresa ao saber que na época do carnaval ela prepara a

alimentação, todos os dias, para as pessoas que ficam trabalhando no barracão; falar de Dona Elsa ressoa amor à cultura, amor ao próximo, é uma pessoa de fé!

“(Como foi a sua infância aqui na Pedreirinha? A senhora brincava no Terreiro de Mina que na época era da Mãe Amelinha?) Não brincava, mas eu ia lá quando tinha as festividades porque eu recebo a entidade ( podem ser caracterizadas como Vodunsos ou Vodunsas, caboclos ou ibejis – espírito de criança) desde pequena. Eu e a Lulu ( Mãe Lulu – mãe de santo do terreiro), nós duas crescemos juntas aqui na Pedreirinha, ela tem 82 anos e eu tenho 83 anos. ( E quando a senhora era criança brincava na rua?) Sim, eu era um machinho rrsrs, brincava de papagaio (pipa), peteca, jogava bola, brincava de boneca, brincávamos de casinha, eu subia muito nas árvores, lembro que eu pegava muita queda, rrsrsr. (A senhora subia para pegar frutas?) Não, era danação mesmo, rrsrs. Tinha uma senhora aqui que ela tinha cem anos, ela foi descendente de escravos, chega ela era assim cascuda, tinha planta no quintal dela, e eu embarcava de dia para tirar de noite rrsrsr; ela vinha aqui fazer fuxico para a mamãe. Tinha o Malhadinho de criança no outro lado da rua e agente brincava de Boi, eu era a Catirina ( na trama da história é ela que está grávida e conta ao marido que está com desejo de comer língua de boi), era um boi de criança, mas não era o Boi Malhadinho do Seu Almerindo. [...] Eu soube aproveitar a minha infância, eu era muito danada. Mas, hoje em dia esses meninos não brinca mais, como esse meu netozinho aí, ele não brinca na rua, vive no celular. (Quais as manifestações culturais que a senhora participou e participa?) Eu já saí na Escola de Samba Arco-Íris, só eu que gostava de festa, o meu marido não saía, eu deixava era ele com raiva rrsr, pois eu me fantasiava e ia embora. Ah, a minha mãe foi baiana do Rancho (Escola de Samba de Belém), saía ela, a madrinha do Branco ( um de seus filhos) e a Dona Lucinéia. (A senhora chegou a sair no Bole Bole?) Sim, acho que eu saí umas duas vezes. Na realidade eu parei de participar dessas atividades há pouco tempo, depois que me apareceu essa doença de reumatismo, aí eu não vou estragar a minha 'cadeira', rrsrsr”. (Entrevista realizada com Dona Elsa Soares , em 27/11/2016)

Então, que sentido dar a palavra patrimônio partindo das vivências e concepções sobre o mundo de Dona Elsa? O que podemos concluir é que essa diversidade de olhares sobre a vida social, os diferentes interesses e as divergências de ações no mundo, constroem a subjetividade do gosto cultural de cada indivíduo, “o que para uns é patrimônio, para outros não é” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.10). Além do que, a mutação do tempo determina novos valores sociais, que determinarão o que será lembrado e o que será esquecido.

Direcionando as reflexões para um viés institucional e também político. No Brasil, a institucionalização do patrimônio ocorre durante o Estado Novo, na gestão de Gustavo Capanema - Ministro da Educação. Sendo Rodrigo Mello Franco de Andrade, nomeado por Capanema a fundar o SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No ano de 1937, é promulgado o decreto – lei nº 25, em que o tombamento torna-se uma medida de salvaguarda de bens móveis e imóveis,

competente para conter demolições de edifícios públicos – bens que eram considerados referências à memória nacional. Regina Abreu (2007), expõe que os tempos de Capanema e de Rodrigo foram tempos heróicos, no qual um grupo de profissionais do SPHAN percorreram o Brasil realizando um grande inventário de bens a serem preservados e tombados. Mesmo assumindo um papel conservador e eminentemente técnico, desde sua origem, “graças ao grande esforço heróico desses profissionais, que estavam à serviço do SPHAN, todo um passado colonial em vias de desaparecimento fora “preservado”. Não obstante, é importante termos ciência das perdas irreversíveis no âmbito do patrimônio cultural imaterial – um verdadeiro genocídio cultural, ou seja, até a década de 80 era inconcebível integrar índios e quilombolas, às identidades nacionais. Somente a partir de 1988, com a implementação de uma Constituição Federal, cidadã e democrática, que a cultura foi concebida como uma Política Social e, os bens que integram o meio ambiente cultural<sup>8</sup> protegidos pelo art. 225 da Constituição Federal, alegando que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Para Albernaz e Santos (2013) a nova Carta Política é criada e concebida com a tentativa de “quebrar, um pouco, este paradigma então vigente da monumentalidade”. Deste modo, constrói-se uma nova qualificação do “patrimônio imaterial” ou “intangível”, que se opõe ao chamado “patrimônio de pedra e cal” constituído por visões da vida social e cultural em total desconexão com as concepções do saber popular. (ALBERNAZ; SANTOS, 2013, p.154)

Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas, etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. A proposta é no sentido de “registrar” essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações. (GONÇALVES, 2002, p. 24)

---

<sup>8</sup> O meio ambiente cultural é o patrimônio histórico, artístico, paisagístico, ecológico, científico e turístico e constitui-se tanto de bens de natureza material, a exemplo dos lugares, objetos e documentos de importância para a cultura, quanto imaterial, a exemplo dos idiomas, das danças, dos cultos religiosos e dos costumes de uma maneira geral. Embora comumente possa ser enquadrada como artificial, a classificação como meio ambiente cultural ocorre devido ao valor especial que adquiriu. (FARIAS, 2006)

Apesar do avanço conceitual e da visibilidade de ações realizadas, Gonçalves (2005) chama a atenção para os discursos da modernidade empregados sobre patrimônio cultural. Alega que a proeminência tem se direcionado ao seu caráter “construído” ou “inventado”. Tais situações acontecem, quando determinados bens culturais são eleitos como patrimônio por algum órgão de cultura (Federal, Estadual ou Municipal) do Estado. Porém, na maioria das vezes, tal “reconhecimento” do Poder Público não encontra “respaldo” junto à comunidade que detêm os “patrimônios”, pois quem alega a legitimidade da patrimonialização são os expert - agentes do patrimônio (conhecidos como especialistas nesta área), são eles que ditam o que deve ser preservado, o que é importante para a história da nação, o que tem “sentido” para aquela comunidade e o que é ameaçador de ser perdido. (ibid., p.19). Outra questão muito perigosa no que diz respeito a elencar patrimônios é quando apenas o Estado atribui um determinado “valor”, sem auxiliar nos aspectos de gerenciamento do “bem”. Citamos como exemplo o centenário Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, um dos *lócus* desta pesquisa, que foi tombado no ano de 2010 como Patrimônio Histórico do Estado do Pará, registrado no Livro de Bens Imóveis. Seu tombamento foi aprovado pelos responsáveis do Terreiro por uma justificativa maior, de reformar o espaço, que estava com muitas infiltrações e com grande probabilidade de desabamento por conta do alastramento de cupins no telhado. Este local possui um grande espaço, com 5 compartimentos no térreo, 2 compartimentos no andar superior e um largo quintal. E por conta disso, eles não tinham condições financeiras de reformar todo esse espaço, somente era feito arremates nas infiltrações. O contato com os órgão de cultura da Prefeitura de Belém e do Estado do Pará, se deu por uma professora da UFPA, Anaíza Vergolino e outros professores, que realizavam pesquisas neste espaço e tomaram a frente para realizar um sonho de Mãe Lulu, ver esse espaço revitalizado, reformado. Entretanto, em entrevista com a atual responsável pelo local, Mãe Elô ( filha de Mãe Lulu), esta alega que depois do tombamento e da reforma do espaço o órgão do Estado nunca mais fez uma visita ao terreiro, para ver a atual condição do local. Mas, diz que quando o terreiro foi tombado, tiveram de concordar com normas rigorosas quanto a realização de reformas por conta própria do dono do local ou venda do espaço. Abaixo segue o recorte da entrevista realizada com mãe Elô, onde a mesma discorre sobre o significado que o terreiro tem na sua vida, as dificuldades vivenciadas no dia-a-dia e seu pensamento sobre o tombamento do espaço:

“(Que sentido essa manifestação religiosa tem na sua vida?) Ave Maria! É muita dedicação, muita fé, muito amor. (E as dificuldades que enfrenta atualmente?) Ô, muitas! O terreiro é tombado como patrimônio histórico cultural do Estado, mas o Estado não ajuda a gente em nada. A comunidade afrorreligiosa do nosso terreiro só são pessoas carentes, você não ver ninguém de carrão, ninguém é magnata, e não tem ninguém com ótimas condições financeiras, são pessoas carentes. Então, tudo o que a gente faz nas festas é colaboração dos filhos de santos, dos amigos, você sabe porque participou este ano. Então, é um pacote de arroz pra um, também pedimos colaboração de alguns políticos que conhecemos (pede um pacote de refrigerante, uma colaboração), e às vezes nem pra político a gente pede, a gente dá o nosso jeito. E aí, todo dinheiro que eu tenho, pois eu que sou a responsável pela casa, o que faltar tenho de dar o jeito para comprar, pois temos de servir todos que vierem pra festa, nós preferimos que sobre comida e depois dividimos para os filhos de santos do que passar vergonha na frente dos convidados. Também, temos a dificuldade de manter com as velas porque vela é caro e temos muitos pontos de caboclos e pontos de Vodunsos para acender. Temos dificuldades de fazer reparos na casa, tipo: Ah, essa janela está podre, a gente tem de trocar, mas agora eu fiquei sabendo que para trocar temos de ir no DPHAC (Diretoria do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural) solicitar autorização. Então, eu quero ir lá pra saber quais são os deveres deles com a gente? Porque se nós temos obrigação para com eles, eles tem deveres para com a gente. Então, eles tem que vir aqui no terreiro. Olha, é barata, é essa casa (que fica atrás do quintal do terreiro), essa mansão de cupim que é essa cerraria, que espalha cupim na vizinhança todinha, aí da cupim no barracão que já destruiu documentos, então a gente tem de viver colocando veneno. Fomos ver o valor de uma dedetização e o cara cobrou 350,00 reais, aonde é que eu vou arrumar todo esse dinheiro? Aonde é que os meus irmãos de santo tem coitados condições de tirarem 50, 30 reais para juntarmos e fazermos? E a gente vai se virando com o que tem, com o que pode. A gente tem muita dificuldade, o pessoal pensa: Ahhh, porque o terreiro é bonito, as roupas são bonitas, mas não sabem o esforço que a gente faz, a dor de cabeça que dá pra fazer uma festa dessa, a preocupação, pois tem de sair tudo correto, é muita responsabilidade”. (Entrevistada Eloisa Oiveira - Mãe Elô responsável pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 31/08/2016)

Depois de termos problematizado algumas questões relevantes das noções modernas de “patrimônio cultural”, abordaremos algumas concepções caracterizadas pela inserção do patrimônio no âmbito de compreensão da cultura de cada sociedade, seus valores morais, sociais e crenças, sendo estas questões ancoradas no pensamento de Gonçalves (2002); (2005). Este antropólogo acredita ser de extrema relevância nos debruçarmos sobre essas concepções não-modernas a cerca do patrimônio, pois o que mais se discute é a “[...] presença ou ausência do patrimônio, a necessidade ou não de preservá-lo, mas não se discute a sua existência”. (GONÇALVES, 2002, p.24). Desta forma, o autor busca analisar o potencial que a categoria patrimônio possui para a compreensão da totalidade da vida (do indivíduo e das coletividades) em sociedade. Para isso dedica-se em conceber os patrimônios do



ponto de vista etnográfico analisando-o como um “fato social total”<sup>9</sup> orientando-se pelas concepções de Marcel Mauss (1974), através da abrangência e exploração de outras dimensões (que não são observadas pela concepção moderna de patrimônio – da monumentalidade) que podem ser identificadas na contemporaneidade estando fortemente ligadas à experiência.

Sobre ressonância, este autor afirma que a noção de patrimônio mistura-se com a de propriedade. Precisamente a concepção em que a noção de propriedade constitui-se por meio da herança, opondo-se a noção na qual é adquirida. Nos estudos da etnografia, os bens materiais não são considerados como “objetos separados de seus proprietários”. (GONÇALVES, 2005, p.18). Na maior parte dos fatos, esses objetos não possuem qualquer valor utilitário para os seus detentores, e sim significados simbólicos (“mágico-religiosos”) e sociais, manifestando-se involuntariamente, “constituindo-se como verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontades”. Este significado simbólico é percebido nas narrativas discursivas de duas pessoas pertencentes ao Grupo de Carimbó Caldo de Turu. Falando dos instrumentos musicais necessários para realizar uma boa apresentação de Carimbó, o senhor Roberto e o jovem Aldrin, relatam o mesmo sentimento e importância do presente que o Grupo ganhou, um instrumento de cordas chamado de banjo de carimbó, que era do falecido Nazareno Silva – umas das figuras ilustres da Pedreirinha (citado em seis narrativas discursivas coletadas para esta dissertação).

“O banjo é um instrumento de corda de origem africana, foi inspirado em diversos outros instrumentos da África e inicialmente produzido pelos negros escravos. Os primeiros banjos foram criados no século XVII e começaram a cair nas graças dos músicos ambulantes no século XIX”. O banjo de carimbó “é um instrumento feito artesanalmente por pescadores da região do salgado no Pará, cujas características principais são as cordas de linha de pesca número 60, cuja a afinação é: a quarta corda afinada em ré oitava, a terceira em sol, a segunda em si e a primeira em ré uma oitava acima. Existe inclusive um método próprio feito pelos pescadores para se tocar o instrumento”.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Marcel Mauss (1974) chamou de ‘fato social total’ exemplos de cultura em que os bens materiais não são classificados como objetos separados de seus proprietários. [...] que nem sempre possuem um atributo utilitário. Em muitos casos existem e servem para propósitos práticos, mas também, possuem significados mágico-religiosos e sociais. (MAUSS, 2003, (2003, p. 185-318 apud GONÇALVES, 2002, p. 23)

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.mundobends.com.br/banjo-o-que-e/>> e <[http://www.marcoandre.art.br/marco/portugues/ritmos\\_02.html](http://www.marcoandre.art.br/marco/portugues/ritmos_02.html)> Acesso em: 10 jan. 2017

Abaixo, na (Figura 1) está o senhor Roberto Corrêa expondo o banjo de carimbó de Nazareno Silva, considera a relíquia do grupo, presenteado por Fabrício Meireles. E logo depois, destacamos a narrativa do senhor Roberto e Aldrin sobre o sentido que o grupo tem na vida deles e sobre os instrumentos de percussão existentes no mesmo.



**Figura 1:** Registro da entrevista com o senhor Roberto, na residência de Dona Elsa, mostrando o banjo de carimbó que era de Nazareno Silva. Foto: Juliana Modesto, em 23/11/2016.

“[...] a Pedreirinha é isso, eu amo de paixão essa rua, todos esses movimentos que tem aqui, [...] temos saudades do Nazareno que deixou o legado. [...] No tempo que entrei no grupo não tinha banjo, eles tocavam com violão, aí o Fabrício Meireles - Minnie me deu um banjo que por sinal era do finado do Nazareno (sério?). É a nossa relíquia, é um legado e não sai daqui de jeito nenhum”. ( Entrevista realizada com Roberto Correa, grão e percussionista do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, em 23/11/2016)

“(Qual sentido que o Caldo de Turu tem na sua vida?) Eu entrei e tocava Curimbó, eu não sabia tocar instrumentos de corda tinha apenas uma base de violão, aprendi a tocar só. Comecei a tocar a percussão, nós não tínhamos uma pessoa pra tocar banjo, o Bruno tocava violão e cantava, mas no carimbó de raiz tem de ter banjo. Aí entrou o Rennan que tocava cavaco, aí eu ficava olhando e achava muito “escroto” aquilo. Aí arrumaram um banjo pra ele, no entanto que o banjo que é do Turu era do Nazareno Silva. Aí ele começou a tocar o banjo, mas como se fosse samba, aí eu fiquei olhando assim, ah eu vou ter que aprender a tocar banjo. Aí eu fui buscar um banjo que era do papai ( Herivelto Martins – Vetinho) lá em Ananindeua, reformei ele e comecei a tocar banjo. Então, o Turu contribuiu para a minha evolução na música. Eu toco banjo, maraca, curimbó e violão”. (Entrevistado Aldrin Silva, músico e cantor do Grupo Carimbó Caldo de Turu, em 03/11/2016)

Através deste exemplo e das vivências da pesquisadora na Pedreirinha, a mesma evidencia que a figura (configurada nas lembranças) de Nazareno Silva ainda é muito presente na rua, mesmo não o conhecendo, afirma que consegue construir através do que lhe foi contado, que “Nazo” era um amante da cultura popular, uma pessoa alegre, muito requisitada e que gostava de festança, foi um dos idealizadores do “Resgate” do Boi Malhadinho e da formação do Arraial do Pavulagem. Podendo afirmar que simbolicamente o banjo que foi seu, mantém vivo todos os seus feitos na Pedreirinha.

As experiências de rejeição de políticas patrimoniais nos mostram que há diferentes noções de patrimônio na sociedade moderna, e mais do que isso, percebemos que o patrimônio não depende apenas de uma vontade política de um órgão de Estado, ou exclusivamente de uma atividade “consciente e deliberada” de sujeitos ou grupos. “Os objetos que compõe um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto ao seu público’. (GONÇALVES, 2005, p.19). Retornando às narrativas discursivas citadas acima, do tombamento do Terreiro de Mina e do significado da representatividade do banjo que era de Nazareno Silva, compreendemos o sentido do patrimônio para uma determinada comunidade ou grupo. Isto é, para Mãe Elô o tombamento não é tão importante assim, em conversa com a mesma, a pesquisadora diz que Mãe Elô a questionou, perguntando: “Tombar por tombar, minha filha. Pra quê?” Por que Mãe Elô fala isso? Porque o que considera importante é o seu patrimônio espiritual, os rituais que acontecem naquele espaço, a sua conexão com as suas crenças e fé em seus guias espirituais. O tombamento que se constitui como um registro, é importante, muito porque é o único terreiro tombado em todo Estado do Pará, porém o mais valioso para o grupo que compõe aquele patrimônio é o que ele representa para a sua vida e sua formação como ser humano. E já o banjo de carimbó de Nazareno Silva, que constitui-se como um simples objeto cultural para os leigos, tem uma grande importância simbólica para as pessoas que compõe àquela manifestação, como também das que conheceram Nazareno Silva e das que conhecem histórias do seu legado cultural.

Gonçalves (2005), ao retratar sobre a eliminação de ambiguidades, diz que muitas instituições que trabalham com as coleções, museus (tradicionais), monumentos, arquivos, operam no sentido de alinhar-se a concepções totalizadoras com o intuito de representar certos discursos memoriais e de afirmações de

identidades. Essas ações, muito presentes na contemporaneidade, podem colocar em risco o poder de ressonância que o espectador possui, e este “[...] trabalho de construção de identidades e memórias coletivas não está evidentemente condenado ao sucesso”. (ibid., p. 20). Haja vista que não podemos cair nas noções essencialistas sobre a memória – já abordadas no tópico anterior, a cerca da formação da memória coletiva.

No que diz respeito à construção desta dissertação, a concepção de materialidade seja a categoria mais importante para ser compreendida. Gonçalves (2005) afirma que “patrimônio sempre foi e é “material”. Porém, na contemporaneidade cria-se uma categoria do “imaterial” que designa formas diferenciadas do modelo convencional limitado a monumentalidade (objetos móveis e imóveis). O autor argumenta ser curioso o uso da noção de imaterialidade, para “classificar bens tão tangíveis e materiais quanto lugares, festas, espetáculos e alimentos”, onde não há como discorrer de patrimônio sem falar de sua dimensão material. Acredita que tal aceção se deve a moderna concepção de antropologia da cultura, que agregou ao longo do Séc XX, a forte relação desta com as relações sociais e simbólicas.

Para o autor, não há distinções entre as duas dimensões (material e imaterial) do patrimônio, estas se mostram de maneira indistintas nos limites dessa categoria. Pois, não podemos pensar a vida social sem a presença dos objetos materiais e “sem as técnicas corporais que eles supõem”. O mesmo, questiona: “o que seria o Kula sem os colares, braceletes, sem as canoas e todo o conjunto de técnicas corporais para o seu uso?” (ibid., p. 22).

Exemplificamos uma das manifestações artísticas ainda existentes na Passagem Pedreirinha: o Boi-Bumbá Malhadinho. O Malhadinho existiria sem a materialidade da figura do boi?, sem o tripa, que a pessoa que fica dentro do boi-bumbá o movimentando? Sem os instrumentos de percussão chamados de barrica, como outros existentes (xeque, milheira, maracá?, existiria sem os cantores?, sem o amo do boi, que é a pessoa que canta as toadas? sem os personagens? e sem as suas endumentárias?. Na (Figura 02) destacamos uma das barricas do Boi-Bumbá Malhadinho, que é um instrumento peculiar de boi-bumbá, sendo um membranofone em formato bojudo, tendo a pele de animal presa em uma das extremidades. (MORAES, 2012, p.4). É um instrumento de percussão, particular dos grupos

folclóricos, apelidado de barrica porque é um tambor feito na maioria das vezes com pele de cobra, tendo todo o processo de fabricação artesanal. Logo abaixo, na (Figura 03) demonstramos a riqueza das endumentárias existentes no boi-bumbá, a vivacidade das cores e a organização da performance artística, onde cada um cumpre o seu papel no contexto da estória contada.



**Figura 2 :** Fotografia de uma das barricas do Boi Malhadinho.  
Foto: Dora Maciel, em 10/06/2017.



**Figura 3:** Apresentação do Boi-Bumbá Malhadinho no CENTUR – em período de festa junina, evento promovido pelo Governo do Estado do Pará.  
Foto: Juliana Modesto, em 12/06/2013.

Ao lado da dimensão da materialidade, Gonçalves (2005) assinala a importância de compreendermos o uso das técnicas corporais, já que para serem objetos estes precisam ser manuseados. Torna-se muito mais que uma expressão emblemática de sociedades ou determinadas classes sociais, esses objetos parecem que colocam a “sociedade em movimento”, tendo o ‘poder’ de realizar mediações sensíveis entre campos opostos como: “entre fixidez e o deslocamento, o interior e o exterior, o privado e o público, entre o céu e a terra, entre o self e o mundo”. (ibid., p.22)

### 1.3 Museu/Museologia/Sociomuseologia: algumas questões a refletir

Tradicionalmente, quando se fala de Museus associamos sua imagem ao Templo das Musas que era chamado de mouseion, local este reservado às oferendas para as filhas de Mnemosine (a deusa da memória) e Zeus (o senhor deus do Olimpo), que conduziam as artes e o processo de criação do homem. (DE JESUS, 2014, p. 97). Porém, Tereza Scheiner (1999) questiona a interpretação dada ao termo Mosaion (pelas Musas) e faz um apanhado da significação da etimologia da palavra museu. Estando relacionado ao universo mitológico, que sempre possui a representação de algo colocando em questão a inexistência de um espaço edificado – exclusivo ou com existência de coleções, mas sim a presença de um “[...] espaço intelectual possível de presentificação das idéias, de manifestação da memória”. (SCHEINER, 1999, p. 137).

Devaleés e Mairesse (2013) conceituam o termo “museu” para designar uma determinada instituição, “ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio”. Afirmam que no decorrer dos séculos os museus adquiriram novas formas e funções. Houve a diversificação em seu conteúdo, como também a sua missão, “seu modo de funcionamento ou sua administração”. (DESVALEÉS; MAIRESSE, 2013, p.64). Mas, é importante aludir que os museus não estão restritos à instituição, também podem realizar intervenção no campo da ação. Assim, Varine (2013) conceitua brilhantemente os dois modelos de museus existentes na atualidade, alegando que suas concepções não são antinômicas, pois seu funcionamento e administração mudaram de autocentrado e autocrático para uma gestão cooperativa e descentralizada. Todavia “marcam duas opções culturalmente separadas, e (assim)

suas contribuições para o desenvolvimento não podem ser as mesmas” (VARINE, 2013, p. 201):

- O museu tradicional, instituição permanente, contendo uma coleção de objetos, gerido por pessoal científico especializado, dirigido ao público, abrigado em um ou em vários edifícios para este uso, utilizando a linguagem da exposição.

- O museu evolutivo, consistindo em um processo de longo prazo, sobre um território para uma população, com patrimônio ancorado na cultura viva desta, utilizando a linguagem do objeto.

A termo de Brasil, no Séc XIX os museus foram criados através de coleções da nobreza e originários dos antigos gabinetes de curiosidade que permaneceram por demonstrar o exótico, sem preocupação alguma “com os princípios expográficos (construção de uma narrativa expositiva) e documentais (enquanto a construção de um sistema de acervos)”. (DE JESUS, 2014, p.97-98).

Dentre as décadas de 20 e 30, a era dos museus nacionais no Brasil é “superada” junto às pesquisas evolucionistas concebidas por meio das teorias raciais. Sem embargo, Lody (2005) aponta que tais concepções se mantêm impregnadas em uma nova óptica, a exemplo, de museus que se tornaram meros depositários de objetos apreendidos pela polícia em terreiros de candomblé, localizados nas cidades de Salvador, Recife, Rio de Janeiro, entre outras:

[...] durante o Estado Novo (1937) foram registrados abusos de autoridade policial, resultando em invasões de terreiros e apreensão de objetos, levados, então, para delegacias policiais, hospitais psiquiátricos e, posteriormente, utilizados como documentos de marginalidade e loucura, resultantes da danosa mistura de raça. (LODY, 2005, p.24).

Evidenciamos tal denúncia realizada por Lody (2005), onde o mesmo relata a forma cruel que a polícia entrava nos terreiros, invadindo por meio da força, quando não quebrava todos os objetos sagrados que representavam importância para àquela comunidade afroreligiosa, apreendiam os que achavam exóticos, os levando para delegacias e posteriormente serem alvo de estudo e de exposição em museus. Em entrevista com Mãe Elô, a mesma refere algumas estórias que foram contadas por sua avó – mãe Amelinha e sua tia Zefa, onde mãe Amelinha, sempre contava para ela das perseguições policiais que os terreiros de Belém sofreram, dizendo que muitos



desses espaços afroreligiosos vivenciou a invasão da polícia, sendo que na maioria das vezes destruíam tudo, até atear fogo nos terreiros se constituía uma prática comum da época. Contou, também, que o Terreiro de Mina “Dois Irmãos” fez parte deste contexto, toda vez que iriam fazer alguma festividade tinham de ter um alvará que autorizasse o evento, mas a polícia nunca chegou a invadir e quebrar nada no local. Mãe Elô narra que sua avó - mãe Amelinha sempre foi uma pessoa de grande fé, como também sua mãe – mãe Lulu. Porém, é importante registrar sobre o livro que o pai de mãe Elô escreveu sobre a história do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, que fala das perseguições que muitos terreiros de Belém sofreram naquela época e assim narra um acontecimento surreal que aconteceu na época de mãe Josina, fundadora do terreiro ‘Dois Irmãos’:

Durante o período em que mãe Josina praticou seus rituais, muitos casos anormais e curiosos ocorreram. Um que não poderíamos deixar de destacar segundo as informações colhidas, é o fato ocorrido por ocasião da realização de umas das tradicionais festas “toquea”. Iniciou-se a cerimônia, com o rufar dos atabaques (tambores), depois de algumas horas de rituais, surgiu em frente ao terreiro, uma patrulha montada, típica da época, composta de um agente da polícia civil e três milicianos, apearam seus cavalos e tentaram invadir o terreiro para prender o responsável ou responsáveis e acabar com o ritual. Ocorreu que ao chegarem a porta de entrada do terreiro foram interpelados pelo porteiro. Mãe Josina, a esta altura dos acontecimentos estava no salão incorporada com seu guia espiritual Toya Verequete, observando tudo tranquilamente. O agente enfurecido com a reação do porteiro, sacou sua arma de fogo (revólver) apontando para o mesmo, acionando por duas ou três vezes o gatilho da arma, foi quando ocorreu o fenômeno, as balas não detonaram. O agente inconformado com o acontecido, deu as costas para o terreiro e dando alguns passos em direção ao mato existente em frente, acionou novamente a arma, ao apertar o gatilho as balas foram detonando uma a uma, todas as balas existentes na arma. O agente revoltado com o fracasso da investida, chamou seus auxiliares e saiu alegando que, a bruxa tinha parte com o capeta “diabo”. E nunca mais os mesmos voltaram a importunar o culto de mãe Josina. (OLIVEIRA, 1990, p.9)

Hoje é considerado o terreiro mais antigo de Belém, mas vale ressaltar que com certeza existiram terreiros anteriores ao “Dois Irmãos”, sendo este um dos que foram fundados naquele tempo e conseguiu resistir a um Estado repressor e depois a um Estado ditatorial.

Dentre as questões citadas acima, o que a bibliografia tem nos mostrando, é que a história dos museus caminha por seguimentos de “momentos e/ou rupturas em relação, por um lado, a paradigmas referentes aos estudos de cultura material e, por outro, à identificação das possibilidades de inserção social das ações museológicas”, como afirma Bruno (2009). Para esta autora, desde meados do Séc XVIII os museus



principiam a constituição de um “modelo institucional hegemônico”, intrínseco à dependência de um espaço físico (edifício), “as ações técnicas e científicas de pesquisa (diversas áreas do conhecimento), salvaguarda (conservação, documentação e armazenamento) e comunicação (exposição, ação educativo-cultural) e o pontencial do público”, constituindo-se em um museu institucional. E esses vetores até hoje se fazem presentes nas ações das instituições museológicas, e têm proporcionado uma ampliação de definições e enquadramentos relacionados à sua missão “preservacionista”, mas também do seu papel educacional. (BRUNO, 2009, p. 18).

Basta vermos que as diversas problematizações científicas das Ciências Humanas, atrelada ao estudo da cultura material, busca esclarecer a continuidade dos processos em sociedade e as mudanças dos diversos fenômenos ligados a “grupos humanos do presente e em sociedades instintas”. Cristina Bruno (1996) declara que estes estudos partem de duas ações: por um lado buscam-se vestígios materiais em um determinado território e sua respectiva admissão aos diversos níveis de sociedade, partindo de distintas metodologias, tais vestígios são retirados de seu local de origem e agrupados em uma instituição. Em contrafluxo, outros estudos “partem dos objetos já reunidos em instituições”, com o intuito de “compreender o perfil das sociedades que o produziram”. O que a autora demonstra é que nos dois casos a evidência da materialidade da cultura se faz como elemento de extrema importância para a detenção de análises, no qual os museus encontram-se entre as principais instituições que guardam os “indicadores da dimensão cultural” de uma determinada sociedade. (BRUNO, 1996, p.9) Paralelo a isso, expõe que, assim como os museus, a museologia – enquanto disciplina compreendida no âmbito da interdisciplinaridade, também apresenta forte convivência às áreas das Ciências Humanas, uma vez que busca aproximar-se sistematicamente da sociedade presente, dialogando com outras áreas do conhecimento. Bruno (1996, p.10) descreve suas ações em dois níveis:

- Identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem perante seu patrimônio; e
- Desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades.

O que observamos na conjuntura dos museus desde o Séc XVIII é a articulação entre a museologia (suas teorias e concepções) e a museografia (conjunto de técnicas e de atividades práticas). Tal feito gerou ao longo dos séculos diversos estudos sobre as coleções, encontrou coerência e visibilidade acadêmica nos diversos campos de estudos promovendo assim – ações interdisciplinares direcionadas aos “desafios das pesquisas sobre as expressões materiais da cultura”. (BRUNO, 2009, p.18).  
Promovendo assim:

[...] a preocupação em valorizar, decodificar e preservar os artefatos e as coleções e a partir deles dar a conhecer as formas de humanidade. (Isso) pode ser considerada a razão especial para que ainda hoje novas instituições sejam criadas em função dos mais diferenciados enfoques temáticos e argumentos culturais. (ibid., p.18)

Assim, o museu configurou-se e configura-se como um lugar adequado para “os estudos de cultura material e para o tratamento e preservação das coleções”. Neste cenário, surge o conceito de curadoria, compreendido como produto do diálogo entre os estudos da cultura material, a partir das diversas áreas das ciências humanas, suas proposições e fundamentos museológicos. (ibid., p.19).

[...] Em suas raízes mais profundas articulam-se as intenções e os procedimentos de coleta, estudo, organização e preservação, e tem origem as necessidades de especializações, de abordagens pormenorizadas e no tratamento curatorial direcionado a partir de um campo de conhecimento. (ibid., 2009, p. 19)

Aos olhares de Bruno (2009), o aperfeiçoamento das pesquisas sobre as “evidências da cultura material” e a inserção de novas metodologias aprimoraram as ações museológicas, na medida em que compreendiam seus princípios, a importância da ética e o “domínio técnico dos processos curatoriais”. Destaca que mais do que estimar a presença de um curador, houve avanços no sentido do “exercício curatorial processual” compreendido como um “conjunto solidário e interdependente, de atividades de pesquisa, preservação e extroversão dos bens patrimoniais, relativos às coleções museológicas”. Afirma ser, um processo turbulento que atualmente gerou novos enfoques, novos campos de conhecimento, diversas especializações na área, e em especial destaca, “a emergência da valoração das expressões imateriais da

cultura”. (ibid., p.20). Tanto que, Bruno Burlon (2015) tece críticas aos enquadramentos tradicionais impostos aos objetos dos museus, afirmando que:

Os museus e a museologia se veem diante de uma mudança de paradigma estrutural para o campo museológico que deixa de ver os objetos como meros portadores da “verdade” sobre realidades ausentes para configurar um campo investigativo sobre os diferentes prismas de interpretação desses objetos. (BURLON, 2015, p.2)

O modelo tradicional de museu, citado acima, coloca em primeiro plano as coleções e seu valor documental. Mas, surge um novo pensar museológico que irá privilegiar o valor das experiências humanas a partir das diferentes possibilidades interpretativas sobre os objetos, concebendo o museu como um fenômeno. (ibid., p.30) Para Scheiner (2005), perceber o museu como fenômeno é percebê-lo livre e plural, com possibilidades de existir em qualquer espaço, e qualquer tempo. Alega que inexistem um modelo ‘ideal’ de museu “que possa ser utilizado em diferentes realidades. Afirma que o museu incorpora formas diferentes em cada sociedade, já que seus “valores e representações, possuem aspectos diferentes de “expressões do real (passado, presente ou devir), do tempo (duração), da memória (processo) e do pensamento humano (homem como produtor de sentidos)”. Assim, compreender o museu como um fenômeno é entender que o mesmo está sempre em processo, “revelando-se sob múltiplas e diferentes faces”. (SCHEINER, 2005, p. 94-95)

Não sendo um dos objetivos principais deste trabalho, mas ao dialogarmos com concepções da sociomuseologia acabamos analisando e tecendo críticas sobre o percurso dos museus e da museologia, no sentido clássico do termo. Muito porque, como corrobora Varine (2013, p.172) os museus tradicionais cumprem, de modo consciente, papéis aos quais lhe determinam na sociedade, comunicando uma historiografia oficial embasada nas memórias da elite (classe social mais favorecida).

Esse museu é instituição aristocrática, herdeira dos gabinetes de curiosidade dos príncipes e dos tesouros das catedrais e dos mosteiros. Sua abertura para o mundo corresponde a uma ideologia de democratização cultural, segundo a qual os bens e valores pertencentes à cultura de elite ou reconhecidos por esta devem ser impostos (o que se dissimula so a expressão de acessibilidade) a todos, para fornecer ao povo ‘modelos e normas’. (VARINE, 2013, p.174)

Portanto, a atual pesquisa usa como arcabouço teórico-metodológico concepções da sociomuseologia, que surge nos países industrializados, em meados

de 1968, embalados pelos acontecimentos da época que fizeram os profissionais da área da museologia indagarem sobre sua profissão e seu papel na sociedade; já nos países em desenvolvimento, em particular os da América Latina, houve uma tomada de consciência por ocasião dos questionamentos feitos a cerca da tutela econômica e cultural dos países desenvolvidos. O que na concepção de Varine (2013), esse vento de renovação “agitou o universo dos museus”. (ibid, p.180).

Esse novo modelo de museu, surge conectado às demandas dos grupos societários incorporando uma postura política e ‘democrática’ (participação cidadã). Um dos precursores em dimensionar esse novo olhar foi Hugues de Varine, que em 1971, com a colaboração de Georges Rivière, criam o conceito de ecomuseu que propõe ser o museu um instrumento a serviço do desenvolvimento, incorporando tal preceito nos estatutos de organização do Conselho Internacional dos Museus (ICOM). Neste mesmo ano, seu conceito foi adotado pela museologia, na 9ª Conferência do ICOM em Paris e Genobre (França). M<sup>a</sup> Cecília Santos (2002) alega que as conclusões desta Conferência refletiram sobre a necessidade de redefinição da missão dos museus, “seus métodos de exibição das coleções e, talvez, quem sabe, buscar um novo modelo para a instituição”. Neste evento reconhecem um novo modelo de museu denominado “neighbourhood museum”, no qual atua na construção e compreensão da história das comunidades, “contribuindo para a identificação da sua identidade, colaborando para que os cidadãos se orgulhem da sua identidade cultural, utilizando as técnicas museológicas para solucionar problemas sociais e urbanos”. Este modelo proposto teve como referencial o trabalho desenvolvido pelo Museu de Anacostia, em Nova York, apresentado pelo seu diretor, Jonh Kinard. (SANTOS, 2002, p. 99) Podemos perceber que este evento traz questões muito pertinentes, que serão amadurecidas na Mesa Redonda de Santiago, em 1972. Alguns museólogos já alertavam em seus trabalhos que os museus necessitavam se ressignificar, deixar de atuar como meros coletores de objetos para colocá-los em exposição, era necessário que assumissem o papel de agentes ativos na sociedade. Suas exposições tinham que comunicar com a sociedade ao qual estava inserido, para isso os museus tinham o desafio de apresentar os problemas e contradições existentes na sociedade e assim realizar contribuição com a cultura dos menos favorecidos.

Em 1972, na Mesa Redonda de Santiago no Chile, defini-se as bases norteadoras das ações do movimento denominado de Nova Museologia. Este evento é considerado, pelos próprios participantes do movimento, o referencial básico, para compreensão deste novo modelo de museu, conhecido como museu integral, que se funda na importância da comunidade conceber um novo olhar do seu meio cultural e material. Mario Moutinho (2012) afirma que fora colocado entre outros os problemas da territorialidade, da interdisciplinaridade, e da importância da participação popular como atores e “utilizadores das programações ecomuseológicas, com vista ao desenvolvimento social do meio que lhes dava vida”. (MOUTINHO, 2012, p.2)

O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais. (Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972)

Varine (2013) afirma que esse processo de “aceitação” no mundo institucional dos museus ocorre com o movimento da nova museologia, que se afirma em 1980, através da criação do Minom (Movimento Internacional para a Nova Museologia). Sendo que, Moutinho (2012) expõe que no ano de 1984, em Quebec, ocorre o Atelier Internacional de Ecomuseus - Nova Museologia. Este último autor declara que tornou-se evidente ações para “uma nova prática museológica” que expressava-se de diversas formas e fazia-se emergente em muitos países. Afirmando que : “ se em 1972 esta declaração passou relativamente despercebida, em Quebec a nova realidade do panorama dos museus podia facilmente identificar-se com os princípios então declarados”. (MOUTINHO, 2012, p.3)

Baseado em classificar atualmente a “nova museologia”, Varine (2013), alega que consiste em adequar-se a realidade de cada país e seus territórios e contextos, sendo essencial um movimento de museólogos que alinhem suas intervenções para melhor moldar “o museu a seu tempo e às necessidades das populações”. (VARINE, 2013, p. 181). Influenciado por essas concepções, surge nos anos seguintes a defesa por uma museologia social ou sociomuseologia, que propõe uma ação museológica que alcance as expectativas das sociedades “em relação aos acervos” e que estejam

menos atentadas a divulgação de resultados de pesquisa das coleções e a “preservação destes bens patrimoniais”. (BRUNO, 2009, p.21) Assim, a museóloga Priscila de Jesus (2014) questiona o lugar que a maioria dos museus tradicionais estão adquirindo no Séc. XXI, afirmando que teremos como resposta o que eles significaram nos séculos anteriores.

Para melhor compreendermos sua concepção que converge com a de diversos pesquisadores da atualidade, analisaremos a pesquisa realizada por Clarisse Kubrusly (2008) que discorre sobre a musealização de um objeto sagrado, a boneca Dona Joventina da Nação Estrela Brilhante. Toda a trama gira em torno da “posse” deste objeto sagrado entre as duas nações do maracatu<sup>11</sup> (é um movimento afroreligioso que tem forte relação com o candomblé, realizado no Estado de Pernambuco) - a Nação Estrela Brilhante do Recife e a Nação Estrela Brilhante de Igarassu, e da sua permanência no Museu do Homem do Nordeste depois da doação realizada pela pesquisadora Katarina Real. A história começa quando Katarina Real vem para o Brasil estudar a história dos maracatus, depois de longo tempo pesquisando, laços de amizade e de confiabilidade foram construídos entre a pesquisadora e alguns representantes dos maracatus. Esta conta que a viúva de seu Cosme recebeu uma mensagem do Mestre Cangarusu, onde ele em sonho dizia que ela tinha de doar a boneca Joventina para a Katarina. Posto isso, a boneca ficou 30 anos nos Estados Unidos em sua posse e depois desse período, no ano de 1996, Katarina Real retornou para o Brasil e doou a boneca Joventina para o Museu do Homem do Nordeste, com a justificativa de que Dona Joventina estaria protegida e que estando no museu ela representaria um dos patrimônios culturais imateriais de Recife. A pesquisadora foi alvo de diversas críticas, pois não consultou os participantes dos dois maracatus sobre o destino da boneca. Assim, até os dias atuais há a requisição das duas nações de maracatus pelo direito de posse da boneca. Percebemos olhares totalmente divergentes, um de apenas “preservar” e expor a boneca advindo do olhar da pesquisadora e o outro, um olhar e percepções de visões de mundo que fogem da lógica da ciência, pois os participantes dos maracatus

---

<sup>11</sup> O Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado é uma manifestação folclórica com origem no Estado de Pernambuco. Trata-se do mais antigo ritmo afro-brasileiro. É formado por um conjunto musical percussivo que acompanha um cortejo real. Os grupos apresentam um espetáculo repleto de simbologias e marcado pela riqueza estética e pela musicalidade. O momento de maior destaque consiste na saída às ruas para desfiles e apresentações no período carnavalesco. (Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/MaracatuNação>> Acesso em: 30 mai. 2017)

possuem uma relação espiritual não visível com a boneca, a mesma representa o axé da casa, a força espiritual que eles necessitam para seguir em frente. Interessante que no Documentário: Dona Joventina - Estrela Brilhante<sup>12</sup>, todos os entrevistados se expressam dizendo que a boneca está “morta” dentro do museu e já para a pesquisadora a continuidade da boneca no museu significa que a mesma terá “vida eterna”. Partindo deste exemplo super atual que discute a função dos museus na atualidade, verificamos que os avanços propostos de pensar o museu em constante diálogo com a sociedade muito pouco se faz presente, o que é colocado em evidência neste evento é o descredenciamento das falas populares e a supervalorização do olhar de uma pesquisadora. O que acaba por deixar expresso é que em nossos museus o racismo estrutural ainda se faz muito presente, onde Dona Joventina só é vista como importante porque foi uma pesquisadora branca que disse.

Mas, podemos identificar que existem diversos pesquisadores na área da museologia empenhados em romper epistemologicamente com esse olhar quase que “imutável” dos nossos museus. Colocaremos em evidência os estudos realizados por Alexandre Gomes (2012) sobre o Museu dos Índios Kanindé do Ceará. Em sua dissertação o autor acima retrata sobre a construção de um museu comunitário no município de Aratuba, no Ceará. A narrativa gira em torno do Cacique Sotero que depois de participar do Encontro dos Índios do Nordeste, promovido pela FUNAI, em 1995, volta à sua comunidade com o ideal de construir um museu com o objetivo de contar a história de seus antepassados. Como também, de criar este espaço como uma forma política de se autoafirmar como indígena, narrando que ele e seus irmãos nunca falaram que eram índios, pois seus avós os proibiram dizendo que muitos índios foram mortos pelos brancos por ganância de terras e de poder. Mesmo depois dessas memórias terem sido soterradas por muito tempo, ao conhecer um pouco sobre os direitos “atribuídos” aos índios com a Constituição Federal de 1988, nasce em Sotero o desejo de recontar a sua história e de reivindicar os direitos dos índios Kanindé, como por exemplo: a demarcação de suas terras, a reivindicação de uma escola indígena para a comunidade, etc. E assim, corajosamente Sotero cria o museu Kanindé, começando a elencar as categorias nativas e os critérios de classificação para expor os objetos no espaço. Interessante que também há neste museu a seleção de objetos que serão expostos e o significado de cada um na exposição. Onde os

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tnd0fvrQa-M>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

acervos são divididos em: “Coisas dos índios”, “Coisas dos velhos” e “Coisas das matas”, e quando ganham algo interessante para expor no local chamam de “novidade”. Podemos conhecer um pouco sobre a história do museu a partir do Documentário<sup>13</sup>: Os Kanindé do Ceará – memória e identidade. Gomes (2012) nos apresenta neste trabalho uma história contada a partir de “um olhar que subverte a apologia do colonizador como narrativa verdadeira ou oficial”. Acaba por caracterizar o museu como um espaço de autoidentificação da comunidade, bem como reinventam a própria ideia de museu. (GOMES, 2012, p.12)

Partindo dos dois exemplos de musealização expostos acima, entendemos que para pensarmos o museu no Séc.XXI se faz necessário rever “seus objetivos, abrangência, formas de aquisição e a adequação de linguagens e incorporação de novas tecnologias”. (DE JESUS, 2014, p. 99). Temos de nos questionar: O que os nossos museus estão comunicando para a sociedade? Se aprofundarmos o nosso olhar crítico, identificaremos que na maioria dos casos, é apresentado um passado colonizador, muito apegado à historiografia oficial.

Esta dissertação tem o intuito de contribuir para a desconstrução de uma história oficial, contada e reproduzida nos museus da cidade de Belém e em outras instituições, como a própria escola. Vale ressaltar, que algumas instituições escolares de Belém estão reproduzindo um novo olhar em relação ao seu papel na sociedade e no bairro que ocupa, porém a maioria dessas instituições ainda caminham a passos lentos. Compartilho a experiência do Profº de História José Ramos, docente da Escola Frei Daniel de Samarate, localizada no Bairro do Guamá. No ano de 2002, o mesmo publicou o livro: Entre Dois Tempos – um estudo sobre o Bairro do Guamá, a Escola “Frei Daniel” e seu Patrono. Relata que se propôs a ressignificar as três histórias importantes e distintas, sendo uma publicação inédita sobre a origem do Bairro do Guamá e que contribuirá para uma melhor compreensão e análise dos problemas sociais que assolam a comunidade guamaense, atualmente. Diz ter escrito este livro, pois mesmo a escola realizando atividades culturais que tratam da história e da cultura deste bairro, no qual envolve toda a comunidade, os professores tinham poucas referências sobre o assunto.

---

<sup>13</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=U-qqrPLuOs> > Acesso em: 15 mai. 2017



Pretendemos com esta pesquisa ativar o olhar museológico dos moradores da Passagem Pedreirinha, através da construção de suas narrativas e de registros históricos pouco estudados, mostraremos que a história de Belém não se resume aos locais que já estão “fixados” nas memórias da maioria da população. Pensamos ser importante tecer críticas às noções de uma museologia tradicional muito preponderante em nossas instituições museus, muito preocupada em retratar uma historiografia nacional, exaltando os heróis e os grandes monumentos históricos, não que essas memórias não sejam importantes, mas precisamos, com urgência que os museus comuniquem com a sociedade e não se tornem meros depósitos de objetos velhos. Haja vista, que Varine (2013, p. 180) pensa que nem tudo que é velho seja belo, não vendo motivo da sociedade conservá-lo por essa única razão.

Sousa e Neto (2015) realizaram recentemente estudos sobre um dos museus que compõe o Centro Histórico de Belém (Museu do Estado do Pará), e assim afirmam que prerrogativas da nova museologia, concebidas na Declaração de Santiago do Chile, “requer das políticas públicas de cultura para o complexo museal [...] mudanças conceituais e práticas de cunho administrativo, político e sociocultural”. Uma questão muito debatida e que pensam ser modificadas diz respeito ao mundo do patrimônio, que apesar de empenhos políticos e discursos “de boa fé”, ainda não se alcançou o patamar de “emancipação e participação democrática nos museus contemporâneos”. (SOUSA; NETO, 2015, p. 330-331)

Assim, o que observamos é um imaginário social, comunicado ao público, da cidade de Belém ser muito mais da *Belle Epoque* do que dos índios. Jessé Souza (2009) usa a noção de mito, como sinônimo de “imaginário social”, ou seja, para compreendermos “um conjunto de interpretações e de ideias que permitem compreender o sentido e a especificidade de determinada experiência histórica coletiva. Desse modo, o mito é uma transfiguração da realidade de modo a provê-la de “sentido” moral e espiritual para os indivíduos e grupos sociais que compõem uma sociedade particular”. (ibid., 30)

É muito importante fazermos esta reflexão para compreendermos as memórias que foram escolhidas, que estão ali ( nos Museus do Centro Histórico de Belém) preservadas e, por conseguinte que estão sendo comunicadas. Os museus que foram construídos naquela época, ainda continuam a disseminar a sua historiografia oficial: são os museus que falam da *Belle Epoque*, do encontro dos índios com os brancos

na colonização da Amazônia, o museu que fala das peças indígenas encontradas no primeiro encontro entre brancos e indígenas, os museus que exaltam a figura dos colonizadores (vistos como grandes heróis da nação brasileira) e catequizadores que vieram “educar” os índios. Entretanto, os museus paraenses não falam dos negros que aqui habitaram, não falam das mulheres, dos homossexuais muito menos e também fica um grande vazio a cerca das religiões como se só existisse a religião católica, e pouco é mencionado sobre a Revolta da Cabanagem (ocorreu nos anos de 1835 a 1840 na Província do Grão – Pará, atual Estado do Pará) que foi um importante movimento de resistência do povo paraense que aconteceu no período regencial da história do Brasil. É o que Cristina Bruno (2009) nos faz refletir sobre esses espaços institucionais: “A longa história dos museus, que pode ser compreendida como a trajetória que as sociedades têm percorrido na expectativa de encontrar nestas instituições as suas referências culturais, os seus ancoradouros para os indicadores de suas memórias e, sobretudo, o cenário que ampara e contextualiza os seus valores, apresenta as suas manifestações de poder e divulga suas conquistas e dramas culturais.” (BRUNO, 2009, p.16)

Quer dizer que essas narrativas oficiais vão impactar as construções sociais e selecionar o que se tornará patrimônio e o que se constituirá como um monumento. No caso do sentido urbano de Belém, houve e ainda há uma supervalorização da memória da *Belle Epoque*, e paralelo a isso houve e atualmente ainda há, o silenciamento de muitos acontecimentos da história de Belém e apagamentos de narrativas. Pouco sabemos das influências de negros e índios em nossa vida atual e o legado que deixaram para as novas gerações, porque o papel da lógica dominante é manter essas memórias apagadas, pouco evidenciadas, e o Estado gerencia muito bem este ideal segregador. Como por exemplo, não nos é dito que quase todas as edificações e ruas construídas no Bairro da Cidade Velha (local que iniciou a fundação de Belém) foram feitas pela exploração do trabalho de escravos e de índios. Não nos é dito do genocídio social e cultural que os colonizadores cometeram a estas duas etnias: imposição em acreditar na religião católica, proibição de venerar seus deuses e de realizar seus cultos religiosos, entre outros. Mas, se pararmos para observar o sangue que pulsa na veia da cultura popular de Belém, do Pará e da Amazônia, veremos que as memórias e cultura que foram e até hoje estão “soterradas”, continuam muito vivas, sendo compartilhadas no dia-a-dia, nos cerimoniais

afrorreligiosos e religiosos, nas Quadrilhas Juninas, nos Pássaros Juninos, no Boi-Bumbá, nas Escolas de Samba, na tradição oral que se faz ainda tão presente em nosso cotidiano.

É importante ressaltar que não temos o intuito de desqualificar a importância desses locais para a construção da história de nossa cidade, mas compreendemos que a história de Belém não se restringe, somente, a esses lugares. “A impressão que se dá é que as pessoas que viveram e vivem em locais afastados do centro da cidade, chamados de baixadas ou periferias, como a exemplo do Bairro do Guamá, não fazem parte dessa história.” (RAMOS, 2002, p. 11) Partindo desta ideia, essas memórias subterrâneas serão mais uma vez colocadas em evidência onde usaremos como recorte de pesquisa a Passagem Pedreirinha inserida na lógica do Bairro do Guamá.

É importante destacar que este trabalho não está preocupado em estudar os processos técnicos-científicos para a construção de um museu institucional, e sim, na compreensão de um fenômeno museológico embasado por meio da observação e ação do potencial museal da Passagem Pedreirinha. Acreditamos que o olhar museal se faz presente neste território, já que de alguma forma, eles estão coletando, salvaguardando e comunicando seus referências patrimoniais. Talvez a comunidade ainda não compreenda isso formalmente, mas ali há o museu fenômeno, onde essas memórias estão em movimento, sendo comunicadas e reconstruídas na comunidade. Todavia, algumas questões abordadas sinalizam que neste território exista, também, um museu-conceito, um museu-potência que pode vir-a-ser, um museu formal, caso seja o desejo da comunidade.

Este exercício implica um grande desafio para as instituições museológicas, que ao ver de Bruno (2009), necessitam abrir mão da sua “exclusividade” em decidir o “destino das coisas”, bem como o de “impor” o que uma determinada sociedade deva recordar. (BRUNO, 2009, p.21) Para isso, nos embasamos sobre noções da nova museologia baseada em uma “relação direta e não mediatizada entre uma comunidade (população) e seu patrimônio, o todo inscrito em seu território. (VARINE, 2013, p. 199).

## **CAPÍTULO 2**

**PASSAGEM PEDREIRINHA: O CENTRO DA  
CULTURA GUAMAENSE**

## 2. PASSAGEM PEDREIRINHA: O CENTRO DA CULTURA GUAMAENSE

Para melhor compreensão do lócus da pesquisa, se faz necessário conhecer sobre a formação do Bairro do Guamá e suas várias visões de realidade e isso será abordado no tópico (2.1). No tópico (2.2) adentraremos no universo sociocultural da Passagem Pedreirinha, colocando em evidência a formação da rua e a construção de suas características socioculturais por meio de referenciais bibliográficos, registros históricos e das lembranças evocadas dos nove entrevistados sobre a sua infância na rua, como também das recordações que possuem do passado da Passagem Pedreirinha.

2.1. “O Guamá é um bairro fenomenal, cheio de fenômenos humanos que a gente não consegue explicar”

Partindo de dados históricos apresentados por José Ramos (2002) e Dias Júnior (2009) percebemos que a gênese do Bairro do Guamá está ligada ao processo de formação da cidade de Belém do Pará no que tange os seus primeiros anos de constituição, na fase em que os portugueses programaram seu projeto colonizador e a política de catequização de índios tupinambás que estavam localizados na confluência da Baía do Guajará com o Rio Guamá. Tal ocupação ocorreu ao longo do século XVIII e XIX, através da presença de índios, negros, mestiços e tapuios que foram se fixando às margens do Rio Guamá e matas próximas da cidade, o que hoje formam os bairros da Cidade Velha, Comércio e Campina.

José Ramos (2002), afirma que antes da colonização europeia na Amazônia, tratando da origem de ocupação do Bairro do Guamá, que se deu às margens do Igarapé do Tucunduba, há indícios de terem sido ocupadas por grupos indígenas, já que todo aquele imenso território pertencia a eles no passado. Mas, registros históricos mostram que a primeira ocupação no Guamá ocorreu por meio de uma fazenda localizada bem próximo ao Igarapé do Tucunduba. Esta grande sesmaria foi doada pelo rei português ao senhor Theodoretto Soares Pereira, no ano de 1728, cujo o objetivo era que o mesmo explorasse as riquezas daquele local, “como madeiras e ‘drogas dos sertão’; praticasse a agricultura e realizasse serviços para o desenvolvimento da área”, através da construção de pontes, portos, e abrissem caminhos de fácil acesso para chegarem ao meio urbano. Já em 1755 a fazenda

Tucunduba foi adquirida pelos padres mercedários (pertencentes a mesma ordem religiosa que construiu a Igreja das Mercedes). Porém, foram expulsos de Belém no ano de 1764, devido a reforma política feita por Marquês de Pombal, e assim a fazenda Tucunduba foi “confiscada e doada à Santa Casa de Misericórdia Paraense”. (RAMOS, 2002, p.15-16)

A partir do século XVIII, na área citada acima, foi construído uma olaria com o intuito de “fornecer telhas e tijolos para a crescente cidade de Belém”. Ramos (2002) alega que neste momento houve um crescente interesse pelo local, provavelmente pela “posição geográfica da fazenda, pois o igarapé do Tucunduba e o rio Guamá facilitavam o escoamento da produção e sua articulação com o centro” de Belém. Já nas primeiras décadas do Séc. XIX, foi construído, no lugar da antiga olaria, o Leprosário do Tucunduba, momento este que procede uma nova etapa de ocupação da área do Guamá, “agora como espaço de reclusão social”. Conforme registros históricos citados pelo autor, a fundação do hospital se deu no ano de 07/03/1815, tendo como administração e responsável pelos cuidados dos doentes internados a Santa Casa de Misericórdia do Pará. (ibid., p.16-17).

Este local foi improvisado pela Santa Casa, que construiu “um abrigo para hansenianos que perambulavam pelas ruas e praças da cidade de Belém”, padeciam sem qualquer assistência do governo e estavam em constante contato com a população considerada sadia. Assim, como os leprosários medievais e já os criados no Brasil, o abrigo do Tucunduba, partia do mesmo ideário, não só de “cuidar e tratar de indivíduos atingidos pela hanseníase, mas principalmente, afastar, isolar e vigiar corpos de pessoas” contaminadas pela doença incurável que afetava a população urbana. Então, o local isolado de tudo e de todos era adequado para as concepções políticas da época baseadas em evitar uma grande contaminação na cidade. Paralelo a isso, o autor alega que não eram isolados somente hansenianos, também eram encaminhados para o leprozário, “alienados mentais, doentes com varíola e febre amarela, inclusive mendigos e negros.” (ibid., p.19- 20). E este local não tinha o mínimo de infraestrutura, como descreve Ramos (2002):

Quando foi instalado, o Leprosário Tucunduba não possuía condições mínimas de higiene e segurança, a justificativa alegada era a falta de verbas e cofres da Santa Casa. A situação financeira era tão grave que a diretoria da instituição aprovou a realização de loterias e a coleta de esmolas entre os católicos que frequentavam as igrejas da cidade, para ajudar na reforma e manutenção do abrigo. (ibid., p.20)

O local passou por diversas reformas, contudo a mais importante foi a realizada na época do Intendente Antônio Lemos, em 1905. Vale ressaltar, como alega Ramos (2002) que todas os melhoramentos realizados no local, foram estratégias encontradas, para os “doentes” não se sentirem atraídos pelo “mundo dos sãos”, além de também serem reivindicações dos próprios moradores do abrigo que queriam ter melhores condições para viver no local. O Leprosário do Tucunduba foi desativado no ano de 1938, pelo fato do Bairro do Guamá já estar inserido no contexto da cidade de Belém, sendo encaminhado para um outro lugar isolado do contexto social dos sãos, sendo a Colônia do Prata – localizado no município de Marituba/PA. Ramos (2002) diz que, atualmente, “praticamente nada restou do antigo abrigo, o que resta somente são algumas ruínas de paredes que foram aproveitadas pelos moradores após a sua desativação”. Afirma que, “buscou-se esquecer ou ignorar a história desse local”, no entanto que, não existe “nenhuma placa ou nome de rua que procurasse lembrar esse passado”. (ibid., p. 22)

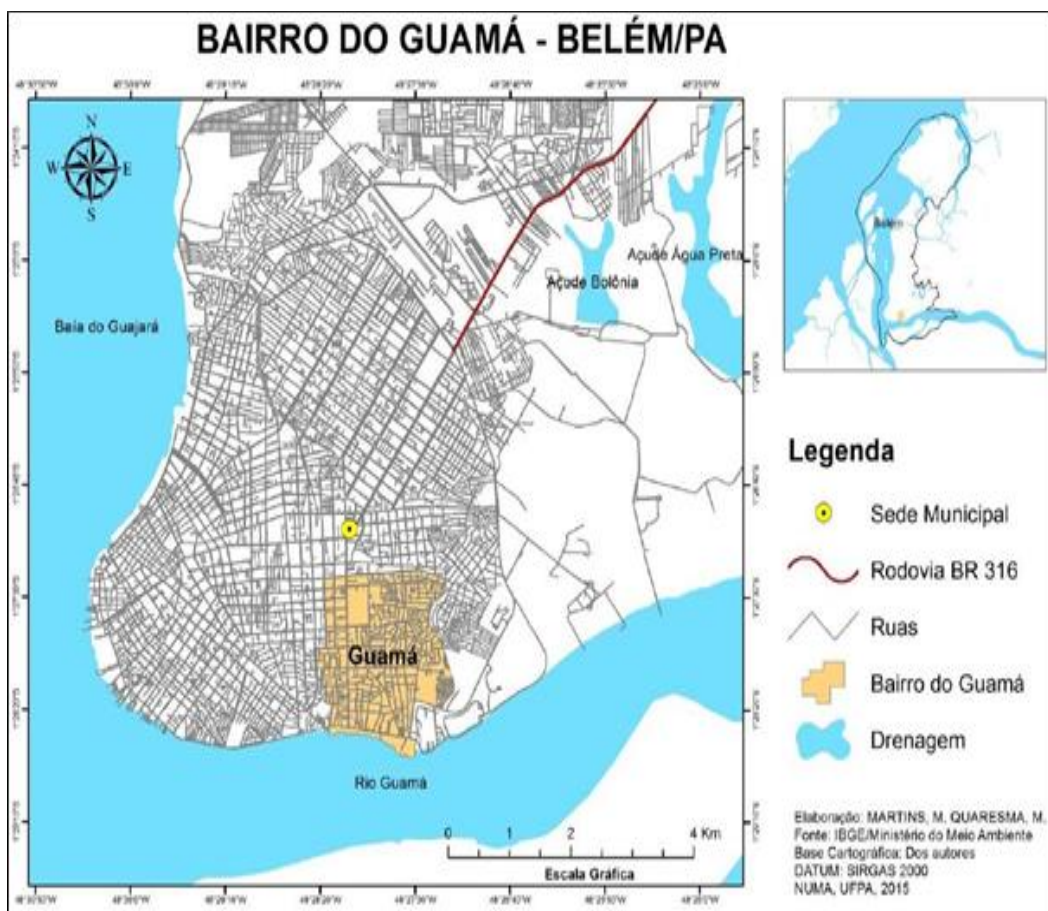
É necessário compreendermos a conjuntura da formação histórica da cidade de Belém, tendo como exemplo a formação do Bairro do Guamá, para identificarmos os papéis sociais constituídos em um modelo de extrema segregação social. No final do século XIX e início do XX, em todas as capitais brasileiras (citamos Belém nesta dissertação) houve a determinação das elites governantes quanto ao espaço que deveria ser ocupado por cada grupo social, sendo “o centro urbano, luxuoso, requintado e civilizado dos ricos; e a periferia miserável, atrasada e selvagem dos pobres”. (ibid., p.33)

As ocupações desencadeadas no início do século XX, a partir do Bairro de São Brás, foram desempenhadas, principalmente, pelos migrantes nordestinos expulsos pela seca que chegavam a Belém atraídos pela economia da borracha. Dias Junior (2009) enfatiza que havia a facilidade de ficar em terrenos próximos ao Bairro de São Brás, ponto de entrada e saída da cidade, o que possibilitou a ocupação do espaço por grande número de migrantes, que se embrenharam nas matas próximas, formando caminhos e passagens por onde foram se fixando as famílias. Também, historiadores, identificam o modo de ocupação possibilitado pela rede urbana<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Corrêa (1987) diz que neste período a rede urbana regional funcionava com uma articulação dendrítica das localizações cujo papel era viabilizar a extração de excedentes que, no plano regional, garantiria o poder econômico de uma elite mercantil localizada em Belém e Manaus e, no plano internacional, viabilizaria, a baixo custo, novos empreendimentos industriais nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha. (CORRÊA, 1987, p. 52).

dendrítica, através das margens do Rio Guamá com pessoas provenientes, principalmente das Regiões do Rio Acará, Rio Guamá e do Baixo Tocantins. Tal processo de formação dos bairros (Guamá, São Brás, Condor, Cremação, Terra Firme e Canudos) às margens do Rio Guamá foi um fenômeno corrente no momento de distribuição espacial da cidade de Belém desde o século XVIII. Sendo o extrativismo da borracha um dos fatores geradores, ocorrido entre 1850 e 1920, um momento de muita riqueza em que houve uma forte e crescente demanda externa pela borracha no mercado internacional.



**Mapa 1:** Mapa de Localização do Bairro do Guamá / PA.  
Fonte: MARTINS, 2015.

A origem do nome Guamá está associada à língua tupi-guarani, se refere a um tipo de peixe conhecido como peixe-coelho (da família dos Quimeróides, seu nome científico é *Chimaera Monstruosa*), que provavelmente era abundante, há tempos passados, nos rios da Região Amazônica. (RAMOS, 2002, p. 16). O bairro está localizado na Região Sul da cidade de Belém, às margens do Rio Guamá. Exibe uma



área urbana de 4.127,78 Km<sup>2</sup>, sendo um dos seis bairros que compõem o Distrito Administrativo<sup>15</sup> do Guamá, conhecido como DAGUA.

É considerado um bairro periférico, apesar de localizar-se próximo ao centro da cidade. Nele encontram-se alguns serviços públicos que subsidiam a área metropolitana de Belém, como: a Universidade Federal do Pará; o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza; o Hospital Pronto Socorro do Guamá; o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SACI); um Posto de Saúde; uma Delegacia de Polícia; 14 escolas públicas; o Espaço Cultural Mestre Setenta (atualmente encontra-se interditado pela Prefeitura de Belém – em total desuso); 3 creches; um hotel de categoria internacional; o Cemitério Santa Izabel; várias casas comerciais. Também no Guamá há a presença de instituições não governamentais e organizações culturais e comunitárias, como: o Lar Fabiano de Cristo, que recebe subsídios da Capemi (Caixa de Pecúlios dos Militares ou Caixa de Pecúlios, Pensões e Montepios), e através destes realiza ações assistenciais às famílias dos bairros Guamá e Terra Firme; os centros comunitários; o Espaço Cultural Nossa Biblioteca; e as manifestações culturais, religiosas e afroreligiosas.

Dias Junior (2009), alega também que o Guamá possui “uma orla composta por dezenas de portos particulares que servem de entrada e saída de ribeirinhos que vêm de municípios próximos e utilizam esses espaços como entrepostos comerciais, onde são comercializadas mercadorias como madeira, farinha, frutas regionais e uma variedade de produtos”. (DIAS JUNIOR, 2009, p. 42).

O lugar de maior movimento do bairro direciona-se a Rua Barão de Igarapé Miri, ao qual se localiza uma feira livre que funciona diariamente e que movimenta um grande fluxo de pessoas principalmente pela parte da manhã. Às margens esquerda e direita da rua citada acima, existem dezenas de ruas, passagens, vilas e becos:

Nesses lugares, os moradores se desdobram no dia-a-dia, estabelecendo relações de convivência e vizinhança nos seus burburinhos cotidianos, compartilhando experiências diversas que o caracterizam como bairro popular de grande densidade populacional. (ibid, p.42)

---

<sup>15</sup> Os distritos administrativos são divisões políticas e administrativas do Município de Belém e foram definidos conforme a Lei 7.682, publicado no Diário Oficial do Município, em 12 de Janeiro de 1994. (Anuário Estatístico do Município de Belém, 2006 apud Dias Junior, 2009). O Distrito Administrativo do Guamá (DAGUA) inclui os seguintes bairros: Jurunas, Condor, Guamá, Terra Firme, Canudos e Campus Universitário da UFPA. Uma parte significativa da população deste distrito tem baixos salários, há várias áreas de ocupação espontânea ou aglomerados subnormais (IBGE, 2010).

O bairro é o mais populoso da cidade de Belém, possui 94.610 habitantes (IBGE, 2010). É estimado como um dos mais violentos da cidade, de acordo com o Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS LA/PSC, registrando um dos maiores números de adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida – LA e de Prestação de Serviço à Comunidade – PSC, 187 casos são do Guamá e também de jovens envolvidos em conflitos e gangues de rua (CREAS/ FUNPAPA, 2008). Dados atuais do mapa da violência, publicados em 2015, onde o tema foi direcionado a óbitos e taxas de homicídios (por 100 mil) de adolescentes com faixa etária de 16 e 17 anos. Consta que no Estado do Pará, a maioria das vítimas residem em locais de grande vulnerabilidade social – as periferias; os maiores afetados são homens ( homicídios no ano de 2013 no Pará: 196 homens / 8 mulheres); a média da cor dos homicídios coloca em evidência o preconceito racial, velado, em nosso país ( média das vítimas no Pará (100 mil) entre 16 a 17 anos, a média de homicídios baseados na cor da pele são : Brancos: 15,8 / Negros: 75,8. Média das vítimas: 379,3. Nesta pesquisa Belém ocupa a 47ª posição dos 100 municípios com maiores taxas (2011/2013) de homicídios ( por 100 mil), dos 243 municípios com mais de 4.000 mil adolescentes entre 16 a 17 anos.

Situações como: a ineficiência de acesso à saúde, a precaridade do saneamento básico, a evasão escolar, o alto índice de pessoas trabalhando na informalidade, o tráfico de drogas, o alto índice de homicídios da juventude pobre e negra, são as que mais se destacam na mídia. Em contrafluxo à triste realidade em que a população periférica e menos favorecida, do Bairro do Guamá, vivencia em seu dia-a-dia, observamos a riqueza das manifestações culturais existentes e luta de seus habitantes pela manutenção dos seus bois-bumbás, cordões de pássaro e pássaros junino, escolas de samba, cantigas de ladainha, festividades culturais, afroreligiosas e religiosas, quadrilhas juninas, instituições religiosas e afroreligiosas, que se constituem em espaços de agregação de cultura antiviolença para os que vivem no bairro. A pesquisadora desse trabalho abre um parêntese para falar sobre os cordões de pássaro e pássaros juninos, que são manifestações culturais autênticas do Estado do Pará<sup>16</sup>. Estão sendo estudadas pelo IPHAN ( Instituto do Patrimônio Histórico,

---

<sup>16</sup> Para conhecer sobre a manifestação cultural, fica disponível o Documentário – Ópera Cabloca, produzido por Adriano Barroso, em parceria com o IPHAN, no ano de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XlfCNObnidQ>> Acesso em: 10 fev. 2017

Artístico e Nacional), desde 2012, e podem se tornar patrimônio cultural do Brasil. No Bairro do Guamá existem dois Pássaros Juninos: O Pássaro Junino Ten- Ten e o Pássaro Junino Beija-Flor:

Em Belém do Pará, em junho, uma tradição luta para manter-se viva, os Pássaros Juninos. Segundo Marton Maués (2010), são considerados um dos espetáculos mais antigos e exclusivos da região e divididos em duas modalidades, Cordão de Pássaro ou Pássaro Meia Lua e Pássaro Melodrama Fantasia. Para Vicente Salles (1994), o último se diferencia pela incorporação do que define por comodidades do palco – cortina, iluminação, bastidores, cena frontal do palco à italiana, “ponto” (poucos brincantes com o texto decorado). Em ambos o tema central é o mesmo: caça, morte e ressurreição do pássaro. Sendo agregado a centralidade pelo Pássaro Melodrama Fantasia, dramas e sofrimentos de uma família de nobres ou fazendeiros, entre outros. As principais características se encontram no antagonismo de seus personagens e na matutagem. Os primeiros registros foram feitos por Henry Bates, naturalista inglês que chegou a Belém em 1848 e realizou pesquisas sobre a fauna e a flora. Para Silva (2003) a data de 1877 pode ser o registro mais remoto encontrado por Salles (1994) na crônica paraense, para exibição de “um curioso bando de Águias Reais” no Pavilhão da Flora (tablado erguido em 1840, no Largo de Nazaré, para apresentação de grupos folclóricos e bandas de música) durante os festejos do Círio ( de Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre todo ano no mês de outubro). (RAMOS et al , 2012, p.1)

A maioria destas manifestações é orientada por agentes da cultura local, em específico os griôs, que são importantes personagens responsáveis pela continuidade das manifestações culturais. Usam a oralidade, como ferramenta principal para transmitirem (para as novas gerações) os saberes herdados de seus antepassados e também os apreendidos no cotidiano por meio do processo de observação e criação. A apropriação do termo griô, advém da palavra griot em francês que traduz a palavra Dieli na língua bamanan do Mali, no Noroeste da África, ou seja, é preciso nascer griot para ser um e não se sabe da vinda de nenhuma família griot para o território nacional brasileiro desde a invasão dos portugueses. Houve a inserção desta palavra, a termo de Brasil, com o intuito de revelar o crescente interesse referente à cultura afrodescendente, pelo fato da tradição oral ser muito presente na cultura popular da nação brasileira. Lilian Pacheco (2006) caracteriza o griô como “um caminhante, cantador, poeta, contador de histórias, mediador político [...] educador popular que [...] tornar-se a memória viva da tradição oral. Ele é o sangue que circula os saberes e histórias, as lutas e glórias de seu povo”. (PACHECO, 2006, p. 45)

Kleber Oliveira – carnavalesco e griô, destaca que os moradores do Guamá, como também, os artistas populares pertencentes ao bairro sentem-se descrentes do Poder Público no que diz respeito à efetivação de políticas públicas que beneficiem

toda a comunidades (MODESTO, 2013). Em entrevista para esta dissertação, menciona que a cultura popular encontra-se na UTI, apesar disso acredita que um dia a mesma sairá desta situação, não pelos esforços dos nossos governantes, mas sim pelo suor dos que acreditam e lutam diariamente para a manutenção de suas manifestações culturais:

“Eu digo e repito, hoje a nossa cultura está gravemente ferida na UTI e poucas pessoas vão visitar a cultura (Qual cultura?) De uma forma geral, eu acho que do mundo, vejo muito que o olhar dos nossos governantes para a cultura é um olhar de desprezo. Eu acho que eles nos veem como marginal, como anarquistas, como revolucionários, não, nós não somos isso, nós só gritamos quando alguém bate na gente. Nós, hoje, choramos de tristeza, é muito raro a gente chorar de alegria. [...] Porém, eu acredito que um dia a gente vai sair dessa UTI que eu te falei. E tu pode ver que quando a cultura avança, não é por causa dos nossos governantes, e sim pelo suor de todos que fazem parte da cultura popular, pelo meu suor, é pelo teu suor, pelo suor da Dora, pelo suor do Vetinho, pelo suor do Charles Brown, pelo suor do Sabá, do Wilson, do Cleyton, da Lóla, é pelo suor do Dom Alberto, do Dom Arani, é pelo suor da mãe Lulu - que está com esse terreiro centenário até hoje, é pelo suor do pastor da Assembleia de Deus - que todo fim de ano pinta e limpa toda a rua junto com os vizinhos. É esse suor, o que a gente não tem é o que temer!”. (Entrevista realizada com o griô e carnavalesco, Kleber Oliveira, em 08/01/2017)

Heliana Evelin (2007) destaca que o Guamá possui uma população equivalente a médios municípios brasileiros, porém “é um dos bairros mais carentes em equipamentos culturais da cidade de Belém/PA”. (EVELIN, 2007, p.16). Um dos aspectos observados no seu território é o carecimento de espaços de lazer, principalmente as praças, que são lugares privilegiados de socialização e recreação das crianças. “As praças possuem uma grande importância nos centros urbanos ao propiciar lazer, espaços para atividades culturais e esportivas e oportunidades para o sossego e contemplação paisagística.” (ALENCAR et al, 2007, p.01). A pesquisa Belém Sustentável - 2007, mostra que entre as capitais do Brasil com maior proporção de praças (em relação ao território e tamanho da população), destaca-se Porto Alegre com 539 praças somando cerca de quatro milhões de metros quadrados. Já a cidade de Belém abriga 207 praças com uma área de um milhão de metros quadrados. Ou seja, a pesquisa de 2007 mostra que um terço dos bairros da cidade de Belém, há dez anos atrás, não possuíam praças, mas observamos que a realidade não mudou muito. É notório advertir o descaso do Poder Público referente à preservação das praças existentes na cidade de Belém, no que diz respeito ao lixo e a degradação dos equipamentos e edificações. No Guamá existem três praças: a Praça Frei Daniel; a

Praça Benedito Monteiro e a Praça Alacid Nunes, porém o que observamos é que o bairro possui 4.127,78 Km<sup>2</sup> e quase 100.000 mil habitantes e essas praças possuem espaço micro, desproporcional para o equivalente de pessoas que residem no bairro.

Mesmo constatando a carência de espaços culturais públicos, fato este não só presenciado no Bairro do Guamá, mas na maior parte dos bairros da cidade de Belém do Pará. É notório que as manifestações populares encontram formas de resistir e assim dar continuidade às suas atividades. Disponibilizamos dados da Secretaria de Cultura do Município de Belém (FUNBEL), apresentados por Dias Junior (2009):

Segundo a Fundação Cultural de Belém (FUNBEL) o Bairro do Guamá apresenta registrados 34 grupos de expressão cultural<sup>17</sup>, contando com 8 grupos de boi-bumbá, 20 quadrilhas juninas, 2 grupos de pássaros, 2 blocos carnavalescos, 2 escolas de samba, que mobilizam a comunidade não apenas nos meses de festa (fevereiro e junho), mas durante o ano todo [...] Apesar da dimensão espacial do bairro, existe nele um lugar que é considerado por muitos moradores como “termômetro cultural”. Este lugar é a Passagem Pedreirinha [...] que é famosa por abrigar várias manifestações culturais. (ibid., p. 46)

É importante destacar que através da recente inserção da pesquisadora na comunidade (no segundo semestre de 2015 até o mês de maio de 2017) constatou-se que alguns grupos acabaram e também surgiram outros novos - destacamos a extinção da Escola de Samba Tradição Guamaense e o nascimento do Boi-Bumbá Travesso. Informamos que foi realizada visita na FUNBEL, no ano de 2015, para saber se tinham dados atualizados sobre os grupos culturais de Belém, o que foi dito para a pesquisadora é que não tinham registro algum das manifestações culturais. Constatamos assim, que o fim de uma gestão e início de outra com concepções diferentes acarreta ações como essas – desconstruindo e/ou acabando com projetos e ações realizadas pela gestão anterior.

Sendo neste espaço multifacetado, o Guamá, que apresenta aspectos positivos e negativos, que se localiza a Passagem Pedreirinha. Para que houvesse uma melhor compreensão do leitor sobre o lócus da pesquisa, se fez necessário apresentar aspectos gerais sobre o Bairro do Guamá, para assim, adentrarmos no universo sociocultural da Passagem Pedreirinha.

---

<sup>17</sup> É importante referendar que estão colocados aqui apenas os grupos e entidades culturais registradas na FUNBEL, muitos outros existem pelo bairro sem CNPJ ou registro na Fundação Cultural de Belém. (DIAS JUNIOR, 2009, p. 46)

2.2. “Eu percebo a Pedreirinha como uma cesta de frutas maravilhosas e diferentes: a uva, a maçã, [...] o carnaval, o boi-bumbá, a macumba, a igreja católica, a igreja evangélica. Quer dizer, essa cesta cultural.”

Nas narrativas discursivas coletadas, existem versões diferentes sobre a origem e nome da rua: dona Elsa diz que a origem do nome da Passagem Pedreirinha se deu porque naquele local era uma pedreira. O primeiro nome da rua foi Pico da Pedra, depois a nomearam de Pedreirinha. Já seu neto - Kleber Oliveira, relata que a Pedreirinha era um terreno alagado, e assim não era Pedreira, sendo a primeira rua que recebeu infraestrutura no Bairro do Guamá. Mãe Elô fala que sua avó contava que a Pedreirinha era um matagal e depois narra, como mãe Josina com seus familiares vieram do Estado do Maranhão e se alojaram na rua, sendo uma das primeiras famílias a residirem naquele espaço. Já Branco refere que seus avós contavam que a Pedreirinha servia de atalho para adentrar no Guamá. Vetinho não soube informar sobre a origem do nome da rua, mas falou da sua importância na formação do Bairro do Guamá; e os outros entrevistados não souberam dizer. Segue abaixo o recorte de algumas narrativas discursivas em que os entrevistados falam do surgimento da Passagem Pedreirinha e origem do nome desta rua:

“Eu sei o que minha avó contava quando a gente era criança, que a Pedreirinha era um matagal. Quando sua mãe de santo veio para Belém num pau de arara, lá do Maranhão, a mãe Josina. Eles desceram até onde vinha, acho que foi até (o bairro de) São Brás, e de lá aquele monte de famílias que vieram nos pau de arara, todo mundo se separou, uns foram para (o bairro da) Pedreira, outras foram pra outros lugares, e a mãe Josina com a família dela vieram pra cá (Bairro do Guamá), desceram para este rumo. Como tudo era mato, o que fizeram? Começaram a roçar com o terçado o mato, pá, pá, iam roçando. E quando dava essa hora, assim, de 18:00 hs às 20:30 hs, que começava a cair a noite, eles pegavam um pedaço de pau, amarrava uma lamparina, tocavam fogo e aí ficavam clareando, aí eles iam cortando, limpando e metendo estaca e metendo pau e fazendo seus barraquinhos para morar. E foi aonde ela construiu o Terreiro "Dois Irmãos", que na realidade quando construiu deu o nome de Tambor de Santa Bárbara.” (Entrevistada Eloisa Oiveira - Mãe Elô responsável pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 31/08/2016)

“Não, nessa época quando a gente vinha pra cá já era denominado de Passagem Pedreirinha. Mas, o Charles Brown dizia o que seus pais contavam, que tinham ouvido de seu avô que era delegado naquela época, o mesmo falava que essa Rua foi feita para o caminho da Delegacia que sempre foi ali na esquina da Pedreirinha com a Barão (de Igarapé-Miri). Sempre teve aquele postozinho policial desde quando me entendo por gente, e eles na brincadeira, e eu não sei se é por causa disso, como o Guamá é muito grande e tinha muita coisa aí para a Barão, seguindo direto. Então, naquele tempo as terras não tinham dono, eram devolutas, aí as pessoas cortavam caminho. Então dizem que (a Pedreirinha ) foi feita cortando caminho para ficar mais perto do leprosário, das coisas que faziam aí pra

dentro, das serrarias, do (Igarapé do) Tucunduba que era aonde os barcos vinham para trazer as benfeitorias, as coisas do interior. E a Pedreirinha, eu acho que surgiu, com certeza, desse modelo, e o pessoal foi se estabelecendo do lado e do outro até formar a rua, pois naquele tempo quem pegasse um lotezinho pegava e ficava, e foi se formando o que é hoje a Passagem Pedreirinha do Guamá.” (Entrevista realizada com o compositor e carnavalesco Herivelto Martins - Vetinho, em 10/11/2016)

“Assim, segundo os mais antigos a Pedreirinha era um terreno alagado. E o pessoal diz que o nome Pedreirinha é porque aqui tinha muita pedra, mentira. Aqui era um terreno alagado. A minha avó conta que na infância dela as roupas que lavavam eram todas estendidas aqui na rua para secarem, entendestes? Eu não sei porque Pedreirinha, esse nome a gente ainda não conseguiu saber de onde veio. Nem os mais antigos conseguem explicar a denominação da rua. Mas, eu sei te dizer que depois do Cemitério Santa Izabel, pra cá pra dentro a primeira rua a ser invadida foi a Pedreirinha. A primeira escola do Guamá surgiu aqui na Pedreirinha, aqui no canto. A primeira encanação depois do Cemitério (Santa Izabel) foi aqui no canto da Pedreirinha, onde tinha uma grande mangueira que todo mundo ia buscar água lá. Então, o que é a Pedreirinha a não ser uma dádiva de Deus?. É uma rua que se você passar todos os dias, verá os vizinhos sentados em frente a sua porta, sem medo de ser feliz, sem medo da violência. Hoje é difícil você passar em uma rua e ver os vizinhos sentados na sua porta, batendo papo, nem que seja um mentindo para o outro rrsrs, mas estão lá rrsrs, não é verdade?”. (Entrevista realizada com o griô e carnavalesco, Kleber Oliveira, em 08/01/2017)

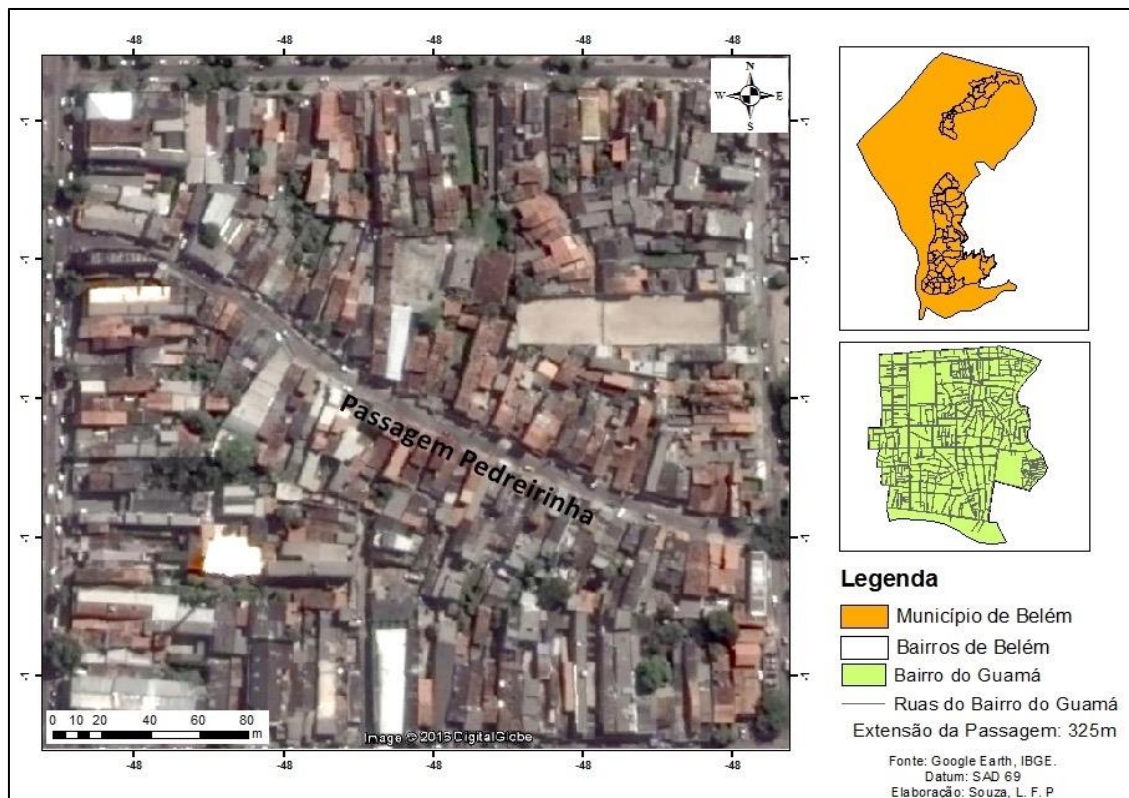
“Antigamente as casas da Pedreirinha eram tudo de enchimento, de palha, né? O nome da Rua antigamente era Pico da Pedra, pois aqui foi uma pedreira, mas eu não cheguei a ver isso”. (Entrevista realizada com dona Elsa Soares , em 27/11/2016)

“Olha, os meus avós contavam que a Pedreirinha era um atalho para as pessoas irem para dentro do Guamá, no entanto, que ela tem uma entrada pela José Bonifácio e o nome Pedreirinha porque existia muita pedra mesmo aqui na rua, isso é que os meus ancestrais contavam”. (Entrevista realizada com Laudemar Corrêa - Branco, Presidente do Bloco Mexe Mexe, em 17/11/2016)

Identificamos que todas as narrativas descritas acima, estão condizentes com alguns dados históricos registrados sobre a história da cidade de Belém. Em seu livro, José Ramos (2002) retifica que as primeiras e principais ruas do Bairro do Guamá, eram caminhos de terra batida, “muitas das vezes abertas pelos próprios moradores sem o mínimo de infra-estrutura urbana”. E logo após cita as ruas mais antigas do Guamá:

“Parte da atual Avenida José Bonifácio (antiga Pedreira do Guamá); a Estrada do Tucunduba (atual Rua Barão de Igarapé Miri); a Rua João de Deus; a Passagem Pedreirinha; a Vai-quem-quer (atual Frei Daniel); a Napoleão Laureano (antiga Beco do Piquiá); a Rua Augusto Corrêa (chamada de Passagem Bacuri); a Ezeriel (antiga Lameira Bittencourt); a 20 de Fevereiro (antiga Aníbal Duarte). (ibid., p. 35)

A Passagem Pedreirinha possui um espaço territorial de 325 metros. Atualmente, no seu pequeno território há uma grande diversidade de organizações culturais, recreativas, religiosas e afroreligiosas: a Associação Carnavalesca Bole-Bole; duas igrejas evangélicas (a Igreja Assembleia de Deus (existe há 30 anos na rua) e a Igreja Assembleia do Avivamento Pentecostal – Brasa Viva; a Festividade de São Pedro e São Paulo; o Terreiro de Mina “Dois Irmãos”; o Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe, o Boi-Bumbá Malhadinho, o Grupo de Carimbó Caldo de Turu e dois times de futebol (Farofa do Guamá e Pedreirinha do Guamá). Destacamos também dois eventos que já tornaram-se “tradição” na rua: o Passeio anual que dona Elsa e sua família organiza para a Praia do Caripi ( localizada no município de Barcarena) e o Círio da Pedreirinha.



**Mapa 2:** Mapa de Localização da Passagem Pedreirinha – GUAMÁ/BELÉM  
Elaborado por: Larisse Souza, 2016.

É considerada como a rua cultural do Guamá, pelo fato do bairro presenciar a quase inexistência de equipamentos culturais (praças, cinemas, teatros, pontos de cultura reconhecidos pelo Ministério da Cultura - MinC, bibliotecas públicas para o acesso dos estudantes, etc). Sendo apontada como referência no bairro, pelo fato de



seus moradores realizarem atividades culturais, recreativas e festejos religiosos, tendo a população guamaense oportunidade de participar e ter acesso a um espaço de sociabilidade, de alegria, de troca de experiências e de ludicidade que leva ao alcance da aprendizagem. A Pedreirinha é um local que já foi estudado por pesquisadores de diversas áreas, fruto de artigos, monografias, dissertações e até teses de doutorado. Isso faz compreendermos que este universo sociocultural da rua é muito complexo, podendo tratá-lo com diversos olhares. Destaco duas dissertações, a primeira de Clélio Ferreira (2012) que retrata os aspectos de sociabilidade e reciprocidade nos grupos culturais da Pedreirinha e Dias Júnior (2009) que realiza um profundo estudo histórico sobre os Bois-Bumbás do Bairro do Guamá, e neste contexto inseri a Pedreirinha, compreendendo-a como uma rua de efervescência cultural:

A Passagem Pedreirinha compreende uma série de atividades culturais [...] Trata-se de um lugar pacífico e democrático onde as pessoas sentam-se às suas portas para conversarem e trocarem informações em interação umas com as outras, diariamente, mas especialmente nos dias de eventos festivos, incluindo-se aí as relações de bem ou conflituosas. Mesmo com o enfrentamento de todos os tipos de problemas: perigos da violência urbana como em qualquer cidade; desigualdade social; falta de recursos para a promoção de atividades culturais; endividamentos para que isto seja possível, etc. (FERREIRA, 2012, p.1).

Apesar da dimensão espacial do bairro [...] existe nele um lugar que é considerado por muitos moradores como “termômetro cultural”. Este lugar é a rua Pedreirinha [...] famosa por abrigar várias manifestações culturais. Ela está presente na memória dos antigos moradores, que dizem ter sido este espaço um centro de atividades culturais, pois nele localizavam-se sedes festivas e religiosas, como a escola de samba Madureira (pelo menos dois bois-bumbás, um cinema, um terreiro de umbanda e muitos quintais que serviam de campo de futebol e de espaços para festas. Ela é considerada, também, centro cultural na atualidade” (DIAS JUNIOR, 2009, p. 46-47).

Clélio Ferreira (2011) alega que há “possibilidades de constatação de formas de sociabilidade inseridas nas manifestações e a ampliação das relações de interação” vivenciadas nas festividades, através da interatividade presenciada entre os parentes, vizinhos e amigos que são convidados a participar dos eventos promovidos no local. (FERREIRA, 2011, p.2). Logo, este ambiente sociocultural “aponta a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos”. (ASSMAN, 2011, 317).

Observamos nas narrativas discursivas dos entrevistados, que a Pedreirinha é um espaço de recordação, de evocação de memórias, de transmissão de saberes e de exaltação sobre o passado. Nas nove narrativas discursivas identificamos fortes lembranças de momentos importantes vivenciados por cada entrevistado. Kleber Oliveira, declara ser muito agradecido por ter morado na Pedreirinha, nos tempos de grande efervescência cultural. Ao seu ver, atualmente as manifestações culturais se sentem na maior parte das vezes impossibilitadas de realizar eventos culturais neste espaço, pois são “boicotados” por vizinhos novos que não estão acostumados com um ambiente movimentado, que respira cultura o ano inteiro. Porém, mesmo com as dificuldades presentes, os articuladores culturais sempre buscam o diálogo com o intuito de agradar as duas partes interessadas, como descreve Kleber Oliveira em sua fala abaixo:

“Graças a Deus eu morei em uma rua abençoada aonde os vizinhos respiravam cultura, talvez não se respira mais pela venda de muitas casas. Muitas pessoas vieram de fora morar pra cá, mas a maioria ainda são veteranos como a minha avó que tem 85 anos e nasceu na Pedreirinha; a Dona Lulu do Barracão (Terreiro “Dois Irmãos) também nasceu na Pedreirinha e tem 84 anos; a tia Altamira que era uma das grandes baianas e tacacazeira também nasceu aqui. Mas, essas casas que as famílias depois que morrem pai e mãe começam a desestruturar, e foram vendendo, abrindo espaço e fazendo Kitnet (espaço com várias casas para alugar). Sendo que, quem vem morar é todo tipo de gente. E hoje, você é impedido de fazer um movimento cultural como você fazia (antes), como você quer fazer e não pode, por certos vizinhos que você nem conhece, pois se entocam dentro de um monte de Kitnet e você nem ver a cara; os que são cachaceiros que nem eu, é bacana rrsrs, porque de alguma forma você conhece, mas os que não são, ficam ligando para a polícia dizendo que estão perturbando. Ou seja, são pessoas que não tem amor, porque se você não tem cultura dentro de você, não tem Deus também, você não tem nem cultura familiar, quanto mais cultura popular”. (Entrevista realizada com o griô e carnavalesco, Kleber Oliveira, em 08/01/2017)

Já Vetinho, que nunca residiu na Passagem Pedreirinha, relata sobre as relações de amizade construídas na rua, desde a sua infância. O mesmo residia bem próximo da mesma, na Avenida José Bonifácio. Começou a construir suas amizades, pois seus irmãos iam jogar futebol na Pedreirinha e ele ia junto para brincar com as outras crianças nos quintais que existiam na Pedreirinha. Em entrevista, discorre sobre os locais que brincava com seus amigos, da participação e apreciação dos bois-bumbás e da famosa Festividade de São Pedro e São Paulo. Diz que ainda mantém amizades de quase 50 anos com alguns amigos que residiam e ainda residem na Pedreirinha, cita o Charles Brown e o Sabá:

“Desde criança que eu frequento a Pedreirinha, até para jogar bola, tinham dois campos de futebol aqui, um perto do Bole Bole e outro mais pra lá do Bole Bole (próx. da Rua Barão de Mamoré). Tinha um campo que chamávamos de bosque, um quintal grande, cheio de árvores. Também eu participava dos bois-bumbás, tinha muito boi-bumbá mirin por aqui, o pessoal sempre gostou das festas de São João, ou a gente vinha ver os bois ou vinha participar, eu cheguei a participar de um boizinho aqui que eu não me lembro mais o nome, mas era bem aqui pertinho do Bole Bole. E eu sempre participei das atividades aqui. Mais tarde com a minha amizade com o Charles Brown, que sempre morou aqui na Pedreirinha, onde a gente tem muita coisa junto, a gente vivia aqui, passava o Natal na casa dos parentes dele, a gente revezava ou na minha casa ou na casa dos parentes dele, onde Natal e Ano Novo foram festas que a gente viveu muito aqui na Pedreirinha. (E a Festividade de São Pedro e São Paulo?) Eu sempre participei desde criança da Festividade de São Pedro e São Paulo, desde quando me entendo por gente essa festa já existia e era uma festa forte. Essa história de quebra pote, pau de sebo, essas brincadeiras todas que a gente vinha ver, o casamento na roça, não tem quem morasse por aqui que não vinha, era uma festa muito famosa. A festa acontecia dois dias, mas a gente tinha de ter amigo aqui na Pedreirinha, para a gente participar da festa dentro de uma casa, porque por exemplo, tinha festa de dia que era aberta e aí todo mundo vinha, a mulecada que quisesse participar era só entrar na fila e participar, tinha gente que vinha só pra ver boi-bumbá e quadrilhas. Agora, a noite que tinha a festa, que a gente vai crescendo e virando rapazinho e a gente queria comer alguma coisa e tomar uma cerveja e aí tinha que ter a casa de um dos amigos para ficar, né?. E nós tivemos sempre muitos amigos que os meus irmãos mais velhos também eram amigos de outros daqui da Pedreirinha e esse pessoal vivia muito em casa, que a minha casa era uma casa festera também, minha mãe com os meus irmãos mais velho faziam muitas festas por lá. Também aqui tinham dois clubes de futebol que eram uma rivalidade, era o Palmerinha e o Fluminense, e eles tinham dois quadros - o quadro de garotos e o de profissionais (que não era de profissionais, eram os titulares). E nessa rapazeada do futebol tinha os meus irmãos, que jogavam no futebol dos times daqui e os meus cunhados que moravam na Rua José Bonifácio jogavam também, então essa amizade fazia com que a gente vivesse aqui perto da Pedreirinha, então eu participo das atividades daqui desde criança, desde meus seis ou sete anos, acho que há uns cinquenta anos”. (Entrevista realizada com o compositor e carnavalesco Herivelto Martins - Vetinho, em 10/11/2016)

Ao falar sobre as lembranças que possui da Passagem Pedreirinha, Aldrin sustenta que na sua infância a Pedreirinha era um lugar mais festivo e as atividades culturais já não acontecem como antigamente. Todavia, a rua continua sendo símbolo de referência da cultura popular guamaense.

“Eu lembro quando era pequeno que a Pedreirinha era um lugar de muita festa, alegria, de cultura, de boi-bumbá, quadrilha. Aqui no Bole Bole tinha muitas apresentações de boi-bumbá e quadrilha. As coisas ainda acontecem, mas as coisas não são como antigamente, porém a Pedreirinha continua sendo o (centro) da cultura do Guamá”. (Entrevistado Aldrin Silva, músico e cantor do Grupo Carimbó Caldo de Turu, em 03/11/2016)

Ao descrever a Passagem Pedreirinha, a entrevistada Socorro diz que não chegou a residir na casa em que seu pai mudou com suas irmãs, pois a mesma já

estava casada. Porém, ressalta que sempre esteve presente em algumas manifestações culturais desta rua, participando na Escola de Samba do Bole Bole, no Boi Malhadinho e no Projeto Frutos do Xequerê. Considera ser a Pedreirinha uma rua cultural, que aprendeu muito com Nazareno Silva, mas já era envolvida com o carnaval e as festas juninas, ou seja, recebeu influências de seus genitores que sempre gostavam de apreciar a cultura popular. Expressa um olhar bastante positivo sobre as atividades culturais realizadas pelas manifestações da rua, uma das ações citadas é a participação crianças e adolescentes no Projeto Frutos do Xequerê. Como também, destaca as atividades realizadas na Escolinha de percussão do Bole Bole, que proporciona um direcionamento positivo aos participantes, os influenciando para que não sigam caminhos tortuosos em suas vidas.

“Na época quando a gente chegou, já tinha tudo isso aqui, a umbanda (muitos desconhecem que a mina é culto afroreligioso realizado no Terreiro de Mina “Dois Irmãos – acabam generalizando e referindo a umbanda por ser mais popular), depois que veio o Mexe Mexe, mas antes veio o Bole Bole, aí teve a escola de samba raízes, mas não existe mais, aqui do lado já existia há uns dois anos a Assembleia de Deus e nós já moramos aqui há 30 anos, nós não né?, o meu pai rrsrrrs. Mas, às vezes eu acabo me incluindo, por isso que eu falo assim. E assim, tem muita cultura aqui. E quando nós viemos pra cá foi no mesmo período em que o Nazareno Silva veio também, foi quando surgiu o resgate do Malhadinho. Eu conheci o Nazareno aqui na Pedreirinha, a minha família também. ( E esse envolvimento com a cultura, a sua família começou depois do contato com o Nazareno? ) Assim, aqui na Pedreirinha. Porque nós tivemos influência da nossa mãe, quando ela era viva participava de muitos eventos que envolvia cultura, ou seja, ela gostava e se envolvia em São João e Carnaval. O nosso pai contava pra gente que ela gostava de participar, já o papai não gostava muito de participar dessas festas, mas ele cantava muitas músicas de boi, e como o Nazareno gostava de ouvir ele cantando as toadas. (Sobre o sentido de pertencimento, o que a Pedreirinha significa pra você?) Eu acho assim, que a Pedreirinha vem de muitas coisas boas, coisas positivas. Eu vi e ainda vejo esses meninos crescerem, eu não vejo esses meninos seguindo um caminho ruim, eles sempre estão ali, querendo saber sobre música e outras coisas boas para a vida deles. Pra mim isso é o mais importante, ver eles crescerem, digo meninos e meninas, e se tornarem pessoas do bem. Porque em outras ruas a gente ver meninos brigando, e aqui na Pedreirinha não vemos isso, eu vejo os meninos daqui rindo, brincando, contando histórias, conversando, falando sobre cultura, e aí eles vão crescendo, formando família e dando o mesmo exemplo para seus filhos”. (Entrevistada Heliana do Socorro Chagas – conhecida como Socorro, em 18/11/2016)

Branco, nasceu e se criou na Pedreirinha e até hoje mora na rua. Em entrevista, decreve o cenário cultural do lugar, expressando a forte influência que essas manifestações culturais e religiosas, existentes na rua, proporcionaram à sua vida. A Festividade de São Pedro e São Paulo ocorre há 61 anos na rua e condiz com o ano de nascimento de Branco, em 1955:

“A Pedreirinha é o meu reduto, acho que eterno. Desde quando eu me entendo por gente, vivi a minha infância toda aqui, aqui eu consegui fazer as minhas amizades, aqui eu consegui concluir os meus estudos. A Pedreirinha também, sempre foi uma rua cultural inclusive quando eu era criança a gente tinha aqui um boi-bumbá chamado Pingo de Prata, eu era o doutor do boi. Surgiram aqui vários blocos de carnaval e não foram vingando. E uma coisa que eu gosto muito aqui na Pedreirinha é a festa junina, hoje em dia ela não está muito legal, mas desde que eu me entendo como gente essa festa junina que é realizada pelos vizinhos, então isso aí sempre me fascinou muito. Inclusive essa festa junina que acontece na Pedreirinha conhecida como Festividade de São Pedro e São Paulo condiz com a minha idade, então o primeiro ano em que aconteceu essa Festividade na Pedreirinha foram nos dias 28 e 29 de junho de 1955, que na época aconteciam em dois dias”. (Entrevista realizada com Laudemar Corrêa - Branco, Presidente do Bloco Mexe Mexe, em 17/11/2016)

Roberto Correa, irmão de Branco, relata também sobre suas lembranças de infância, vivenciadas na Pedreirinha. Descreve o passado da rua, como um local animado e de intensos eventos culturais, recreativos e religiosos. Expõe que a Pedreirinha foi uma rua mais festiva, cita a Festividade de São Pedro e São Paulo afirmando que a mesma há tempos atrás era mais bonita e movimentada, pelo motivo das pessoas não se envolverem mais como antes. Descreve sobre atividades culturais e evento religioso organizado por seus pais e vivenciados por ele:

“Eu vou começar pelo tempo de criança, a rua sempre foi animada. Vieram uns colegas morar pra cá e eles eram mais crescidos que nós (seu Roberto e seus irmãos), aí resumindo, a gente brincava de cemitério, bandeirinha, geralmente era de cinco horas da tarde em diante. Só que o velho (pai de seu Roberto) vinha entre cinco e meia à seis horas da tarde do serviço e a gente brincava, no caso nós, os filhos dele, porém atentos para a chegada de papai. Quando ele chegava a gente corria e ia tomar banho. Então, teve esse movimento na Pedreirinha, foi criado time feminino de futebol, dos homens também. Nos quinze anos da minha irmã, naquela época meu velho gostava de música, então ele tinha uns músicos conhecidos que eram da polícia, se entrosou com eles e todo final de semana passou a tocar aqui na frente de casa um órgão musical. Esse é o motivo para eu gostar de música, sendo que a maioria se envolvia no meio. E antes disso nós já tínhamos a festa da mamãe, que por sinal tem a idade do Branco, 61 anos, então existe essa festividade dos santos que tempos atrás foi muito mais bonita do que agora, devido essas novas leis e a incidência de grande violência em nossa cidade, aí parou. Só que a festa não morreu, ela continua, mas não com a mesma proporção de antigamente. Antigamente, o pessoal se envolvia, a gente fechava a rua quase de ponta a ponta e era só uma festa. Hoje não é mais assim, o espaço da frente da nossa casa é o mais movimentado, nesse ano mesmo o pessoal já fizeram uma outra parte e dividiram em três partes”. (Entrevista realizada com Roberto Correa, grão e percussionista do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, em 23/11/2016)

Além dos cultos e festividades que Eloisa Oliveira – mãe Elô participou quando criança no Terreiro de Mina “Dois Irmãos” ( já analisados no capítulo 1 desta

dissertação), também descreve uma forte relação da sua família com os eventos culturais e religiosos da Pedreirinha e em outras localidades do Bairro do Guamá. Citando, como os entrevistados acima, a grandiosidade da Festividade de São Pedro e São Paulo:

“A gente tinha um bloco carnavalesco aqui na rua, que era da minha tia Raimunda, ‘os casados também podem’. A gente era muleca, e se metia no meu, a titia era uma piada, ela comprava pano e fazia as roupas e todo mundo se vestia, mas a brincadeira era só aqui no Guamá. Que eu lembro era isso, aqui da Pedreirinha tinha o Boi Tira Fama do Mestre 70, mas não era aqui da rua, ficava na Barão de Igarapé Miri, a vovó que era madrinha do boi dele. Então, o boi dele vinha se esconder pra cá ( refere-se ao quintal do terreiro). Éguaaa, era muito bom, naquela época o quintal era muito grande, e eles se escondiam por aí. [...] Ahhh, pra mim o que acabou aqui na rua que eu me lembrei, eram as festas de São João que aconteciam aqui. A rua ficava toda enfeitada com bandeirinha, com o açazeiro e em cada um deles era pregado uma lâmpada fluorescente imensa de diversas cores (azul, amarela, vermelha, branca), a rua ficava polvorosa, a gente rezava pra chegar o mês de junho, mas era assim, festa de São João eu só gostava da daqui da rua de casa. Aí tinha quebra pote, pau de sebo, corrida com ovo, corrida de saco, brincadeira da cadeira, aí tinha uma brincadeira que eles amarravam a maçã e tu tinhas que dançar com a mão pra trás e morder a maçã, tinha a brincadeira com uma pão tamanho família (que o povo chama de pão bengala) com uma fanta laranja de 1L ( que na época era a maior que tinha), aí era pão dormido, ou seja, o muleque tinha de comer aquele pão todinho com aquele litro de refrigerante, tinha outra brincadeira que eles colocavam uma mesa, uma cadeira e uma bacia com trigo ( e lá dentro tinha uma moeda) e aí tinha que pegar a moeda com a boca. Mas, isso tudo era na festa aqui na Pedreirinha que era promovida pela dona Elsa”. ( Entrevistada Eloisa Oiveira - Mãe Elô responsável pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 31/08/2016)

Dos nove entrevistados, o mestre de bateria do Bole Bole – Minnie, é o segundo mais jovem. Nasceu e se criou na Passagem Pedreirinha, porém não reside mais na rua. Todavia, destaca que sempre morou no Bairro do Guamá e possui uma relação muito forte com a rua supracitada, relatando que isso acaba até gerando algumas intrigas nos seus relacionamentos amorosos. Diz possuir relações harmoniosas com as manifestações culturais da rua, com seus familiares que ainda residem na mesma, como também com seus amigos de infância que ainda moram no local. Informa que começou a participar do Projeto Frutos do Xequerê, ainda criança, este foi desenvolvido por Nazareno Silva na Passagem Pedreirinha, que teve o início de suas atividades na sede do Bole Bole. Ao participar das atividades promovidas por “Nazo” e outros incentivadores da cultura, como o Mininéia, Vetinho, diz que aprendeu conhecimentos a cerca da cultura popular, que foram muito importantes para a sua formação como ser humano e como músico, assim descreve sua relação com a rua:

“A minha relação com a Passagem Pedreirinha é muito grande, aqui foi onde eu nasci, me criei, praticamente toda a minha família mora aqui, meu tio mora perto do Bole Bole, meus finados avós (pais da minha mãe) moravam logo ali, mais lá pra frente moram os meus avós que me criaram, mais lá pra frente moram os meus primos e meu padrinho. Então assim, foi um lugar onde eu nasci e me criei, construí minhas amizades aqui, e assim, eu tenho uma relação muito forte com esta rua. Atualmente, a minha companheira diz que eu deixei meu umbigo enterrado aqui, pois eu não saio daqui, mas ela sabe porquê, sabe que todas as minhas amizades estão aqui. É um local onde todo mundo me conhece, o primeiro morador da primeira casa da José Bonifácio até a entrada da Barão de Igarapé Miri. Essa relação que eu construí sempre foi uma relação muito boa, de todos esses anos que se passaram. Assim, se foram moradores, outros chegaram e outros estão entrando. Mas, assim, eu nunca deixei de conviver aqui. Essa rua aqui, hoje em dia, é uma rua cultural onde tem uma escola de samba, um bloco carnavalesco, um boi, tinha uma capela, tem um terreiro de mina, ou seja, tem uma série de coisas envolvidas nessa jornada. Foi um local onde eu vivi muitos momentos bons, em que vivi a minha infância, que foi o melhor momento da minha vida. Aqui mesmo no Bole Bole foi um local em que eu vivi muitos momentos: jogávamos bola, pegávamos frutas das árvores, foi também um local em que eu comecei a me identificar como pessoa. Eu me lembro que na época da minha infância passaram pessoas que foram muito importantes para a minha formação como ser humano e como músico, o Mininéia que ensinou muita coisa boa pra gente. Depois veio o Nazareno (com o Projeto Frutos do Xequerê) com o Vetinho e outras pessoas se empenharam na reconstrução do Malhadinho. Isso foi um ponto importante porque a gente começou a conhecer a cultura (Carimbó, Boi-Bumbá, Pássaro Junino, etc) de um modo geral, até então a gente só conhecia o carnaval. Eu aprendi muito e nós começamos a ter uma visão ampla do que seria a cultura, também sobre a importância disso tudo, pois achávamos que o carnaval era a cultura mais importante. E depois disso a gente viu que não seria isso, que além do carnaval existem outras culturas que são importantes”. (Entrevista realizada com o mestre de bateria do Bole Bole - Fabrício Meireles, em 18/10/2016)

Por último destacamos a narrativa discursiva de dona Elsa, sobre as lembranças de seu tempo de infância, as mesmas, já foram evidenciadas e analisadas no primeiro capítulo. Neste segundo capítulo, vamos expor as lembranças que dona Elsa relatou sobre a Festividade de São Pedro e São Paulo na Passagem Pedreirinha e também algumas recordações que possui das ruas do Bairro do Guamá. Salientamos que até os dias atuais é dona Elsa com seus filhos (Branco e Roberto) e neto – Kleber Oliveira, que se empenham para dar continuidade em uma tradição de 61 anos:

“A Festividade não surgiu aqui em casa, foi com os vizinhos. Foi uma senhora conhecida como Maquitanda, já faleceu, ela tinha uma taberninha, seu nome era Raimunda dos Santos Conceição e ela era minha amiga. Aí começou (no ano de 1955) com os vizinhos que fez mingau (de milho), fez aluá (bebida fermentada feita de amendoim, milho ou macaxeira cozida), fez tacacá (sopa indígena muito tradicional na culinária paraense), tudo. Mas, tiveram algumas pessoas faladeiras que reclamaram muito porque não conseguiram comer nada. Eu sou do seguinte, se der pra mim comer eu como, se não der, né? Aí no outro ano (em 1956) ela fez de novo, e no terceiro ano (em 1957) ela não fez mais, disque não iria fazer. Aí eu pedi para o meu

marido não deixar a festa morrer, para continuarmos fazendo. Aí nós fizemos, mas com aparelhagem daquelas bem baratinhas, não era com aquelas aparelhagens grandes, famosas. Deu gente, gente, gente, que essa rua encheu. Foi dali que começou essa lotação de pessoal. Aí tiveram alguns vizinhos que ficaram preocupados da festa não acontecer: teve o meu compadre que fez dois anos, o marido da Lulu ( mãe Lulu) fez uma ano e esses daqui fizeram um ano só que eles praticamente tomaram a festa de mim. Eles fizeram o primeiro ano e no segundo ano que era 50 anos de São Pedro e São Paulo, a Festividade tem 61 anos aqui na Pedreirinha. Aí esse pessoal chamaram o Branco, pois queriam tomar conta da parte dos santos, ou seja, cresceram muito o olho. Só que eu tinha vontade de enfeitar a rua e fazer sozinha a festa, mas não deixaram eu fazer. Aí ficou uma outra pessoa que fez a festa durante dois anos. A decoração da festa era muito bonitinho, pois naquela época na (Rua) João de Deus (próximo a Avenida Bernardo Sayão, ainda era mata virgem de se perder - quem abriu aquilo ali foram os americanos), eles iam buscar açazeiro e madeira para fazer ripa, do açazeiro tiravam a folha para decorar e as ripas para montar o palanque. Um dia fazíamos a festa para os convidados e no outro era para os vizinhos aqui, a gente enchia a cara, brincava, dançava, viu? No outro ano eles fizeram, eu quis fazer, mas não fiz. Eles fizeram lá e convidaram o Branco, pediram para que eu ficasse com a parte da decoração dos santos, e eu acabei comprando aqueles fogos de vista, sabe? Não sei se tu chegou a ver ou te falaram que eu ainda cheguei a fazer? (Sim, eles me falaram. Que ele começava na José Bonifácio e vinha percorrendo toda a rua até chegar ao final da mesma na esquina da Barão de Mamoré) Era! Tinha o aviãozinho. Na primeira vez até eu me assustei que não pensei que o pessoal de lá de Vigia (cidade do interior do Pará) fosse fazer a queimação de fogos daqui de cima de casa. Olha, o pessoal ficaram, meu Deus! Aí depois o marido disse: - Eras, São Pedro te ajuda e não me ajuda, rrsr. Mas, eu vou dar agora os fogos da festa. Essa festa acontecia dois dias, no outro dia foi a noite todinha de muita chuva e sem luz. Aí ficou um rombo de dívidas, né? Aí o Branco convocou três reuniões, pra gente se reunir né?, conversar e ver se a gente chegava em um acordo, fazer assim uma rifa ou qualquer coisa, que nada, foi eu e o Branco que pagamos tudo. E quando foi no outro ano e eles pensavam que não iria ter nada, mas teve. Tem um senhor lá de Mosqueiro que ele é formado na Marinha e ele toca teclado, canta, aí eu contratei ele pra cá. Teve o casamento na roça, o show desse senhor, apresentações juninas, aí eles ficaram de boca aberta. Aí de lá pra cá todo mundo se aquietou, só que nós não fizemos mais festa grandona! Porque hoje em dia não dá mais, quando chegava em maio eu já não dormia, já pensando na festa. Mas, graças a Deus que nesses anos todinhos nunca teve morte aqui, graças a Deus! Porque 61 anos, que é a idade do meu filho Branco, não é 61 dias, né? Graças a Deus, mas eu ficava preocupada, orando para que tudo desse certo. Assim, como dava muita gente, o Branco contratava muita polícia aqui pra dar conta, né? O marido nem se incomodava de ficar alí na frente comigo, e naquela época ele vendia muita bebida. Hoje, a gente faz, mas é pouquinho". (Entrevista realizada com dona Elsa Soares , em 27/11/2016)

A análise das narrativas discursivas, expressam que suas memórias/lembranças, estão interconectadas com suas vivências, saberes e crenças, advindos do seu cotidiano na comunidade. Candau (2014) afirma que esse *habitus* (construído), depende em grande parte, da protomemória (das memórias de lembrança), no qual alega que Pierre Bourdieu descreveu de maneira coerente “essa experiência muda do mundo como indo além daquele que procura o sentido prático”, as aprendizagens primárias, no ponto de vista corporal, são como lembrantes,



ligações verbo-ação que fazem funcionar o corpo e linguagem como “depósitos de pensamentos diferenciados” [...] inclusos de maneira permanente, “maneira durável de se portar, falar, caminhar, e, para, além disso, sentir e pensar; saber herdado que jamais se separa do corpo que o carrega”. (CANDAUI, 2014, p.22)

Desde as atividades de campo para a produção da monografia da pesquisadora deste trabalho, realizadas no ano de 2012, assim como a atual atividade de coleta de dados, informações e entrevistas efetuadas nos anos de 2015 a 2017, para a produção desta dissertação. Nestes dois períodos de observação participante no lócus da pesquisa, foi identificado memórias e lembranças que continuam sendo comunicadas sobre a Passagem Pedreirinha. Mesmo os interlocutores não tendo nenhum registro material que comprove a existência da manifestação cultural que existiu na rua e/ou do evento que foi um grande marco realizado naquele lugar. Observamos nas narrativas discursivas referências a cerca da existência da Escola de Samba Madureira, do Boi-Bumbá Pingo de Prata, da Capelinha ( local de religião católica) e relatos sobre a visita de um Bispo de Roma – Michael Louis Fitzgerald ao Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, no ano de 2005. Porém, é válido informar que nas atividades de observação participante (2015 - 2017), a pesquisadora ouviu várias pessoas falarem sobre a Escola de Samba Madureira e sobre a visita do Bispo de Roma ao Terreiro (a primeira pessoa a informar foi seu amigo Rhaussely, dizendo sobre a verdadeira “confusão” e movimentação que teve a Pedreirinha naquele dia).

Sobre a existência do Boi-Bumbá Pingo de Prata, em entrevista Branco diz ter existido essa manifestação cultural na Pedreirinha, no seu tempo de infância e que fazia o personagem do doutor do boi (no capítulo 3 iremos caracterizar cada personagem existente nesta manifestação cultural). Mas, alega não possuir qualquer registro fotográfico ou reportagem de suas apresentações. Em entrevista, seu irmão Roberto, também faz referência a este boi-bumbá, denominando-o de Boi-Bumbá Bala de Prata, dizendo que ele existiu antes do Boi Malhadinho, não o atual Malhadinho da Pedreirinha (faz alusão a outro boi-bumbá, chamado Malhadinho, onde seu dono era o mestre Almerindo, ou seja, o Malhadinho existiu antes do atual Boi Malhadinho, no período da década de 80). O senhor Roberto, também diz não ter guardado nenhuma fotografia ou reportagem que registrem esta manifestação.

O contexto de existência da Escola Madureira na Passagem Pedreirinha, é bastante convergente aos relatos citados acima. No entanto, aqui entra em jogo a rivalidade entre duas escolas de samba de Belém. A pesquisadora relata que foi muito

comum escutar de alguns moradores da Pedreirinha, principalmente os que participam da Escola de Samba Bole Bole e do Bloco Mexe Mexe, que a primeira escola de samba de Belém foi a Madureira, localizada na Pedreirinha. Alegam que infelizmente não têm como comprovarem por meio de documentos, fotografias, reportagens, etc, que a Madureira é mais antiga que a Escola de Samba Rancho Não Posso Me Amofiná, localizada no Bairro do Jurunas, fundada no ano de 1934. Conforme relato de dona Elsa, que é uma das moradoras mais antigas da rua, a Escola de Samba Madureira existiu na Passagem Pedreirinha, sendo que a Dona da escola era a sua madrinha e que chegou a participar da manifestação. A pesquisadora comunicou para Dona Elsa que ouviu muitas pessoas falarem (nas atividades que participou na Pedreirinha) que a Madureira é mais antiga que o Rancho, mas ninguém tem documentação alguma que prove a data de surgimento e pergunta se a mesma lembrava do ano de nascimento desta na Pedreirinha. Dona Elsa não soube dizer o ano, mas disse que ainda era criança e naquele tempo ninguém se preocupava em guardar as coisas ( fotos, documentos). Só sabe dizer que a escola teve pouco anos de duração. O entrevistado Vético, menciona ser verdade o que os antigos dizem, que existiu a Escola de Samba Madureira na Pedreirinha e que esta é mais antiga que o Rancho, porém alega que não podem provar pois não possuem nenhum registro da mesma. Afirma, que se tivessem esse registro poderiam provar que o Guamá “sempre teve esse tipo de coisa”. Contudo, sustenta ser difícil encontrar algo, pois antes da década de 70, os desfiles das escolas de samba de Belém aconteciam nas ruas, só era necessário a escola ter uma sede. E o desfile do carnaval até a década de 70 se baseava na batalha de confetes, não existiam alegorias (carros alegóricos). Sendo o Império serrano, a primeira escola de samba que colocou carros alegóricos para desfilar, na década de 80, no carnaval do Rio de Janeiro. E certifica em entrevista que a única pessoa que poderia contribuir para sabermos mais sobre o surgimento da Madureira, era a dona Elsa que chegou a participar da manifestação cultural e é a moradora viva mais antiga da Pedreirinha.

“Antigamente as escolas até setenta e pouco, desfilavam na rua, nas batalhas de confetes e não existia alegorias. As batalhas de confetes terminou quando terminaram de construir a Doca de Souza Franco, e o desfile passou pra lá, mas antes tinha desfile em vários lugares: na Marajoara, em frente da Prefeitura de Belém, na Praça da República, na Condor (bairro de Belém). Aí as escolas iam desfilar, mas não tinha alegoria, tinham de ter apenas uma sede. Esse negócio de alegoria começou no Rio de Janeiro com as Super escolas de samba (S.A), quando o Império Serrano cantou em 82 e foi aquela crítica que foram até campeões, disseram que esconderam gente bamba e

no lugar das passistas e sambistas colocaram mulheres bonitas encima dos carros. Então, transformaram o carnaval para um visual bonito na televisão, com o intuito de se tornar produto de exportação. Então, isso acabou grandemente com o bamba. Sabemos que a Madureira desfilou nessa época pelas memórias de algumas pessoas que já faleceram, mas ninguém nunca foi pesquisar algum registro ou reportagens em jornais bem antigos que comprovassem que a Madureira é a mais antiga de Belém. A única pessoa que pode saber algo é a avó do Kleber, dona Elsa, que é a pessoa mais antiga que é viva daqui da Pedreirinha”. (Entrevista realizada com o compositor e carnavalesco Herivelto Martins - Vetinho, em 10/11/2016)

E sobre a visita do Bispo de Roma, Michael Fitzgerald, em entrevista com mãe Elô, a mesma conta que foi uma visita maravilhosa do representante do Papa no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”. O Bispo veio ao Brasil em missão de promover diálogo entre a Igreja Católica com as Religiões Não-Cristãs. No decorrer do ano de 2005 a 2006 visitou diversos países com o intuito de concretizar algo que já estava previsto na Nostra Aetate - a Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs, que foi solenemente votada e aprovada pelos Bispos do Concílio Vaticano II, em 28 de Outubro de 1965. Michael Fitzgerald, diz que o documento foi capaz de inspirar os membros da Igreja Católica em diferentes níveis para promover relações de respeito e diálogo com pessoas de outras religiões [...] e que continua sendo um sólido ponto de referência para estas relações (FITZGERALD, 2005, p. 18-19). Veio um intérprete da Basílica de Nazaré que ajudou na conversação do Bispo Michael com a comunidade afroreligiosa de Belém que estava presente. Mãe Elô disse que juntaram o povo afro, do candomblé, da mina, da umbanda, nagô, assim vieram representantes de todas as nações afro de Belém. Relata que participou muita gente no evento e que pediram para convidarem o pároco comunidade. A entrevistada afirma ter levado pessoalmente o panfleto na secretaria da igreja. E o padre da época falou a ela: - Que duvidava muito que viesse algum enviado de Roma, principalmente um arcebispo em casa de macumba”. Além de não ir ao evento o pároco “barrou as beatas da rua” de participarem do encontro com o bispo. Porém, entrevista mãe Elô diz que elas sempre participaram das festividades do barracão (terreiro), entravam para assistir o ritual, iam lá para o salão maior comer e beber. E nesse dia, afirma ter convidado muita gente da comunidade católica, não só o povo afro. Só que “as beatas da Passagem Pedreirinha não vieram” e depois disseram para mãe Elô que o padre havia proibido. Já no evento, disse que Dom Michael perguntou se tinham convidado o pároco da comunidade, mãe Elô declara que informou ao bispo que tinha deixado o convite, mas o pároco não apareceu e além disso “tinha proibido as beatas

da rua de participarem”. Logo que o tradutor falou pra ele, percebeu no semblante do bispo que o mesmo não havia gostado da atitude do padre. No evento, informa que o Bispo falou sobre as outras religiões que já tinha conhecido em Belém, e deixou por último os afro porque ele queria ter mais tempo para conversar, tinha dias que ele visitava três locais em um só dia e na visita no terreiro ele ficou a tarde toda (chegou por volta das 14:30 hs e saiu às 18:00 hs). E pra azar do padre da Igreja São Pedro e São Paulo, mãe Elô narra o momento que o bispo estava saindo e o padre passou de bicicleta, na frente do terreiro. Descrevendo que ele estava com aquele chapelão mexicano no qual cobria toda a sua cabeça para esconder o rosto, com uma calça enrolada até os joelhos e uma blusa branca. Sendo que, estava cheio de carros da Basílica de Nazaré, com aquelas bandeirinhas que eles colocam. Aí, mãe Elô discorre que quando viu o padre passando na bicicleta, disse: - Olha o padre Ederaldo! Esse aí que é o pároco da nossa comunidade. Tendo certeza que depois do acontecido ele foi afastado da igreja. Apesar disso, diz ter sido maravilhoso a vinda do Bispo de Roma ao Terreiro de Mina “Dois Irmãos, tanto para o povo de santo quanto para o Bispo Michael. Abaixo, destacamos as (Figuras 4 e 5) que registram um dos momentos do evento onde Mãe Lulu está fazendo uma oração conforme o ritual da Mina (Figura 4) que realizam abençoando as pessoas e pedindo paz a Oxalá. Na (Figura 5) está mãe Lulu com outros pais e mães de santo de outros terreiros se despedindo do bispo Michael, em frente ao terreiro.



**Figuras 4 e 5:** Visita do Bispo Michael Louis Fitzgerald no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”.  
Foto: Álbum de fotografias do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 2005.

Referindo-se sobre a existência da Capelinha na Passagem Pedreirinha, Kleber Oliveira descreve sobre a trajetória do grupo de orações que já existia na rua até a concretização do espaço católico no local, conta também sobre o seu percurso na igreja católica até tornar-se pároco da Capelinha. Do mesmo modo, narra sobre as manifestações sobrenaturais recebidas, alegando ser profecias em que o “Senhor” dizia que teriam um espaço na Pedreirinha, e por fim fala de como ocorreu a construção do local, das dificuldades e da projeção sociocultural que o espaço passou a ter no Bairro do Guamá.

“Na verdade de uma certa forma ela (a Capelinha) já existia na Pedreirinha, não o espaço, mas através da peregrinação de Nossa Senhora de Nazaré pela qual eu participava quando criança com a minha avó materna (dona Elsa), devido eu ser o único neto criado e quando ela ia para a peregrinação tinha de me levar por eu ser moleque. Então, eu fui aprendendo a rezar o terço, eu fui gostando e tal. Daí eu me afastei por um longo tempo, depois que a gente cresce a gente esquece a religião, né? E até que por acidente, um assalto que eu sofri no Projeto Xequerê e tal, aí Nossa Senhora se revelou pra mim no hospital e eu tive a cura. Chamei minha amiga Alaíde e falei pra ela, sendo que a mesma me levou na Igreja do Capuchinho para assistir uma missa, e daí eu comecei a ir pra missa todos os dias. Aí depois fui para a Festividade de Maria Goreth, sim, e aí acabei tendo aquela metanóia, aquela conversão. E aí com sete dias eu fui batizado no espírito santo, depois eu entrei para o Ministério de Intercessão, depois de pregação, depois fui para o Ministério de Cura, aí já fui ser Ministro da Arquidiocese de Belém através da renovação carismática católica. Depois eu já fazia as missões nas Ilhas com o Dom Arani e o Padre Jonas que é responsável pelas Ilhas, e daí foi surgindo toda essa história. Então, eu senti uma necessidade de orar pelos meus. Porque tu orar pelos outros é muito fácil, mas tu orar pela tua casa é difícil, né? Até porque todo mundo te conhece e você acaba sendo motivo de chacota, porque quando você se dedica a igreja você se torna uma pallhaço pelas pessoas saberem a tua história de vida, mas eu não deixei isso me abater. Aí começamos a reunir na casa da Irene uma vez por mês para fazermos oração. Depois nós passamos para o Bole Bole, nós fazíamos duas quintas - feiras do mês a oração de cura e libertação. E aquilo foi intensificando e os vizinhos começaram a participar sendo que a gente lotava aquele Bole Bole. E daí Deus foi usando muito mais a gente. Aí depois já não dava mais pra gente fazer no Bole Bole, pelo fato de que às vezes tinha festa e também aconteciam ensaios de quadrilha e tal, aí complicava a nossa oração. Aí passamos para a casa da dona Bebeu, lá na casa dela o senhor deu um Salmo pra gente em revelação, na profecia ele disse que nós teríamos o nosso espaço aqui na Pedreirinha, que a gente não iria mais andar de casa em casa. Ele deu o Salmo 126 e a gente estava com o Sagrado Coração de Jesus na mão, que a gente peregrinava aqui, e a gente passando alí aonde era o terreno da Capelinha, visualizamos o número na parede do local, era o número do Salmo que o senhor tinha dado a gente. Então, a gente ficou encantado. Mas, preocupados pois ali não tinha como fazer porque o terreno era muito baixo, muito baixo, sem metira nenhuma que a nível da rua, ele tinha quase três metros para baixo e era alagado mesmo. Aí eu conversei com a dona, mas ela ficou receiosa dizendo que não tinha condições. Aí eu disse que a gente reformava e ageitava o lugar. Resumindo, aí todo mundo orou e os vizinhos foram lá com ela. Aí ela disse que estava com medo de emprestar pra gente porque depois de reformado iríamos querer algo. Aí nós dissemos que não iríamos querer nada e nem cobrar nada do que fizéssemos de reforma. Aí, eu fiz coleta aqui na rua, compramos 16 carradas de aterro

trucada para colocar o terreno à nível da rua, aí o meu tio (Roberto Corrêa) e o Carlinhos reformaram aquilo tudo, lógico que foi com a ajuda dos moradores e principalmente com a ajuda da Lola - a irmã do Vetinho que entrou com uma parte financeira boa. E nós começamos a fazer rifa, promoções de jantar, e nós já tínhamos um público grande de senhoras e de jovens, e todo mundo se reuniu para fazer a Capela. E o engraçado quando a gente passava o jantar para adquirir o dinheiro, os evangélicos e o pessoal do barracão ( do Terreiro da mãe Lulu) , todos colaboravam. E foi aí que conseguimos fazer a Capelinha e como o espaço não era nosso depois de seis anos ela colocou à venda. E aí conversamos com o Padre Eberaldo, e foi a época em que o Dom Arani saiu de Belém, quer dizer que não pôde mais me ajudar. E aí a gente não conseguiu o dinheiro porque era um valor muito alto, aí ela vendeu pra esse pessoal da Igreja Evangélica Brasa Viva. Aí fomos e nos prostamos em oração diante do santíssimo e o Senhor falou: “Falei que aquela casa era minha então vai permanecer minha”. E aí nós demos Glória a Deus porque tornou-se igreja e continua igreja, independente de religião continua sendo a casa do Senhor. E me perguntavam? - Kleber tu vais tira tudo? Não, eu não vou tirar nada. Até porque eu não tenho como devolver uma telha, devolver uma pedra para cada vizinho que coletou. Como é igreja, é do Senhor, a gente construiu pra Ele e vai ficar prale. Aí a dona do terreno chegou comigo para comunicar a venda do mesmo e quando falou queria saber quanto era a nossa dívida, se eu não me engano estávamos devendo dois meses de luz e água, mas era uma quantia pouca. O importante foi que a gente conseguiu atingir o público alvo que queríamos, que eram as famílias. Aí eu já estava na Arquidiocese e a gente fechou com o IDHI ( Instituto de Desenvolvimento Humano e Integral) que foi fundado pelo Dom Zico e tinha parceria com o SENAI, e o SEBRAE. Então, começamos a trazer cursos profissionalizantes para a Capela, então ela ficava aberta o dia todo. E aí começou as oficinas de corte e costura, de panificação, quer dizer, e isso foi chamando pessoas fora da Pedreirinha, ou seja, a Capela começou a atingir o bairro. Dia de quarta-feira era fechado, pois (se configurava) dia só de intercessão, mas se tinha alguém que estava com problema de saúde, briga na família, essa pessoa podia vir e entrava na intercessão, os intercessores oravam por ela diante do Santíssimo, tinham as palavras de profecias e revelações e fazia um tratamento espiritual. Porque na verdade hoje, Juliana, o povo não é doente de doenças mesmo, não é isso, o povo tem carência de Deus [...] Hoje a família se destrói porque não tem Deus, você sempre vai ser uma pessoa humana, incompleta. Você pode ter uma boa família, uma boa educação, mas se você não tiver Deus, está quebrado, quer dizer, é a base.” (Entrevista realizada com o griô e carnavalesco, Kleber Oliveira, em 08/01/2017)

Destacamos abaixo duas (Figuras 6 e 7) da antiga Capelinha, na primeira (Figura 6) visualizamos a frente da igrejinha, já na segunda (Figura 7) mostramos o espaço de oração, que muita das vezes era cedido para outros eventos. Aqui registramos o I Ciclo de Capacitação com os Artistas de Cultura Popular dos Bairros Guamá e Terra Firme, realizado em pelo Programa Luamim – UFPA em parceria com o Ministério da Cultura, em 2011.



**Figuras 6 e 7:** Antiga Capelinha, localizada na Passagem Pedreirinha.  
Foto: Arquivo de fotografias (digital) do Programa Luamim, em 2011.

## **CAPÍTULO 3**

**(EU) “SOU UM PATRIMÔNIO DA PEDREIRINHA”:  
ATIVAÇÃO DE UM OLHAR MUSEOLÓGICO DA CULTURA POPULAR  
NA PASSAGEM PEDREIRINHA**



### **3. (EU) “SOU UM PATRIMÔNIO DA PEDREIRINHA”: ATIVAÇÃO DO OLHAR MUSEOLÓGICO DA CULTURA POPULAR EXISTENTE NESTE TERRITÓRIO**

No capítulo 3, nos tópicos (3.1) ao (3.6) trataremos sobre a reconstrução da origem de cada manifestação cultural (Boi Malhadinho, Escola de Samba Bole Bole, Bloco Carnavalesco Mexe Mexe, Grupo de Carimbó Caldo de Turu), manifestação afrorreligiosa (Terreiro de Mina “Dois Irmãos”) e da celebração católica (Festividade de São Pedro e São Paulo); no tópico (3.7) discorreremos sobre dois eventos, a celebração católica - Círio da Pedreirinha e o passeio à Praia do Caripi, que tornou-se tradição na rua. Além disso, no tópico (3.8) apresentaremos o mapa cultural da Passagem Pedreirinha, explicaremos como ocorreu a construção do mesmo, a participação dos entrevistados no seu construto. Filiado às concepções da sociomuseologia, observamos o território, seus complexos, observamos as pessoas por de trás dos objetos, percebendo este fenômeno em movimento. Logo, criamos possibilidades da rua tornar-se um objeto museológico, trabalhando encima do fenômeno, o qual percebe as relações que as pessoas travam com a rua, e assim, através da ativação do olhar patrimonial podemos transformar o lugar em museu, mas ele não é ainda, porém pode vir a ser.

Este capítulo foi construído a partir das narrativas discursivas de cada entrevistado que tratou sobre a origem de cada manifestação (cultural / afrorreligiosa / religiosa) ao qual estava representando, além da interpretação da pesquisadora, de documentos fornecidos por eles e identificados por meio da pesquisa documental. Também, destacamos eventos e atividades que são realizados na Passagem Pedreirinha e fora do lócus da pesquisa. Porém, para descrever a reconstrução da história de cada grupo, até os dias atuais, a pesquisadora inseriu suas impressões, interpretadas por meio das observações realizadas nas atividades de campo que participou na rua e em outros locais da cidade de Belém. Para isso, disponibiliza, abaixo, o percurso da pesquisa de campo, realizado através da etnografia (usando a técnica da observação participante) , bem como a coleta de nove histórias de vida.

**Percurso da Observação Participante realizada por meio das atividades proporcionada pelas manifestações culturais, religiosa e afrorreligiosas da Passagem Pedreirinh, bem como a coleta de nove histórias de vida**

<b>Data do evento</b>	<b>Identificação do Evento</b>
<b>25/08/2015</b>	- Reunião com as manifestações culturais da Passagem Pedreirinha para mostrar a proposta da pesquisa e saber do interesse em participarem da mesma.
<b>Mês 09 e início do mês 12/2015</b>	- Período em que esteve em Pelotas/RS cumprindo as disciplinas da grade curricular.
<b>30/12/2015</b>	- Retorno às atividades de campo. Primeira visita ao barracão (local alugado) da Escola de Samba Bole Bole. Localizado próx. à sede do Bole Bole. - Conversou com a Socorro e sua filha Juliana, na casa (suas irmãs residem neste local) onde é a “morada” do Boi Malhadinho.
<b>04/01/2016</b>	- Participação do I cortejo cultural do Bole Bole, nas ruas do Guamá.
<b>07/01/2016</b>	- Participação do II cortejo cultural do Bole Bole, nas ruas do Guamá.
<b>10/01/2016</b>	- Participação do III cortejo cultural do Bole Bole, nas ruas do Guamá.
<b>14/01/2016</b>	- Participação do IV cortejo cultural do Bole Bole, nas ruas do Guamá.
<b>16/01/2016</b>	- Participação do I cortejo cultural do Bloco Carnavalesco Mexe Mexe, nas ruas do Guamá.
<b>17/01/2016</b>	- Participação do cortejo cultural das escolas de samba do grupo especial do carnaval de Belém. Realizado na Av. Presidente Vargas até a Praça da Batista Campos, centro da cidade de Belém.
<b>23/01/2016</b>	- Participação do II cortejo cultural do Mexe Mexe, nas ruas do Guamá. - Ida ao barracão do Bole Bole.

<b>24/01/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação do IV cortejo cultural do Bole Bole, nas ruas do Guamá.</li> <li>- Assistiu a apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, na sede do Bole Bole.</li> </ul>
<b>28/01/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Ensaio técnico das escolas de samba do grupo especial para o desfile de carnaval, realizado no local do evento, na Aldeia Amazônica, no Bairro da Pedreira.</li> </ul>
<b>30/01/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação no carnaval das escolas de samba de Belém, por meio da Escola de Samba Bole Bole e do Bloco Carnavalesco Mexe Mexe. Desfilou na harmonia, pois teria livre acesso à todas as alas.</li> </ul>
<b>13/02/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esteve na apuração das escolas samba e blocos carnavalescos de Belém, na Aldeia Cabana. (Manhã)</li> <li>- Participou da festa promovida pelo Bole Bole, escola campeã no ano em que Belém completou 400 anos. Evento que ocorreu na sede da escola. (Noite)</li> </ul>
<b>14/02/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação no cortejo da vitória do Bole Bole, realizado nas ruas do Guamá e depois em evento na sua sede.</li> </ul>
<b>16/02/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação na comemoração do aniversário de 17 anos do Bloco Mexe Mexe.</li> </ul>
<b>No mês 03 até o início do mês 06/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Retornou a Pelotas/RS para realizar o exame de qualificação da pesquisa de mestrado.</li> </ul>
<b>12/06/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participou do Arraial do Pavulagem, na primeira semana acontece o encontro do Boi Malhadinho com o Boi Pavulagem. Ocorre o cortejo pela Av. Presidente Vargas até a Praça da República, no centro da cidade.</li> </ul>
<b>29/06/2016</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participou da Missa comunitária na Igreja de São Pedro e São Paulo (localizada no Guamá), que dona Elsa manda realizar todo o ano, no dia de São Pedro. (Manhã)</li> <li>- Participou da Festividade de São Pedro e São Paulo, realizada na Passagem Pedreirinha. (Noite)</li> </ul>

<b>06/07/2016</b>	- Depois da qualificação inseriu o Terreiro de Mina como objeto de pesquisa. Neste dia, participou da primeira sessão espiritual no terreiro, no salão. (quarta-feira)
<b>11/07/2016</b>	- Participação na sessão espiritual de descarrego, realizada no quintal do terreiro. (segunda-feira)
<b>07/08/2016</b>	- Participou da I Feijosamba do Mexe Mexe, realizada no quintal do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”.
<b>23/08/2016</b>	- Participação na Procissão de São Benedito. (Manhã) - Participação na Festividade de Toya Verequete (Noite)
<b>24/08/2016</b>	- Participação no Toque de Tambor para os Exus e Pomba Giras, a festividade ocorreu no quintal do terreiro. (Manhã) - Participação na Festa do Caboclo Juremeiro (Tarde)
<b>27/08/2016</b>	- Participação na Festividade da Cabocla Herondina
<b>28/08/2016</b>	- Participação no Passeio à Praia do Caripi – Barcarena
<b>31/08/2016</b>	- Entrevista realizada com Eloisa Ninfa da Costa Oliveira
<b>11/09/2016</b>	- Participação no evento de comemoração de dois anos de registro em que o carimbó é registrado como patrimônio cultural do Brasil. O Grupo de Carimbó Caldo de Turu foi convidado para se apresentar, o evento aconteceu no CENTUR.
<b>25/09/2016</b>	- Participação do Lançamento do samba-enredo do Bole Bole para o carnaval de Belém de 2017.
<b>27/09/2017</b>	- Participação na Comemoração de São Cosme e Damião, no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”. Houve distribuição de bombons para a comunidade.
<b>30/09/2016</b>	- Participou como convidada da Obrigação de Xangô, realizada para os filhos da casa, no Terreiro.

<b>06/10/2016</b>	- Participação no Círio da Pedreirinha.
<b>18/10/2016</b>	- Entrevista realizada com José Fabrício Oliveira Meireles.
<b>03/11/2016</b>	- Entrevista realizada com Aldrin Torres da Silva.
<b>10/11/2016</b>	- Entrevista realizada com Herivelto Martins e Silva.
<b>17/11/2016</b>	- Entrevista realizada com Laudemar Santos Corrêa.
<b>18/11/2016</b>	- Entrevista realizada com Heliana Socorro Soares Chagas.
<b>23/11/2016</b>	- Entrevista realizada com Roberto dos Santos Corrêa.
<b>27/11/2016</b>	- Entrevista realizada com Elsa Santos Corrêa.
<b>04/12/2016</b>	- Participação no Tambor de Santa Bárbara Soeiro, conhecida no culto afro como Yansã. E também é a festa da Cabocla Ritinha. Neste dia encerram as atividades no terreiro.
<b>08/12/2016</b>	- Participação no evento de Oferenda a Oxum e Yemanjá, realizado em Outeiro (uma das ilhas da região de Belém), na Praia do Amor.
<b>08/01/2017</b>	- Entrevista realizada com Kleber Oliveira
<b>13/01/2017</b>	- Participação no Tambor para Oxalá. Neste dia iniciam as atividades do terreiro.
<b>20/01/2017</b>	- Participação na Festividade de Rei Sebastião. Neste dia também é comemorado o aniversário da Cabocla Jarina e do Caboclo Carapirá, seus filhos adotados.
<b>19/03/2017</b>	- Pela parte da manhã teve a procissão para São José, mas a pesquisadora não participou.

	- Participação na Festividade de Dom José Reis Floriano, realizado no terreiro. (Noite)
<b>21/03/2017</b>	- Participação na Festividade do Caboclo Mineiro, evento conhecido como o bacalhau do mineiro, realizado no terreiro.
<b>14/04/2017</b>	- Participação no 1º dia do culto que realizam na semana santa. Neste dia teve a sessão de mesa branca, momento de intensas orações, de rituais de jejum e desjejum e de aconselhamentos a espíritos de desencarnados que se manifestavam. Neste dia o espírito de mãe Amelinha – conhecida como Mestrinha se manifesta (incorporada no corpo de mãe Lulu), abençoando a todos que estão participando do culto.

### 3.1. Terreiro de Mina “Dois Irmãos”: mãe Josina deixou um legado!

Para que haja uma melhor compreensão dos leitores desta dissertação, a pesquisadora explicará brevemente sobre a denominação de “sincretismo religioso” que é submetido a umbanda e a mina (duas religiões afrobrasileiras) no que diz respeito às crenças da religião católica. Muitos compreendem que o escravismo brasileiro foi uma “chaga social” que afetou tanto índios como negros. Para Afonso Soares (2002), os africanos e os sobreviventes pré-colombianos tiveram que, numa fração de tempo, encontrar estratégias de sobrevivência naquele novo modelo de vida “imposto”, e sobre a questão da religião contentaram-se em “assumir” uma exterioridade cristã que esconderá inicialmente, de modo consciente suas crenças milenares. Depois que começam a conviver com os ideais cristãos, “encontraram analogias, ao menos no nível dos significados”, entre suas crenças e aquelas portuguesas. Assim, começaram a venerar alguns santos católicos, que na realidade nada mais eram que representações de suas divindades e além disso “iniciam reinterpretação de inúmeras festas católicas” (SOARES, 2002, p. 46-47).

Exu é festejado no dia de São Bartolomeu; Xangô, no dia de São João; Ogum divide as comemorações com São Jorge; Omolu, com São Sebastião; os Ibejis (orixás da infância), na festa de Cosme e Damião; Oxalá brilha nos festejos do ano novo (na Bahia, na festa do Senhor do Bonfim); e Iansã, no dia de Santa Bárbara. Mas, as datas e as correspondências santo-orixá não são iguais para todas as regiões do Brasil. Xangô é São Jerônimo na Bahia, o Arcanjo São Miguel no Rio de Janeiro, e São João em Alagoas. Exu é o diabo na Bahia (talvez, por causa de seu caráter trickster), Santo Antônio no



Rio de Janeiro, São Pedro no Rio Grande do Sul (aqui entendido como porteiro e mensageiro dos deuses). (ibid., p. 49)

Soares (2002) fala de um processo sincrético, observado do ponto de vista do negro escravizado, que se aproxima muito daquilo que L. Maldonado chama, positivamente, de sincretização. Esse processo de significação realizado pelos escravos, que dava um novo significado para um mesmo ritual ou santo católico era realizado brilhantemente por eles para que continuassem professando a fé nos seus deuses e para que o significado herdado de seus antepassados não fosse perdido. Por isso que se assistirmos a um ritual afroreligioso na umbanda ou na mina iremos constatar que se mantém, apenas, alguns símbolos católicos. E a maior parte da presença católica, nesses lugares, se manifesta apenas pela veneração de alguns santos católicos que nada mais são que a representatividade de suas divindades africanas. Por exemplo, no Terreiro de Mina “Dois Irmãos” existem diversos santos católicos que é para eles a representação de suas divindade: São Benedito é o Vodunso (vodunso é a mesma denominação que orixá no Candomblé) Toya Verequete (linhagem do Vodunso Xangô); Santa Maria é a Vodunsa (vodunsa é a mesma denominação de yebá no Candomblé) Yemanjá; Santa Bárbara é a Vodunsa Yansã; São José é o Vodunso Dom José Rei Floriano (linhagem do Vodunso Xangô) ; Nossa Senhora da Conceição é a Vodunsa Oxum, etc. Segue abaixo, nas (Figuras 8 e 9) a imagem de dois santos, feitos de madeira, à esquerda é São Benedito e à direita é São José, esses foram trazidos por mãe Josina, do Maranhão, e atualmente encontram-se no altar dos santos, localizado no salão maior do terreiro “Dois Irmãos”.



**Figura 8 e 9:** Dois santos centenários, trazidos do Maranhão, por mãe Josina.  
Foto: Juliana Modesto, em 09/06/2017.

Partindo das observações realizadas no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em todos os rituais, não identificamos nenhum alinhamento vinculado à igreja católica. Mesmo mãe Lulu e sua filha - mãe Elô serem devotas de Nossa Senhora de Nazaré, há um grande divisor de águas, onde o culto da Mina de Vondum busca realizar os rituais conforme eram feitos pelos seus ancestrais. Concordamos com Soares (2002), compreendendo que esta prática foi tão incorporada no modo de vida da população escrava no Brasil, e deste modo algumas religiões afrobrasileiras não “conseguiram” desvencilhar a representatividade de alguns santos católicos atrelada ao culto de seus voduns (orixás) e exus.

Para descrevermos a reconstrução histórica do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, usaremos o Livro denominado: “Terreiro de Mina ‘Dois Irmãos’ :o antigo Terreiro de Santa Bárbara, escrito pelo senhor Edilson Oliveira, marido de mãe Lulu e pai de mãe Elô. Em entrevista, mãe Elô sustenta que o intuito de seu pai em escrever este livro, no ano de 1990, era que ele queria registrar a história do terreiro e assim manter “viva” a memória dos filhos e filhas de santos precursores do culto da Mina no Pará, os denominando de “bravos iniciadores”. Edilson Oliveira (1990) faz uma linda homenagem no início do livro aos bravos iniciadores e aos guias espirituais, que através de muita luta obtiveram reconhecimento e oficialização como culto afrobrasileiro pelas vias legais da Constituição Federal de 1988. Afirmando em sua frase final que: “O direito de culto é livre e sagrado”. Da mesma forma acrescentaremos a narrativa discursiva de mãe Elô e as observações da pesquisadora deste trabalho, a cerca da participação nas festividades e sessões espirituais no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, que acontecem até os dias atuais.

A história do culto da Mina no Brasil inicia através da vinda dos Mineiros “Fanti-ashantis”, que vieram da região do continente africano conhecida como Costa do Ouro, para serem escravizados em nosso país. Oliveira (1990) afirma que de acordo com pesquisadores, a região foi a que menos exportou escravos para o Brasil. Segundo arquivos municipais da cidade de Salvador, que discorre sobre a compra e venda de escravos mineiros, certifica apenas 117 registros. Já as negociações feitas a outros Estados brasileiros fica em destaque o Estado do Maranhão, “com maior predomínio da Nação Mina, que até os dias atuais cultivam as tradicionais e seculares casa de culto.” (OLIVEIRA, 1990, p.3-4)

Sobre a vinda da Mina para o Estado do Pará, este autor enfatiza que antes das casas de culto afros, o Estado já tinha há muitos anos a prática de suas “primitivas



raízes”, o curandeirismo e a pajelança, mas enfatiza que esses praticantes obtiveram interesse em conhecer os cultos e rituais da Mina e aos poucos foram aderindo e tornando-se praticantes do culto. Reintera que tal fato só veio a fortalecer as mãos de santo da época, que lutaram pela conquista de um espaço que tanto almejavam para o seu crescimento espiritual, como também, para o engrandecimento de suas entidades espirituais. E assim, foram instalando, “seus humildes terreiros, ou “Querebetans” – como chamam os Voduns, mas que na verdade eram denominados na época de “Tambor de Santa Bárbara”, para a prática de seus cultos. (ibid., p.4)

Com profundo conhecimento de suas raízes no culto africano “Mina”, mãe Josina, natural do Estado do Maranhão, instaura seu terreiro no Bairro do Guamá, “na antiga Rua da Pedreira, atual Passagem Pedreirinha, locada sob o número 282.” De acordo com pesquisas realizadas, o pai de mãe Elô relata em seu livro, que na época que mãe Josina fundou o terreiro, era muito jovem, mas obtinha um comportamento exemplar e uma pessoa muito querida por todos. Ela veio do Maranhão para Belém num pau de arara, com suas irmãs e outros conhecidos. Não há uma data certa, mas Mãe Elô diz que sua madrinha Zefa falava que foi bem antes de 1890. Eles desceram até onde vinha o pau de arara e seguiram até o Bairro de São Brás, e de lá aquele monte de famílias que vieram nos pau de arara todo mundo se separou, uns foram para o Bairro da Pedreira e outros foram para diversos lugares periféricos de Belém e mãe Josina com seus familiares vieram para o Bairro do Guamá.

Mãe Elô, informa que o terreiro ficava do outro lado da rua ( hoje fica localizado no lado esquerdo, no sentido de quem entra na Rua pela Barão de Mamoré), a sua frente ficava para a direção da atual Silva Castro, na época ainda não existia essa rua, que atualmente é paralela a Pedreirinha, não tinha nada, era um caminho que eles tinham aberto e foram abrindo caminho com terçado, chegaram nesse pedaço e fizeram ali. E quando foi chegando o progresso, começaram a abrir as primeiras ruas no Guamá. Então, quando vieram cortando pra abrir a Pedreirinha, a Rua iria passar no meio do terreiro, aí o prefeito conversou com mãe Josina e pediu pra afastar para o lado que é hoje ( para o lado esquerdo), e a mesma aceitou e perdeu o outro lado do terreno. Oliveira (1990), afirma que mãe Josina desempenhou sua missão até os 59 anos de idade, o que ocorreu até o ano de 1929, ano em que veio a falecer.

A entidade foi fundada no ano de 1890, é considerado o terreiro mais antigo da cidade de Belém, tombado como Patrimônio Histórico do Estado do Pará, em 12 de novembro de 2010, de acordo com a Lei Estadual nº 5.629, de 20.12.1990. Tem como

atual responsável, a mãe se santo Eloisa Ninfa da Costa Oliveira, mais conhecida como mãe Elô, porém sua mãe - a senhora Luiza Ninfa mais conhecida como mãe Lulu, ainda é viva, a mesma teve de se afastar das responsabilidades de gerência do terreiro por ocasião da doença de Alzheimer que a debilitou de realizar algumas atividades. Apesar disso, mãe Lulu ainda está a frente de todas as festividades da casa ( é ela que promove o culto – sempre recebendo o guia espiritual que está sendo celebrado) e quando está disposta também participa das sessões espirituais. Abaixo, na (Figura 10) destacamos mãe Lulu incorporada do Vodunso Don José Rei Floriano, que está no centro do salão, sentada, recebendo as felicitações dos convidados, como também abençoando a cada um deles. A festividade ocorre no dia 19 de março.



**Figura 10:** Festividade de Don José Rei Floriano, realizada no mês de março, no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”  
Foto: Juliana Modesto, em 19/03/2017.

Depois que mãe Josina faleceu, quem ficou responsável pelo terreiro foi Carmelina Amância Neto conhecida como mãe Amelinha, a mesma era genitora de mãe Lulu. Em entrevista, mãe Elô declara que sua avó - mãe Amelinha, já tinha sido escolhida desde que era criança para suceder mãe Josina. Narra que quando criança

sua avó teve um encontro com o guia espiritual Dom José Rei Floriano, no caminho do matagal, no Bairro do Guamá, quando mãe Amelinha foi deixar o almoço de seu pai, próximo ao leprosário, que era o lugar onde o mesmo trabalhava.

“Quando a vovó caiu aqui pela primeira vez , ela tinha sete anos de idade, assim se incorporou. Antes dela se incorporar, o pai dela trabalhava no leprosário, que é ali pra banda do Tucunduba, aonde fica a Universidade ( UFPA). Então, a vovó ia levar comida pra ele, seu almoço, a vovó ia embora com uma varinha aí por dentro. Naquela época não tinha maldade, né mana? Aí, ele ficava esperando lá perto aonde é agora a Rua Liberato, aí a vovó entregava a marmita e voltava. Aí, nesta volta a vovó encontrou com o meu padrinho Dom José Rei Floriano, mas assim, como se ele fosse de carne e osso, o mesmo com um cajado na mão, uma barbona, aquela roupona com um torçal aqui na cintura, aí ela disse: - Bença, vovô! E Ele: Deus te abençoe minha filha!. O mesmo colocou a mão em sua cabeça, e disse: Você está vindo de onde minha filha? Ela disse: - Eu fui levar comida para meu pai lá no leprosário. E ele falou: Então, vá. Vá direitinho que eu vou lhe acompanhar. E ela foi embora. A vovó disse que deu uns três ou quatro passos e olhou pra trás e o velho sumiu. E ficou o procurando no mato, mas não o viu mais. Aí ela veio simhora, chegou na casa dela e contou para a mãe dela. Aí a mãe dela disse: Mais quando Amélia. A vovó disse : Foi mamãe, eu tomei a bença dele e ele sumiu. Quando foi aqui no barracão que ela veio com a mãe dela olhar, que ela se incorporou aí, com sete anos, aí ele no corpo da mãe Josina, disse pra ela e pra mãe dela: -Você se lembra de mim minha filha? Aí ela disse: - Não Senhor, o Senhor já me conhece?. Ele disse: - Sim, você tinha ido levar comida para o seu pai, lá no trabalho dele, eu encontrei com você e você tomou minha benção. Aí ela disse: Eu não lhe disse mamãe, foi ele, o vovô que eu encontrei. Ele falou: Eu sou seu pai!. Aí, quando a mãe Josina morreu que entregou tudo isso pra ela ( elas eram uma família e todas as irmãs eram cegas, menos a mãe Josina), então eles chamavam de família de Santa Luzia, elas se intitulavam assim. Então, antes de mãe Josina morrer o Seu Toya Verequete veio em sua cabeça e disse que depois de seu falecimento a casa não iria parar, porque iria aparecer uma filha desesperada pedindo para fazer uma festa aqui. E que essa filha iria ser a dona da casa, aí a vovó apareceu aqui para fazer uma festa para Dom José, que o velho dali o seu Valeriano tinha acertado que iria emprestar a casa dele pra vovó fazer, aí quando chegou na hora ele disse que não daria mais pra emprestar sua casa. E aí, a vovó ficou desesperada e veio aqui com elas, já fazia pouco tempo da morte da mãe Josina. Aí a vovó falou com elas, e uma das filhas disseram: - Tu te lembras Benedita, que o pai Verequete falou a última vez que ele esteve na cabeça da Josina? Que vinha uma filha assim, nessas condições, chorando e desesperada. É ela que vai ser a dona da casa! Aí, elas ficaram morando no local e a vovó só fazendo os rituais. Elas foram morrendo e assim a casa ficou para a vovó. Entregaram o documento da casa, tudo pra vovó. Aí a vovó trocou de Terreiro de Santa Bárbara para Terreiro de Mina "Dois Irmãos" - Dois Irmãos porque a vovó é filha de Dom José e a mãe de santo dela era filha de Toya Verequete, aí ela juntou os dois. Não que eles sejam necessariamente irmãos, mas ela colocou esse nome”. (Entrevistada Eloisa Oiveira - mãe Elô responsável pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 31/08/2016)

Assim como mãe Josina, em entrevista, mãe Elô diz que sua avó – mãe Amelinha foi uma pessoa de grande fé e um grande ser humano que sempre buscou ajudar a todos que iam ao terreiro pedir sua ajuda espiritual. Mãe Elô foi criada por

mãe Amelinha, indo morar com sua mãe somente aos seus 16 anos de idade, porém sempre estava no terreiro para visitar sua avó. Mãe Elô era a pessoa que fazia companhia à sua avó, porém quando um de seus irmãos que já tinha constituído família passou a residir com sua esposa e filhos no terreiro, não foi mais necessário a mesma continuar morando no local. Mãe Elô relata que seu irmão era abatazeiro ( são os homens da casa que não incorporam, sua missão na Mina é realizar o corte dos bichos de pena para as obrigações e participar tocando tambor nas festividades e sessões) da casa, mas tocava apenas no Toque de Tambor do Seu Mineiro. Neste momento da entrevista, mãe Elô fala com muita tristeza que esse seu irmão, trabalhando à serviço da Celpa, sofreu um acidente de carro e faleceu. Relatou que foi um período muito difícil para todos, pois ele era muito querido.

Também, comentou sobre o espírito acolhedor que mãe Amelinha tinha, falando sobre um belga que morou por muitos anos com sua avó no terreiro; que o mesmo tinha grande amor e respeito por ela.

“Morava também, o Jacques de Vonjur que era da Bélgica, ele ainda é vivo, é pesquisador do Museu Emílio Goeldi, casou com a Conceição, uma baiana e morou por muitos anos com a vovó. Ele chegou da Bélgica, aí tu sabes como esse povo é andarilho, aí ele andando aqui e aculá, e um amigo conversando com ele falou sobre o barracão, e ele veio assistir, pediu permissão para fotografar, mau falava o nosso português, porque eles falam francês. Aí, ficou muito tarde e a vovó disse pra ele dormir no barracão, pois em época de festa muita gente fica pra dormir e aí depois foi no hotel onde ele estava, tomou banho, trocou roupa e voltou, já trouxe uma bagagemzinha. Passou alguns dias da festa aí, e a vovó disse: - Meu filho, você está aonde? Ah, no hotel. Aí, ela disse: Venha simhora pra cá, venha. Ele foi no hotel e trouxe suas coisas, pouca roupa e muito material de trabalho, muita câmera fotográfica, transparências, slides. Então, ele começou a divulgar a casa da vovó na universidade. E aí, ele começou a divulgar, foi pra Inglaterra, viajava muito, acho que até se aposentou. Mana, ele é imenso, tem fotos dele no barracão com a vovó, com o Caboclo Mineiro, com a Cabocla Herundina. Deus o livre, quando a vovó morreu esse homem só faltou morrer, ele a adorava, dizia que a vovó era a mãe dele, “minha mãe brasileira”, “mãe Amelinha”. E Deus o livre, ele tinha assim um respeito, uma consideração, um amor tão grande pela vovó que a gente ficava besta de ver. E aí, ele foi e divulgou fotos da vovó com ele, na Inglaterra tem um livro que fala de afroreligiosidade e tem as fotos da vovó. Um dia a pesquisadora Taíssa Taverna ou a pesquisadora Anaíza Vergolino (eu não lembro bem) que trouxe fotos desse livro, na xérox, essa parte do livro em que a vovó estava rodando incorporada do Caboclo Mineiro, com seu cabelos soltos. Então, ele fez muita divulgação da nossa casa pelo exterior, na França, Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, por todos esses cantos ele mostrava e fazia exposição das suas fotos, onde a maioria eram fotos do barracão. Quando a vovó ía dançar na federação ou em outro terreiro ele ía junto, ele fotografava, muita coisa assim. Ele esteve aqui em 2014, pois trouxe a sua filha para fazer prova na Escola Zacarias, veio com sua esposa Conceição, sei que ele mora no Bairro da Batista Campos, em Belém”. (Entrevistada Eloisa Oiveira - Mãe Elô responsável pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 31/08/2016)

Depois que mãe Amelinha adoeceu de esclerose, acabou se afastando das atividades do terreiro, vindo a falecer aos 82 anos de idade. Assim, sua filha mãe Lulu de Verequete assumiu as atividades do terreiro, porém mãe Amelinha já vinha preparando sua filha para assumir as responsabilidades do culto. Pois, antes de coordenar a casa, tinha de ser feita a preparação do seu orixá, para se tornar uma Yalorixá e assim poder tomar a frente dos rituais e cultos do terreiro. Assim, em julho de 1984, depois do recolhimento para cumprimento dos preceitos do santo, como manda os regulamentos do culto e rituais, mãe Lulu realiza a grande festa para a sua Yabá – “Oxum” no ritual da Nação Ketu (Candomblé).



**Figura 11:** Exposição fixada na parede, no salão maior, da fotografia de três gerações de mães de santo (expostas em quadros de vidro) que coordenaram o Terreiro de Mina “Dois Irmãos”. Do lado esquerdo para a direita, está a fotografia de Mãe Josina, no meio de Mãe Amelinha e ao lado de Mãe Lulu.

Foto: Juliana Modesto, em 06/07/2016.

Atualmente, é mãe Elô quem está a frente de todas as responsabilidades do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”. Em entrevista, a pesquisadora perguntou a mesma quando tinha realizado o seu preceito, para poder assim assumir as responsabilidades da casa. E a mesma disse que era abicu, uma pessoa que nasce feita no santo. Relatou que sua avó sempre dizia a ela, que a mesma já era feita no santo, mas mãe Elô não compreendia muito pois naquela época não incorporava ainda. Explica que o fundamento da Mina deles é totalmente diferente de outros cultos, na Mina de Vodum, Vodunso faz Vodunso. Diz que o episódio aconteceu quando sua mãe – mãe Lulu, viajou para o Rio de Janeiro com mãe Amelinha para a realização de uma obrigação. Como mãe Lulu estava grávida de 7 meses de mãe Elô, ela teve a permissão de ser

feita na barriga de sua mãe. Aí quando mãe Lulu a suspendeu como Equedi (aquela pessoa que não incorpora, só serve ao seu santo) sua, porém disse nunca ter vontade de realizar a confirmação. E depois de um período, o Vodunso Don José Rei Floriano veio e disse para mãe Elô, que ele tinha à feito na barriga de sua mãe e era ele que iria à consagrar como filha de santo.

“Eu comecei a incorporar devem ter dois anos e uns meses. [...] A vovó fez a mamãe aqui nesse terreiro, e quando a mamãe estava grávida de mim a vovó foi fazer uma obrigação pra ela lá no Rio de Janeiro (acho que já faziam sete anos que a mamãe incorporava no barracão), na Praia de Copacabana, no dia 31 de Dezembro de 1964 e a mamãe estava com uma barrigão de mim com sete meses e fazendo sua obrigação de sete anos. E a vovó sempre dizia pra mim, minha filha tu és abicu, depois eu vim descobrir com ela mesma, que abicu era aquele filho que já nasce feito no santo, que não precisava de feitura, pois eu já tinha sido feita dentro da barriga da minha mãe. Mas, eu nunca havia incorporado. Aí, eu perguntava pra ela: - Vovó, como eu sou feita se eu nunca me incorporei? Ela dizia: - Minha filha, mas pra tudo tem seu dia e sua hora. Como a mamãe fez o santo no Candomblé a Oxum da mamãe me suspendeu como Equedi dela. Mas, como é que tu vais saber se tu incorporas ou não quando tu és suspensa para Equedi? Quando tu vais te confirmar, tipo: tu vais fazer o teu santo, não pra te incorporar, mas pra ti servir ao teu Orixá. No caso eu iria fazer meu santo no candomblé pra eu ser Equedi da Oxum da mamãe, pra servir a Oxum dela. Mas, nunca deu certo e também nunca me deu vontade. Porque quando você é de incorporação que você é suspensa como Equedi e você vai pagar a sua obrigação (vai fazer o seu santo). Quando chega lá a hora em que cantam para o seu santo, que cortam para o seu santo, você incorpora se for de incorporação, então naquele momento que você incorporou você já vai se recolher para fazer o santo, para ser mãe de santo. Então, eu nunca tive vontade de me confirmar como Equedi, eu fiquei suspensa mas nunca fui confirmar. E aí, quando foi um dia o meu padrinho (Dom José Reis Floriano) disse que ele tinha me feito no ventre de minha mãe e quem iria me consagrar fora do ventre de minha mãe era ele. E assim, foi feito, ele que fez a minha obrigação, ele que colocou as minhas coisas na minha cabeça, porque a nossa Mina é a Mina de Vodum (uma Mina onde Vodunso faz Vodunso), não é só eu Eloisa (mãe de santo) que posso fazer o santo do meu filho, como o meu Vodunso Xangô, a minha Vodunsa Oxum, ela pode fazer o santo do meu filho na minha cabeça. Então, foi ele que fez meu santo, eu já tenho quase três anos de santo feito, e aí com três anos eu já posso fazer os meus filhos”. (Entrevistada Eloisa Oiveira - Mãe Elô responsável pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, em 31/08/2016)

Desde agosto de 2016 até março de 2017, a pesquisadora realizou atividades de observação participante nas festividades do terreiro e nas sessões espirituais. Foram momentos vivenciados, e únicos, para o aprendizado de um cientista social, que teve a oportunidade de conhecer um universo totalmente diferente do seu e acabou adquirindo grande respeito e admiração pelo culto da Mina de Vodun, como também, pela pessoas de mãe Lulu e mãe Elô. Relata que teve a oportunidade de participar de cultos que eram permitidos somente para filhos da casa, como a

obrigação para Xangô e a sessão da mesa branca realizada na semana de Páscoa. Ter a permissão de participar de todo o ritual e além disso ainda poder comer da obrigação dos santos, é uma dádiva espiritual que não tem explicação humana que se descreva.

Sobre as Festividades realizadas aos Vodunsos e Vodunsas e aos caboclos, presenciou momentos únicos: de muita alegria, de grandes apredizados espirituais com os Vodunsos (as) e com os caboclos, de muita fé em seus guias espirituais, como também de muito empenho para realizar uma festa farta, bela e com muita música entoada para os guias espirituais, com muita musicalidade advinda do toque dos tambores. Informa que a única festa que não participou foi o Tambor das Flores, onde tocam para a Vodunsa Yemanjá, realizado em 31 de maio.

A pesquisadora alega ser o momento mais marcante que vivenciou, foi a oferenda realizada para Oxum e Yemanjá, na Praia do Amor, em Outeiro (uma das ilhas de Belém), que ocorre no dia de Nossa Senhora da Conceição, em 08 de dezembro. Neste dia, os filhos da casa e as mães de santo fazem suas oferendas para as Vodunsas, como forma de agradecimento a todas as bençãos concedidas, como também é a forma simbólica que há em reverenciá-las, já que Oxum é considerada a deusa das águas doces e da riqueza e Yemanjá a deusa das águas salgadas e do amor. É realizado duas obrigações, uma para Yemanjá e outra para Oxum. Nas cores de Oxum, que é amarelo e branco e nas de Yemanjá que é azul e branco. Para Oxum é servido camarão seco, feijão cozido e ovo cozido. Já para Yemanjá se serve um peixe inteiro, a sardinha, com arroz branco e ovo cozido. Eles levam velas nas cores das vodunsas, um banho atrativo que é feito com os preceitos da casa e champanhe para brindar no mar quando as obrigações então sendo colocadas na água. Foi alugado um ônibus que levou os filhos da casa até a praia, no caminho vão cantando para os/as Vodunsos (as) e caboclos com a ajuda dos dois tambores que são tocados pelos abatezeiros da casa. Logo que se chega no local, as obrigações são colocadas dentro de um círculo, feito com as velas que foram acendidas na areia. Começam a cantar para os Voduns da casa, e depois para os caboclos que começam a incorporar-se no corpo de seus filhos de santo, alguns deram aconselhamentos e já outros só vieram contemplar a festa. Antes das 12:00 hs, mãe Elô pede para as pessoas que trouxeram seus pedidos e presentes para as Vodunsas colocarem na obrigação e logo depois eles caminham para levar as obrigações para o mar. Momento este em que Yemanjá incorporou na beira da praia



no corpo de uma filha de santo da casa e Oxum incorporou no corpo de mãe Elô, dentro da água. Assim, os filhos de santo começam a estourar as garrafas de champanhe, jogando-as no barco em que estava levando as obrigações, nos filhos de santo e nas pessoas que estavam apreciando a entrega da oferenda ao mar. Também, alguns ibejis (espíritos de criança) incorporaram nos seus filhos de santos, dizem que quando os ibejis incorporam, é porque eles vem trazendo bençãos, já que são espíritos puros. E quando a obrigação já tinha sido oferecida ao mar, mãe Elô já estava no seu normal na beira da praia, jogando o banho atrativo nas pessoas que saíam da água, orando para Oxalá abrir seus caminhos , trazendo-lhes paz e saúde em suas vidas. Nas (figuras 12, 13, 14 e 15) descrevemos por meio da narrativa visual os acontecimentos descritos acima.



**Figura 12:** Oferendas que serão entregues para Yemanjá e Oxum. Ao redor, estão várias garrafas de champanhe que serão abertas no mar para brindar a entrega da oferenda; como também várias velas acesas e a defumação para energizar a oferenda antes de seguir para o mar.

Foto: Juliana Modesto, em 08/12/2016.





**Figuras 13 e 14:** Momento em que as oferendas são levadas ao mar. Na figura 13, o senhor Inaldo, um dos abatazeiros do terreiro está levando a oferenda para Yemanjá. E na figura 14, a Mãe Elô, levando a oferenda para Oxum.

Foto: Juliana Modesto, em 08/12/2016.



**Figura 15:** Momento em que as oferendas já foram entregues, as pessoas estão saindo do mar, para tomarem o banho atrativo com Mãe Elô (objetivo é trazer um ano novo, cheio de realizações e coisas boas).

Foto: Juliana Modesto, em 08/12/2016.

No decorrer do ano ocorrem várias festividades e sessões espirituais, realizadas pelo Terreiro de Mina “Dois Irmãos:

- Janeiro – (13/01) Tambor de Oxalá e início das atividades do terreiro. Início das sessões espirituais, nas segundas-feiras ocorrem as sessões de descarrego no quintal e nas quintas-feiras as sessões ocorrem no salão maior.

- Fevereiro - não tem atividade, somente as sessões espirituais nos dias de segunda e quarta;

- Março – (19/03) Procissão de São José, de manhã e Festividade de Dom José Rei Floriano, de noite. Em (21/03) ocorre a Festividade do Caboclo Mineiro.

- Abril – Ocorrem 3 dias de culto, em respeito à Semana Santa. Na sexta-feira santa, acontece a sessão da mesa branca.

- Maio – (31/05) Festividade do Tambor das Flores, realizada para Yemanjá.

- Junho e Julho - não há atividades, somente as sessões espirituais;

- Agosto – (23/08) Procissão de São Benedito, de manhã e Festividade de Toya Verequete, de noite. No dia (24/08) é realizado o Toque de Tambor para os Exus e Pomba Giras (Manhã) e de tarde ocorre a festa para o Caboclo Juremeiro. Já no dia (27/08) é a Festividade da Cabocla Herondina.

- Setembro – Em (27/09) acontece a entrega de doces para as crianças no dia de São Cosme e Damião. Também os lbejis da casa aparecem para brincar e comer seus bombons. E no dia (30/09) ocorre a obrigação para Xangô.

- Outubro – não há festividades, somente as sessões.

- Novembro - também não há festividades, somente as sessões.

- Dezembro – (04/12) Festividade para Maria Bárbara Soeiro, Yansã, e também a Cabocla Ritinha faz aniversário. Neste dia ocorre o encerramento de todas as atividades no terreiro. Em (08/12) acontece a Oferenda para Yemanjá e Oxum, na praia.

Durante o ano, nos dias de segundas-feiras ocorre o descarrego no quintal, com o toque dos tambores para os guias espirituais, as defumações e pólvora para o descarrego das pessoas que participam do ritual. Nas quartas-feiras tem as sessões que ocorrem no salão maior, que é para desenvolver os filhos de santo, ocasiões que mãe Lulu canta para eles aprenderem, as entidades vêm, realizam as consultas e dão orientações espirituais. Se a sessão ocorreu na semana no dia de segunda-feira, na outra semana é no dia de quarta-feira, sendo assim as sessões ocorrem apenas um dia na semana. Qualquer pessoa pode participar, mas devem evitar vir para o terreiro com roupa de cor preta e/ou menstruada.

### 3.2 Dona Elsa e sua fé em São Pedro e São Paulo

A Festividade de São Pedro e São Paulo acontece na Passagem Pedreirinha há 62 anos, foi criada no ano de 1955 pela amiga e vizinha de Dona Elsa, senhora Raimunda dos Santos da Conceição. Depois de um período sua amiga mudou-se da Pedreirinha e dona Elsa com sua família passaram a responsabilizar-se pelo evento. Atualmente, dona Elsa e seu filho Branco são quem coordenam a festa. Seu filho Roberto, a ajuda no preparo do Aluá e na estrutura física da mesma. E seu neto Kleber, trabalha na decoração dos santos e na organização do casamento na roça.

Em entrevista, dona Elsa sustenta que as festas realizadas nos dias de hoje não são como antigamente, pois antes aconteciam nos dias 28 e 29 de junho. Mas, afirma nem querer mais, pois tinha muito trabalho em realizar a festividade nos dois dias. Abaixo, descreve o que ocorre atualmente.

“Tem o casamento na roça; tem as brincadeiras de criança ( quebra pote, cabo de guerra, corrida do saco, pegar a moeda na vasilha com trigo, pescaria) esse ano foram levar alí pra frente da casa da Cristina; tem as quadrilhas que vem se apresentar; tem o boi-bumbá; esse ano teve um show no final, com o ex-vocalista da banda Sayonara, tu estavas aqui até o final? (Sim, estava! Deu muita gente!) Aí, a gente sempre teve sorte, a gente vai chamando e as pessoas vem participar”. (Entrevista realizada com Dona Elsa Soares , em 27/11/2016)

A pesquisadora deste trabalho participou no ano de 2016, da Festividade de São Pedro e São Paulo no lócus de pesquisa, como também pela parte da manhã foi à missa que dona Elsa realiza para os santos supracitados na Igreja de São Pedro e São Paulo, localizada no Bairro do Guamá.

Neste ano, a festa começou com as brincadeiras realizadas em frente a casa da Cristina, teve brincadeira de quebra-pote e cabo de guerra, mas quando chegou ao local, a pesquisadora não conseguiu visualizar as brincadeiras, pois já haviam encerrado. Por volta das 19:30hs da noite foi para a residência do pai da Kátia, localizada na Av. José Bonifácio, pois o Casamento na Roça sai de lá em cortejo, até chegar na Pedreirinha. Descreve que, o incrível é que alugam duas carroça que seguem em cortejo com os personagens da trama junina: o noivo e a noiva, o padre, os pais da noiva e do noivo, a amante do noivo, outros familiares e amigos do casal. No percurso tem uma bandinha de fanfarra que vai tocando, e o senhor Roberto (filho

de dona Elsa) fica responsável pelo estouro dos foguetes, anunciando que o casamento na roça está chegando (Figura 16).



**Figura 16:** Casamento na Roça, em cortejo pela Av. José Bonifácio, rumo a Passagem Pedreirinha. Nesta carroça está o personagem da noiva, o noivo e a amante do noivo.

Foto: Juliana Modesto, em 29/06/2016.

A pesquisadora diz ser contagiante presenciar o carinho e cuidado na organização da festa, como também a receptividade de dona Elsa com todas as pessoas que adentram à sua residência, para reverenciar os santos celebrados, para tomar o aluá, comer o seu delicioso caruru e mingau de milho. Abaixo, destacamos na (Figura 17) dona Elsa com os santos, São Pedro e São Paulo, que lhes foram apresentados por seu filho Leonardo.



**Figura 17:** Dona Elsa, com os santos São Pedro e São Paulo, em sua residência, na festividade dos mesmos, no ano de 2016.  
Foto: Juliana Modesto, em 29/06/ 2016.

Antes de descrevermos como dona Elsa realiza o preparo do aluá, é importante conhecermos sobre sua origem:

O aluá é uma bebida fermentada, de abacaxi, ou de milho, adoçado com rapadura ou açúcar mascavo. Considerada, por muitos, como a primeira bebida refrigerante brasileira, o aluá, tal qual conhecemos hoje, é o resultado dessa mistura cultural entre o que bebiam os portugueses colonizadores, os negros escravos e os nossos índios. O aluá feito em Portugal era uma bebida adicionada da bagaceira, que é a cachaça feita de uva e que muita gente conhece como garapa. Quando aqui aportaram, os portugueses conheceram uma bebida parecida feita pelos índios; essa bebida feita de abacaxi tinha um teor alcoólico mais baixo, porque os índios usavam o abacaxi fermentado, que gerava uma pequena graduação alcoólica. As "garapas" negras eram fabricadas da mesma maneira que o aluá, ou seja, pelo mesmo processo de fermentação e misturas. Conta-se que os negros escravos no Nordeste do Brasil fabricavam o aluá sempre que era anunciada uma festa. [...] Sobre a etimologia da palavra, variam as opiniões, se vem do africano, do asiático ou do tupi. Alguns pesquisadores afirmam que a grafia correta é aloá que é derivado do vocábulo luá - água, na língua dos negros aussás, da Costa da Mina. Outros acham que vem do tupi e seria uma corruptela de aruá, coisa agradável, gostosa, apreciável. O que não resta dúvida é que os nossos índios, já usavam uma bebida fermentada e espumante, a que dá o nome de aloá, preparada em grandes talhas de barro. O aluá ou aroá era a bebida comum das classes mais pobres, nas primeiras décadas dos anos de 1800. Era tida como "bebida inocente" - uma infusão de abacaxi ou cereais, com açúcar moreno ou rapadura aos pedacinhos. O de milho era também muito procurado, mas era o de arroz o preferido dos negros. França Junior, cronista da época, escrevendo em novembro de 1881, dizia: "O pote de aluá saía para o meio da rua, e o povo refrescava-se ao ar livre, a vintém por cachaça".



Em 1897, Eloy de Souza reafirmava: "o aluá é bebida muito comum no Rio de Janeiro de então. Vendiam-no em pequenos potes de barro, muito limpos, à cabeça das negras velhas." Mas, a popularidade do aluá não se limitou às ruas e festinhas populares. Durante o primeiro Império brasileiro, ganhou status e virou mania tomar aluá na Corte de D. Pedro I. E ainda França Junior quem afirma: "No primeiro reinado o refresco em voga foi o aluá". Essa popularidade sucumbiu já na República Velha, quando começou a surgir ponches e outros gelados mais modernos.<sup>18</sup>

Em entrevista, a pesquisadora perguntou a dona Elsa, como fazia a preparação do aluá e com quem aprendeu? Disse que começou a fazer no segundo ano da festa e que naquela época era comum fazerem aluá para os festejos juninos.

"Eu aprendi a fazer aluá perguntando para os outros e fui fazendo sozinha. A gente usava o pote ou então o barril, né? Fazíamos naquele barril grande, de vinho. (A senhora pode dizer como se prepara o aluá?) Leva milho de canjiquinha, leva gengibre, cravinho da índia, erva-doce, o açúcar queimado e pão torrado. ( Como é que a senhora faz o preparo?) Torra o milho, aí ele bem torrado joga no barril ou pote. Aí se tiver tudo coloca logo dentro do barril, gengibre, erva-doce, cravinho da índia, açúcar torrado, e depois o pão torrado, e coloca para fermentar, acaba de adoçar se não estiver bom. Também se faz de macaxeira, com a macaxeira cozida colocamos ela com todos esses preparos. ( E qual dá mais trabalho?) É o aluá de milho, pois o milho se torra e fica alí na beira do fogo e a macaxeira se cozinha sem sal e depois coloca dentro do barril e faz a mesma coisa. Quando está perto já de fazer eu já vou atrás da gengibre da nossa (se refere ao gengibre da nossa Região - Norte) que é pequena, não é essa grande que se vende por aí, vou antes no Ver-o-Peso, encomendar do seu Levi que vende. (E quanto tempo ele fica fervendo?) Uns sete dias, depois ele azeda um pouco, aí a gente coa e adoça. Tu sabes que ele dura uns dois anos, e quanto mais tempo ele passa mais gostoso ele fica? (A senhora me falou no dia da festividade que já estava com dificuldades de fazer o aluá, pois a senhora não estava bem de saúde, foi até o Roberto que lhe ajudou. Mas, que tinha de ter o aluá, pois se não tivesse o aluá não haveria sentido em ter a festa. Por que?) Porque não existe quase ninguém mais que faça aluá, você não ver falar mais de aluá e tem outros que fazem e não dá certo. Porque é preciso ter muito cuidado para não queimar, e também fazer só com pão torrado. Hoje, é muito difícil trabalhar com esse açúcar normal, antes vendiam açúcar moreno, mas hoje os poucos lugares que vendem é muito caro, você já pensou, temos de comprar 30 kg de açúcar?" (Entrevista realizada com Dona Elsa Soares , em 27/11/2016).

Percebemos que apesar de todas as dificuldades, principalmente financeiras, que dona Elsa encontra para realizar a Festividade, a mesma possui uma fé tão inabalável em São Pedro e São Paulo, que as coisas acabam sendo providenciadas e sua festa acaba sendo um sucesso. Além da apresentação do casamento na roça,

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://papjerimum.blogspot.com.br/2013/06/aluá-primeira-bebida-refrigerante.html>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

no ano de 2016, teve a apresentação do Boi-Bumbá Travesso, cujo o amo do boi é o senhor João, muito conhecido como João do Boi; também houve apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu; e quem encerrou a festa foi o ex-vocalista a Banda Sayonara (essa banda fez muito sucesso e emplacou muitas músicas que tornaram-se clássicos da música paraense).

Logo abaixo, a (Figura 18) mostra os músicos do Caldo de Turu, estão encima do palanque montado na Pedreirinha para a realização dos shows. Todos caracterizados com a camisa d grupo que carrega simbologias referentes à cultura paraense referendadas pelos desenhos marajoaras e pela bandeira do Pará; o chapéu de palha (típico do uso do caboclo amazônico); e os instrumentos regionais usados para o toque do Carimbó, maracá, matraca, banjo, flauta transversal e o curimbó. Já a (Figura 19), representa os dançarinos apresentando-se junto á plateia, expressando que o carimbó é uma dança de sedução, de alegria, mas também que conta sobre a vida do homem amazônico e sua forte relação com os rios, no que diz respeito ao rio ser o local onde o pescador tira o seu sustento; ser também o local em que as mulheres vão para lavar as roupas; em que as crianças brincam; local também de higiene pessoal, etc. Vale ressaltar que nos interiores do Estado do Pará esta relação com o rio ainda é muito preponderante.



**Figura 18 e 19:** Apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, na Festividade de São Pedro e São Paulo, em frente à casa de dona Elsa, na Passagem Pedreirinha. Foto: Juliana Modesto, em 29/06/ 2016.

Pouco antes de finalizar a entrevista, a pesquisadora interpelou Dona Elsa sobre o sentido que a Festividade tinha em sua vida. A mesma disse que recebeu muitas graças de São Pedro e São Paulo. Obteve a cura depois de uma operação, como também alcançou a graça de um emprego, vindo a trabalhar 25 anos em um Escola Estadual do Pará, como funcionária pública, que só saiu de lá quando se aposentou. Ou seja, todo esse empenho que dona Elsa realiza, todos os anos, para a realização da festividade dos santos é demonstrado como forma de imensa gratidão e fé nos seus padroeiros.

3.3. “A nossa visão no Bole Bole é dar oportunidade para as pessoas [...] e o nosso resultado é a felicidade”

A história do Bole-Bole inicia quando Herivelto Martins (Vetinho), Charles Brown e outros amigos fundaram a Escola de Samba Arco-Íris, com apoio de um grande político e quando este tornou-se presidente levou o Arco-Íris para ser uma grande escola. O objetivo de Vetinho e seus amigos era criar uma Escola de Samba no Guamá, para que o bairro pudesse ser representado na Avenida do Samba. Com apoio deste político, realizaram esse sonho. Ve Vetinho, em entrevista, narra que vivenciou nos anos em que esteve no Arco-íris, momentos de muito aprendizado com os grandes mestres do carnaval do Rio De Janeiro, pois o presidente desta escola de samba contratava carnavalescos de renome para lhes dar auxílio. Declara que tiveram contato com o Joãozinho 30 e com o Laíla ( os dois eram da Escola de Samba Beija - Flor) a partir de junho de 1982, ou seja, desde a fundação do Arco Íris.

“Então, Joãozinho 30 me deu dicas na letra do samba, ele gostou do meu jeito de compor, segundo ele eu tinha uma capacidade de sintetizar. Eles faziam aqueles sambas imensos e em poucas palavras eu dizia o que eles queriam dizer e os meus sambas sempre foram pequenos. Ele me dizia: “Coloca palavras-chave”. (Entrevista realizada com o compositor e carnavalesco Herivelto Martins - Vetinho, em 10/11/2016)

O Bole Bole surgiu através de um desentendimento de Vetinho e seus amigos com o presidente da Escola Arco-Íris, no ano de 1984. Em entrevista, o mesmo declara que foi totalmente deturpado o objetivo da escola, onde começaram a inserir interesses político partidário. Assim, Vetinho sai do Arco-Íris em 1985, mas cria junto com seus amigos o Bloco Carnavalesco Bole Bole, no dia 02 de fevereiro de 1994. A sede atual do Bole Bole fica praticamente, no meio, da Passagem Pedreirinha. Ao



lado aonde ainda mora o seu Ari, a pessoa que era dona do terreno do Bole Bole. O carnavalesco narra que seu Ari vendeu o terreno para um português, responsável por ter grilado todas as terras da Silva Castro com a José Bonifácio. Como o terreno ficou abandonado, eles tinham uma amiga que conhecia o tal português, e assim, a mesma pediu para que ele emprestasse o espaço para o Bloco Bole Bole realizar as suas atividades. Assim, ele realizou o empréstimo, e depois de um período Vetinho diz ter feito negócio com o mesmo, comprando o terreno.



**Figura 20:** Frente da sede da Escola de Samba Bole Bole, localizada na Passagem Pedreirinha, no bairro do Guamá.  
Foto: Juliana Modesto, em 17/11/2012.

Em 1995, O Bole Bole passou a ser escola de samba e, nesses últimos anos, faz parte do grupo especial do Carnaval de Belém. No ano de 2016, em comemoração aos 400 anos da Cidade de Belém, a escola foi a grande campeã. Com um tema ousado, a mesma entrou na avenida do samba com o enredo: Belém 400 anos – a festa no Guamá já começou. Enquanto todas as outras escolas estavam falando das belezas da cidade, o Bole Bole estava preparando a festa da cidade, estando como realizadores da comemoração a cultura popular da cidade de Belém. Outra questão, foram os preparativos, feitos em cima da hora. Já que, as escolas de samba ainda

não tinham sido comunicadas sobre a realização ou não do Carnaval 2016. Pois, a FUNBEL alegava que o Estado não tinha recursos suficientes para arcar com os custos do evento. Sendo assim, muito em cima do Carnaval a instituição confirmou a subvenção, e assim o Bole Bole iniciou as atividades de produção das fantasias e alegorias, pouco menos de dois meses para o dia do desfile.

A pesquisadora realizou várias visitas no barracão da escola, para entender como construíam a confecção das fantasias de cada ala. Bem como, participou de alguns ensaios da bateria do Bole Bole, que é atualmente conhecida como a melhor bateria de escola de samba de Belém, coordenada pelo Mestre Fabrício – Minnie e pelo Mestre Marcos – Marcão. Participou também dos cortejos culturais que eram realizados nas ruas do Guamá, tendo como objetivo ensaiar o entrosamento da escola para desfilar na avenida do samba. Os ensaios, cortejos culturais e apresentações, tanto da bateria do Bole Bole como da do Mexe Mexe, são coordenados pelos mestres de bateria citados acima. São dois personagens importantíssimos para o desempenho da escola na avenida. No decorrer da realização de um dos cortejos do Bole Bole, pelas ruas do Bairro do Guamá, um apreciador do carnaval (Rhaussely Moraes, bacharel em música) diz que: “tecnicamente a bateria é o coração da escola, pois é ela que cadencia o ritmo (através dela as pessoas da escola vão cantando e vão se contagiando com a pulsação da bateria), sendo a responsável pelo andamento do ritmo do sambarenredo”. Segue abaixo a (Figura 21) que demonstra a bateria do Bole Bole com a rainha de bateria da Escola, Mara Baena, um sinônimo de simpatia e muito samba no pé. Em concentração na esquina da Passagem Pedreirinha, preparando-se para adentrar na Av. José Bonifácio.



**Figura 21:** V Cortejo Cultural da Escola de Samba Bole Bole, saindo da Passagem Pedreirinha.

Foto: Juliana Modesto, em 24/01/2016.

Em seguida, apresentamos na (Figura 22) os mestres de bateria do Bole Bole e Mexe Mexe, com Rhaussely Moraes, comemorando a vitória do Bole Bole no Carnaval de Belém, na Passagem Pedreirinha.



**Figura 22:** Mestres de Bateria do Bole Bole e Mexe Mexe, com Rhaussely Moraes, comemorando a vitória do Bole Bole no Carnaval de Belém, na Passagem Pedreirinha. Do lado esquerdo para a direita estão: Marcus, conhecido como Marcão. No meio, o professor de música Rhaussely Moraes e à direita Fabrício, conhecido como Minnie.

Foto: Juliana Modesto, em 13/02/2016.



É uma escola de tradição do Guamá, que leva para o carnaval, como diz Vetinho: “a arte popular da periferia que é tão bela e profissional quanto às das escolas que recebem incentivos”. Atualmente, a Associação Carnavalesca Bole Bole é registrada pelo Poder Público, desde novembro de 2016, como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará.

O que mais chama a atenção é que a escola não tem espaço para confeccionar as alegorias de mão, fantasias, carros alegóricos, mas com a ajuda de amigos e o empréstimo de espaços (um dos lugares que transforma-se em barracão é a Associação Comunitária Santíssima Trindade, localizada no Guamá) conseguem apresentar um belo carnaval e com êxito serem prestigiados pela comunidade guamaense que vai ‘em peso’, todos os anos, assistir a sua apresentação na avenida do samba. Mesmo com tantas dificuldades a enfrentar, já conseguiram ser campeões do carnaval de Belém várias vezes. A pesquisadora participou do desfile do Bole Bole em 2016, reconhece que presenciou o resultado de um belo trabalho realizado em menos de dois meses. Ao estar na avenida percebeu que o que difere o Bole Bole de outras escolas, é que mesmo sem muitos recursos, existe a união e a criatividade da comunidade guamaense. Diz ter presenciado mais de mil brincantes do Bole Bole, na Avenida, cantando o samba-enredo, com intensa alegria e entusiasmo, demonstrando que independente de todas as dificuldades, o Bole Bole está ali, representando a cultura popular do Bairro do Guamá.



**Figura 23:** Apuração das Escolas de Samba de Belém. Representantes do Bole Bole expondo o troféu de campeã do carnaval de 2016. Segurando o troféu, de blusa toda laranja, é Vetinho, um dos fundadores da escola de samba.

Fonte: Juliana Modesto, em 13/02/2016.

### 3.4. “Eu sempre digo, até escrevo, que sou 100% Malhadinho”

Dias Junior (2009), é um dos pesquisadores que aprofundou estudo sobre a manifestação cultural boi-bumbá. Alega que essa manifestação acontece em diversos Estados brasileiros. E que na Amazônia:

O boi-bumbá “trouxe no seu figurino a representação mais aproximada possível da endumentária dos homens dos séculos XVIII e XIX nos trajes de seus personagens, vestidos com bastante requinte, em roupas feitas com panos lustrosos acompanhados de enfeites de miçangas, lantejoulas, penachos, chapéus com fitas e outros apetrechos. O personagem principal da peça, “o boi”, imita o máximo possível o boi verdadeiro e é produzido em armação rígida de madeira em forma de uma carapaça, coberta por um tecido bordado contendo uma saia, onde fica escondido seu manipulador, o tripa (que é o personagem que carrega a armação do boi). [...] Enfeitado de veludo, seda, pratas e contas de vidros espedaçados, traz presa aos chifres uma grinalda cheia de fitas e colares com riqueza de detalhes. O tripa dá movimento ao boi fazendo malabarismos com passes rústicos imitando a ação de ataque do boi, empinando a cabeça em direção aos espectadores da peça, acompanhado pelos personagens, vaqueiros e índios que se movimentam em passos rápidos. Seu cortejo é composto por dezenas de “brincantes” que exibem o espetáculo na rua, dispensando palco, palanque ou tablado, embora as versões mais recentes já façam uso de apresentações em currais, terreiros, praças, teatros e anfiteatros. Acrescentam-se ao grupo de brincantes os “barriqueiros”, excursionistas munidos de barricadas feitas em madeira e forradas com couro de cobra que dão ritmo ao cortejo batucando e entoando as toadas cantadas pelos participantes. [...] O simbolismo do boi-bumbá não deixou de lograr algumas referências sutis e estilizadas da resistência negra ao processo opressor do branco colonizador. O auto popular estaria revestido de pura ironia, pois a dramatização e o desfecho se caracterizariam pelo desafio dos personagens ligados à escravidão, ao branco colonizador, proprietário do boi e da fazenda. Seu enredo é basicamente o mesmo em quase toda a região Norte, conta a história de um boi de raça, que é mandado buscar pelo senhor da fazenda para servir como reprodutor do rebanho e, desse modo, ser o boi estimado do fazendeiro. O animal receberia um tratamento muito melhor que aquele dado aos escravos: qualquer mau trato ao boi representaria castigos severos aos cativos e ao vaqueiro e, por isso, a postura de vingança de Pai Francisco ao apanhar o boi preferido do Senhor. Pai Francisco era um preto velho que vivia na área de pastagem do animal. Uma vez que sua esposa Catirina, grávida, sentira o desejo de comer a língua do boi, ele desafiava ao “Amo”, que também era capataz da fazenda, ao atirar no boi de estimação do Senhor para retirar-lhe um tassálio. Em algumas encenações o desfecho se dá com a morte do boi num final glorioso e satírico, de êxtase do preto velho que vinga todos os seus antepassados.” (DIAS JUNIOR, 2009, 88-90)

O Boi Malhadinho teve a sua primeira versão no ano de 1934, criado pelo Mestre Almerindo, atendendo ao pedido dos seus filhos que brincavam com uma caixa de papelão imitando um boi. Ele confeccionou um boi todo branco, saindo assim, a primeira formação só com criança. Mas, a brincadeira tornou-se algo sério já que passaram a reunir várias crianças e mestre Almerindo contagiado com a felicidade

das mesmas, prometeu colocar um boi maior para alegrar o barracão, onde hoje funciona o Lar Fabiano de Cristo.

Muitos amos (o amo é o dono do boi e da fazenda que fica triste pela morte do mesmo) passaram pelo Malhadinho, porém mestre Bandeira, mestre Fabico e mestre Setenta são até hoje lembrados. Os ensaios aconteciam no Lar Fabiano de Cristo, chamado de curral pelos brincantes. Mestre Bandeira não aceitava, em hipótese alguma, nos seus ensaios, que os brincantes estivessem alcoolizados ou com qualquer outro tipo de droga, a fim de dar exemplo para as crianças e adolescentes que participavam. Com isso houve uma intriga por parte de alguns brincantes, como foi o caso do mestre Setenta que chegou embriagado em um dos ensaios e foi impedido de participar, o que o revoltou, abandonando o Malhadinho e fundando o Boi Tira Fama.

Depois que os amos do Boi Malhadinho morreram, o mesmo foi doado para o asilo Colônia do Prata, localizado na cidade de Marituba. Muitos diziam que o chifre do boi era de ouro e Ferreira (2012) expõe que pesquisadores foram no local para saber da existência do boi, e foram informados que os chifres tinham sido vendidos para angariar fundos a fim de pagar as despesas do local.

No ano de 1989, a brincadeira do Malhadinho teve seu recomeço quando um grupo de amigos: Nazareno Silva, Vetinho, Ronaldo Silva, Lúcio Mousinho, junto com alguns moradores da Passagem Pedreirinha realizaram uma pesquisa documental sobre este boi famoso que chegou a participar de um longa metragem do cineasta Líbero Luxardo, intitulado: “Um dia qualquer”<sup>19</sup>. O Boi Malhadinho e seus personagens participaram representando o Boi Brilhante, neste filme.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://paulofontelesfilho.blogspot.com.br/2017/01/um-dia-qualquer-um-longa-metragem-de.html> > . Acesso em: 10 jan. 2017



**Figura 24:** O atual Boi Malhadinho, recepcionando seus convidados na Festividade do Dia das Crianças (antes ocorria o festival do sorvete), na sede do Bole Bole. O objetivo sempre foi angariar fundos para a vestimenta do boi e dos personagens. Mas, depois que Nazareno Silva e mestre Evaldo faleceram, também realizam o festejo em homenagem a eles.  
Foto: Juliana Modesto, em 12/10/ 2016.

Depois de um curto período, após o “resgate” do Boi Malhadinho, que no início ficava na sede do Bole Bole. Algumas pessoas da família Soares começaram a participar da manifestação, Socorro levava sua filha para dançar e seu filho tocava berraca, logo no início. Sendo que, depois de um tempo passou a ajudar Nazareno Silva (já falecido), junto com sua irmã Dora e seu cunhado Mestre Evaldo (já falecido) na confecção e construção do boi-bumbá, como também na confecção das roupas dos personagens, e já Lourdinha passou a organizar as atividades culturais do Malhadinho junto com Nazareno Silva. Assim, o Boi Malhadinho passou a ficar na casa da família Soares, localizada na Passagem Pedreirinha, encontrando-se até os dias atuais no mesmo local.

É inestimável a experiência que a pesquisadora obteve ao adentrar no universo cultural do Boi Malhadinho, dedicação e amor à cultura popular expressam a vivência de brincantes que sem nenhum “incentivo” do Poder Público, saem todos os anos e animam centenas de pessoas, levando no ato das suas apresentações: crianças tocando, cantando e dançando, que vencem as dificuldades existentes no dia-a-dia, às superando muitas vezes através do esforço pessoal.





**Figuras 25, 26 e 27:** Família Soares, atual responsável pelo Boi Malhadinho. A (Figura 25) mostra Lourdinha na Festividade do Boi Malhadinho. A (Figura 26), mostra Dora com o Boi Malhadinho no cortejo fluvial no encontro do Boi Malhadinho com o Boi Pavulagem. E na (Figura 27) mostra a Socorro, também na Festividade do Malhadinho.  
Foto: Juliana Modesto, em 12/10/2016.

Nos anos de 2015 e 2016, o Malhadinho não se organizou para apresentar-se nos festejos juninos, pois uma das responsáveis da organização do Boi-Bumbá, Socorro (responsável por convidar as crianças e pelos ensaios), adoeceu e teve de se submeter à duas cirurgias. Em entrevista, relata que:

“[...] se não for a gente mesmo aqui de casa, o Boi não sai. E a minha preocupação é essa, dele não sair. Porque eu gosto muito do Malhadinho, eu sempre digo, e até escrevo, que sou 100% Malhadinho. Eu gosto de estar com os meninos, no meio deles, pra mim é uma satisfação muito grande, sendo que pra mim é de coração, que eu faço tudo isso”. (Entrevistada Eliana do Socorro Chagas – conhecida como Socorro, em 18/11/2016)

### 3.5. “O Mexe Mexe [...] é o apêndice da minha vida”

A Associação Carnavalesca Mexe Mexe, foi fundada no ano de 1998, pelo carnavalesco Laudemar Corrêa – conhecido como Branco, apresentava-se sempre na segunda-feira de carnaval depois da apresentação das escolas de samba de Belém. Porém, no ano de 2016, a Prefeitura de Belém resolveu juntar as apresentações (dos blocos e das escolas de samba) no sábado e domingo. Neste ano, o bloco desfilou com o enredo: Praça da República – a casa de eventos dos 400 anos de Belém e obteve o vice-campeonato na categoria bloco do grupo especial.

Atualmente, Branco ainda encontra-se como presidente do bloco carnavalesco. Este não possui um espaço físico, assim sendo, meses antes do Carnaval, a frente



da casa de dona Elsa transforma-se em barracão do Mexe Mexe . A maior parte da construção das alegorias de mão e fantasias são construídas neste espaço improvisado. Outro ponto importante, é que a bateria do Bole Bole e Mexe Mexe constitui-se em um grupo único: possuem os mesmos mestres de bateria, como também a maioria dos participantes da bateria desfilam no Bole Bole e no Mexe Mexe.



**Figura 28:** Frente da casa de dona Elsa, no dia da apuração dos blocos e escolas de samba de Belém, em que o Mexe Mexe foi vice-campeão do Carnaval de Belém de 2016.  
Foto: Juliana Modesto, em 13/02/2016.



**Figura 29:** Presidente do Bloco Carnavalesco Mexe Mexe carregando o troféu de vice-campeão do Carnaval de Belém, categoria blocos, no dia da apuração das escolas de samba, evento realizado na Aldeia Amazônica.  
Foto: Juliana Modesto, em 13/02/2016.

O Mexe Mexe promove alguns eventos para angariar fundos referentes aos gastos com o carnaval, já que o dinheiro da subvenção é parco e também a Prefeitura só disponibiliza dois a três dias antes do carnaval. Quer dizer, as escolas e blocos que possuem apoio de empresários e políticos não passam por dificuldades financeiras, mas àquelas que não possuem, têm de realizar empréstimos e promoções que ocorrem no decorrer de todo o ano, no Mexe Mexe e em outras associações carnavalescas de Belém. Além de ter participado do desfile do Mexe Mexe, a pesquisadora esteve presente em alguns eventos intitulados de Feijosamba, pois quem comprava ingresso tinha direito a ganhar grátis uma deliciosa feijoada feita por dona Elsa e a escutar um samba ao vivo da melhor qualidade. Diz também ter participado do aniversário do Mexe Mexe, realizado na sede do Bole Bole, em 2016.

Ao falar sobre o sentido que o Mexe Mexe tem em sua vida, Branco menciona que:

“O Mexe Mexe faz parte da minha vida, é o apêndice da minha vida, o Mexe Mexe. É porque às vezes eu não quero, mas quando chega perto do carnaval não tem jeito, a gente se envolve mesmo. Sei lá, é uma coisa que eu não sei explicar, é algo que sobrepõe a minha vontade. Só que uns três anos pra cá eu já sei que acontece tudo isso e enquanto eu estiver vida e saúde eu vou tocar pra frente isso aí. Mas, eu queria que aparecesse alguém que tivesse esse canal, essa garra de correr atrás das coisas para ficar junto comigo, para que o Mexe Mexe não acabasse”. (Entrevista realizada com Laudemar Corrêa - Branco, Presidente do Bloco Mexe Mexe, em 17/11/2016)



**Figura 30:** Carnavalesco Kleber Oliveira com Fátima Chaves que é uma das costureira do Bole Bole e do Mexe Mexe. Na I Feijosamba do Mexe Mexe, realizada no quintal do Terreiro de Mina “Dois Irmãos”.

Foto: Juliana Modesto, em 07/08/2016.

### 3.6. “O objetivo do Caldo de Turu é levar a cultura do Bairro do Guamá”

O grupo iniciou suas atividades no ano 2000, através de um grande encontro de formação de assessores da Pastoral da Juventude, pertencente à Paróquia Santa Maria Goretti, localizada no Bairro do Guamá, que foi apoiado pelos religiosos Irmã Cláudia e Pe. Bruno. Surgindo com a finalidade de trabalhar com crianças e adolescentes em situação de risco social.

O Caldo de Turu cresceu de tal forma e assim, abrangeu novas concepções partindo da valorização e divulgação da cultura paraense. O mesmo possui atualmente 19 membros, sendo 8 dançarinos e 11 músicos. Os coordenadores do grupo, atualmente são: Roberto Corrêa e Bruno de Jesus que participa do grupo desde a sua fundação. O senhor Roberto participa do grupo desde o ano de 2008, e a partir desse período o Caldo de Turu passa a ter como “sede” a casa de dona Elsa, lugar em que guardam os instrumentos e vestimenta do grupo, realizam reuniões, bem como realizam alguns ensaios na frente desta residência.

As apresentações acontecem com a finalidade de envolver o público em um espetáculo interativo e atraente, representando através da música os valores culturais de cada município paraense. Utiliza também várias expressões que representam um símbolo “autêntico” da cultura paraense e da identidade do povo amazônico, como: a linguagem do homem amazônico, os ritmos, elementos simbólicos, as danças e a religiosidade popular. O grupo sempre tem como base difundir as tradições culturais, mas também dar continuidade ao processo criativo, procurando harmonizar o tradicional e o moderno.

A pesquisadora participou de várias apresentações do grupo na Passagem Pedreirinha no ano de 2016, em eventos promovidos pelo Bole Bole, Mexe Mexe, Boi Malhadinho e na Festividade de São Pedro e São Paulo. Já fora da Pedreirinha esteve em duas apresentações: no passeio à Praia do Caripi e na apresentação que estiveram como convidados, em que o grupo participou no evento promovido pela associação de grupos de carimbó do Pará, momento este ao qual estavam comemorando dois anos em que o Carimbó foi registrado como Patrimônio Cultural do Brasil, no Centro Cultural Tancredo Neves-CENTUR.



**Figura 31:** Apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu, no V Cortejo Cultural do Bole Bole. Da esquerda para a direita está Luan, cantando e tocando flauta transversal; no meio está Aldrin cantando e tocando banjo e à direita Bruno cantando e tocando o ganzá; no meio está Samuel e Roberto tocando o curimbó; atrás está Renan tocando violão e a seu lado está Paulo tocando com duas maracás.

Foto: Juliana Modesto, em 24/01/2016.

### 3.7. Eventos que tornaram-se “tradição” na rua

Existem dois eventos que ocorrem na Passagem Pedreirinha e tornaram-se “tradição”, pois desde o primeiro ano de acontecimento, até os dias de hoje aconteceram ininterruptamente na rua, são: o passeio à Praia do Caripi e o Círio da Pedreirinha.

#### 3.7.1. Passeio de Dona Elsa para a Praia do Caripi

O passeio que dona Elsa organiza à Praia do Caripi, tem a idade do Mexe Mexe, 17 anos, ocorre uma vez ao ano no mês de agosto. Seu filho – Branco, em entrevista afirma que a ideia de organizar esse passeio foi de dona Elsa, que manifestou o interesse de promover um piquinique para arrecadar dinheiro ao Mexe Mexe. Como mês de agosto é o mês que mais tem aniversariante na Pedreirinha, começaram a festejar o aniversário de todo mundo no passeio. Dona Elsa, em entrevista relata que no primeiro ano foram dois ônibus, mas o evento foi tomando



uma proporção maior que já chegaram a levar 10 ônibus. Sustenta que seu passeio é muito animado, onde na praia acontece até cortejo cultural com bandinha fanfarra, onde participam muitas pessoas que não residem no Guamá e também vem gente do interior do Estado do Pará.

“No primeiro ano foram dois ônibus. E outra coisa, eu acho que as coisas dão certo comigo, vão pra frente comigo, porque eu não faço com intenção de ganhar dinheiro, entendeu? Mas, até que eu ganho rrsrs. E quando foi no outro ano, levamos cinco ônibus, e o Branco ainda dá corda em mim, rrsrs, é ele que organiza tudo e depois presta conta comigo. Aí foi que ano retrasado (2014) e ano passado (2015) foram dez ônibus. E esse ano agora que passou foram nove ônibus. Vem até meus familiares de Abaetetuba. Aí eu comecei a contratar os músicos - bandinha fanfarra para alegrar as pessoas no cortejo que ocorre na praia.” (Entrevista realizada com Dona Elsa Soares , em 27/11/2016)

No ano de 2016, a pesquisadora desta dissertação participou deste passeio, diz ter presenciado logo na ida para a Praia do Caripi, a Passagem Pedreirinha completamente lotada de gente, com nove ônibus perfilados na rua. Relata que foi no ônibus considerado ser o mais agitado do passeio, ficando como responsável deste, Kleber Oliveira. Neste ônibus vai os músicos da bandinha fanfarra e realmente na ida e volta do passeio, alega ter presenciado muita agitação, alegria, muita música e muita cantoria. Chegando na praia, comunica que houve apresentação do Grupo de Carimbó Caldo de Turu e depois do almoço aconteceu o cortejo cultural com a bandinha fanfarra.



**Figura 32** : Passeio à Praia do Caripi. Momento do cortejo cultural em que os participantes do passeio estão percorrendo a orla da praia, com a tocada de uma bandinha fanfarra. Foto: Juliana Modesto, em 28/08/2016.

### 3.7.2. Círio da Passagem Pedreirinha

Em conversa com Kleber Oliveira, este menciona que a peregrinação de Nossa Senhora de Nazaré sempre aconteceu na Passagem Pedreirinha, dias antes do Círio de Nazaré. Mas, pelo que se recorda logo após que foi construída a Capelinha na Pedreirinha, no ano de 2000, iniciou o Círio na rua. O evento ocorre uma vez ao ano, na semana do Círio de Nazaré, o qual é uma manifestação religiosa registrada como patrimônio cultural da humanidade.

Vale ressaltar que o Círio da Pedreirinha é o ápice da peregrinação à “Nazinha”, antes deste evento ocorrem as novenas nas casas dos moradores da Pedreirinha e localidades próximas a essa, que aceitam a Nossa Senhora em suas casas.

Kleber narra em entrevista, que o Círio da Pedreirinha, é um Círio antecipado. As pessoas enfeitam a frente de suas casas, acendem velas e ficam aguardando a imagem de Nossa Senhora passar pela sua casa. A procissão inicia na Passagem Pedreirinha, na esquina com a José Bonifácio, percorre toda a rua e segue para a Igreja de São Pedro e São Paulo, localizada na Rua Barão de Igarapé Miri, onde ocorre a missa e logo após o sorteio das santas que peregrinam nas casas dos devotos de todo o Bairro do Guamá. Também, expõe que não só os católicos vão apreciar a passagem da santa, mas também pessoas de outras religiões, pois a rua está linda, repleta de energia positiva e de alegria.

“Esse é o nosso Círio!”. Né? E vai o pessoal da Assembleia de Deus pra sua porta ver a gente passar, porque a rua está linda, os vizinhos todos sorrindo um para o outro, é como se fosse uma confraternização de fim de ano, né? A bandinha tocando e passando, os vizinhos vibrando com emoção, rezando assim quando a Santa vai passando. E aí você percebe a emoção de cada um, você olha para o semblante do teus vizinhos e percebe que eles estão, assim, maravilhados, estão cheios daquela benção apesar de não crer naquela imagem, mas crer que naquela união se ganha muita energia positiva. (Entrevista realizada com o griô e carnavalesco, Kleber Oliveira, em 08/01/2017)



**Figura 33:** Círio da Passagem Pedreirinha. Nazinha vem encima do carro, dentro da berlinda, com muitas flores ao seu redor. Os peregrinos caminham atrás, com balões nas mãos, ao som das músicas de Nossa Senhora de Nazaré. Neste ano, os meninos da bateria do Bole Bole participaram, acompanhando o cortejo na percussão enquanto os peregrinos cantavam. Foto: Juliana Modesto, em 06/10/2016.

### 3.8. Mapa cultural da Passagem Pedreirinha - resultados dos indicativos memoriais evocados pelos entrevistados

A construção de todo o trabalho teve como centralidade a coleta das nove narrativas discursivas e o uso da etnografia (trabalhando uma de suas técnicas, a observação participante na comunidade). Assim, a pesquisadora iniciou um processo de ativação patrimonial da cultura popular da Passagem Pedreirinha, isto se dá a partir do momento em que faz com que as memórias sobre a Passagem Pedreirinha sejam evidenciadas e assim reconstruídas pelo olhar dos que vivenciaram e vivem esse patrimônio, a comunidade. Este processo teve como norte, o uso de concepções da sociomuseologia que levam em conta a construção de referenciais memoriais que tenham ressonância e significado para uma determinada comunidade ou sociedade. Assim sendo, criamos possibilidades da Passagem Pedreirinha tornar-se um objeto museológico, atribuindo-lhe novas funções, representando-a como uma rua-documento, que possuirá fortes suportes de informação sobre a origem do Bairro do Guamá, a origem da Passagem Pedreirinha e das manifestações culturais, religiosas e afroreligiosa. Para chegarmos a esta conclusão, realizamos a reconstrução da

história da rua por meio das narrativas discursivas coletas e pesquisas bibliográficas que retratam a origem do Guamá, onde no segundo capítulo evidenciamos memórias de infância e do tempo passado dos entrevistados que referenciaram acontecimentos, lugares, eventos e manifestações culturais que não existem mais na Pedreirinha. Assim como, a construção do mapa cultural da Passagem Pedreirinha, onde no terceiro capítulo nos tópicos (3.1 ao 3.7) descrevemos a história de cada manifestação, tal qual trouxemos narrativas dos entrevistados que retratam da situação atual de cada grupo, evento ou celebração.

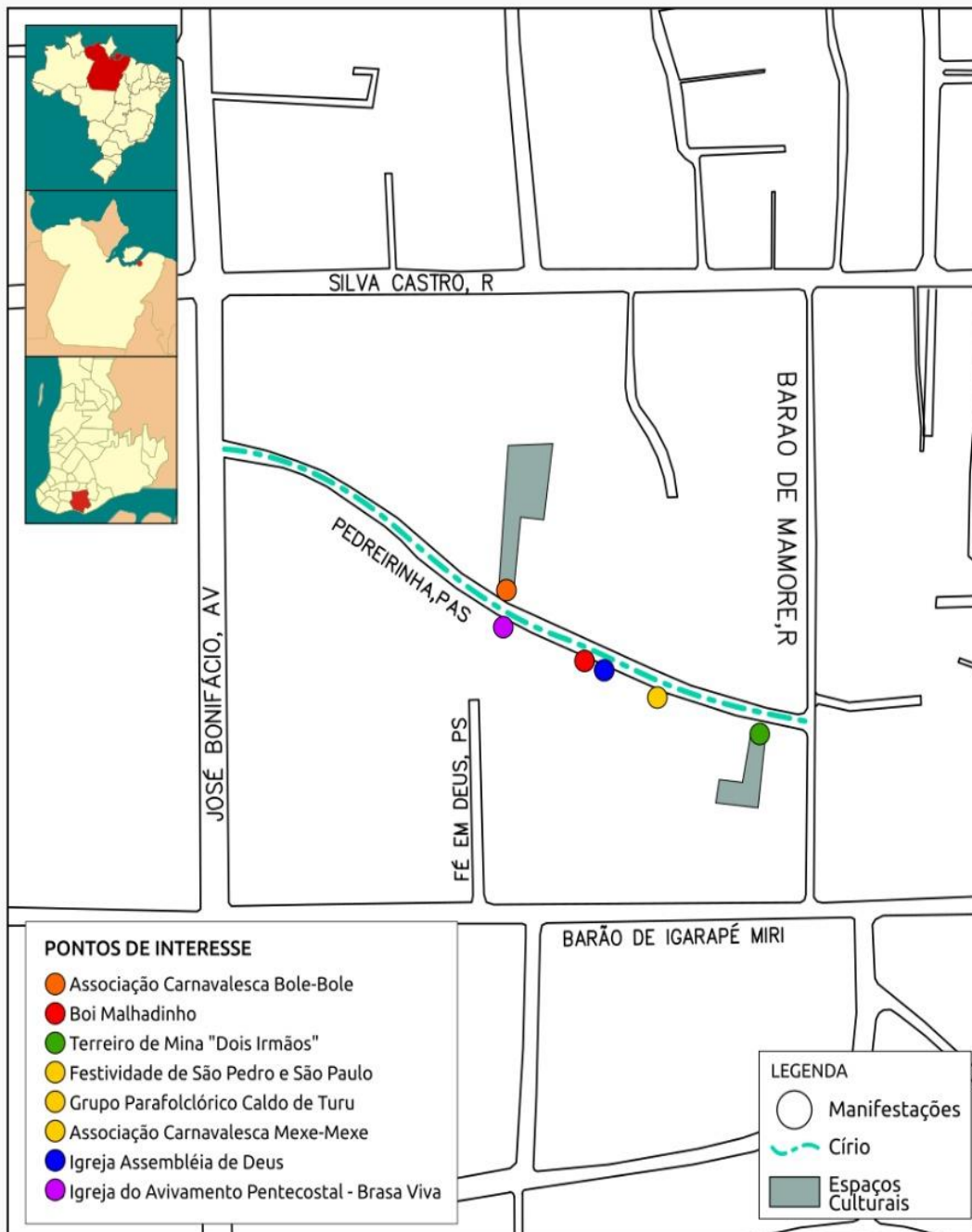
Pesquisas como de Dias Junior (2009) e Clélio Ferreira (2012), afirmam que a Pedreirinha se constitui em uma rua de efervescência cultural, o ano todo. Partindo do pressuposto da Pedreirinha possuir fortes possibilidades de musealidade, construímos o mapa cultural da cultura popular desta rua, o que acreditamos ser uma das evidências mais importante deste trabalho, pelo mapa ser a concretude da existência de todos esses movimentos culturais, afroreligioso e religiosos que existem no local. Essas memórias subterrâneas da Pedreirinha emergem, e assim tomam conta de um novo contexto. Sabemos que essas vozes pouco são escutadas ou quase nunca o são e que dificilmente terão olhares do Poder Público, porém o mais importante é que essas pessoas possam se ver protagonistas da sua história, conhecedoras do seu “verdadeiro” passado.

Para a construção do mapa cultural, usamos os referenciais culturais indicados pelos entrevistados em suas narrativas discursivas. Mesmo não trabalhando com as duas igrejas evangélicas existentes na rua, a pesquisadora entende ser importante identificá-las no mapa, pois as mesmas foram indicadas por mais de um entrevistado. Sobre as manifestações estudadas neste trabalho e identificadas no mapa, todas, foram citadas várias vezes nas entrevistas, como também, em conversas no decorrer da etnografia realizada no período de um ano e meio.

Segue, na próxima página o Mapa Cultural da Passagem Pedreirinha, com todos os lugares identificados no espaço da rua, pelos entrevistados, lugares em que a memória está sendo trabalhada.



## Mapa Cultural da Passagem Pedreirinha Guamá - Belém - Pará



**Elaboração de Mapa**  
Vanessa Malheiro Morais  
cartografiapatrimoniocultural@gmail.com

**Design de Mapa**  
Pedro Victor Costa Nascimento  
pedrovictorcosta7@gmail.com

**Mapa 3:** Mapa da cultura popular da Passagem Pedreirinha.  
Elaborado por: Vanessa Morais, em 2017.

## Considerações Finais

O que a bibliografia tem nos mostrado é que a história dos museus caminha por momentos de ruptura e surgimento de novos paradigmas, referentes aos estudos da cultura material e também pela identificação das possibilidades de inserção social nas ações museológicas. Há, um processo turbulento que atualmente gerou novos enfoques, novos campos de conhecimento, diversas especializações na área da museologia e em especial percebemos a valorização de expressões imateriais da cultura, que direcionam um novo pensar museológico que privilegia o valor das experiências humanas a partir de diversas vivências interpretativas que um objeto possa possuir. Esta nova perspectiva surge em meados de 1968, embalados pelos acontecimentos da época que fizeram os profissionais da museologia indagarem sobre sua profissão e qual seria o seu papel na sociedade. Surge então, através da criação do Movimento para a Nova Museologia, um novo modelo de museu, conectado às demandas dos grupos societários incorporando uma postura política, com fins democráticos e intensa participação cidadã. A partir deste novo olhar museológico, os museus e a museologia passaram a adequar-se à realidade de cada país, seus territórios e contextos, mas que seria essencial um movimento de museólogos que alinhassem suas intervenções para melhor moldar no museu a seu tempo e às necessidades das populações. Influenciados por essas concepções, surge nos anos seguintes a defesa por uma museologia social ou sociomuseologia, que propõe uma ação museológica que alcance as expectativas da sociedade.

Assim sendo, a presente dissertação intitulada “Vozes Intangíveis na Passagem Pedreirinha: memória e patrimônio da cultura popular no Bairro do Guamá, Belém do Pará” contribuiu para a desmistificação de estigmas já incorporados sobre o Bairro do Guamá, usando como recorte a Passagem Pedreirinha. Para isso, o trabalho se empenhou em desconstruir uma história oficial, contada e reproduzida nos museus da cidade de Belém e também em outras instituições, como a mídia e a própria escola.

Sabemos que há esforços para lembrarmos de algumas coisas e há esforços para esquecermos de outras, e os sociotransmissores exercem um papel basilar. Neste sentido, percebemos as instâncias de trabalho dessa memória coletiva no nosso meio social, que acaba hipervalorizando certas memórias e momentos históricos. Sendo este ponto uma das maiores críticas da sociomuseologia, da

antropologia e de outras disciplinas, que nos alertam para ficarmos atentos àquilo que foi memorializado, do que virou historiografia oficial. Temos de questionar o que ali foi preservado? O que é que foi esquecido? E o que está sendo comunicado para a sociedade. Pois, o que percebemos nesta pesquisa é que a memória oficial possui um caráter destruidor, que conta uma história uniforme, como também oprime as memórias dos excluídos. Confrontando esta realidade segregadora, nos empenhamos em colocar em evidência as “memórias subterrâneas” do Bairro do Guamá e da Passagem Pedreirinha para que esses discursos tomem proporções que através da esfera acadêmica possam chegar a serem escutadas e tenham acesso à esfera do discurso público, e possam modificar de alguma forma o discurso estigmatizante sobre as periferias de Belém.

Tendo o intuito de provocar, ativar e colocar em evidência as memórias da cultura popular da Passagem Pedreirinha, embasados por concepções da sociomuseologia, realizamos a reconstrução da história da rua por meio das narrativas discursivas coletadas e pesquisas bibliográficas que retratam a origem do Guamá, como também a elaboração do mapa cultural.

Assim, semeamos possibilidades da Passagem Pedreirinha tornar-se um objeto museológico, no qual esta dissertação uniu fortes suportes de informação sobre a origem do Bairro do Guamá, a origem da Passagem Pedreirinha e das manifestações culturais, religiosas e afroreligiosas existentes neste espaço. Materializamos as informações adquiridas em cada narrativa discursiva e provamos que no Bairro do Guamá, não tem só violência, mas também tem cultura, tem religião, tem alegria, tem pessoas empoderadas, resilientes. Além de possuir uma diversidade de movimentos culturais, existindo muitas pessoas de bem que procuram de alguma forma interferir positivamente na realidade social da comunidade. Sendo a Pedreirinha, ao ver de Vetinho, “um sinônimo de alegria, de agito, de fofoca, ( a rua constitui-se como) uma cultura forte que pulsa dentro do Bairro do Guamá”.

Trabalhos como esse, fazem com que as pessoas se vejam protagonistas da sua história, construtores e testemunhas de um processo participativo que se propôs inserir a Passagem Pedreirinha, em uma outra lógica social, a patrimonial. Transfigurando-a em um local de efervescência cultural em um lugar periférico da cidade de Belém.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. Patrimônio Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva In: Filho, Manue F., Eckert, Cornelia., Beltrão, Jane. **Antropologia e Patrimônio Cultural-Diálogos e Desafios Contemporâneos**. Nova Letra, ABA, 2007.

ALBERNAZ, Renata; SANTOS, Ivana Morales Peres dos. A efetividade da proteção do patrimônio cultural no Brasil: da legislação e políticas públicas às ações judiciais. In. GONZALEZ, Ana Maria Sosa; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; ASHFIELD, Willian Rey. **Patrimônio Cultural: Brasil e Uruguai os processos de patrimonialização e suas experiências**. Editora da UFPEL, 2013, pp. 150-181.

ALENCAR; LEÃO; VERÍSSIMO. Belém Sustentável. Imazon, 2007.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BRASIL. IBGE – Centro Demográfico dos Municípios Brasileiros, 2010.

\_\_\_\_\_. Constituição Federal do Brasil, 1988.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. Artigo publicado em Cadernos de Sociomuseologia, nº 9 - 1996.

\_\_\_\_\_. Estudos da Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocessos e desafios. Cultura Material e Patrimônio de C&T, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Trabalhos e Projetos. In: ORTIZ, Renato (Org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BURLON, Bruno. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. Publicado na Revista 25Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.25, n.1, p. 25-37, jan./abr. 2015.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. Revista Memória e Rede, jan/jul, 2009.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. – 1ª ed. 2ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2014.

CHAGAS, M<sup>a</sup> de Souza. No Museu com a Turma de Charlie Brown. Artigo publicado em Cadernos de Sociomuseologia, nº 2 – 1994.

CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. Revista Estudos Históricos, vol.8, nº16, 1995, p. 179-192

COLACRAI, Pablo. Releyendo a Maurice Halbwachs. Una revisión del concepto de memoria colectiva” en La Trama de la Comunicación, Volumen 14, 2010

CORRÊA, Roberto L. A periodização da rede urbana amazônica. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. ICOM, 2013.

DE JESUS, Priscila. Uma reflexão sobre o processo de musealização: o patrimônio imaterial nos espaços museais. Artigo publicado em Cadernos de Sociomuseologia, nº 9, 2014 (vol. 48).

DIAS JUNIOR, J.E.S. Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. Ano: 2009. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA, Belém, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4569> . Data do acesso: 10/03/15.

EVELIN, Heliana; MARQUES, Giovanni; DA CONCEIÇÃO, Maria. Ciência e Consciência para a Consolidação da Universidade Brasileira. Artigo apresentado no Seminário Internacional - Amazônia e Fronteiras do Conhecimento, realizado em Belém do Pará, no período de 09 a 11 de dezembro de 2008. Disponível em : <http://www.naea.ufpa.br/siteNaea35/anais/html/geraCapa/FINAL/GT10-308-1255-20081124184901.pdf>

EVELIN, Heliana Baia. Projeto Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Aprovado pelo PROEXT/ MEC / CULTURA, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). 1998. Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas. (Apresentação e Capítulo 1 - História oral: um inventário das diferenças, p. vii-13) [[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/62.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/62.pdf)]

FERREIRA, Clélio Palheta. Sociabilidade e Reciprocidade em Ações Lúdico-Religiosas no Bairro do Guamá em Belém do Pará. Trabalho apresentado ao XI Congresso Luso-Afro- Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, p. 01-02, 2011.

FERREIRA, Clélio; ROGRIGUES, Carmem. A Cultura Popular na Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém-Pará Manifesta-Se em Experiências de “Educação Cultural” e em Formas de Sociabilidade e Reciprocidade entre os Sujeitos Participantes. Trabalho apresentado no Evento: Culturas, Linguagens e Interfaces Contemporâneas, realizado no Espaço Benedito Nunes, na Saraiva MegaStore, de 20 a 23 de novembro de 2012.

FITZGERALD, Michael Louis. A declaração Nostra Aetate: o respeito da igreja pelos valores religiosos. Revista de Cultura Teológica v. 13 - n. 52 - jul/set 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewfile/14956/11152>

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo : Atlas, 2008.

GOMES, Alexandre Oliveira. Aquilo é uma coisa de índio objetos, memória e etnicidade entre os kanindé do ceará. Dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Disponível em: [https://www.ufpe.br/nepe/dissertacoes/dissertacao\\_3.pdf](https://www.ufpe.br/nepe/dissertacoes/dissertacao_3.pdf)

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como Categoria de Pensamento. Comunicação apresentada na mesa-redonda “Patrimônios emergentes e novos desafios: do genérico ao intangível, na 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Caxambu, p. 24, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. Artigo publicado na Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo : Centauro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Antrhopos editorial, 2004.

KUBRUSLY, Clarice. Katarina Real (1927-2006) e a boneca Dona Joventina da Nação Estrela Brilhante. Artigo apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro Bahia, Brasil. Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2037/26%20RBA%20-%20Clarisse%20Kubrusly.%202008..pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/26%20RBA%20-%20Clarisse%20Kubrusly.%202008..pdf)

LODY, Raul. **O negro no museu brasileiro: construindo identidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de longe: notas para uma etnografia urbana. Artigo publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol.17 nº 49, 2002.

MARTINS, Madson. Migração, Território e Territorialidade na Rua dos Pretos – bairro do guamá – Belém/Pa. (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado a Faculdade de Geografia – UFPA, Belém, 2015).

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MODESTO, Juliana Cordeiro. Cultura Popular no Guamá: memória e representação do patrimônio cultural da Rua Pedreirinha em Belém do Pará. (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado a Faculdade de Serviço Social – UFPA, Belém, 2013.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. - 14ª ed -. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORINI, Valdir Jose. Cultura popular e indústria cultural, produção e apropriação de sentidos: as narrativas da festa junina. In: GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; et al (Orgs). **Comunicação e práticas culturais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de Sociomuseologia. Artigo publicado em Cadernos de Sociomuseologia v. 28, n. 28, 2007.

\_\_\_\_\_. Nueva museologia de ayer, sociomuseologia hoy: de los procesos históricos a las tendencias actuales. Artigo publicado na Revista RdM. Revista de Museología: Publicación científica al servicio de la comunidad museológica, ISSN 1134-0576, Nº. 53, 2012, pag: 30-34

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2ed. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 2000.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô e a Reinvenção da Vida**. 1ed. Lençóis. Bahia, 2006.

PELEGRINI, Sandra; FUNARI, Pedro. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PINTO, R. I. B. P. S. ; AMORIM, M. M. ; NOVAES, L. S. ; BASTOS, E. P. S. . As narrativas urbanas na construção da identidade do lugar ? Largo da Soledade e Largo da Lapinha. In: Arquitetura do Mar, da Terra e do Ar - Arquitetura e Urbanismo na Geografia e na Cultura, 2014, Lisboa. Arquitetura do Mar, da Terra e do Ar - Arquitetura e Urbanismo na Geografia e na Cultura - Arquitetura e Memória, 2014. v. I. p. 266-274.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder in Mnemosine. Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010).

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RAMOS, José M. Trindade. **Entre dois tempos – um estudo sobre o Bairro do Guamá, a Escola “Frei Daniel” e seu Patrono**. Ano: 2002.

RAMOS, Mayra; MARTINS, Leidiane; SENA, Aline; PAIXÃO, Stéfano; GOUVEIA, Sílvia. Cordão de pássaro e pássaro junino: o entendimento do aluno de serviço social

da universidade federal do pará sobre este patrimônio cultural. Trabalho apresentado na 64ª Reunião Anual da SBPC. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/2679.htm>

RIBEIRO, Jorgeane. Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos. In: EVELIN, Heliana; et al (Orgs). **Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos**. Belém: EDUFPA, 2007.

SANTOS. M<sup>a</sup> Cecília T. M. Reflexões sobre a Nova Museologia. Publicado em Cadernos de Sociomuseologia Nº 18, 2002.

SCHEINER, Tereza Cristina. As bases ontológicas do museu e da Museologia. In: Anais do VIII Encuentro Regional do ICOFOM LAM, 1999, p. 133-164.

\_\_\_\_\_. Museologia e Pesquisa: perspectivas na atualidade. In: GRANATO. Marcus; SANTOS, Claudia (Orgs). Mast Colloquia Vol. 7 – Museu: instituição de Pesquisa, 2005, p. 85 -100.

SOUSA, Carlena; NETO, Hugo. Somos todos comunidade? Primeiras impressões sobre as relações entre os trabalhadores do Centro Histórico de Belém e o Museu do Estado do Pará. Artigo publicado nos Anais do II Seminário Brasileiro de Museologia – Recife /PE, 2015. Anais I, pags: 311-334.

SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira – Quem é e como vive?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local** - Porto Alegre: Medianiz, 2013.



**APÊNDICE I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, através do presente termo, depois de conhecer e entender o objetivo da pesquisa, tendo como metodologia a narração de sujeitos artistas através de entrevista de história vida e a contribuição para a construção do inventário participativo da rua, a ser realizado pela aluna pesquisadora JULIANA CORDEIRO MODESTO, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> João Fernando Igansi Nunes, cujo tema da mesma: Vozes Intangíveis da Passagem Pedreirinha: memória e patrimônio da cultura popular no Bairro do Guamá, em Belém do Pará. **AUTORIZO**, a pesquisadora e seu orientador a publicarem como um meio para ampliar o conhecimento teórico e metodológico das políticas de patrimônio no Município de Belém/PA, em obra acadêmica, o material narrado por mim sobre a minha história de vida, com divulgação do meu nome completo, sem quaisquer ônus financeiros, sendo o texto analisados por mim antes da publicação, de maneira que a imagem e o texto não agridem de nenhuma forma minha integridade física e moral, conforme preconiza a Constituição Federal no que concerne aos Direitos Individuais e Coletivos. Por fim, renuncio a quaisquer direitos relacionados a presente autorização, isentando a pesquisadora, o orientador e a instituição Universidade Federal de Pelotas e seus integrantes profissionais de qualquer ação judicial que tenha como objeto esses mesmos direitos, exceto em caso de descumprimento do autorizado no presente documento.

Pelotas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2016

**Nome**

Endereço: , N. Guamá – Belém-PA. Tel:

**JULIANA CORDEIRO MODESTO**

Graduada em Serviço Social/UFPA. Mestranda do PPGMP/UFPEL.  
 Endereço: Travessa Alenquer, 301 – 66020-020 – Cidade Velha- Belém-PA.  
 Telefone: 98087-6413

**JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES**

Doutor em Comunicação e Semiótica. Professor da Faculdade de Artes Visuais/UFPEL e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

## APÊNDICE II – ROTEIROS DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA DE VIDA



Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

### - Roteiro de entrevista de história de vida com sujeitos artistas e apreciadores da Festividade de São Pedro e São Paulo (Categorias: Celebrações, Saberes, Objetos)

#### ▪ Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

É conhecido na Passagem Pedreirinha por algum apelido? Se sim, qual? Idade, Naturalidade, Profissão dos seus pais, Escolaridade, sua ocupação, estado civil, você mora atualmente no Bairro do Guamá? Se sim, desde quando? Se não, reside em qual bairro? Contatos: \_\_\_\_\_

- Você pode descrever a Passagem Pedreirinha? Sabe o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua? Sabe como surgiu a manifestação? Por que o nome Pedreirinha? Perguntar sobre o sentido de pertencimento ao lugar? Falar das atividades culturais, religiosas e afroreligiosa que existiram e as que ainda existem no lugar? Origens e transformação do lugar ao longo do tempo. Qual é a relação que você tem com as manifestações artístico culturais e afroreligiosa existentes na Pedreirinha?
- Você pertence a qual ou /a quais manifestações culturais que existem na Pedreirinha? Faz parte do grupo ou dos grupos há quanto tempo? Conte de forma resumida como ocorre o evento? Suas transformações ao longo do tempo. Que sentido tem essa manifestação pra você? São preparados alimentos especiais para a celebração, quais são as pessoas responsáveis? Se faz os alimentos com quem aprendeu? Houve mudanças no decorrer do tempo? Há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração? Quem são as pessoas que os usam? Sobre as danças e encenações, em que parte da celebração elas se realizam? Sobre as músicas, orações, ocorrem em que momento da celebração? Quais são as estruturas e recursos necessários para realizar a celebração? A celebração está associada a outros lugares? Quem é o responsável pela decoração do espaço? Qual é a sua função no grupo? Pode falar quais são as pessoas envolvidas com a organização da manifestação? O seu grupo recebe algum patrocínio do Estado ou já recebeu? Quais são as dificuldades existentes no grupo? Você propõe algo para a melhoria do grupo ao qual faz parte?
- Objetos: como é o objeto, localizar os objetos no território, nome mais comum do objeto e pelos quais é conhecido, pessoas envolvidas na confecção ou uso dos objetos, materiais utilizados na confecção, técnica usada, responsáveis pelo objeto.



Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

**- Roteiro de entrevista de história de vida com sujeitos do saber popular do Terreiro de Mina Dois Irmãos (Categorias: Formas de Expressão, Celebrações, Saberes, Objetos)**

▪ Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

É conhecido(a) na Passagem Pedreirinha por algum apelido? Se sim, qual? Idade, Naturalidade, Escolaridade e Profissão dos seus pais, sua escolaridade, ocupação, seu estado civil, você mora atualmente no Bairro do Guamá? Se sim, desde quando? Se não, reside em qual bairro? Contatos: \_\_\_\_\_

- Você pode descrever a Passagem Pedreirinha? Sabe o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua? Por que o nome Pedreirinha? Perguntar sobre o sentido de pertencimento ao lugar? Falar das atividades culturais, religiosas e afrorreligiosa que existiram e as que ainda existem no lugar? Origens e transformação do lugar ao longo do tempo. Qual é a relação que você tem com as manifestações artístico culturais e afrorreligiosa existentes na Pedreirinha?
- Você pertence a qual ou /a quais manifestações culturais que existem na Pedreirinha? Sabe como surgiu a manifestação? Faz parte do grupo ou dos grupos há quanto tempo? Qual é a sua função no grupo? Conte de forma resumida como ocorre as atividades do(s) grupo (os)? Suas transformações ao longo do tempo. Que sentido tem essa manifestação pra você? São preparados alimentos especiais para a celebração, quais são as pessoas responsáveis? Se sim, quem são os responsáveis por fazer os alimentos? Houve mudanças no decorrer do tempo? Há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração? Quem são as pessoas que os usam? Sobre as danças, cantorias, músicas, orações, ocorrem em que momento da celebração e das sessões? Quais são as estruturas e recursos necessários para realizar a celebração? A celebração está associada a outros lugares? Quem é o responsável pela decoração do espaço? Pode falar quais são as pessoas envolvidas com a organização da manifestação? O seu grupo recebe algum patrocínio do Estado ou já recebeu? Quais são as dificuldades existentes no grupo? Você propõe algo para a melhoria do grupo ao qual faz parte?
- Objetos: como é o objeto, localizar os objetos no território, nome mais comum do objeto e pelos quais é conhecido, pessoas envolvidas na confecção ou uso dos objetos, materiais utilizados na confecção, técnica usada, responsáveis pelo objeto, que significados e funções o objeto tem para a comunidade.



Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

**- Roteiro de entrevista de história de vida com sujeitos do saber popular da Associação Carnavalesca Bole Bole (Categorias: Celebrações, Formas de Expressão, Objetos)**

▪ Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

É conhecido(a) na Passagem Pedreirinha por algum apelido? Se sim, qual? Idade, Naturalidade, Escolaridade e Profissão dos seus pais, sua escolaridade, sua ocupação, estado civil, você mora atualmente no Bairro do Guamá? Se sim, desde quando? Se não, reside em qual bairro? Contatos: \_\_\_\_\_

- Você pode descrever a Passagem Pedreirinha? Sabe o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua? Por que o nome Pedreirinha? Perguntar sobre o sentido de pertencimento ao lugar? Falar das atividades culturais, religiosas e afroreligiosa que existiram e as que ainda existem no lugar? Origens e transformação do lugar ao longo do tempo. Qual é a relação que você tem com as manifestações artístico culturais e afroreligiosa existentes na Pedreirinha?
- Você pertence a qual ou /a quais manifestações culturais que existem na Pedreirinha? Sabe como surgiu a manifestação? Faz parte do grupo ou dos grupos há quanto tempo? Qual é a sua função no grupo? Conte de forma resumida como ocorre as atividades do(s) grupo (os)? Suas transformações ao longo do tempo. Que sentido tem essa manifestação pra você? Houve mudanças no decorrer do tempo? Há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração? Quem são as pessoas que os usam? Quais são as estruturas e recursos necessários para realizar a celebração? A celebração está associada a outros lugares? Pode falar quais são as pessoas envolvidas com a organização da manifestação? O seu grupo recebe algum patrocínio do Estado ou já recebeu? Quais são as dificuldades existentes no grupo? A manifestação cultural presta algum serviço para a comunidade? Você propõe algo para a melhoria do grupo ao qual faz parte?
- Objetos: Pessoas envolvidas na confecção ou uso dos objetos, materiais utilizados na confecção, técnica usada, responsáveis pelo objeto, que significados e funções o objeto tem para a comunidade.



Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

**- Roteiro de entrevista de história de vida com sujeitos do saber popular do Bloco Carnavalesco Mexe Mexe (Categorias: Celebrações, Formas de Expressão, Objetos)**

▪ Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

É conhecido(a) na Passagem Pedreirinha por algum apelido? Se sim, qual? Idade, Naturalidade, Escolaridade e Profissão dos seus pais, sua escolaridade, sua ocupação, estado civil, você mora atualmente no Bairro do Guamá? Se sim, desde quando? Se não, reside em qual bairro? Contatos: \_\_\_\_\_

- Você pode descrever a Passagem Pedreirinha? Sabe o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua? Por que o nome Pedreirinha? Perguntar sobre o sentido de pertencimento ao lugar? Falar das atividades culturais, religiosas e afroreligiosa que existiram e as que ainda existem no lugar? Origens e transformação do lugar ao longo do tempo. Qual é a relação que você tem com as manifestações artístico culturais e afroreligiosa existentes na Pedreirinha?
- Você pertence a qual ou /a quais manifestações culturais que existem na Pedreirinha? Sabe como surgiu a manifestação? Faz parte do grupo ou dos grupos há quanto tempo? Qual é a sua função no grupo? Conte de forma resumida como ocorre as atividades do(s) grupo (os)? Suas transformações ao longo do tempo. Que sentido tem essa manifestação pra você? Houve mudanças no decorrer do tempo? Há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração? Quem são as pessoas que os usam? Quais são as estruturas e recursos necessários para realizar a celebração? A celebração está associada a outros lugares? Pode falar quais são as pessoas envolvidas com a organização da manifestação? O seu grupo recebe algum patrocínio do Estado ou já recebeu? Quais são as dificuldades existentes no grupo? A manifestação cultural presta algum serviço para a comunidade? Você propõe algo para a melhoria do grupo ao qual faz parte?
- Objetos: Pessoas envolvidas na confecção ou uso dos objetos, materiais utilizados na confecção, técnica usada, responsáveis pelo objeto, que significados e funções o objeto tem para a comunidade.



Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

**- Roteiro de entrevista de história de vida com sujeitos do saber popular do Boi Malhadinho (Categorias: Formas de Expressão, Saberes, Objetos)**

▪ Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

É conhecido(a) na Passagem Pedreirinha por algum apelido? Se sim, qual? Idade, Naturalidade, Escolaridade e Profissão dos seus pais, sua escolaridade, sua ocupação, estado civil, você mora atualmente no Bairro do Guamá? Se sim, desde quando? Se não, reside em qual bairro? Contatos: \_\_\_\_\_

- Você pode descrever a Passagem Pedreirinha? Sabe o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua? Por que o nome Pedreirinha? Perguntar sobre o sentido de pertencimento ao lugar? Falar das atividades culturais, religiosas e afroreligiosa que existiram e as que ainda existem no lugar? Origens e transformação do lugar ao longo do tempo. Qual é a relação que você tem com as manifestações artístico culturais e afroreligiosa existentes na Pedreirinha?
- Você pertence a qual ou /a quais manifestações culturais que existem na Pedreirinha? Sabe como surgiu a manifestação? Faz parte do grupo ou dos grupos há quanto tempo? Qual é a sua função no grupo? Conte de forma resumida como ocorre as atividades e eventos promovidos pelo grupo ? Suas transformações ao longo do tempo. Que sentido tem essa manifestação pra você? Houve mudanças no decorrer do tempo? Há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração? Quem são as pessoas que os usam? Sobre as danças e encenações? Quais são as estruturas e recursos necessários para realizar a celebração? A manifestação está associada a outros lugares? Pode falar quais são as pessoas envolvidas com a organização da manifestação? O seu grupo recebe algum patrocínio do Estado ou já recebeu? Quais são as dificuldades existentes no grupo? A manifestação cultural presta algum serviço para a comunidade? Você propõe algo para a melhoria do grupo ao qual faz parte?
- Objetos: Pessoas envolvidas na confecção ou uso dos objetos, materiais utilizados na confecção, técnica usada, responsáveis pelo objeto, que significados e funções o objeto tem para a comunidade.



Universidade Federal de Pelotas  
 Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural  
 Mestranda: Juliana Cordeiro Modesto

**- Roteiro de entrevista de história de vida com sujeitos do saber popular – Grupo Parafolclórico Caldo de Turu (Categorias: Formas de Expressão, Saberes, Objetos)**

▪ Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

É conhecido(a) na Passagem Pedreirinha por algum apelido? Se sim, qual? Idade, Naturalidade, Escolaridade e Profissão dos seus pais, sua escolaridade, sua ocupação, estado civil, você mora atualmente no Bairro do Guamá? Se sim, desde quando? Se não, reside em qual bairro? Contatos: \_\_\_\_\_

- Você pode descrever a Passagem Pedreirinha? Sabe o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua? Por que o nome Pedreirinha? Perguntar sobre o sentido de pertencimento ao lugar? Falar das atividades culturais, religiosas e afroreligiosa que existiram e as que ainda existem no lugar? Origens e transformação do lugar ao longo do tempo. Qual é a relação que você tem com as manifestações artístico culturais e afroreligiosa existentes na Pedreirinha?
- Você pertence a qual ou /a quais manifestações culturais que existem na Pedreirinha? Sabe como surgiu a manifestação? Faz parte do grupo ou dos grupos há quanto tempo? Qual é a sua função no grupo? Conte de forma resumida como ocorre as atividades e eventos promovidos pelo grupo? Suas transformações ao longo do tempo. Que sentido tem essa manifestação pra você? Houve mudanças no decorrer do tempo? Há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração? Quem são as pessoas que os usam? Sobre as danças e encenações? Quais são as estruturas e recursos necessários para realização das apresentações? A manifestação está associada a outros lugares? Pode falar quais são as pessoas envolvidas com a organização da manifestação? O seu grupo recebe algum patrocínio do Estado ou já recebeu? Quais são as dificuldades existentes no grupo? A manifestação cultural presta algum serviço para a comunidade? Você propõe algo para a melhoria do grupo ao qual faz parte?
- Objetos: Pessoas envolvidas na confecção ou uso dos objetos, materiais utilizados na confecção, técnica usada, responsáveis pelo objeto, que significados e funções o objeto tem para a comunidade.



### **APÊNDICE III – ROTEIROS DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA DE VIDA**

**Entrevista realizada dia 31/08/2016**

**Entrevistada: Eloisa Ninfa da Costa Oliveira**

**Conhecida na Passagem Pedreirinha como Tia Elô**

**Idade: 12/02/1965 (52 anos)**

**Naturalidade: Rio de Janeiro**

Nasci no ano do quarto centenário do Carnaval do Rio de Janeiro. Vim para a Cidade de Belém do Pará no ano de 1967 morar na Passagem Pedreirinha. Sobre a escolaridade de seus pais, diz que naquela época não tinha aquela história de ensino fundamental e médio, naquela época tinha ginásio e científico. Eu não sei muito sobre a escolaridade deles, mas eu sei que o papai estudou até a quinta série primária, porém ele era inteligentíssimo. E a mamãe foi semi interna no Santa Catarina de Sena ou foi no Santa Maria de Belém? Foi no Santa Catarina de Sena, acredito que ela estudou até a sétima ou oitava série. Sobre profissão deles, o meu pai trabalhou em muita coisa: ele foi fotógrafo da província, ele foi locutor de aparelhagem, meu pai foi carvoeiro quando rapazinho 'vendia carvão com o meu tio e a minha avó' lavava e passava e costurava pra fora (a mãe dele a Rosinha), foi mestre de obra, trabalhou em mercado de peixe . (E a mãe Lulu?) E por último eles foram comerciantes na Rua Barão de Igarapé Mirim , tínhamos um comércio grande aí na Barão, ficaram por mais de vinte anos, a mamãe vendeu o comércio pois teve de fazer o santo dela no Candomblé e não tinha quem tomasse conta, e preferiu vender. Sobre a sua escolaridade diz que tem o ensino médio completo e tenho curso de técnico em laboratório de análise clínica, arquivista, curso técnico em Radiologia, essas bobagens. Diz ser divorciada e vive em união estável há 11 anos. Em relação a sua residência, moras há quanto tempo? Olha, eu morei nela uns dez anos, depois fui embora para Macapá, retornando de Macapá eu fiquei na casa da mamãe quando foi quando o papai morreu, depois eu passei para esse prédio que é do meu irmão ( fica ao lado da minha casa. E depois aqui na minha casa estou a uns oito anos, eu dei uma reformada , pois estava alugada, (mas ela sempre foi tua?) Não, ela era do meu irmão. Aí o mesmo foi embora para Macapá, e o meu pai me deu. (Você sabe dizer o que existia antes da Pedreirinha se tornar Rua?) Eu sei o que minha avó contava quando a gente era criança que a Pedreirinha era um matagal. Quando sua mãe de santo veio para Belém num pau de arara, lá do Maranhão, a mãe Josina. Eles desceram até onde vinha, acho que foi até São Brás, e de lá aquele monte de famílias que vieram nos pau de arara todo mundo se separou, uns foram pra Pedreira, outras foram pra outros lugares, e a mãe Josina com a família dela vieram pra cá, desceram para este rumo. Como tudo era mato, o que fizeram? Começaram a roçar com o terçado o mato, pá, pá, iam roçando, e quando dava essa



hora, assim, de 18 horas 18:30 hs, que começava a cair a noite, ele pegavam um pedaço de pau, amarrava uma lamparina, tocavam fogo e aí ficavam clareando, aí eles iam cortando, limpando e metendo estaca e metendo pau e fazendo seus barraquinhos para morar. E foi aonde ela construiu o Terreiro "Dois Irmãos", que na realidade quando construiu deu o nome de Tambor de Santa Bárbara. O papai conversou e pesquisou com pessoas mais velhas que a vovó e descobriu que foi nos meados de mil e oitocentos e alguma coisa, que ela fundou este terreiro. Ou seja, o apanhado histórico que ele fez, colocou em 1890, mas que a Dona Josefa que era madrinha da vovó - mãe Amelinha( a vovó morreu com 80 anos, Dona Josefa deveria ter uns 95 anos era muito lúcida, sendo que ela veio para o velório da vovó. Ela era negra, negra, e o olho dela era azul, a dona Josefa era linda, linda, parecia uma conta. Então, a gente tudo a chamava de madrinha "Zefa" pra ela, porque a vovó tinha esse negócio de mandar a gente tomar a bença dos mais velhos, as freiras passavam na rua e tomávamos bença, então nós nos acostumamos de tomar bênça da madrinha "Zefa", mas na realidade a madrinha era dela. Aí, a madrinha "Zefa" disse para o papai que o terreiro foi fundado bem antes de 1890, mas pelo apanhado que o papai fez preferiu registrar a fundação no ano de 1890 pra não ter muito problema. Então, o terreiro ficava do outro lado ( hoje fica localizado no lado esquerdo, no sentido de quem entra na Rua pela Barão de Mamoré), a frente dele era pra lá, não tinha ainda a Rua Silva Castro ( que atualmente é paralela a Pedreirinha, não tinha nada, era um caminho que eles tinham aberto e foram abrindo caminho com terçado, chegaram nesse pedaço e fizeram ali. E quando foi chegando o progresso, abrindo rua, tanto que você ver que a Pedreirinha não é uma rua reta, ela é meio que sinuosa, né? Então, quando eles vieram cortando pra abrir a Pedreirinha, a rua iria passar no meio do terreiro, aí o prefeito ( acho que o responsável pela obra) conversou com ela e pediu pra afastar pra cá ( para o lado esquerdo), e a mesma aceitou e perdeu o outro lado do terreno. Aí, quando a vovó ( mãe Amelinha - 2ª geração) começou a frequentar aqui ( o barracão). A mãe da vovó gostava de apreciar a sessão e o pai da vovó gostava de tocar tambor. Aí, quando a vovó caiu aqui pela primeira vez, ela tinha sete anos de idade, assim se incorporou. Assim, antes dela se incorporar, o pai dela trabalhava no leprosário ( hoje localiza-se a UFPA), que é ali pra banda do Tucunduba, aonde fica a Universidade. Então, a vovó ia levar comida pra ela, o almoço, a vovó ia embora com uma varinha aí por dentro. Naquela época não tinha maldade, né mana? Aí, ele ficava esperando lá perto aonde era agora a Liberato, aí a vovó entregava a marmita e voltava. Aí, nesta volta a vovó encontrou com o meu padrinho Dom José ( é um dos Voduns da Casa, um encantado), mas assim, como se ele fosse de carne e osso, o mesmo com um cajado na mão, uma barbona, aquela roupona com um torçal aqui na cintura, aí ela disse: Bença vovô! E Ele: Deus te abençoe minha filha. O mesmo colocou a mão em sua cabeça, e disse: você está vindo da onde minha filha? E disse: Eu fui levar comida para meu pai lá no leprosário. E falou: Então, vá. Vá direitinho que eu vou lhe acompanhar. E ela foi embora. A

vovó disse que deu uns três ou quatro passos e olhou pra trás, e o velho sumiu. E ficou o procurando no mato, mas não o viu mais. Aí ela veio simhora, chegou na casa dela e contou para a mãe dela. Aí a mãe dela disse: Mais quando Amélia. A vovó : Foi mamãe eu tomei a bença dele e ele sumiu. Quando foi aqui no barracão que ela veio com a mãe dela olhar que ela se incorporou aí, com sete anos, aí ele no corpo da Mãe Josina, disse pra ela e pra mãe dela: Você se lembra de mim minha filha? Aí ela disse: Não senhor, o senhor já me conhece?. Ele disse: Sim, você tinha ido levar comida para o seu pai, lá no trabalho dele, eu encontrei com você e você tomou minha benção. Aí ela disse: Eu não lhe disse mamãe, foi ele o vovô que eu encontrei. Ele falou: Eu sou seu Pai. Aí, quando a mãe Josina morreu que entregou tudo isso pra ela ( elas eram uma família em todas as irmãs eram cegas, menos a Mãe Josina), então eles chamavam de família de Santa Luzia, elas se intitulavam assim. Então, antes dela morrer o Seu Toya Verequete (é um dos Voduns da Casa, um encantado) na sua cabeça disse que depois der seu falecimento a casa não iria parar porque iria aparecer uma filha desesperada pedindo para fazer uma festa aqui. E que essa filha que iria ser a dona da casa, aí a vovó apareceu aqui para fazer uma Festa para Dom José, que o velho dali o Seu Valeriano tinha acertado que iria emprestar a casa dele pra vovó fazer, aí quando chegou na hora ele disse que não daria mais pra emprestar sua casa. E aí, a vovó ficou desesperada e veio aqui com elas, já fazia pouco tempo da morte da mãe Josina. Aí a vovó falou com elas, e uma das filhas disse: Tu te lembras Benedita que o pai Verequete falou a última vez que ele esteve na cabeça da Josina? Que vinha uma filha assim, nessas condições, chorando e desesperada. É ela que vai ser a dona da casa! Aí, elas ficaram morando no local e a vovó só fazendo os rituais. Elas foram morrendo e assim a casa ficou para a vovó (Mãe Amelinha), entregaram o documento da casa, tudo pra vovó. Aí a vovó trocou de Terreiro de Santa Bárbara para Terreiro de Mina "Dois Irmãos" (Dois Irmãos porque a vovó é filha de Dom José e a mãe de santo dela era filha de Toya Verequete, aí ela juntou os dois. Não que eles sejam necessariamente irmãos, mas ela colocou esse nome. Quando criança, você lembra se existiu alguma manifestação cultural que acabou? Ah, a gente tinha um bloco carnavalesco aqui na rua, que era da minha tia Raimunda, os casados também podem. A gente era muleca, e se metia no meu, a titia era uma piada, ela comprava pano e fazia as roupas e todo mundo se vestia, mas a brincadeira era só aqui no Guamá. Que eu lembro era isso, aqui da Pedreirinha. Tinha o Boi Tira Fama do Mestre 70, mas não era aqui da rua, ficava na Barão, a vovó que era madrinha do boi dele. Então, o boi dele vinha se esconder pra cá. Éguaaa, era muito bom, naquela época o quintal era muito grande, e eles se escondiam por aí. Sobre a relação com as outras manifestações da Rua? Sim, eu tenho uma boa relação. No entanto, que eu sou diretora de evento do Bloco Mexe Mexe, faço parte da diretoria desde quando ele foi fundado. No tempo que eu passei fora para Macapá que me afastei das atividades. Mas, quando eu retornei para Belém voltei a participar dos eventos e das reuniões. Tanto prova que nós temos

uma boa relação que o quintal do barrcão é cedido pras Feijosamba do Mexe Mexe. Faço parte do Mexe Mexe desde quando foi criado o estatuto do Bloco, há 17 anos, pois quando surgiu o Mexe Mexe era só uma brincadeira por aqui, depois que virou bloco e hoje é associação carnavalesca reconhecida juridicamente. Antes era Canjão do Mexe Mexe, e depois que ficou Agremiação Carnavalesca Mexe Mexe. (Como vocês se organizam para o Carnaval?) A gente faz rifa, bingo, roda de samba, estamos fazendo agora a Feijosamba (sobre a feijoada, a maioria dos moradores colaboram com um kilo de feijão, outro dá um kilo de charque, e aí a gente junta tudo pra fazer). Ou seja, promovemos eventos para angariar fundos para o bloco, porque a grana que vem da subvensão da prefeitura não dá para arcar com todos os custos para desfilar na avenida do samba; temos nossos colabores, que gostam mas não desfilam no carnaval (mais eles ajudam na confecção dos adereços, das alegorias e carros alegóricos) são simpatizantes do bloco, ou seja, tudo é comunitário, todo mundo pode dar sua opinião, contribuir com o bloco, exemplo através das assembleias que realizamos. Depois a diretoria se reúne, e analisa os prois e contra das sugestões dadas na assembleia. E assim, o Mexe Mexe está crescendo, ele é um bloco da comunidade, para a comunidade. A gente não tem trabalho social, porque não temos uma sede, entendeu, porque se a gente tivesse, a gente teria trabalho social. Pra montar, assim, uma oficina de corte e costura, uma oficina pra fazer desinfetante, sabão em barra, assim, eu sei fazer um monte de coisa. (Que sentido tem essa manifestação cultural na sua vida?) Mana, em primeiro lugar, eu sou louca e fascinada por carnaval. Olha em que ano eu nasci, no ano do quarto centenário do carnaval do Rio de Janeiro. pra mim a melhor festa.... Ahhh, pra mim o que acabou aqui na rua que eu me lembrei, eram as festas de São João que aconteciam aqui na rua. As festas no Terreiro que eram enfeitadas com bandeirinha, com a açazeiro e em cada um deles ela pregava uma lâmpada fluorescente imensa de diversas cores ( azul, amarela, vermelha, branca), a rua ficava empovorosa, a gente pra chegar o mês de junho, mas era assim, festa de São João eu só gostava da daqui da rua de casa. Aí tinha quebra pote, pau de sebo, corrida com ovo, corrida de saco, brincadeira da cadeira, aí tinha uma brincadeira que eles amarravam a maçã e tu tinhas que dançar com a mão pra trás e morder a maçã, tinha a brincadeira com uma pão tamanho família ( que o povo chama de pão bengala) com uma fanta laranja de 1L ( que na época era a maior que tinha), aí era pão dormido, ou seja, o muleque tinha de comer aquele pão todinho com aquele litro de refrigerante; aí tinha outra brincadeira que eles colocavam uma mesa, uma cadeira e uma bacia com trigo ( e lá dentro tinha uma moeda) e aí tinha que pegar a moeda com a boca. Mas, isso tudo era na festa aqui na Pedreirinha que era promovida pela Dona Elsa. .... Sim, eu amo o carnaval, pra mim o Mexe Mexe... Ah, deixa eu te dizer, o Mexe Mexe está no meu sangue já. Pra mim a melhor diversão, apesar de eu ter muito trabalho é o Mexe Mexe, assim na parte da Cultura, eu até vou no Cortejo do Bole Bole, mas do Mexe Mexe eu participo integralmente do Mexe Mexe. (Sobre as dificuldades, o que você

propõe para a melhoria da manifestação?) A gente pensa assim, não temos condições de comprar um terreno pra fazer uma sede para o Mexe Mexe, a sede que a gente intitula ser do Mexe Mexe é a casa da Dona Elsa, que é uma residência. Agora também não tem lógica a sede ser construída em outro lugar, o Mexe Mexe é da Pedreirinha, do Guamá, ou seja, a sede dele teria de ser na Pedreirinha, mas não temos espaço e nem dinheiro. O espaço que temos é o Bole Bole, mas muita das vezes os eventos acabam coincidindo com os do Bole Bole, e é por isso que estamos realizando a Feijosamba no quintal do barracão. Não temos um local adequado pra fazer nossos eventos, no quintal não temos uma cobertura, assim pra fazermos as oficinas para as crianças. Mas, mesmo com todas essas dificuldades o Mexe Mexe não deixa de ir pra rua. Esse ano o Branco (Presidente do bloco) chegou com a gente em Dezembro de 2015 e falou, que o prefeito e o secretário da Fumbel determinaram que o desfile das escolas de samba e blocos seriam em janeiro, com aconteceu. Aí nós fizemos uma reunião em que o Branco botou em pauta isso, então por ele o Mexe Mexe tinha feito uma coisa bem menor e o bloco desfilava só aqui no guamá. Aí, a gente decidiu que não, negativo, nós vamos defilar na Aldeia. Aí, o Branco disse: Mas, a subvenção só vai sair depois do desfile. Aí dissemos: a gente pega fiado no comércio pra pagar quando a subvenção sair. E assim nós fizemos, corremos para o comércio e compramos as coisas tudo pendurada, né, na casa de sapateiro, na casa da costureira. Mas, nós colocamos o Mexe Mexe na avenida para desfilarmos, e ficou em segundo lugar. Infelizmente, ficou, porque colocaram um horário muito cedo pra nós, e nós não estávamos com um número completo de brincantes com a gente sai todo ano, este ano colocaram cedo e o responsável da Funbel foi taxativo, dizendo que quem quisesse participar do desfile na Aldeia cabana tinha de aceitar as condições dadas pela organização do evento, e quem não quisesse quer fosse desfilarmos na Orla de Belém. Durante todos esses anos em que eu desfilei no Mexe Mexe nunca sobrou fantasia, faltava era fantasia. E este ano sobrou muita fantasia, porque a concentração do Mexe Mexe era às 17:30 hs pra gente desfilarmos às 19 horas e a maioria das pessoas ainda estão trabalhando. Ou seja, colocaram bloco e escola de samba do grupo A para desfilarmos no mesmo dia, e além disso, colocaram o Mexe Mexe e o Bole Bole no mesmo dia. (Sobre a subvenção você sabe o valor?) Não sei te dizer o valor certo, se é dois mil ou cinco mil, mas o que sei é este ano recebemos menos do que anos anteriores, é porque o País já tinha entrado na crise. É engraçado que todo ano eu me programo pra passar o carnaval fora de Belém, querendo ir para o interior. que nada mana, quando chega fuzaca do carnaval a minha família toda se envolve e desfila no Mexe Mexe, e a minha enteada é rainha de bateria do bloco. Olha, eu acho que 10% dos moradores aqui da Pedreirinha não saem no Mexe Mexe, são muito poucos, os evangélicos, aqueles que só gostam de assistir pela televisão o carnaval do Rio de Janeiro. Mana, eu adoro o carnaval da minha terra, não outro carnaval mais lindo do que o do Rio de Janeiro. (Há quanto tempo você faz parte do barracão). Assim, quando eu era

pequena dançava eu e minhas primas ( Rosa, Moçinha ) e as filhas das filhas de santo da vovó. Então, a gente era aquela turminha que adora dançar, mana, mas toda hora a gente saía da roda, era pra ir beber refrigerante, a gente figia pegar cabloco no quintal, mas aí o juizado de menor proibio porque não podia criança ficar dançando no ritual depois das 21 horas , e nós paramos de dançar no barracão, ah nós ficamos muito triste. A vovó fazia marcação todo ano para São José e São Benedito. Então, ela sempre comprava tecido a mais para fazer as nossas marcações. Ela mandava nossa tia Maria que era costureira e fazia a roupa de todos os filhos de santo, também fazer as nossas, tudo pequeno. Aí, a vovó decidiu que nós parássemos, pra não complicar, pois naquela época tinha muita perseguição, né? Mas, mesmo assim eu nunca saí porque eu morava com a vovó, eu parei de morar com ela eu já tinha 16 anos e fui morar com a mamãe. Aí meu irmão já tinha esposa, os filhos do meu irmão mais velho que era engenheiro da Celpa ( que faleceu em um acidente de carro), ele era abatazeiro da casa, do Seu Mineiro, tocava apenas do Toque de Tambor para o Seu Mineiro. Então, como ele já morava na casa da vovó om a mulher e os filhos, aí já tinha companhia pra vovó. Morava também, o Jack que ele é da Bélgica, ele ainda é vivo, ele é pesquisador do Museu, casou com a Conceição, uma baiana, e ele morou muitos anos com a vovó. Ele chegou da Bélgica, aí tu sabes como esse povo é andarilho, aí ele andando aqui e aculá, e um amigo conversando com ele e falou sobre o barracão, e ele veio assistir, pediu permissão para fotografar, mau falava o nosso português, porque eles falam francês. Aí, ficou muito tarde e a vovó disse pra ele dormir no barracão, pois em época de festa muita gente fica pra dormir e aí depois foi no hotel onde ele estava, tomou banho, trocou roupa e voltou, já trouxe uma bagagemzinha. Passou alguns dias da festa aí, e a vovó disse: Meu filho, você está aonde? Ah, no hotel... Aí, ela disse: Venha simhora pra cá, venha. Ele foi no hotel e trouxe suas coisas, pouca roupa e muita material de trabalho. ( Muita câmara fotográfica, transparências, slides,). Então, ele começou a divulgar a casa da vovó na Universidade, nome dele (Jacques de Vonjur). E aí, ele começou a divulgar, foi pra Inglaterra, viajava muito, acho que até se aposentou, mana ele é imenso, tem fotos deles no barracão com a vovó, com o seu Mineiro, com a Dona Herundina. Deus o livre, quando a vovó morreu esse homem só faltou morrer, ele a adorava, dizia que a vovó era a mãe dele, “minha mãe brasileira”, “mãe Amelinha”. E Deus o livre, ele tinha assim um respeito, uma consideração, um amor tão grande pela vovó que a gente ficava besta de ver. E aí, ele foi e divulgou fotos da vovó com ele, na Inglaterra tem um livro que fala de afroreligiosidade e tem as fotos da vovó. Um dia a Taíssa Taverna ou a Anaíza Vergolino (eu não lembro bem) que trouxe fotos desse livro, na xérox, essa parte do livro em que a vovó estava rodando incorporada do Caboclo Mineiro, com seu cabelos soltos. Então, ele fez muita divulgação da nossa casa pelo exterior, na França, Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, por todos esses cantos ele mostrava e fazia exposição das suas fotos, onde a maioria eram fotos do barracão. Quando a vovó ía dançar

na federação ou em outro terreiro ele ía junto, ele fotografava, muita coisa assim. Ele esteve aqui em 2014, pois trouxe a sua filha para fazer prova na Escola Zacarias, veio com sua esposa Conceição, sei que ele mora na Batista Campos. (Tu te lembras quando tu começastes a incorporar?) Eu comecei a incorporar devem ter dois anos e uns meses. É porque o meu padrinho, quando a vovó fez a mamãe... É porque o fundamento da nossa Mina é totalmente diferente desses outros. A vovó fez a mamãe aqui nesse terreiro, e quando a mamãe estava grávida de mim a vovó foi fazer uma obrigação pra ela lá no Rio de Janeiro (acho que já faziam sete anos que a mamãe incorporava no barracão), na Praia de Copacabana, no dia 31 de Dezembro de 1964 e a mão estava com uma barrigão de mim com sete meses e fazendo sua obrigação de sete anos. E a vovó sempre dizia pra mim, minha filha tu és ABICU, depois eu vim descobrir com ela mesma, que abicu era aquele filho que já nasci feito no santo, que não precisava de feitura, pois eu já tinha sido feita dentro da barriga da minha mãe. Mas, eu nunca havia incorporado. Aí, eu perguntava pra ela: - Vovó como eu sou feita se eu nunca me incorporei? Dizia: Minha filha, mas pra tudo tem seu dia e sua hora. Como a mamãe fez o santo no Candomblé a Oxum da mamãe me suspendeu como Equedi dela ( equedi é aquela pessoa que não incorpora). Mas, como é que tu vais saber se tu incorporas ou não quando tu és suspensa para Equedi? Quando tu vais te confirmar, tipo: tu vais fazer o teu santo, não pra te incorporar, mas pra ti servir ao teu Orixá. No caso eu iria fazer meu santo no candomblé pra eu ser Equedi da Oxum mamãe, pra servir a Oxum dela. Mas, nunca deu certo e também nunca me deu vontade. Porque quando você é de incorporação que você é suspensa como Equedi e você vai pagar a sua obrigação ( vai fazer o seu santo). Quando chega lá a hora em que cantam para o seu santo, que cortam para o seu santo, você incorpora se for de incorporação, então naquele momento que você incorporou você já vai se recolher para fazer o santo, para ser mãe de santo. Então, eu nunca tive vontade de me confirmar como Equedi, eu fiquei suspensa mas nunca fui confirmar. E aí, quando foi um dia o meu padrinho ( Dom José Reis Floriano) disse que ele tinha me feito no ventre de minha mãe e quem iria me consagrar fora do ventre de minha mãe era ele. E assim, foi feito, ele que fez a minha obrigação, ele que colocou as minhas coisas na minha cabeça, porque a nossa Mina é a Mina de Vodúncio ( Uma Mina onde Vodúncio faz Vodúncio), não é só eu Eloisa ( mãe de santo) que posso fazer o santo do meu filho, como o meu Vodúncio Xangô, a minha Vodúncio Oxum, ela pode fazer o santo do meu filho na minha cabeça. Então, foi ele que fez meu santo, eu já tenho quase três ano de santo feito, e aí com três ano eu já posso fazer meus filho. (Sobre as atividades do barracão). Abre em Janeiro na segunda sexta-feira, abertura da casa com toque para Oxalá, e damos continuidade com as sessões até fevereiro ( uma semana é na segunda e na outra é na quarta). Quando tem pessoas que procuram para tomar passe é no na sexta-feira, mas assim as pessoas tem de agendar ( liga antes para marcar hora). Quando é Março, a gente toca 19, 20 e 21, 19 é Festa de Dom José,

dia 20 de Março é o complemento da Festa que a gente toca para Toya Verequete que é a casa de Dois Irmãos, e dia 21 é o Bacalhau do Seu Mineiro, depois dessa Festividade fecha a casa literalmente, recolhe-se tambor, tocas as coisas, ou seja, tem um ritual para fechar o terreiro, suspende tudo. por causa da Semana Santa. Então, sexta-feira da Paixão a gente recolhe de manhã, aí tem a mesa branca que começa às 12:00 hs e vai até às 18 horas, onde a gente faz o nosso jejum (passa o dia todo em jejum), aí quando dá 15 horas acontece a quebra de jejum e aí a gente leva a mesa até às 18 horas. Quando dá meia noite da sexta-feira Santa meia noite a gente descarrega a casa todinha, e aí quando é de manhã cedo a gente varre toda a casa, limpa toda casa e joga os banhos já para o Sábado de Aleluia. Aí no Sábado de dia, tem as filhas de santo que vem tomar o banho de cabeça e de noite a gente toca, é a abertura da casa. Aí no Domingo de Páscoa, antes a gente fazia a obrigação de dia e tocava a noite. Só que este ano em 2016 o que nós fizemos, foi a obrigação de 12:00 hs e quando terminou a obrigação nós ficamos tudo cantando para todos os Vodúncios da casa, a gente não tocou a noite, pois estava todo mundo cansado. Então, este ano foi o primeiro ano que não tocamos no domingo de Páscoa. Aí vem Maio, a gente toca dia 31 de maio a gente faz a Festa das Flores, uma oferta para Iemanjá. Aí passa Junho e Julho, nesse período de uma festa pra outra ficam acontecendo as sessões. Quando é agosto dia 23 a gente toca para Toya Verequete e dia 24 para os Exus e para as Lebaras - Pombo Giras ( de manhã) e depois vira para a Festa do Caboclo Juremeiro e Sete Flexas e no dia 27 é a Festa da dona Herundina. Quando é setembro dia 27 a gente faz a distribuição de bombons no dia de de São Cosme e Damião, a gente fazia com os Erês, mas de uns anos pra cá a gente só distribui mesmo os bombons para a mulecada. Aí quando é dia 30 de setembro a gente faz obrigação de Xangô, também não é toque, fazemos no salão, quem quiser participar pode. Mas, é assim só ficam abertas a metade da janela. Em outubro e novembro a gente não faz festa (não toca), mas continuam as sessões nos dias de segunda e quarta. Aí dia 04 de Dezembro é o último toque que tocamos para Santa Bárbara, que é Iansã, aí encerra. Porque nós fazíamos a festa da praia no segundo sábado de Dezembro, mas fazem uns anos que a mamãe acabou com a festa na praia, porque ficou muito arriscado, tinha muito assalto. Então, a gente prefere só fazer a obrigação. (Que sentido essa manifestação religiosa tem na sua vida?) Ave Maria! É muita dedicação, muita fé, muito amor. (E as dificuldades que enfrenta atualmente) Ô, muitas! O terreiro é tombado como patrimônio histórico cultural do Estado, mas o Estado não ajuda a gente em nada. A comunidade afroreligiosa do nosso terreiro só são pessoas carentes, você não ver ninguém de carrão, ninguém é magnata, e não tem ninguém com ótimas condições financeiras, são pessoas carentes. Então, tudo o que a gente faz nas festas é colaboração dos filhos de santos, dos amigos, você sabe porque participou este anos. Então, é um pacote de arroz pra um, também pedimos colaboração de alguns políticos que conhecemos ( pede um pacote de refrigerante, uma colaboração), e as vezes nem pra político a gente pede, a

gente dá o nosso jeito. E aí, todo dinheiro que eu tenho, pois eu que sou a responsável pela casa, o que faltar tenho de dar o jeito para comprar, pois temos de servir todos que vierem pra festa, nós preferimos que sobre e depois dividimos para os filhos de santos do que passar vergonha na frente dos convidados. Também, temos a dificuldade de manter com as velas porque vela é caro e temos muitos pontos de caboclos e pontos Vodúncios para acender. Temos dificuldades de fazer reparos na casa, tipo: Ah, essa janela está podre, a gente tem de trocar, mas agora eu fiquei sabendo que para trocar temos de ir no DPHAC solicitar autorização. Então, eu quero ir lá pra saber quais são os deveres dele com a gente? Porque se nós temos obrigação para com eles, eles tem deveres para com a gente. Então, eles tem que vir. Olha, é barata, é essa casa (que fica atrás do quintal do terreiro), essa mansão de cupim que é essa cerraria, que espalha cupim na vizinhança todinha, aí da cupim no barracão que já destruiu documentos, então a gente tem de viver colocando veneno. Fomos ver o valor de uma detetização e o cara cobrou 350,00 reais, aonde é que eu vou arrumar todo esse dinheiro? Aonde é que os meus irmãos de santo tem coitados condições de tirarem 50, 30 reais para juntarmos e fazermos? E a gente vai se virando com o que tem, com o que pode. A gente tem muita dificuldade, o pessoal pensa: Ahhh, porque o terreiro é bonito, as roupas são bonitas, mas não sabem o esforço que a gente faz, a dor de cabeça que dá pra fazer uma festa dessa, a preocupação, pois tem de sair tudo correto, é muita responsabilidade. ( Tu já visitastes algum museu?) Sim, já visitei quando fui no rio de Janeiro, em Macapá. (Qual é a ideia que tu tens de Museu?) Ah, acho que museu é um lugar... Olha, aqui a gente já tentou fazer o Museu Mãe Amelinha, lá em cima naquele quarto em que eu troco de roupa, pra gente colocar as vestes dela pendurada assim, as fotos, pra levar as pessoas pra conhecer. Ah, museu é isso, aonde você faz exposição de coisas atuais ou de coisas já de antepassados seus, ou de coisas passadas que foram importantes.



**Entrevista realizada no dia 18/10/2016****Entrevistado: José Fabrício Oliveira Meireles****Conhecido na Passagem Pedreirinha como Minni****Idade: (38 anos)****Naturalidade: Belém**

Infelizmente o feijão se afastou por problemas pessoais com a diretoria do Bole Bole e aí eu peguei e tomei a frente, e quem está comigo atualmente na Bateria do Bole Bole é o Marcão. O André que é sobrinho do Vetinho também, mas pouco vem aqui. Então, a gente começou a ir em busca de algumas melhorias que fizemos, mas sabemos que ainda tem muita coisa pra fazer, assim eu não fujo da realidade. Perto de outras baterias a gente aqui em termos de organização, infelizmente estamos muito distante, mas por conta da escola não ter patrocínio e apoio de nenhum político. Então, a gente começou a correr atrás de algumas pessoas para ajudar a ala da bateria, então vimos essa necessidade. A partir disso, começamos a organizar algumas coisas, como começar a ensinar mais cedo os novatos que tem o desejo de tocar na bateria, que nos anos atrás os ensaios começavam em dezembro, ou seja, depois do carnaval não fazíamos nada até dezembro. E de uns dois três anos pra cá eu meti a cara ( brigava com o feijão - a gente tem que fazer algo) e ele (Ah, mas quem vai bancar isso? A gente vai dar aula de graça?) eu disse: ( Cara é o seguinte , a gente for pensar assim a gente não vai fazer nada, nè? Então, a gente tem de meter a cara). Aí, teve esse problema com ele, e aí ano passado (2015) alguns meninos da bateria começaram a questionar o porquê do atraso dos ensaios, de só começar final do ano. Então, ano passado começamos mais cedo e fizemos a escolinha, e graças a Deus foi o efeito que surtiu, deu um resultado claro. Pois, um trabalho da noite pro dia não dá resultado, e aí graças a Deus obtemos resultados positivos no Carnaval, gente que começou não sabendo tocar nada e no Carnaval tocou muito bem, a nossa bateria só tirou nota 10, o Bole Bole foi campeão do carnaval e o setor que chamou muita atenção foi a bateria por conta da renovação que foi praticamente 90%, ou seja, além da nossa bateria ser muito jovem, os antigos que tocavam há muito tempo não saíram no carnaval, tivemos problemas na concentração do desfile, saímos com 150 ritmistas, e na hora da contagem faltaram dois integrantes dispersos. Aí quando a bateria estava toda armada, tocando e já tinham feito a contagem elas apareceram com o instrumento nas mãos, aí eu tomei a platinela das duas e joguei dentro do caminhão. Aí começou aquela coisa toda, o padrasto de uma das duas falou que iria me dar um tiro, a mãe disse que iria fazer e acontecer, que não saía mais no Bole Bole porque era uma falta de respeito o que tinha acontecido. Só que assim algumas pessoas vieram para conversar comigo pedindo para que eu me acalmasse, e eu disse que estava calmo. A única coisa que eu fico chateado é que em uma hora dessa em vez do pai e da mãe repreender o filho, mas pensa que é apenas uma

brincadeira. Mas, o carnaval é uma brincadeira séria. Então, ele não sabe a responsabilidade que ele tem em fazer parte da ala da bateria, por isso que eu sempre falo nas conversas que tenho com os ritmistas que eles estão em um setor muito elogiado, porém tem uma responsabilidade muito grande. Então assim, digo que eles tem de estar focado todo o tempo, porque é um compromisso. Aí poxa, chega no dia do desfile... Se fores pensar e olhar lá pra trás e você pensa nos três meses em que você ficou ensaiando no Bole Bole, dia de terça e quinta, às vezes sexta, fazendo calo na mão, às vezes vindo por debaixo de chuva, e aí dia de domingo no arrastão cultural aí tu sai daqui um sol do caramba dobra alí na Castelo e cai a chuva, ou seja, você passa uma série de situações, aí quando chega no dia de tua apresentar o trabalho que tu sofreu lá atrás pra te construir, bem aqui tu dá um tropeço e joga tudo por água abaixo. Depois que passou tudo isso nós passamos para desfilar, aí os pais das duas, inclusive uma das mães ficou com raiva no início mas parece que depois caiu em si e viu que elas estavam erradas, e falou pra outra mãe: - a gente tem que ver que ele tem razão, pois na hora da contagem era pra elas estarem lá. Aí a outra mãe disse: - Ah, agora você vai defender ele? E a outra disse; - Não é quetão de defender era pra elas estarem lá, não está circulando nem pro lado nem pro outro. Eu sei que depois no final do desfile me disseram que elas estavam pulando, cantando, dançando. Então, passou, O Bole Bole ganhou, todos tiveram seus méritos. só que a bateria teve um destaque especial porque além de fazer um grande desfile foi a ala que se destacou. Então, isso aí me chamou atenção de uma questão, o que é bom a gente não pode deixar escapar. Eu peguei todos os elogios realizados e conversei muito com os meninos, pois a gente não poderia perder o foco. Os elogios são bons, mas ao mesmo tempo estamos sendo cobrados pra dar o nosso melhor, pra sempre trazer uma novidade. Então, esse ano (2016) nós começamos bem mais cedo, iniciamos os encontros no mês de maio, nunca tinha acontecido isso no Bole Bole. Eu sei porque desde os seis anos de idade estou aqui. Esse ano agora eu coloquei uma coisa na minha cabeça, de conseguir algum patrocínio para que eu coloque em prática uma coisa que já venho querendo realizar há três anos que é sobre a questão de colocar um lanche para os meninos. Porque a gente já dá um atrativo que é a musicalização, além desse atrativo você dar um outro atrativo é melhor ainda. Exemplo, eu trabalhei em um projeto social em que nenhum menino gostava de ir pra lá porque só davam o atrativo de futebol, arte e musicalização, e a partir do momento em que eles começaram a dar um outro atrativo que era a merenda ele ultrapassou o número de criança, eram pra ser atendidas 800 crianças e foram 2.500. E aí quando uma ação faz com que triplique o número e pessoas, fomos investigar o porque, e observamos que a maioria dos atendidos não tinham o que comer em casa, passavam o dia todo na rua, uma série de situações. E na bateria do Bole Bole esta situação não é tão diferente assim, uma parcela significativa passa por dificuldades financeiras na família. Então, eu conheço uma minoria da Bateria que sei que a família tem

condições de dar o mínimo necessário para os meninos, mas muitos que estão chegando eu não conheço, não sei. Ou seja, as nossas aulas aqui são só de noite, eu fico me perguntando: será que esse menino tomou café da manhã? será que ele almoçou? merendou? Então assim, se a gente der esse lanche com certeza ele vem, e irá aprender musicalização e terá o lanche pra esses meninos. Estávamos pensando nos ensaios serem na terça, quarta, quinta e sexta, e na sexta fazemos um sopão para os meninos. Porém, o Vetinho (Presidente emérito) ainda não confirmou esse ensaio na sexta. Então, sugeri que continuássemos terça, quarta e quinta com o suco e bolacha. E a Fátima é uma pessoa que ajuda bastante a bateria, e me disse que se responsabilizaria pelo sopão. Então, são coisas que tem gente que está de fora e enxerga de outro jeito. Mas, assim eu sei que às vezes querem derrubar as coisas, querem de um jeito ou de outro te atingir para que tu não dê continuidade nas coisas, pra que fique do jeito que está aqui. Tipo assim, eu entro aqui nesse horário de 9:00 horas da manhã e me bate uma tristeza, está só nós dois aqui, será que na hora em que você chegou aqui acho que ficaria muito mais feliz se tu encontrasse pelo menos umas 50 crianças fazendo alguma atividade, musicalização, praticando algum esporte, são esses tipos sonhos que eu tenho. E assim, a cada dia que passa eu fico muito mais preocupado, ontem mataram 5 lá no [bairro] Jurunas e tem mais 2 estão internado, e a gente não pode pensar que é só no Jurunas e que não pode acontecer no Guamá, e no Guamá tem também. Mas, tem por que? Porque aquela criança e aquele adolescente não tem uma oportunidade, quando ele tem oportunidade eu te digo com todas as letras, que com certeza, ele não vai para o outro lado. Então, assim, muitos garotos que estão hoje aqui, estão aqui por que? A gente não paga ninguém, ninguém recebe bolsa, então alguma coisa tem. Mas, o que é que eles querem? Eles querem aprender a música. Ou seja, nós damos oportunidade para todos que querem aprender, para que a gente não se depare com um desses que a gente não deixou entrar, a gente não se depare lá no canto armado e levando tudo o que a gente tem. Olha, hoje de manhã o feijão mandou uma foto de um aluno nosso, tinha um talento muito grande, na realidade eram três (dois irmãos e um primo), só quem resistiu foi o primo que continua aqui com a gente, os outros eram dois irmãos, ou seja, o menor dos irmãos hoje de manhã foi assaltar um taxista com uma faca e foi pego pela polícia e assim preso, está como morador de rua e usuário de drogas. E aí eu fico me perguntando quando eu vejo uma coisa dessa, o que foi que eu fiz pra contribuir com esse garoto que estava do meu lado ontem e hoje não está mais? Fiquei pensativo: Poxa, eu estou aqui, eu acabei de acordar, o café da manhã está ali, depois vou tomar banho, eu estou com uma roupa boa, com o boné que eu gosto, com o relógio que eu gosto. Mas, e aí, eu tenho tudo isso, e o garoto que não tem nada? Eu sou o tipo de pessoa que ajuda demais as pessoas, eu sempre fui muito criticado pelas minhas mulheres, a pessoa que estou atualmente briga demais comigo dizendo que eu sou besta para as pessoas, ajudo todo mundo, mas ninguém me ajuda. Eu falei pra ela outro dia: Minha filha a questão não é essa.

A questão toda é que tem algo dentro de mim que diz que eu tenho de fazer isso. Então, se eu tenho que fazer isso, se sou feliz assim, então deixa eu ser feliz. ( As referências na infância que recebeu você e o Marcão). Inclusive uma coisa que aconteceu esse ano, na escola em que eu dou aula, eu estou há quase seis meses sem receber nada. Então, assim no início do ano a diretora me chamou e perguntou como ficaria a banda? É, porque ano passado as coisas aconteceram, mas você estava recebendo. Só que agora cortaram a verba do Programa Mais Educação e a gente não vai ter como te pagar. Aí eu disse: E isso é alguma dificuldade?. Ela disse: É porque todos os professores do Programa foram embora. Aí eu disse: Mas, a senhora acha que eu sou maria vai com as outras. Ela disse: Sabes o que é Fabrício os alunos estavam se reunindo para pagar o teu salário pra você continuar. Eu disse: Como é que é? Não vai acontecer nada disso. A banda não vai parar e o dia que esse dinheiro do Mais Educação voltar, se a senhora achar que deve me dar ou não. O que a gente não pode é deixar parar uma coisa que está dando resultado, há três anos eu estou aqui, fiz 4 anos agora lá, e os resultados são muito significativos, e assim, a quantidade de alunos que a gente conseguiu inserir na banda e começaram a ter uma outra visão, foi muito grande. Ou seja, eu não posso parar com uma coisa que vem mudando a mentalidade os jovens, se eu parar eu vou acabar frustrando a mente dos garotos que está com uma certa vontade de querer aprender, de querer se apresentar no desfile, colocar aquela roupa bacana e bater uma foto e colocar na sua casa, mostrar para a sua mãe e dizer olha mãe eu fiz parte da banda. No dia do desfile nós vimos o belo resultado. E retribuímos para as pessoas que nos ajudaram, porque eu digo em todo canto que passo que a gente tem de ter caráter, humildade e disgnidade e acima de tudo a gente tem de ter muita responsabilidade. Hoje eu digo que não preciso de reconhecimento de ninguém, eu preciso mostrar siam pra aquela criança e para aquele jovem que ele é capaz de tudo, se ele sonhar ele consegue. Agora, claro pra tu chegar no teu objetivo tu tens de ser capaz de superar todos os teus obstáculos. E hoje em dia tem resultado, eu prefiro nem falar, eu deixo pra que todo mundo veja. Eu tenho uma boa relação com todos eles, todos me respeitam como eu também respeito eles. Eu sempre digo a eles que não quero nada em troca, os meninos que são daqui, tem meninos da nova safra que já está tocando na noite. Digo pra eles que o que quero apenas é que eles tenham responsabilidade e compromisso em todo lugar em que forem tocar porque é daí que tu vais começar a fazer teu nome. Tu podes ser o pior músico do mundo, mas se tu tiver compromisso e responsabilidade todo o tempo tu vais estar tocando. Se marcaram 19 hs contigo chega às 18 hs, se tu vai tocar só 10 minutos o problema é de quem marcou contigo mais tu estás lá no teu horário, e daqui a pouco a pouco aquela pessoa não vai marcar contigo às 18 hs vai marcar às 21:30 hs porque sabe que tu chegas no horário. Porque o que acontece, hoje em dia o músico é mau visto porque tem uma meia dúzia que diz que é músico e o cara não enfrenta a realidade dele, leva isso como um hobby, como um passatempo e acaba afetando

a maioria que defende essa classe como o ganha pão do dia-a-dia. O cara sai da casa dele e deixa sua família preocupado por conta da violência aí, e vai trabalhar e muita das vezes o cara não tem aquela recompensa como deveria ser. Aí o cara que não é músico, quer ter as mesmas regalias que o músico da noite trabalha pra caramba pra ter, ele quer tocar nas melhores casas, quer ter o melhor cachê, quer ter um camarim, aí quando tu vais ver o histórico do cara ele toca umas três ou quatro horas por uma grade de cerveja, ou então ele vai alí tocar porque o cara vai dar uma garrafa de cachaça, então, é uma série de fatores que eu sempre procuro passar pra eles, para se valorizem, pra que sejam valorizados. Eu já pensei em que estivesse um cronograma de atividades aqui em no Bole Bole, acabou o carnaval em fevereiro e continuaríamos os ensaios aqui, em junho é Boi e quadra junina, então tínhamos de dar prioridade para o Malhadinho e ver o que iríamos fazer. Então, poderíamos pensar fazer o Malhadinho estilo do Arraial do Pavulagem, nos dias de semana fazíamos apresentações e no domingo o cortejo no Bairro do Guamá, e depois chegando no Bole Bole fazia uma promoção do evento, convidada o Allan Carvalho e o Lúcio Mousinho para cantar e fazia esse tipo de movimento. E o 7 setembro faríamos tudo em parceria, poderíamos fazer uma banda marcial da escola de samba, pegávamos os meninos da bateria que fazem parte percussiva e trazia o prof Rhaussely, no dia do desfile escolar tem gente que não tem banda, e aí poderíamos dar um apoio e só contribuiriam com a manutenção dos instrumentos ou se quisessem com uma ajuda de custo para a comprar de instrumentos. E olha que eu nem falei sobre o carimbó, que acontece o ano inteiro, e que em junho é muito solicitado. Então assim, são várias coisas que a gente pensa e sonha, mas sabemos que é difícil colocarmos em prática, mas a gente não pode parar de sonhar, né? que senão a gente acaba crescendo e não acaba fazendo nada. Meu nome é José Fabricio Oliveira meireles. Sou conhecido como Minnie na Pedreirinha, porque na época quando eu era menor, criança né? porque eu não cresci rsrsr, a minha tia me chamava de Minnie Hoock porque eu era gordinho, aí depois de um tempo que eu desenvolvi ficou só o Minnie mesmo. Tenho 38 anos, nasci em Belém, sempre morei no Bairro do Guamá, e 36 anos morei na Pedreirinha. Tenho o 2º grau completo. A mamãe fez até o primário e já o meu pai fez o Senai e se formou como mecânico eletricista. Hoje em dia eu sou músico e instrutor de musicalização da Escola barão de Igarapé Mirin. Sou solteiro. Moro atualmente na Passagem Nossa Senhora de Fátima, prox a Silva Castro. (Me descreve a Passagem Pedreirinha). A minha relação com a Passagem Pedreirinha é muito grande, aqui foi onde eu nasci, me criei, praticamente toda a minha família mora aqui, meu tio mora perto do Bole Bole, meus finados avós (pais da minha mãe) moravam logo ali, mais lá pra frente moram os meus avós que me criaram, mais lá pra frente moram os meus primos e meu padrinho. Então assim, foi um lugar onde eu nasci e me criei, construir minhas amizades aqui, e assim eu tenho uma relação muito forte com esta rua. Atualmente, a minha companheira diz que eu deixei meu umbigo enterrado aqui, pois eu não saio daqui,

mas assim ela sabe porque, sabe que todas as minhas amizades estão aqui. É um local onde todo mundo me conhece o primeiro morador da primeira casa da José Bonifácio até a entrada da Barão de Igarapé Mirim. Essa relação que eu construí sempre foi uma relação muito boa, de todos esses anos que se passaram. Assim, se foram moradores, outros chegaram e outros estão entrando. Mas, assim, eu nunca deixei de conviver aqui. Essa Rua aqui, hoje em dia, é uma rua cultural onde tem uma escola de samba, um bloco carnavalesco, um boi, tinha uma capela, tem um terreiro de Mina, ou seja, tem uma série de coisas envolvidas nessa jornada. Foi um local onde eu vivi muitos momentos bons, em que vivi a minha infância, que foi o melhor momento da minha vida, aqui mesmo no Bole Bole foi um local em que eu vivi muitos momentos ( jogávamos bola, pegávamos frutas das árvores, foi também um local em que eu comecei a me identificar como pessoa. Eu me lembro que na época da minha infância passaram pessoas que foram muito importantes para a minha formação como ser humano e como músico, o Mininéia que ensinou muita coisa boa pra gente. Depois veio o Nazareno ( Com o Projeto Frutos do Xequerê) com o Vetiinho e outras pessoas se empenham na reconstrução do Malhadinho, isso foi um ponto importante porque a gente começou a conhecer a cultura (Carimbó, Boi-Bumbá, Pássaro Junino, etc) de um modo geral, até então a gente só conhecia o carnaval. Eu aprendi muito, e nós começamos a ter uma visão ampla do que seria a cultura, também sobre a importância de isso tudo, pois achávamos que o carnaval era a cultura mais importante. E depois disso a gente viu que não seria isso, que além do carnaval existem outras culturas que são importantes. Nós aprendemos muito com o Nazareno, nas oficinas aprendemos a construir um boi, confeccionamos barricas, construímos instrumentos que são usados nas apresentação do boi, até para o carnaval aprendemos a fazer instrumentos como: fazíamos surdo, caixa e repique de madeira, a gente fazia baqueta de caixa que compramos hoje em dia nós fazíamos, tinha um maquinário aqui. Além, da gente respirar a cultural aqui também a gente fabricava o nosso próprio material. Hoje em dia eu fico triste porque a gente não conseguiu dar continuidade, infelizmente, eu garanto que se hoje em dia tivéssemos com a metade daquele maquinário que tinha aqui estaríamos muito melhor. Claro que as coisas tudo tem evolução, né? Assim, aquela máquina e aquelas formas que ajudavam a gente a a fazer material de madeira, que hoje em dia se usa pouco material de madeira se usa mais inox e /ou alumínio reforçado, quem sabe se essas máquinas a gente não trocava por esse material novo e não estaria aqui construindo os nossos instrumentos? Quem sabe até vendendo, fabricando e exportando os nossos instrumentos. Assim como tem a importação de músicos na época do carnaval que tem muita gente que tem bateria em outros lugares, mas diz que tem de vir no Bole Bole porque lá é um celeiro de menino novo que é bom, e eles acabam levando muitos meninos. Mesma coisa, a fabricação de baquetas e outros instrumentos se tivéssemos fabricando o presidente não estaria batendo cabeça e na época do carnaval não tinha de comprar tantos pares e tirar do orçamento da subvenção,

ou seja, esse dinheiro que ele tira poderia estar investindo na decoração de um carro ou na compra de um material necessário, etc. Uma série de fatores e infelizmente as coisas foram tomando outras proporções, que se a gente olhar pra trás vemos que tínhamos um material humano muito grande e hoje em dia poderia estar contribuindo na escola. Eu vejo que outras escolas queriam ter a metade que o Bole Bole tem aqui e não conseguem ter lá, eu falo de um modo geral. Ou seja, o Bole Bole não tem dinheiro, mas tem a comunidade que contribui. E assim, eu guardo uma das falas de um presidente de uma das escolas de samba do grupo especial de Belém, eu fiquei sabendo por um radialista que participou desta reunião na escola de samba deles: Eu não consigo entender uma coisa, eu abro uma torneira de dinheiro aqui e vocês não conseguem fazer metade do que aquela escola do Guamá faz. Outro dia eu fui olhar o carro alegórico deles lá, e eles sem dinheiro parece que estavam fazendo um carro do estilo do Rio de Janeiro e com o dinheiro que tem aqui vocês não conseguem fabricar a metade. Então queria eu ter dez pessoas daqueles lá junto comigo aqui. Então, são coisas que a gente escuta e acaba engrandecendo a gente, né?. Só que eu sempre digo que não podemos deixar esse engrandecimento subir pra cabeça, temos de ter todo tempo pé no chão, trabalhar e sem passar por cima de ninguém.

Uma coisa que eu falei para os meninos no Auto do Círio (evento que ocorre no mês de Outubro) é que estavam com uma grande responsabilidade, pois estavam vivendo um momento muito especial já que foi a bateria de escola de samba convidada para tocar no evento, e questionei com eles para refletirem quantas baterias de Belém gostariam de estar no lugar deles? Aí no dia do evento eles começaram a ficar assustados com tanta badalação, de ter ido tanta gente os elogiar. E ainda continuam os elogios, sábado passado eu fui tocar na Escola de Samba do Rancho, com a banda Trama do Samba que faço parte, e tinham algumas pessoas da bateria deles apreciando o show e foram falar comigo me parabenizando pela apresentação da bateria do Bole Bole no Auto do CÍRIO, disseram que foi muito bom. Eu agradei e aí eu disse que se eles precisassem de algo as portas do Bole Bole estavam abertas pra vocês, nós não temos indiferenças com nada, a nossa escola é como coração de mãe sempre cabe mais um. Eu vejo assim, que não adianta termos vaidade, pois a mesma se sustenta até um certo tempo. Participa do Mexe Mexe, do Bole Bole, dá um suporte para o Malhadinho e joga no time Pedreirinha Futebol Clube. Sempre participei das atividades do Mexe Mexe desde quando surgiu, do Bole Bole também. E do Malhadinho faço parte da truma da 1ª Geração junto com o Marcão, o Delly, Fábio, Eduardo. ( Sentido em que as manifestações tem na tua vida?) O Mexe Mexe foi um momento de conhecimento, porque a gente estava muito acostumado com o Bole Bole ainda na época que era bloco. E depois que passou pra escola de samba as coisas foram modificadas porque a escola é diferente de bloco. Então, assim eu participei desde criança, mas eu não vivi muito o Bole Bole como no Mexe Mexe. Porque no Mexe Mexe quando começou a gente trabalhava muito com

promoções, a gente fazia muitos eventos, toda segunda feira tinha o pagode do canjão do Mexe Mexe, então a gente se reunia para tocar e não recebíamos cachê, porque tudo que era investido na festa e entrava como dinheiro, tudo era investido para o bloco. Então, teve um momento em que o Mexe Mexe era uma força da comunidade, depois de um tempo pra cá as coisas foram perdendo aquela essência. Antigamente, a gente tinha aquela coisa organizada, tinha a prestação de conta, todo mundo ficava sabendo das reuniões. Outra coisa também é a falta de instrumentos para a bateria que o Mexe Mexe sempre empresta do Bole Bole, aí este ano o Vetinho disse que não tinha como emprestar, aí foi aquela correria toda em cima da hora para conseguir os instrumentos. Eu e o Marcão conseguimos material com um pessoal perto da rodovia mais estavam em péssimo estado, sendo assim acabamos nos responsabilizando e pegando alguns instrumentos do Bole Bole, separamos os que iriam para o desfile e levamos o restante para o Mexe Mexe. Aí o que acontece o material que tem lá na Casa da Dona Elsa, porque o Mexe Mexe não tem uma sede, era uma bateria antiga do Bole Bole, que só sai de lá uma vez no ano para o desfile, e só vai mexer de novo no outro carnaval, e se você for ver o material está todo velho, aí lá não tem local próprio, o material pega poeira, chovisco e acaba assim enferrujando todo. Então, é uma série de fatores que aconteceram e eu comecei a perder a vontade de contribuir. O que eu faço ainda no Mexe Mexe é dar a minha contribuição de tocar 30 minutos ou uma hora no pagode que acontece todo o mês e depois vou embora pra minha casa, e ajudo nos ensaios da bateria e desfile. Mas, antes eu dava o sangue pelo Mexe Mexe. Há uns anos atrás o Feijão se afastou e eu acabei tomando conta da bateria e obtivemos resultados muito positivos. Sobre os instrumentais de músicas e suas experiências) A experiência sobre isso a gente tem muitas, eu vou te dar um exemplo, O Lucas é um menino muito talentoso, foi um garoto que veio muito novinho pra cá com a gente. E nós enxergávamos ele como uma promessa e hoje ele é uma realidade. Ele chegou aqui sem saber muita coisa, era um garoto especial, pois a gente passava os métodos e rapidamente ele pegava. Ou seja, a música entrou nele muito rápido, no entanto que atualmente estuda no Carlos Gomes. Também, podemos dizer que ele já veio com a musicalidade incorporada, pois em sua casa seu tio era carnavalesco do Arco Iris e ele já fazia parte do Malhadinho, era um dos tripas. Fora o Lucas temos outros exemplos de garotos que chegaram aqui sem saber nada e estão hoje na noite tocando. Já conseguem ganhar seu dinheiro deles fazendo o que gostam. Vejo assim que isso é um ponto muito positivo. Uma coisa curiosa que eles não entendiam e me perguntavam: se eu preferia pegar um cara que sabia alguma coisa ou um cara que não sabia nada? Se formos pensar superficialmente teríamos menos trabalho em ensinar para aquela pessoa que já sabe alguma coisa. Mas, pelo contrário eu prefiro pegar uma pessoa que nunca tenha tocado na vida e nunca sequer pegou no instrumento, eu acho a coisa mais fácil do mundo. Porque se tu pegar aquele que já sabe ele não vai seguir as tua regras, porque dentro do subconsciente dele já tem algo que diz que



ele sabe tocar e que a pessoa não ensinou nada, então, é diferente da pessoa que não sabe nada, você consegue introduzir algo no subconsciente da pessoa. Hoje em dia eu devo ter uns 10 coringas, o coringa que agente fala é o garoto que consegue tocar todos os instrumentos, e o Lucas é um deles, tem o Ciro Mateus, Felipe Nunes, Renato que está começando a se especializar em todos os instrumentos, e são todos jovens. Ou seja, eles começaram a observar que ser um coringa não é ser melhor ue todo mundo, ser um coringa é ser uma pessoa importante para conseguir suprir a necessidade em um momento de dificuldade, pois a gente sabe que tudo acontece na hora. Já pensou se no dia do evento faltar o cara do tamburin? Então, são coisas importantes que tentamos repassar pra eles. E os frutos estão aí pra todo mundo ver, o Everton que toca na noite inclusive tocava comigo e que foi um dos meu primeiros alunos; tem o Felipe Nunes que toca percurssão e flauta transversau; tem o Lucas, e aconteceu uma coisa interessante em uma festa de comemoração do Bole Bole a mãe chegou comigo tipo pedindo permissão e pedindo algumas referências do grupo que ele iria fazer parte, foi através de um menino que tocava aqui e foi para este grupo e falou do talento dele. Aí, ela queria saber como era lá, se eles bebem ou não? Aí eu disse: Olha, sobre essa questão de beber ou não eles já sabem qual é o meu pensamento sobre isso, ele já tem a consciência que se entrar nesse grupo e se for beber ele não vai ser um músico valorizado, porque daqui a pouco o cachê dele é 100 a'pi ele vai começar a beber e os caras não vão mais dar 100 vão dar 70 e daqui a pouco vão dar uma grade de cerveja e daqui a pouco já perdeu a valorização. E sobre conhecer o grupo eu acho que temos sim de conhecer para saber com quem está andando, mas assim, é uma galera que tem o poder aquisitivo razoável, então tudo é uma questão de conversar e saber quais são os objetivos traçados. Sobre a questão de cachê é ele que tem de dar o seu valor. ( aí ela disse: Ah, mas eles tem o transporte deles) Já que eles tem trasnporte que vem deixar e buscar em casa, pode acordar dizendo o seu cachê e cobrando uma valor menor tipo 80 reais ou 70. Isso aí, foi uma coisa que eu fiquei pensativo, é o pai do adolescente vir me perguntar as coisas enquanto esse papel não teria de ser comigo, porque até então são os pais os empresários do filho, eles que orientam. Então, essas coisas vem acontecendo na minha vida e procuro sempre guardar comigo, e sempre estou em busca do meu crescimento, de coisas novas, para que eu possa passar pra eles e que lá na frente cresçam mais ainda.

**Entrevista realizada no dia 03/11/2016**

**Entrevistado: Aldrin Torres e Silva**

**Conhecido na Passagem Pedreirinha como Gaguinho**

**Idade: (29 anos)**

**Naturalidade: Belém**

Meu nome é Aldrin Torres e Silva. Sou conhecido na Pedreirinha como Gaguinho. Tenho 29 anos, ou natural de Belém do Pará, tenho o Ensino Médio completo e estou cursando o superior, tenho também curso técnico de edificação e trabalho nesta área. Meu pai tem o curso superior e minha fez curso técnico. Vivo de união estável. Eu nasci no Bairro do Guamá, mas me mudei várias vezes para outros bairros de Belém, sendo que atualmente moro no Guamá, nunca morei na Pedreirinha mais vivo por aqui rsrsrsr. Participo do Grupo de Carimbó Caldo de Turu e saio na harmonia do Bole Bole e do Mexe Mexe. (Descreva a Passagem Pedreirinha) Eu lembro quando era pequeno que a Pedreirinha era um lugar de muita festa, alegria, de cultura, de boi-bumbá, quadrilha. Aqui no Bole Bole tinha muitas apresentações de boi-bumbá e quadrilha. As coisas ainda acontecem, mas as coisas não são como antigamente, pra mim a Pedreirinha é o berço da cultura. ( Tu participavas quando criança ou só prestigiava?) Eu só assistia e brincava. ( Das atividades culturais) Eu participei das atividades do Muleque Pandeiro na época do Nazareno, nós participávamos com o interesse de aprender a música, tinha oficina de flauta, de percussão. O meu irmão aprendeu a tocar flauta doce aqui, com o Nazareno, e depois foi para o Carlos Gomes. Mesmo quando eu não era integrante do Caldo de Turu eu, apreciava as outras manifestações culturais daqui da Pedreirinha, o Malhadinho, O Bole Bole nem se conta, o Mexe Mexe, eu sempre estava ali presente. Mas, agora quando eu integrei o grupo essa relação ficou mais forte e acabou fortalecendo esse vínculo, de contatos que eu já tinha antes. ( Sobre sua participação no Caldo de Turu) . Eu entrei muito depois da criação do grupo, ele nasceu ali na Igreja Goretti, com o apoio do padre, já fazem cinco anos que participo do grupo. O grupo era meio vai e vem, não tinha muitos integrantes. O objetivo do surgimento do grupo era tirar os jovens das ruas, usando a música como uma ferramenta para isso. ( Quando tu entrou, o que tu presenciou no grupo? ) Depois que eu entrei no grupo, acho que muitas coisas melhoraram não só por mim, mas pelas outras pessoas que entraram, eu e outros carimboleiros. Antes, o Turu não saia muito para tocar, só tocava por aqui pela Pedreirinha, e agora nós estamos tocando em outros lugares, e por conta disso estamos ficando conhecidos. ( Qual é o objetivo do grupo hoje?) O objetivo do Turu é levar a cultura do bairro do Guamá, no entanto que a gente canta muito as músicas do Vetinho, e sobre a Pedreirinha, nós queremos levar a nossa cultura e também sermos reconhecidos. O grupo surgiu há 15 anos. Ele surgiu na Rua São Miguel com a Passagem São Miguel, no entanto, que os ensaios eram lá. E quando eu entrei,

trouxe os ensaios pra cá para o Bole Bole, e como os ensaios ficaram fixos aqui, os instrumentos começaram a ficar, na casa do Seu Roberto, integrante do grupo residente aqui na Pedreirinha. Aí teve ensaios que não podia ser aqui e aí aconteceram na frente da casa do Seu Roberto que é filho da Dona Elsa, aí foi foi foi e a sede do Turu acabou ficando na residência dele. E lá na Rua São Miguel os ensaios aconteciam na frente da casa do Seu Raimundo que também é integrante do grupo, e lá é baixada da periferia e o pessoal se fazia muito presente nos ensaios, por isso que a gente fala que o Turu tens duas sedes. ( E como a Dona Elsa reagiu?) Ela não falou nada, ela até gosta do movimento, quando tem ensaio na frente de sua casa ela até vai dançar, não importa se é meio dia ou nove horas da noite. ( Que sentido o Turu tem na sua vida?) Eu entrei e tocava Curimbó, eu não sabia tocar instrumentos de corda, tinha apenas uma base de violão, aprendi a tocar só. Comecei a tocar a percussão, nós não tínhamos uma pessoa pra tocar Banjo, o Bruno tocava violão e cantava, mas no carimbó de raiz tem de ter banjo. Aí entrou o Rennan que tocava cavaco, aí eu ficava olhando e achava muito “escroto” aquilo. Aí arrumavam um banjo pra ele, no entanto que o banjo que é do Turu era do Nazareno. Aí ele começou a tocar o banjo, mas como se fosse samba, aí eu fiquei olhando assim, ah eu vou ter que aprender a tocar banjo. Aí eu fui buscar um banjo que era do papai lá em Ananindeua, reformei ele e comecei a tocar banjo. Então, o Turu contribuiu para a minha evolução na música. Eu toco banjo, maraca, curimbó e violão. (Sobre as danças e apresentações?) Nas nossas apresentações nem sempre levamos os dançarinos, ele vão mais em aniversários e também tem lugares que eles querem que só vá os músicos. Até porque os nossos dançarinos estão em fase de transição, estão ensaiando para se entrosarem melhor, já que entra e sai gente toda hora, nós temos quatro casais atualmente. Existem atualmente 10 músicos e 8 dançarinos no grupo. O nosso grupo tem Cnpj, é registrado, mas eu não sei te dizer há quanto tempo.( E as dificuldades vivenciadas no grupo?) Vivemos muitas dificuldades, primeiramente não temos apoio dos nossos governantes e também a própria população não valoriza. Então temos muitas dificuldades de manter o grupo, as vezes a gente não tem cabo, os instrumentos estão caros, e acabamos tocando para a Makel para ganhar umas camisas em branco. E para confeccionarmos essas camisas tivemos de tocar de graça em uns 15 anos e a camisa não ficou bacana, não estava no padrão que queríamos. Tem vezes que o Bruno tira do dinheiro dele para comprar chapéu de palha. O seu Roberto também. Eu considero que o Turu é o grupo mais barato que tem em Belém, se você ver outros grupos de carimbó que cobram mais de mil reais, o máximo que a gente já cobrou foi para o Basa o valor de 600 contos já incluindo a Combi, isso porque era longe, aí temos de pagar a combi, e quando ver só tem aquele valor que nem dividimos porque tem de arcar com as despesas. Então, tem essas dificuldades e a falta desse apoio que a gente não tem, mas vemos que tem grupos que tem esse apoio, tem essa panelinha aí, e assim tem gente que conhece a gente, mas não acredita no nosso potencial. E na

verdade o Turu acaba sendo uma brincadeira, mas uma brincadeira útil em que a gente leva cultura, mas a gente também está se divertindo. (E sobre a patrimonialização do Carimbó, você vê alguma mudança?) Sinceramente eu não vi nenhuma mudança. (E o evento que teve lá no Centur?) No ano passado nós participamos também, foram dois palcos, as coisas estavam muito organizadas, o tempo muito bem estipulado pra todos os grupos, sem diferenças. Já este ano, só tinha um palco, e eu vi assim, apadrinhações para alguns grupos, coisas que o Turu não tem, então tinha grupo tocando lá até quando entendesse e a organização em nenhum momento interviu para avisar que já tinha acabado o tempo deles. Aí quando a gente entrou tocamos umas três músicas e o organizador veio pedir para terminarmos a nossa apresentação, sendo que nós éramos o último grupo, mas na hora lá nos disseram que tinha mais um grupo para se apresentar. Aí eu falei que não, que a gente iria tocar até a gente enjoar, eles ficaram chateados e foram chamar a organizadora do evento. Aí eu disse para o Bruno (cantor do grupo) que a gente iria continuar, e ele ameaçou de desligar o som, e disse que iríamos continuar tocando só com pau e corda. Cantamos mesmo até terminar o tempo que foi estipulado para cada grupo. Então, nós nos impusemos pois temos de ser respeitados mesmo não sendo um grupo tão conhecidos como os que tocaram antes de nós, mas vemos que o próprio bairro não valoriza, né? Porque vão valorizar lá fora? É esse apoio que a gente não tem dos nossos governantes e até mesmo aqui da população guamaense. Você pode reparar que a gente toca aqui no Bole Bole e quase ninguém dança, aí quando é o pagode ou o samba a galera lota. É assim, tem gente que não gosta e não é obrigado a gostar, mas às vezes poderia dar uma força pra gente. Em relação a valorização do Carimbó depois que houve a patrimonialização eu não vejo mudança nenhuma, só o que acontece é a apadrinhamento de uns três ou quatro grupos pelo governo e prefeitura. (Tem associação cultural do Carimbó?) Tem, mas nós nunca fomos convidados para participar, é uma panelinha, né? . Eu disse até para o Bruno que precisamos nos entrosar com os outros grupos. Depois quando eu entrei para o Turu, que comecei a levar o Turu para conhecermos outros grupos de carimbó. ( A tua manifestação presta algum serviço para a comunidade?) Já fizemos muito isso, e ainda fazemos. Tocamos na Igreja São Pedro e São Paulo, para a Igreja da Goretti, e para o próprio Malhadinho. (Tu propõe algo para a melhora do grupo?) Eu sou o brigão do grupo, em reunião assim, quando se fala em dinheiro, eu sou a favor de que divida o dinheiro das apresentações. Eu não digo por mim, mas tem gente que toca, tipo o Luan que é muleque novo, se você der a ele uns 50 reais o muleque vai ficar feliz, e eu acho que a pessoa fica mais entusiasmada para tocar, e assim a apresentação melhora. Em junho é o mês que a gente mais toca e ganha mais dinheiro, tínhamos de cachê mais de 1.800 reais, aí o seu Roberto pegou todo o dinheiro e comprou uma flauta transversal e um clarinete, temos o Luan que toca flauta doce, mas ele não sabia tocar esses instrumentos. Os dois instrumentos deram mil reais, e em reunião eu disse, para que comprar dois instrumentos que

o menino não sabe tocar? Assim, a transversal ele pegou e hoje toca, mas o clarinete está lá sem uso. Disse, se o senhor pegasse esse dinheiro e pagasse uma aula para ele aprender, tudo bem, mas comprar algo pra ficar aí sem uso é gasto de dinheiro. Eu também brigo muito com a vestimenta do grupo, de investirmos também na melhora da roupa dos dançarinos e dos músicos também. Aconteceu uma situação que me deixou muito chateado, no que diz respeito a postura de algumas pessoas do grupo. Fomos tocar em um casamento em Icoaraci sem cachê, pois o rapaz nos prometeu umas camisas e fomos tocar. Depois que tocamos, dois meninos foram para a fila do bifê se servir, aí chegou a vez deles e a mulher que estava servindo disse que ainda não era a vez deles que era pra aguardarem terminar a fila. Cara, eu vi aquilo e eles não falaram nada, e quando chegou a vez deles não tinha mais nada, a mulher raspou assim as sobras do Strogonoff. Quando acabou a festa eu fiz maior confusão com os meninos do grupo, porque acharam aquilo "normal", só porque estavam bebendo de graça. Aí eu disse: - Cara, nós fomos humilhados aqui, não estamos cobrando nada para tocar, sabe lá se esse cara vai nos dar as camisas. Aí depois as camisas vieram, uma porcaria só, quando a gente suava na apresentação, sumia o que estava escrito na frente e aparecia o que estava dentro da camisa, e depois ficou tudo manchado de vermelho. Aí alguns do grupo acham que eu brigo porque sou nervoso, sabe. É muito complicado o cara tocar por causa de bebida, e acaba desvalorizando o grupo. (Objetos que existem no grupo) Tem instrumentos que foram comprados, outros o seu Roberto ganhou de Marapanin, e também o seu Roberto sabe fazer alguns instrumentos como as maracas. O Bruno pinta os chapéus, os tambores, as maracas. As roupas mandamos fazer. Temos dois curimbó, três milheiras ( esfera, feita com semente ou esfera), temos 3 pares de maracas, uma flauta transversal, uma banjo, um triângulo, um violão).

**Entrevista realizada no dia 10 /11/2016**

**Entrevistado: Herivelto Martins e Silva**

**Conhecido na Passagem Pedreirinha como Vetinho**

**Idade: (56 anos)**

**Naturalidade: Belém**

Meu nome é Herivelton Martins e Silva. Sou conhecido na Passagem Pedreirinha com Vetinho, não sei o porque, quando eu me entendi na me chamavam assim, acredito que seja por causa de Herivelto. Tenho 56 anos. Nasci em Belém, no Bairro do Guamá. A minha escolaridade é o superior completo e tenho mestrado na área da Cultura, em Comunicação. Linguagem e Cultura. A escolaridade dos meus pais, o meu pai tem o segundo grau, mas fez carreira na Marinha, chegou a oficial Tenente que na época era considerado curso superior e hoje não é mais, e a minha mãe fez só o primário. Eu sou professor na Escola Técnica ( IFPA) na área de Turismo. Atualmente moro na Cremação, bairro vizinho do Guamá, moro lá há vinte anos, embora eu não saia daqui do Guamá.

(Qual sentido a Passagem Pedreirinha tem pra você?) A Passagem Pedreirinha é uma passagem mitológica que o pessoal fala, né? Ela é assim, um sinônimo de alegria, de agito, de fofoca, ela é uma cultura forte que pulsa dentro do Bairro do Guamá que também é um bairro eclético, um bairro diferente dos outros, mas na minha opinião a Pedreirinha consegue se sobressair em relação as outras manifestações que existem em outras ruas no Bairro do Guamá. ( E as memórias da sua infância aqui na Pedreirinha?) Desde criança que eu frequento a Pedreirinha, até para jogar bola, tinham dois campos de futebol aqui, um perto do Bole Bole e outro mais pra lá do Bole Bole (Próx. A Barão de Mamoré) tinham um campo que chamávamos de Bosque, um quintal grande cheio de árvores. Também eu participava dos Boi-Bumbá, tinha muito Boi-Bumbá Mirin por aqui, o pessoal sempre gostou nas festas de São João, ou a gente vinha ver os bois ou vinha participar, eu cheguei a participar de um boizinho aqui que eu não me lembro mais o nome, mas era bem aqui pertinho do Bole Bole.

E eu sempre participei das atividades aqui. Mais tarde com a minha amizade com o Charles Brown, que sempre morou aqui na Pedreirinha, onde a gente tem muita coisa junto, a gente vivia aqui, passava o natal na casa dos parentes dele, a gente revezava ou na minha casa ou na casa dos parentes dele, onde Natal e Ano Novo foram festas que a gente viveu muito aqui na Pedreirinha. (E a Festividade de São Pedro e São Paulo?) Eu sempre participei desde criança da Festividade de São Pedro e São Paulo, desde quando me entendo por gente essa festa já existia e era uma festa forte. Essa história de quebra pote, pau de sebo, essas brincadeiras todas que a gente vinha ver, o casamento na roça, não tem quem morasse por aqui que não vinha, era uma festa muito famosa. A festa acontecia dois dias, mas a gente tinha de ter amigo aqui na Pedreirinha, para a gente participar da festa dentro de uma casa,

porque por exemplo, tinha festa de dia que era aberta e aí todo mundo vinha, a mulecada que quisesse participar era só entrar na fila e participar, tinha gente que vinha só pra ver boi-bumbá e quadrilhas. Agora, a noite que tinha a festa, que a gente vai crescendo e virando rapazinho e a gente queria comer alguma coisa e tomar uma cerveja e aí tinha que ter a casa de um dos amigos para ficar, né. E nós tivemos sempre muitos amigos que os meus irmãos mais velhos também eram amigos de outros daqui da Pedreirinha e esse pessoal vivia muito em casa, que a minha casa era uma casa festera também, minha mãe com os meus irmãos mais velho faziam muitas festas por lá. Também aqui tinham dois clubes de futebol que eram uma rivalidade, era o Palmerinha e o Fluminense, e eles tinham dois quadros - o quadro de garotos e o de profissionais (que não era de profissionais eram os titulares), e essa rapazeada do futebol tinha os meus irmãos, que jogavam no futebol dos times daqui e os meus cunhados que moravam na Rua José Bonifácio jogavam também, então essa amizade fazia com que a gente vivesse aqui perto da Pedreirinha, então eu participo das atividades daqui desde criança, desde meus seis ou sete anos, acho que a uns cinquenta anos. (Você lembra o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua?) Não, nessa época quando a gente vinha pra cá já era denominado de Passagem Pedreirinha, mas o Charles Brown dizia o que seus pais contavam que tinham ouvido de seu avó que era delegado naquela época, o mesmo falava que essa Rua foi feita para o caminho da Delegacia que sempre foi ali na esquina da Pedreirinha com a Barão, sempre teve aquele postozinho policial desde quando me entendo por gente, e eles na brincadeira, e eu não sei se é por causa disso, como o Guamá é muito grande e tinha muita coisa aí para a Barão seguindo direto, então naquele tempo não tinha dono as terras eram devolutas aí as pessoas cortavam caminho, então dizem que foi feita cortando caminho para ficar mais perto do leprosário, das coisas que faziam aí pra dentro, das serrarias, do Tucunduba que era onde os barcos vinham para trazer as benfeitorias, as coisas do interior. E a Pedreirinha eu acho que surgiu, com certeza, desse modelo, e o pessoal foi se estabelecendo do lado e do outro até formar a rua, pois naquele tempo quem pegasse um lotezinho pegava e ficava, e foi se formando o que é hoje a Passagem Pedreirinha do Guamá. (A sua relação com outras manifestações culturais da pedreirinha). A minha participação com o Charles Brown aqui desde garoto, com o Sabá, e outros que eu conheço desde criança, a gente conhecia esses quintais todos, o Bole Bole está aqui no meio praticamente da Pedreirinha. Aqui ao lado mora o seu Ari (que é agora o meu vizinho agora lá na José Bonifácio), ele depois vendeu e fez negócio com esse terreno (atual sede do Bole Bole) com um português lá da esquina, que grilou essas terras todinha da Silva Castro com a José Bonifácio. E isso aqui ficou abandonado, quando a gente criou o Bole Bole, eu sabia que existia esse terreno aqui, e tinha uma amiga nossa que era muito amiga do português que falou pra ele a princípio ceder este terreno aqui pra gente fazer as manifestações nossas que a gente não tinha aonde ficar e se estabelecer quando fizemos o bloco. Aqui como era uma

rua, assim, desprezada, um negócio abandonado. Não era asfaltado, era tudo feio e esburacado, cheio de água, ele a princípio cedeu, depois ele queria vender, aí eu comprei dele. Mas, na época que a gente começou era tipo uma floresta aqui, muitas árvores que hoje não tem mais nenhuma, e a gente começou aqui fazendo uma maloca, fizemos uma maloca pequena pra gente ficar de baixo e tocar nossa viola, violão e cavaquinho, com o nosso grupo, e assim foi começando e pegando corpo o Bole Bole aqui na Pedreirinha. Mas, se eu não conhecesse aqui não iria saber que existia esse terreno e conhecer essa amiga, e deu tudo certo até hoje. (Além do Bole Bole você compõe o samba enredo do Mexe Mexe) Além de ser professor, também, sou músico e compositor. Eu que componho os samba enredo do Bole Bole, e de vez em quando também componho os do Mexe Mexe sempre que sou convidado, eu como gosto de fazer mesmo tento contribuir no que posso. Assim, onde tem essa história de estar mexendo com cultura popular, com boi, o Boi Malhadinho também, eu, Nazareno Silva e outros que ajudamos a começar, e fazer o resgate desse Boi que estava desaparecido aí, há um tempão. Eu sempre gostei de compor e sempre participei desse movimento cultural aqui na Pedreirinha direta ou indiretamente. (Sobre o surgimento do Bole Bole?) No final da década de 70, nós tínhamos um grupo de samba e choro, os cabeça eram, eu, o Charles Brown da Pedreirinha, tinha o Mininéia, o Hélio, uma turma, um monte de amigos nossos da juventude. E a gente tinha vontade de fazer uma agremiação carnavalesca no bairro, tinham várias, mas sem participar dos concursos oficiais, ou seja, o Guamá não era representado. E aí apareceu a União Guamaense, o primeiro festival de samba nós ganhamos, mas era o pessoal de fora que vinha do Jurunas e alugou ali um terreno com o rapaz do Guamá e fizeram o bloco. E no segundo ano do festival do União Guamaense começou a ter desentendimento e não demorou muito para o bloco acabar. Aí nós ficamos com aquela vontade de fazer, em 1974 experimentamos de ir para avenida com um bloco em casa, mas em 1975 minha mãe morreu e o bloco parou, era dos meus irmãos mais velhos e eu sai na bateria. Aí em 1978 quando eu fiz esse grupo de choro, aí ficamos com essa vontade, nós conhecemos um empresário que nos ajudou a fazer o Arco Íris, na realidade nós queríamos fazer uma agremiação, um bloco que se chamaria Arco Íris, nós já tínhamos uns samba e algumas coisas planejado. Mas, aí ele entrou e fez uma grande escola, com as nossas ideias e com o nosso pessoal, e a gente participou e foi no embalo, a escola cresceu muito. Aí, eu fiz os três primeiros samba enredo da escola, participei ativamente da fundação, o nome fui eu que dei. Participei dos concursos de 1983 e 1984, em 1985 eu fiz o samba, porém não desfilei, pois tivemos um desentendimento lá no Arco Íris em conta justamente disso, nós somos muito bairrista, a gente quer saber de elevar o Guamá e a intenção deles não era muito isso, no futuro que vimos que tinha por trás ideias políticas e a gente não pensava nisso naquela época, a gente queria saber de cultura. E aí, nós fizemos o Bloco Bole Bole, nós sabíamos já como era, já tínhamos passado por essa experiência, foi o mesmo pessoal que fez o Bole



Bole, algumas pessoas até ficaram durante alguns anos nas duas agremiações, elas ficaram trabalhando juntas até 1989, juntas que eu digo participando do mesmo concurso o do Arco Íris como Escola e o Bole Bole como bloco. Sendo que, o Arco Íris surgiu em 1982 e seu primeiro desfile foi em 1983 e o último concurso que participaram foi em 1989, mas eles ainda passaram no arrastão em 1990 pois não teve carnaval neste ano. E aí o Bole Bole seguiu como bloco até 1994 quando a gente fez dez anos e ganhamos este carnaval, e aí decidimos que em 1995 iríamos para escola de samba porque já não tinha mais o Arco Íris e assim o Guamá ficou sem representante de novo. E a gente já viu que o povo gostou, o Guamaense se adaptou com a estrutura de escola de samba, e a gente já estava com uma infraestrutura de escola de samba boa, já tínhamos dez anos, uma bateria boa, a gente confeccionava instrumentos, nós tínhamos oficinas de percussão, sendo que a nossa bateria nunca parou, sempre fazendo novos componentes. E ainda quando éramos bloco, fizemos aqui o Bole Bole do Futuro que foi uma escola de samba mirim, e o Nazareno Silva já estava participando com a gente, ele era um entusiasta e realizava muitas atividades culturais com crianças. E aí, nós fizemos essa escola de samba mirim que foi a base praticamente para a gente seguir como escola de samba. Tinha turma de mestre sala e porta bandeira, tinha de compositor, de tocador mirim, infelizmente muitas coisas não foram pra frente, principalmente depois da morte do Nazareno, parou muita coisa. E depois entramos no segundo grupo de escolas de samba, depois passamos para o primeiro e estamos desde 1995 até hoje como escola de samba e atualmente somos a campeã do carnaval do Pará. (E o aprendizado no Arcos Íris com pessoas importantes que vinham do Rio de Janeiro?) Nós tivemos contato com o Joãozinho 30 e com o Laíla (eram da Escola de Samba Beija - Flor) desde junho de 1982, ou seja, desde a fundação do Arco Íris. E eu tive um professor que dizia pra gente se apropriar dos conhecimentos e não perder a oportunidade de aprender. Eu pelo menos nunca perdi essa oportunidade de ter contato com essa turma e absorver tudo o que eu vi e ouvir do Joãozinho 30 e do Laíla. Então, Joãozinho 30 me deu dicas na letra do samba, ele gostou do meu jeito de compor, segundo ele eu tinha uma capacidade de sintetizar. Eles faziam aqueles sambas imensos e em poucas palavras eu dizia o que eles queriam dizer e os meus sambas sempre foram pequenos. Ele me dizia: "Coloca palavras-chave". Eu não sei desenhar, mas eu sei compor visual, por exemplo, eu fui carnavalesco do Bole Bole vários anos sem saber, não tinha ainda a Claudia Palheta – atual carnavalesca, e quem fazia o carnaval todo era eu. Primeiro que eu faço é o enredo, eu aprendi com o Joãozinho 30. Pois é, muita gente não sabe, mas o Joãozinho 30 não desenhava, ele não esboçava nada, dava as ideias, tinha o grupo dele que fazia os desenhos e quando ele gostava dizia que era para aproveitar. Ele falava o que queria, o que sonhava, ou seja, eu fiz muito isso aqui no Bole Bole, claro que eu não tenho a competência da Cláudia que ela pega e transforma no papel, aí a gente pode mensurar e fazer. Mas, eu também sempre fui aberto às ideias. Então, isso foi o aprendizado

que adquiri no Arco-Íris, nos poucos anos que passei ( 82, 83, 84, e um pedaço de 85) junto com essa turma, com o próprio Gaby que é daqui de Belém, com o Nedar Charone, esse pessoal todo que a gente conviveu a gente tem que observar. E o meu parceiro aqui que desenhava era o Charles Brown, então eu dava as ideias pra ele e o mesmo repassava para o papel, e como ele é arquiteto e é bom nisso, ele fazia o que eu imaginava e a gente ia embora. Tudo isso a gente aprendeu e gostou de ter vivido com eles naquele tempo, a parte humana, a parte estrutural digamos assim, de pessoas que como a gente pode ensinar e levar esse bairro. Isso que eu não gostava, quando o pessoal lá fazia e eles não estavam nem aí, o interesse era outro, não é como aqui. Anossa visão no Bole Bole é dar oportunidade para as pessoas, da própria juventude, até dos idosos, ou seja, o nosso relacionamento aqui apesar de nós não termos recurso ele é mais humano do que como era lá. Lá era um jogo de interesse, tem que fazer tudo assim e vai ter de dar esse resultado aqui, e o nosso resultado é a felicidade, se der certo deu certo a gente é feliz e se não deu a gente é feliz do mesmo jeito. Mas, não tem cobrança, não rola dinheiro aqui, a gente cobra o esforço da cada um e se alguém não fizer não dá certo. (O Bole Bole existe há quantos anos) De 1984 pra cá, ele vai fazer 33 anos dia, 02 fevereiro, agora no carnaval, ou seja, no segundo ano do Arco-Íris a gente fez o bloco. Na verdade não foi bem uma discidência que o Arco Íris já existia, e a gente já tinha o Bole Bole como bloco em 84, eu saí do Arco-iris em 1985 e muitas pessoas ficaram participando das duas manifestações. Mas, eu saí porque assumi o Bole Bole como presidente, aí eu me dedicava só para o Bole Bole. Atualmente, eu sou compositor e organizador da escola da escola em vários aspectos, na avenida, da harmonia, e também as pessoas me consideram como Presidente de Honra da Escola, mas isso não tem no estatuto da Escola. Mas, eu considero assim, que temos o nosso grupo de fundadores e nós somos ligados até hoje, somos uma espécie de Conselho benemérito, toda vez que eu estou com um problema sério aqui, a gente se liga e troca ideias, e a gente acaba resolvendo, graças a Deus todos os fundadores ainda estão vivos, mas nem todos estão ainda aqui com a gente. Os que ainda estão aqui: eu, o próprio Charles Brown, Paulo Alcântara que é atualmente o Presidente da Escola, a Heloisa ( Lóla), o Sabá, então esses cinco se fazem muito presentes ainda no Bole Bole. Agora na época da fundação tinha a Profª Eunice, o João Cunha, e outros ,tínhamos um grupo muito grande. Muito porque naquela época todo mundo era solteiro, os próprios namorados e namoradas ajudavam muito, se dedicavam a escola, e aí depois o pessoal foi casando, uns foram mudando de bairro, outros não tinham mais tempo, e alguns a vida não deixou mais participar de carnaval, também muitos foram envelhecendo, e vai entrando outros. Porém, eles vibram por nós e de vez em quando aparecem no Bole Bole. O Zé do Bar que foi um Baluarte na época da fundação, de vez em quando a gente vai buscá-lo e ele entra aqui, está bem velhinho. Também, eu faço questão que o Cortejo passe sempre pela Barão de Igarapé Mirin, onde ele reside, para que possa apreciar a escola, ele é um dos

fundadores da escola nos ajudou a construir tudo isso aqui. Então é isso, a gente faz coisas assim, tira férias, faz tudo para estar aqui na época do carnaval para poder levar isso aqui pra frente. As pessoas consideram a gente como uma liderança pra levar, até mais do que o atual presidente que é o Paulo, mas ele assina embaixo tudo que a gente faz, pois sabe que a gente quer o melhor para a escola e para o bairro, e a responsabilidade de prestação de conta a gente sabe que se fizermos algo de errado quem vai responder é ele, então a gente sabe que tem de zelar e usar o dinheiro público com muita responsabilidade. (Como ocorre os preparativos para o carnaval? Como a comunidade se movimenta?) Olha, atualmente, eu posso te garantir que está muito difícil da escola ir para a rua no próximo carnaval agora de 2017, porque a Prefeitura de Belém e o Governo do Estado não estão nem aí, não dão a mínima se é uma atividade humana, plural, pra eles é um resultado, um evento, quem puder ir vai e quem não puder não vai. A gente que faz carnaval não pensa assim, nós gostaríamos de estar com todas as atividades aqui, reunindo as pessoas sempre, trocando ideias, falando da vida, resolver problemas estruturais até das próprias pessoas onde um pudesse ajudar o outro, fortalecer as amizades, mas a gente não tem esse amparo. E nós temos um sério problema que está difícil de resolver, é o problema chamado barracão e construção das alegorias, é muito caro, todo lugar por aí que tem carnaval o Governo ou a Prefeitura já fez isso, já colocou a disposição das escolas um lugar para guardar as suas alegorias, para recuperar material, porque tudo é muito caro. Você já pensou, todo ano tem que comprar e jogar fora, comprar e jogar fora, porque não tem aonde guardar, todo ano com o preço que estão as coisas. Então, a gente não tem como começar as coisas antes para desenvolver e quando chegar lá estar tudo bonitinho, porque não temos aonde guardar e também dinheiro para alugar um espaço o ano inteiro. Tem escolas como o Rancho e o Piratas da Batucada que alugam um espaço o ano inteiro, mas é um risco que eles correm, pois se não tiver carnaval, porque de vez em quando os governos fazem isso, temos o exemplo de Macapá que não ocorre carnaval há 2 anos. Então, a gente chega a ponto de fazer empréstimo bancário pra poder colocar a escola na avenida, dois anos que agente fez isso aqui no Bole Bole, esse ano não temos condições de fazer. Eu já disse em reunião que nós não temos condições do jeito que está o Brasil, vivendo uma crise complicada com juros altíssimos, ninguém vai correr o risco de fazer, também a comunidade é pobre, ninguém quer comprar fantasia, se faz uma coleta e/ou rifa ninguém pode ajudar, dizem que não tem. Então, eu estou vendo muitas dificuldades para 2017, nós já estamos em novembro e a subvenção só sai véspera do Carnaval, o Carnaval é no sábado e a subvensão sai na sexta, todo ano é isso. Então, quem pode se endividar e depois paga tudo bem, mas até ano passado a gente conseguiu, porém este ano está muito difícil. Há muitos anos a gente vem reivindicando a construção de um grande barracão para todas as escolas, pois se tivesse a gente reciclava nosso material e reaproveitava muita coisa, a gente fazia muito fácil o carnaval. Eu já falei

com todos esses prefeitos durante eu estar participando do carnaval, eles gostam da ideia, mas ninguém cumpre, ninguém faz. Por exemplo, se tivesse um barracão para todas as escolas, dava visibilidade aonde é gasto o dinheiro, quantos empregos geram, para o Dieesi pesquisar e estipular dados para o Carnaval de Belém. Só os sapatos, o Manelão nos diz que faz mais de 40 mil pares de sapatos quando o Carnaval está forte, entre Macapá, Belém e interiores, São Luís. Também tem as costureiras, nós colocamos mais de dez costureiras, o Rancho que tem uma estrutura maior coloca mais de 40 costureiras, e esse pessoal está ganhando dinheiro. E isso eu nunca vi ir para o Dieesi, para ver o tanto de emprego que gerou, o tanto que movimentou a economia. Eu já disse isso para o atual Prefeito de Belém, o mesmo me disse que gostou da ideia, mas nunca fez. (Nas eleições ele reuniu com as escolas de samba, você participou? Soube das propostas dele?) Eu não participei, porque eu não quis que fosse usada a minha imagem para nenhum candidato, porque eu não faço cultura popular por causa de eleição, eu tenho a minha opinião em quem vou votar e ponto. Eu não fui nesta reunião, mas já falei em várias, todas as reuniões que eu vou, eu falo. ( E a liga das Escolas de Samba de Belém?) Agora foi eleito um novo presidente para a Liga, sempre dizia que agora iria fortalecer a liga, mas até agora não reuniu as escolas, e ele se elegeu agora para vereador de Belém e as eleições já acabou faz tempo A minha reivindicação é só essa sobre o barracão, porque por exemplo, a gente pode comprar fiado pois o Bole Bole é um bom pagado e fazer as fantasias não é o nosso problema, toda a questão gira em torno das alegorias ( dos carros alegóricos) pois tem de ser barracão grande e não pode ser em qualquer rua, por exemplo, aqui na Pedreirinha não teria como, pois é muito estreito. E outra coisa a gente faz e aluga o barracão por dois meses e tem de entregar, e pra onde vamos colocar os carros? Se tivesse um barracão como em outros lugares, reciclaríamos a maior parte das coisas e no outro ano ficaria muito barato. Então, é essa visão que o pessoal não tem. Agora que o Rancho perdeu esse carnaval, pode até ser que eles pensem duas vezes quando a gente fala nessas coisas, pois eles tem dinheiro e acham que assim está bom e não querem brigar com a gente por melhorias e reivindicar juntos às autoridades, como vinham ganhando todos esses anos acredito que achavam que estava bom assim. Agora que perderam vão ver que dói no bolso, né? É fácil gastar um dinheirão o ano todo e chegar assim e perder? E a gente que nem barracão tinha! Ganhamos o Carnaval dos 400 anos de Belém, uma vitória dessas acima dos baluartes foi muito boa. (Quando a Prof Cláudia começou a participar como carnavalesca?) A Cláudia Palheta começou a participar como carnavalesca da escola em 2010, ela veio procurar a escola porque via o nosso desfile e achava que era a cara dela, que a gente é abusado, como não temos dinheiro tem de usar bastante a criatividade. E ela queria fazer essa experiência, sendo que o melhor lugar pra fazer era aqui. E ela com toda a sua capacidade e junto com o nosso trabalho fez com que desde 2010 sempre estivéssemos entre as três melhores escolas (ganhar no 1º, 2º ou 3º lugar). ( Em relação a bateria do Bole

Bole, o envolvimento da bateria na avenida, o apoio da comunidade, ) Como a gente veio de bloco, o Bole Bole manteve uma tradição que fala muito do bairro do Guamá, fala das nossas coisas, incentivamos o trabalho de raiz. A gente sempre teve a ideia de contagiar as pessoas com a nossa alegria e assim interagir com as pessoas, a gente vai pelas ruas do bairro em nossos ensaios, e a gente vai contagiando as pessoas. Pra resumir isso, nós tivemos uma experiência atrás do Bosque, uma vez dessas o carnaval foi lá na Rua 25, colocaram umas arquibancadas lá e lotou, e o Bole Bole estava no segundo grupo e foi aí que a gente ganhou e subiu para o grupo especial, aí a comunidade toda do Guamá encheu toda aquela arquibancada, nós fomos a terceira escola a passar do segundo grupo e quando o Bole Bole passou, logo depois esvaziou a arquibancada, ou seja, o pessoal só foi para ver o Bole Bole, ficamos surpresos com isso, pois nós não saímos convidando ninguém, as pessoas simplesmente foram pra lá pra nos ver. E esse ano agora também, em 2016, no sorteio o Bole Bole foi o último a se apresentar, e normalmente quando está desfilando a última escola não tem mais ninguém na arquibancada e tivemos a prova da comunidade com a gente, e desfilamos com a arquibancada cheia. Também, estava um pouco preocupado pois o Mexe Mexe saiu no mesmo dia, e sabíamos que iria quebrar um dos dois pela distância dos horários, e aí quem teve uma quebra foi o Mexe Mexe que quase não deu gente, e o Bole Bole estava lá, completo de integrantes e com todas as outras escolas vendo o nosso desfile, e não teve outro jeito, o pessoal que não gosta da gente com aquela cara amarela e a gente passando e contagiando todo mundo. É uma pena que um dia acabe todo esse trabalho que viemos fazendo no decorrer de todos esses anos, tudo por uma falta de visão das pessoas. Porque a gente indo pra avenida já é uma certeza de público, já que o Guamá é um bairro populoso e as pessoas querem ver o Bole Bole. O Bole Bole e o Rancho, os dois atraem um grande público, apesar do Rancho ser muito rico, porém possuem uma tradição de mais 80 anos, de 50 anos a mais do que a gente, mas fizemos a nossa no bairro, né? (Sobre o Rancho ser a Escola mais antiga de Belém, e a escola de samba Madureira dizem que é a mais antiga que o Rancho?) Realmente é verdade, aqui na Pedreirinha existiu a escola de samba Madureira e os antigos da Pedreirinha dizem que ela é mais antiga que o Rancho, só que a gente não tem como provar, se a gente tivesse esse registro poderia provar que o Guamá sempre teve esse tipo de coisa, né? O Guamá é um bairro fenomenal, cheio de fenômenos humanos que a gente não consegue explicar. Antigamente as escolas até setenta e pouco, desfilavam na rua, nas batalhas de confeito e não existia alegorias. As batalhas de confetes terminou quando terminaram de construir a Doca de Souza Franco, e o desfile passou pra lá, mas antes tinha desfile em vários lugares: na Marajoara, em frente da Prefeitura, na Praça da República, na Condor. Aí as escolas iam desfilarem, mas não tinha alegoria, tinham de ter apenas uma sede. Esse negócio de alegoria começou no Rio de Janeiro com as Super escolas de samba S.A, quando o Império Serrano cantou em 82 e foi aquela crítica que foram até campeões,

disseram que esconderam gente bamba e no lugar dos passistas e sambistas colocaram mulheres bonitas encima dos carros. Então, transformaram o carnaval para um visual bonito na televisão, com o intuito de se tornar produto de exportação. Então, isso acabou grandemente com o bamba. Sabemos que a Madureira desfilou nessa época pelas memórias de algumas pessoas que já faleceram, mas ninguém nunca fui pesquisar algum registro ou reportagens em jornais bem antigos que comprovassem que a Madureira é a mais antiga de Belém. A única pessoa que pode saber algo é a avó do Kleber, Dona Elsa, que é a pessoa mais antiga que é viva daqui da Pedreirinha. (Sobre a bateria, o empenho dos professores) Desde a fundação do Bole Bole, os primeiros professores da nossa bateria foram os percussionistas do nosso grupo de choro, o Mininéia e o Hélio. Eles foram professores do feijão, do Minnie e do Marcão, que acabaram sucedendo eles na bateria, onde atualmente estão como professores o Minnie e o Marcão. E essa garotada que aprendeu aqui com a gente alguns já ganham seu dinheiro com música, como é o caso do Minnie e do Marcão, tocando na noite. E eles tentam com a mesma filosofia que aprenderam passar esse conhecimento para os meninos da bateria, que no futuro podem até tornar-se músicos ou professores de música. No meio desses tantos que eles ensinam, a bateria está na média de uns 150 a 200 integrantes, o produto acaba sendo um dos melhores de Belém, essa vontade de ensinar que o Minnie tem é muito bacana. Ele também é professor na Escola Barão de Igarapé Mirin, onde dar aula para a preparação do desfile escolar e sempre acaba trazendo alguns adolescentes de lá para a bateria do Bole Bole e faz um trabalho muito bonito. Agora com essa ideia do Rhaussely de colocar musicalização, isso vai ficar muito melhor, o que eu estou querendo muito é conseguir patrocínio pra isso. Nós temos muitas ideias porque isso precisa ser mantido, mas eles estão fazendo ainda sem recurso nenhum, só com a vontade, já começou o trabalho. Se a gente conseguir que não pare, eu não dou um ano, com a força de vontade deles, um ano e meio nós estamos com a nossa banda formada aí. Pois, eu sei do potencial deles, do Minnie e do Marcão e outras pessoas que se propuseram a ministrar aulas para os meninos e a vontade da nossa garotada de aprender é muito grande. Muitos deles não tem muita coisa a fazer, um clube a frequentar, não tem atividades culturais nos colégios, então vai ser aqui. O que eu quero é ter estrutura para poder dar alimento pra eles, para dar condições para que não falte material de estudo, isso eu estou correndo atrás. Aí se a gente conseguir é mais uma coisa para a Pedreirinha que dará muitos frutos. Sobre reportagens, fotos e troféus do Bole Bole eu guardo algumas coisas. Os troféus que ainda tenho ficam expostos na minha sala, infelizmente não temos como deixar exposto aqui no Bole Bole por não temos condições de infraestrutura de colocar aqui.

**Entrevista realizada no dia 17/11/2016.**

**Entrevistada: Ladeomar Santos Correa**

**Conhecido na Passagem Pedreirinha como Branco**

**Idade: 10/02/1955 (61 anos)**

**Naturalidade: Belém**

Meu nome é Ladeomar Santos Correa. Sou conhecido na Pedreirinha como Branco, isso foi desde quando eu nasci meu pai e minha mãe me chamam assim, porque eu era muito branco. Tenho 61 anos bem vividos, 10/02/1955. Sou natural da cidade de Belém e moro na Pedreirinha desde sempre, acaba que sou um patrimônio da Pedreirinha. Eu tenho o superior completo, sou professor de matemática e engenheiro civil, também tenho especialização em matemática. Atualmente sou professor de matemática do Estado. Os meus pais possuem primeiro grau incompleto. Sou solteiro. ( Descreva a Passagem Pedreirinha...) A Pedreirinha pra mim é o meu reduto acho que eterno. Desde quando eu me entendo por gente vivi a minha infância toda aqui, aqui eu consegui fazer as minhas amizades, aqui eu consegui concluir os meus estudos. A Pedreirinha também, sempre foi uma rua cultural inclusive quando eu era criança a gente tinha um Boi-Bumbá aqui chamado Pingo de Prata, e eu era o doutor do boi. Surgiram aqui vários blocos de carnaval e não foram vingando. E uma coisa que eu gosto muito aqui na Pedreirinha é a festa junina, hoje em dia ela não está muito legal, mas desde que eu me entendo como gente essa festa junina que é realizada pelos vizinhos, então isso aí sempre me fascinou muito. Inclusive essa festa junina que acontece na Pedreirinha conhecida como Festividade de São Pedro e São Paulo condiz com a minha idade, então o primeiro ano em que aconteceu essa Festividade na Pedreirinha foram nos dias 28 e 29 de junho de 1955, que na época aconteciam em dois dias. No decorrer de uns 15 à 16 anos de festa, ocorria assim, os vizinhos elaboravam um carnê todos os anos, então todos contribuíam financeiramente no decorrer de todos o ano para a realização da festa. Acontecia assim, no dia 28 tinha a festa normal - o baile junino durante a noite e no dia 29 na época era feriado e agora não é mais, tinha festa o dia todo com brincadeiras típicas da época junina para as criança e também tinha distribuição grátis de comidas típicas ( tacacá, aluá, vatapá, mingau de milho) para o pessoal da rua. Aí com o passar do tempo apareceram as dificuldades e aí não foi possível manter esse modelo de festa, que era muito custoso. Aí mudamos o estilo de festa e começamos com as aparelhagens. Aí teve um tempo em que eu viajei e fui para a Marinha, aí quando eu voltei eu assinei a festa novamente e a gente voltou ao modelo que estamos fazendo até hoje. Não é mais com aquela pomposidade que tinha antes, mas do jeito que a gente pode a gente vai levando. ( E sobre os foguetes que alguns entrevistados comentam) Ah é, teve uma época que na própria festa nós tínhamos fogos de artifício, pois meu pai tinha um depósito de papel e era fornecedor de alguns fogueteiros da

cidade de Vigia e em troca ele não recebia em dinheiro e sim em fogos que os camaradas de Vigia vinham pra cá fazer os fogos para soltar nos dois dias de festa. Então, os entrevistados estavam se referindo a um tipo de fogos em formato de avião onde os fogueteiros esticavam um arame nas duas entradas da Pedreirinha, e a noite eles eram acesos e corriam do início ao fim da rua ( no sentido de onde acontecia a festa - em frente da casa da Dona Elsa), era um momento que todos vibravam, pois era muito bonito. Aí meu pai perdeu o depósito de papel e ficamos sem condições de dar continuidade com os foguetes de avião. ( sobre as atrações culturais) Sempre teve as quadrilhas, o casamento na roça sempre houve e os boi-bumbá de outras ruas que vinham se apresentar, de forma que a festa era tipicamente junina, muito legal . (e o Aluá?) Olha, se a mamãe aprendeu a fazer Aluá com alguém eu não sei com quem foi. Mas, durante eu me entender como gente foi sempre ela que fez o Aluá, eu na realidade não conheço ninguém que faça Aluá e nunca ouvir falar. É um processo que dura quase uma semana para fazer, eu vejo ela fazer aí, sei que torra milho, põe o milho e gengibre em fusão. (Vocês não tem medo dessa tradição parar nela?) É né? Eu nunca vi por aí mesmo. Eu tenho o pressentimento que o dia que ela partir não vai ter ninguém que faça. (Mas, você nunca teve vontade de aprender/ ninguém da sua família?) Nunca me passou pela cabeça isso aí. ( Porque o Aluá, pelo que eu vejo é uma bebida muito tradicional, é indígena, e foi muito comum na época da colonização e essa tradição foi transmitida por gerações, e atualmente ela está se perdendo. É uma bebida que existe só no Norte e Nordeste, ninguém conhece Aluá pra lá. Eu te falo isso, porque no dia da Festividade que eu estava conversando com a Dona Elsa, e a mesma me disse que se não tiver o Aluá no dia da Festividade, o evento não faz sentido, e que mesmo doente ela tinha de fazer o Aluá. E seu filho Roberto a ajudou a mexer, pois a mesma não tem mais condições pela alta temperatura que fica o fogão.) ... (Tu sabes o que era a Pedreirinha antes de ser uma Rua?) Olha, os meus avós contavam que a Pedreirinha era um atalho para as pessoas irem para dentro do Guamá, no entanto, que ela tem uma entrada pela José Bonifácio e o nome Pedreirinha porque existia muita pedra mesmo aqui na rua, isso é que os meus ancestrais contavam. (Também dizem que tinha uma Escola de Samba chamada Madureira e que ela foi a primeira a existir em Belém?) Os meus avós sempre falavam, a minha madrinha que era amiga da minha avó ela era sambista se chamava Maria Batucada, também falava muito que a Madureira foi vanguarda das escolas de samba de Belém. Só que como essa Escola deixou de existir, acho que eu era muito pequeno ou ainda não era nascido, mas eles sempre contavam. O ponto de partida da Escola era na frente da casa do Edgar, lá que foi a organização da escola de samba, seus avós que eram organizadores. (Dizem que ela surgiu antes de 1930, e o Rancho tem 80 anos, né?) É o mesmo caso do Mexe Mexe, eu não sei ao certo qual foi a fundação do Mexe Mexe, já a segunda versão, quer dizer a continuidade do Mexe Mexe que a gente anotou uma data de fundação que foi em 1999, mas na verdade já existia antes, era com o nome de Mexe Mexe



da Pedroca. O Mexe Mexe começou assim, a ideia foi do meu irmão Caetano que mora em Parauapebas, aí a gente juntou o povo aqui, aí saíamos no carnaval tudo com lata, na época não tínhamos instrumentos de percussão por isso usávamos a lata, ou seja, saíamos batendo na lata e cantando. Aí passamos uns cinco a seis anos saindo, depois paramos uns dois a três anos parados, aí eu retomei. Inclusive existia a ata do primeiro Mexe Mexe da Pedroca que eu juntamente fiz com outras pessoas, mas ela se perdeu, não lembro o ano, mas sei que foi nos anos 80 logo depois da fundação do Bole Bole. Aí quando foi em fevereiro de 1999 a gente reativou o Mexe Mexe, mas tirou o nome Pedroca, ficou só Mexe Mexe. ( Por que Pedroca? ) Porque é um nome carinhoso que a gente chama para a Pedreirinha. ( O Mexe Mexe foi fundado em 1999, e quando foi para a Avenida?) Ele foi para a avenida no ano de 2000, em fevereiro de 1999 foi quando a gente saiu assim e deu aquela levantada, eu contratei um carro som e pedi para o Delly e o Feijão fazerem um samba aí pra gente, e o Mexe Mexe era bloco mesmo de sujo, as nossas fantasias eram sobra de fantasias das escolas dos blocos dos desfile oficial, a gente ia pra lá e quando terminava o desfile a gente pegava aquelas sobras de fantasias e trazia pra cá, nós temos até fotos aqui quando saíamos com o bloco de sujo. Aí ano de 1999 foi que a gente saiu com o Mexe Mexe pelas ruas do Guamá e fizemos maior sucesso. Inclusive neste ano, eu lembro que tinha um trio elétrico com um bloco todo estilizado e quando nós passamos com o nosso carro pequeno eu fiquei meio triste, pois pensei que o pessoal iria sair do bloco e ia tudo para o trio elétrico, porém deu o efeito contrário, as pessoas que estavam no trio elétrico passaram para o nosso bloco, aí foi aquela multidão. Foi tão bom, que as pessoas começaram a me pressionar para que documentássemos o bloco e dar continuidade, e assim registramos o bloco desse Mexe Mexe com a data que saímos na rua neste dia 16 de fevereiro de 1999. E aí dando continuidade ao Mexe Mexe eu resolvi fazer uma coisa diferente, a gente se reunia todas as segundas-feiras ali na esquina na Pedreirinha com a Barão de Mamoré e fazíamos o Canjão do Mexe Mexe, o que era o canjão do Mexe Mexe? A gente fazia uma panela de canja bem grande, distribuía para a vizinhança, os nossos colegas vinham batucar e cantar sendo que a gente não dava cachê pra eles, era como se todo mundo viesse dar canja, ou seja, era canjão porque a gente dava canja de galinha e os músicos vinham dar canja. E quando chegava mês de julho a gente fazia em Outeiro, aí também com o tempo foi ficando difícil e acabamos o canjão, e hoje nós temos a Feijosamba que é uma versão nova do Canjão do Mexe Mexe, também foi minha ideia, fazer uma vez por mês que aí não satura o pessoal, eu acho que está dando certo, começou em Agosto de ano e todos os meses que nós fizemos deu bastante gente. (Qual o sentido que o Mexe Mexe tem na tua vida?) O Mexe Mexe faz parte da minha vida, é um apêndice da minha vida o Mexe Mexe. É porque às vezes eu não quero, mas quando chega perto do carnaval não tem jeito a gente se envolve mesmo, sei lá é uma coisa que eu não sei explicar, é algo que sobrepõe a minha vontade. Só que uns três anos pra cá

eu já sei que acontece tudo isso e enquanto eu estiver vida e saúde eu vou tocar pra frente isso aí. Mas, eu queria que aparecesse alguém que tivesse esse canal, essa garra de correr atrás das coisas para ficar junto comigo para que o Mexe mexe não acabasse. Porque meus filhos não cambiaram para esse lado, eles tem outras atividades. Aí o povo gosta e tu tudo, mas quando chega a hora de assumir mesmo é difícil ter alguém que se responsabilize com algo. ( O Mexe Mexe é um Bloco e não tem barracão, mas mesmo não tendo barracão vocês arrumam um jeito de modificar a casa e tornar a frente da casa um barracão improvisado) É, o Mexe Mexe é sem teto, mas a casa da mamãe acaba sendo ponto de referência do Bloco e de encontro. Na verdade quando a gente começou o Mexe Mexe uma colega nossa cedeu uma casa dela aí que estava abandonada e a gente usou como barracão. Aí no segundo ano a gente já conseguiu uma casa que estava desocupada e assim foi. E aí chegou um tempo que não tinha pra onde correr e eu falei com a minha aqui, meu pai até certo ponto ele gosto disso daí, e agente veio fazer o barracão aqui em casa ficamos trabalhando durante o dia e altas horas da noite, e assim a gente vai, porém o pessoal não quer sair daqui se eu arrumar um barracão longe daqui eles não vão querer ir, pois gostam de ficar aqui na frente da casa da mamãe. ( Eu participei um dia, o pessoal fica fazendo as coisas embalados por muita música, e de noite tem uma comidinha que a Dona Elsa faz para quem está trabalhando, né?) É, geralmente é sopa todas as noites. ( E essa relação de ajuda que existe com o Bole Bole, pois eu vi algumas fantasias serem feitas lá no barracão - alugado) Assim, costura das fantasias a gente faz o que dar pra fazer na casa da minha mãe, e outras a gente paga uma costureira que tem ali na frente pra fazer ou no atelier do Marcio. Agora lá no Bole Bole geralmente é feito algo quando o Kleber está por lá e fica bolando as fantasias e faz o protótipo para nós reproduzirmos aqui em série, nunca foi feita nenhuma fantasia em escala no Bole Bole. ( Qual o ano em que o Mexe Mexe passou para o grupo especial de bloco?) Na época eles tinham bloco do Grupo A e do Grupo B, o Mexe Mexe entrou no Grupo B em 1999 aí foi vice-campeão e no ano seguinte já passou para o Grupo A, que atualmente é denominado de Grupo 1 e até hoje estamos neste grupo. Nós tivemos só dois resultados abaixo do terceiro lugar que foi um quarto lugar e um sétimo lugar, o resto sempre ficamos entre os primeiros. (Já foram campeões quantas vezes?) O Bloco foi campeão em 2001, 2003, 2005, 2012, 2014 e 2015, seis vezes campeão. Vice-campeões nós fomos em 2000, 2002, 2013 e 2016. (Da relação que você tem com as manifestações culturais na Pedreirinha) Eu sempre que posso dou uma força para o pessoal do material, tanto força como material, também oriento de coisas que eles queiram saber, ou seja, eu sempre estou aqui para ajudar e sempre tive um bom relacionamento com todos. Também temos um bom relacionamento com as igrejas evangélicas daqui, um evento que aconteceu foi quando a Assembleia de Deus foi fundada há uns 30 anos e em uma festa na Pedreirinha alguns frequentadores da igreja ficaram insatisfeitos com a festa, mas a gente conseguiu conversar e apaziguou tudo. Aí hoje em dia

não só estamos acostumados com eles e eles com a gente. ( E a relação com terreiro?) No terreiro inclusive no tempo em que a gente era criança aqui na Pedreirinha, no dia de São Cosme e Damião a irmão da Dona Lulu a Dona Raimunda fazia a festa de Cosme e Damião lá, no Terreiro de Mina. Eu me lembro bem quando criança nós íamos tudo pra lá, ficávamos no terreiro, cantava, brincava, batia palmas. Quando era nas festas tradicionais no mês de Março ( Festividade de Dom José Reis Floriano / São José) e Agosto ( Festividade de Toya Verequete / São Benedito) a gente dormia pra lá, íamos pra lá quando chegava a procissão, e na época na hora do almoço eles serviam feijoada e a gente comia com a mão, é uma coisa que eu me lembro e eu achava interessante, e as coisas foram mudando e a gente não ver mais isso. (Você atualmente é o Presidente do Mexe Mexe e na Festividade de São Pedro e São Paulo o que compete a você?) Na Festividade, atualmente, eu sou o coordenador. Mas, quando surgiu quem coordenava era o pai com alguns vizinhos daqui edepois eu viajei e aí ficou um pessoal daqui da rua. ( A Festividade sempre aconteceu? ) Sempre aconteceu!. ( Sobre o Passeio do Caripi, como ele se tornou um evento importante, e de quem foi a ideia de realizar esse passeio? ) Na realidade esse passeio foi assim, a minha mãe conversou comigo para organizarmos um piquinque para arrecadar dinheiro para o Mexe Mexe. Aí a gente organizou o passeio só que nos três primeiros passeios eu não pude ir porque a gente organizava o Pagode do Mexe Mexe aos domingos, aí quem ajudava a minha mãe era a minha sobrinha. Aí depois parou o pagode e eu comecei a tomar frente do passeio, aí como no mês de Agosto é o mês que mais tem aniversariante na Pedreirinha, aí começamos a festejar o aniversário de todo mundo neste passeio. Quando esse Piquinque começou foi com dois ônibus e foi aumentando gradativamente, até chegar em dez ônibus, neste ano agora devido a crise e o preço muito alto só foram seis ônibus. (Esse passeio ocorre há quanto tempo?) É idade do Mexe Mexe, 17 anos, e também ocorreu de forma ininterrupta. ( Em relação ao Mexe Mexe, quais são as dificuldades que tu enfrentas? A dificuldade maior é a aquisição de recursos financeiros, a gente sempre fez promoção e o lucro era muito pouco passamos muito tempo sem fazer nada mesmo. É difícil trabalharmos só com a subvenção pois a mesma é só um auxílio, e a gente tem de ter sempre a contrapartida. E aí geralmente como a gente sempre foi um bloco que esteve em ums dos primeiros lugares nunca deixamos cair a qualidade, e só com dinheiro da subvenção não dá pra gente fazer o carnaval que a gente faz. E aí nessa parte financeira fica eu e o ney, nós dois seguramos o restante, e aí a gente que dá o jeito de segurar a peteca. ( Em relação aos samba enredo, quem faz?) Olha nos primeiros anos a gente fazia Festival de Samba, mas a gente tem que gastar dinheiro e a grana é pouca como sempre. Aí nos últimos samba a gente encomendou o samba, o Vetinho que tem composto o samba junto com o Delly. ( E a criação das fantasias, quem é que faz?) É o Kleber que faz, ele não desenha, mas vai dando a ideia e aí vai saindo. É tanto que geralmente a gente não tem desenho de fantasia, nos últimos anos a gente não tem mais

feito, quem antes desenhava pra gente era o Evaldo ( Carnavalesco e Mestre Griô- falecido). ( Em relação a bateria? ) Os ritmistas da bateria do Mexe Mexe são os mesmos do Bole Bole lógico que tem algumas pessoas que só saem na Bateria do Mexe Mexe e os mestres ( Minnie e Marcão) de bateria também, a gente tem os nossos instrumentos aí, mas eles já estão todos sucateados e justamente essa Feijosamba veio a calhar e nós estamos pegamos todo o lucro para comprar novos instrumentos, eu já encomendei de São Paulo 20 caixas e 5 repiques que devem está chegando agora em Dezembro, e aos poucos a gente vai comprando. A Rainha de Bateria atualmente tem 18 anos, é a enteada da Heloisa. ( O que tu propõe para a melhora do grupo?) Assim, o que falta para o Mexe Mexe para que a gente tenha contato e não se disperse durante o ano, é um local - uma sede, tendo isso aí o Mexe Mexe será uma maravilha, é o meu sonho para o Mexe Mexe. ( Aí tu conseguindo uma sede ele sairia da Pedreirinha?) Não necessariamente, mas sei lá, pode ser aqui também, pois eu ainda tenho fé de conseguir um espaço aqui na rua, está difícil mas não é impossível. Olha, eu tenho um Dvd de um Programa da Cultura que retrata sobre a Pedreirinha, isso aconteceu em 2010 ou 2011, era um Programa do Roger, chamado Cultura Pai D'égua. Só que não deu tempo dele fazer tudo, tinha muita coisa ainda para mostrar, faltou ele entrevistar o Manelão que faz sapatos para escolas de samba de Belém e de Macapá e para as quadrilhas de Belém. Foi da família do seu Manelão que surgiu a Escola de Samba Madureira, e o Edgar é irmão dele. (Tu guardas recortes de revistas, reportagens que falam sobre o Mexe Mexe?) Eu tinha o primeiro, quando o Mexe Mexe desfilou foi até uma coisa inédita, a gente era do Grupo B, estreado, e a foto principal do Jornal ( não me lembro se foi no Jornal Liberal ou no Diário) foi a gente, só que eu emprestei para uma pessoal e ela nunca mais me devolveu, isso foi no ano de 2000, na quarta-feira de cinzas. Porque eles não dão muita visão para bloco, foi incrível ver o meu filho saindo como capa do Jornal, estava tocando pandeiro, agora ele tornou-se evangélico e casou. Também tem uma foto de jornal que saiu a rainha da bateria quando era a Gleice, agora já é mais recente fazem uns quatro anos atrás. (E fotos, tu guardas?) E fotos a gente guardar bastante, eu tenho tudo no meu computador. Mas, eu tenho algumas fotos do primeiro ano, porém muitas estragaram. (E da Festividade?) Eu tenho fotos que aparecem na dissertação do mestrado do Palheta.

**Entrevista realizada no dia 18 /11/2016****Entrevistada: Heliana do Socorro Soares Chagas****Conhecido na Passagem Pedreirinha como Socorro****Idade: 02/12/1964 (51 anos)****Naturalidade: Belém**

Meu nome é Heliana do Socorro Soares Chagas, sou conhecida na Pedreirinha como Socorro, tenho 51 anos, nasci em 02/12/1964, em Belém, sempre moramos aqui no Guamá, minha primeira moradia foi ali na Barão de Mamoré, depois moramos ali na Napoleão, depois na Silva Castro, e depois viemos para a Pedreirinha, eu lembro que tinha uns vinte e três anos. Tenho o segundo grau completo. Sou auxiliar de apoio. Sobre a escolaridade de meus pais, meu pai estudou até a 4ª série e minha mãe eu não sei, pois faleceu muito cedo. Sou casada, moro na Rua Napoleão Laureano que fica no Guamá, mas vivo aqui na Pedreirinha, porém eu nunca morei aqui, pois já estava casada na época em que o papai veio pra cá. (Você pode descrever a Pedreirinha?) Na época quando a gente chegou, já tinha tudo isso aqui, a umbanda, depois que veio o Mexe Mexe, mas antes veio o Bole Bole, aí teve a escola de samba raízes mas não existe mais, aqui do lado já existia há uns dois anos a Assembleia de Deus e nós já moramos aqui há 30 anos, nós não né , o meu pai, rrsrrrs. Mas, às vezes eu acabo me incluindo, por isso que eu falo assim. E assim, tem muita cultura aqui. E quando nós viemos pra cá foi no mesmo período em que o Nazareno veio também, foi quando surgiu o resgate do Malhadinho. Eu conheci o Nazareno aqui na Pedreirinha, a minha família também. ( E esse envolvimento com a cultura da sua família começou depois do contato com o Nazareno? ) Assim, aqui na Pedreirinha. Porque nós tivemos influência da nossa mãe, quando ela era viva participava de muitos eventos que envolvia cultura, ou seja, ela gostava e se envolvia em São João e Carnaval. O nosso pai contava pra gente que ela gostava de participar, já o papai não gostava muito de participar dessas festas, mas ele cantava muitas músicas de boi e como o Nazareno gostava de ouvir ele cantando as toadas. ( O que era a Pedreirinha antes de ser uma rua?) Não, se eu ouvi eu não lembro. O Kleber gosta de falar muito sobre a Pedreirinha, ele fala tanta coisa que as vezes a gente não lembra. ( Sobre o sentido de pertencimento, o que a Pedreirinha significa pra ti?) Eu acho assim, que a Pedreirinha vem de muitas coisas boas, coisas positivas. Eu vi e ainda vejo esses meninos crescerem, eu não vejo esses meninos seguindo um caminho ruim, eles sempre estão ali, querendo saber sobre música e outras coisas boas para a vida deles. Pra mim isso é o mais importante, ver eles crescerem, digo meninos e meninas, e se tornarem pessoas do bem. Porque em outras ruas a gente ver meninos brigando, e aqui na Pedreirinha não vemos isso, eu vejo os meninos daqui rindo, brincando, contando histórias, conversando, falando sobre cultura, e aí eles vão crescendo, formando família e dando o mesmo exemplo para seus filhos.

(Qual é a relação que você tem com as manifestações culturais e religiosas na Pedreirinha?) Olha, em relação ao Bole Bole eu me envolvi uns dois anos ou três muito por causa do meu cunhado Evaldo que foi carnavalesco, pois a maioria das vezes a gente não estava em Belém, a gente ia fazer carnaval pra fora - em Tucuruí, em Soure. E já na Festividade de São Pedro e São Paulo a nossa família participa porque é a nossa religião, a católica. E a gente vai, os meninos participam das brincadeiras, vão prestigiar as apresentações culturais também. Eu pouco vou, mas o pessoal aqui de casa sempre vai. O Boi Malhadinho se apresenta também, mas não todos os anos, porque vai mudando algumas coisas, a diretoria, então tem ano que chama e outros não. Esse ano convidaram a gente pra participar, mas o Malhadinho não saiu este ano de 2016. (Você participa atualmente no Bole Bole ou no Mexe Mexe como artesã - produtora das fantasias?) Não, eu só participei quando o Mexe Mexe homenageou o Malhadinho. Lembro que pegamos a Ala da bateria para confeccionar as fantasias. (Me conte um pouco da história do Boi Malhadinho, desde o primeiro surgimento até o resgate desse Boi) A história do Malhadinho é que o seu Almerindo gostava dessas manifestações, aí foi quando ele viu seus filhos brincando no quintal aonde é hoje o Lar Fabiano de Cristo - a CAPEMI ( localizado na Barão de Igarapé Mirim) e era lá que ele morava. Aí ele viu seus filhos brincando e fez uma Promessa para São João para que montasse um Boi. E foi quando surgiu o Boi Malhadinho, aí ele foi pra rua, aí teve muita manifestação, ele era muito querido pelas pessoas. Também tinha o outro Boi, o Tira Fama, e eu sei que eles participavam muito dos concursos de Boi-Bumbá que era realizado no Bosque Rodrigues Alves ( Localizado na Almirante Barroso), já hoje não tem. Eles iam a pé do Guamá para o Bosque e retornavam também a pé, mas tinha muita alegria entre eles. E depois ele ficou muito doente e doou o Boi Malhadinho para a Colônia do Prata ( Localizada em Marituba). Aí depois uma senhora pegou o Malhadinho e levou para Castanhal. E depois daí eu já não sei o que aconteceu com o Malhadinho. Aí já quando o Nazareno apareceu aqui, isso foi entre 1987 a 1988, aí ele teve a ideia de resgatar o Malhadinho. Foi quando ele foi fazer as pesquisas sobre o Boi, esses meninos ainda eram bem pequenos e acompanharam ele. E daí ele fez toda essa pesquisa e colocou novamente o Malhadinho nas ruas, em 1988. Eu participei desde o início, eu era mãe de brincante, mas ainda eu não tinha me envolvido na organização. Depois que o Nazareno conversou comigo que eu comecei a fazer as roupas das índias, dos vaqueiros e dos barriqueiros. ( Você aprendeu a fazer naquele momento ou já tinha aquele pendor artístico?) Eu já tinha, porque eu sempre trabalhei em carnaval, aí com o Evaldo eu aprimorei, pois ele fazia os desenhos e eu fazia as fantasias. Então, a gente ( eu e minha irmã Dora - esposa do Evaldo) já tínhamos essa experiência, porque mesmo no carnaval às vezes tem roupa de índio, tem roupas de várias coisas. (O Malhadinho começou no Bole Bole, né? Foi através do Xequerê?) Sim, o Malhadinho começou no Bole Bole. Não, muita gente fala que o Malhadinho começou no Xequerê, não. O Malhadinho veio primeiro e depois de uns anos foi que surgiu o

Xequerê, que era um projeto que tinha a escola de samba mirim Frutos do Xequerê e as oficinas de artesanato, curso de flores, tinha karatê, tinha vários cursos, que ficou sendo realizado por um bom tempo no Bole Bole. Depois o Nazareno achou melhor sair do Bole Bole e mudou o projeto lá para a José Bonifácio, ainda ficou no Guamá, aí depois o projeto acabou e ficou só a escola de samba mirim. Com essa escola de samba mirim, ele chegou a desfilar na Aldeia Cabana e aqui no Guamá a gente sempre saía, fazíamos um trajeto pequeno porque eram só crianças. (Por que os integrantes do Boi Malhadinho são só crianças?) Porque quando ele começou na primeira versão eram só crianças. Mas, hoje participam também adolescentes porque não dá pra trabalhar só com crianças, pois tem as barricas para tocar. (Como começa os preparativos para o Boi sair na quadra junina; Como o Boi se arruma: quando começa os ensaios das índias; o ensaio doas tocadores e cantores?) Assim, o início dos ensaios parte muito mais deles. Eles que ficam: - Bora, Socorro! Não vai ter o ensaio do Malhadinho? Aí eu tomo a frente e começo os ensaios com eles, lá no Bole Bole. Quando chegamos lá pra ensaiar já temos o Augusto que canta, e desde pequenininho ele vem sendo o Amo do Boi. (Quantos anos ele tem?) Deve ter uns dezessete anos, também ele toca na Bateria do Bole Bole. Aí, eu peço para o Minnie vir me ajudar, pois é ele que prepara a afinação das barricas e também fica responsável por ensinar os novatos que não sabem, os ensina a bater a barrica e a bater Xeque. (Então, o Minnie te auxilia nos ensaios com os meninos que vão tocar no boi?) Sim, mas quando ele não pode aí eu chamo os meninos que já saíram no Malhadinho, o Marquinho, o Meu Filho Henrique, o Russo. Todos esses meninos nunca me disseram não, sempre quando eu preciso deles, estão lá para me ajudar. Sendo que, muita das vezes os ensaios começam no início do mês do maio, é difícil começar em abril. Acontecem duas vezes na semana, ou então, se precisar o Minnie coloca mais ensaios. (E as índias, quem ensaia?) As índias sempre tem uma menina maiorzinha que saiu no ano anterior, e no outro é ela quem vai ensaiar as outras e as novatas. Ela é a Tuchaua - é a chefe das índias, é ela que vai coordenar, a entrada das índias, dos personagens, dos barriqueiros e por fim a entra o Boi Malhadinho. Aí nos ensaios, depois eles fazem a roda, cantam as toadas, os que sabem vão cantando e os que não sabem com o tempo vão aprendendo. (Quais são os personagens do Boi de vocês?) Existe a mãe Maria; o Nego Chico; o Amo do Boi; a Catirina; o Doutor; Tem o Pajé, mas ano retrazado não teve, pois ninguém quiz ser o pajé. (Mas, ninguém te comentou o por que de não querer ser esse personagem?) Não, ninguém comentou. Eles querem ser barriqueiros ou outras coisas, mas pajé não. Eu acho que o pajé se veste como pajé, né? E pra mim eles não gostam daquela roupa, entendeu?. (Quem é Mãe Maria?) Ela é a mulher do Amo do Boi. O Amo do Boi é aquele que canta as toadas. (E a Catirina?) Catirina, é a mulher que está grávida, e na história ela é aquela que deseja a língua do Boi. (E o doutor?) O doutor, é porque quando tem aquela comédia toda, aí eles chamam o doutor pra ver o que fazer com o Boi, também chamam o Pajé. O último

Pajé que nós tivemos, era o Ítalo, mas era muito engraçado. ( Tu fazes parte do Malhadinho desde do resgate, né? Há quanto tempo faz isso?) Sim, já fazem uns 30 anos. (Então, me conta essa história de como a Família Soares acabou se tornando a guardiã do Malhadinho? Porque ele ficava no Bole Bole, é isso?) Não, o Malhadinho só ficou no primeiro ano no Bole Bole, daí ele veio pra cá para a casa do papai e está até hoje aqui. Dele vir para cá pra casa do papai isso foi acontecendo, ninguém pediu nada pra gente, e foi ficando, ficando, e até hoje fica aqui. (Atualmente, qual é a sua função no grupo?) Eu que sou a responsável pelo Boi no momento, eu que fico a frente de tudo. Assim, desde a época do Nazareno eu sempre fazia as coisas e perguntava para ele se estava bom, e o mesmo sempre me dizia que sim, que estava maravilhoso. E depois que ele faleceu eu sempre lembro de quando eu mandava os meninos chamarem ele para vir aqui. Dizia: - Olha, vai chamar o nazareno! Diz que preciso falar com ele, com certeza. Aí o menino retornava com o recado do Nazareno que dizia: - Olha, o Nazareno mandou dizer pra ti que o Malhadinho já pode andar só. Então, tu podes fazer o que tu achar que é melhor para o Malhadinho. E isso nunca saiu da minha cabeça. Aí acabou que ele faleceu e eu fiquei mesmo, esperando alguém para que eu passe o Malhadinho. É que às vezes a gente ficava cansada ou acontece algo que nos impossibilita de tomar a frente, né? Aí a gente fica esperando alguém que possa tomar a frente do Malhadinho. Olha, ano passado não deu pra mim, aí ninguém assumiu. Porque se não for a gente mesmo aqui de casa, o Boi não sai. E a minha preocupação é essa dele não sair. Porque eu gosto muito do Malhadinho, eu sempre digo, e até escrevo, que sou 100% Malhadinho. Eu gosto de estar com os meninos, no meio deles, pra mim é uma satisfação muito grande, sendo que pra mim é de coração que eu faço tudo isso. (Em relação a apresentação de vocês na Festividade Junina, como isso ocorre? Vocês tem de fazer um cadastro na Prefeitura e no Governo do estado para chamarem vocês ou é feito de que forma?) Não. Esses anos a gente só está saindo pela Prefeitura, é a Fumbel que fica responsável por isso. A gente vai lá, se escreve, aí são eles que falam o dia do sorteio que irá determinar a data, horário e local em que os Bois vão dançar no evento da Festividade Junina - organizado todo ano pela Prefeitura de Belém. ( Todo Boi-Bumbá que se cadastrar, se apresenta no evento? Ou há seleção?) Não, todos se apresentam. ( E essa subvensão que vocês recebem, ela acaba suprimindo as despesas ou vocês tem de arcar com coisas?) Não, a gente tem que arcar com todas as despesas, porque nós só rebemos o dinheiro da subvensão muito depois da quadra junina, tiveram anos que recebemos no mês de Outubro. Então, nós temos de comprar tudo com o nosso dinheiro, e arcar também com as despesas de transportes quando a apresentação é muito longe daqui do Guamá. (Por que vocês não participam da festividade organizada pelo Estado? ) Porque agora eles colocaram um tanto de Boi, que eu não sei quantos são. E também tem agora vários documentos que temos de apresentar, eu já fui lá, mandei também o Alexandro ir lá e ele trouxe uma folha com uma



lista de documentos que tínhamos de apresentar, aí eu vi que não tínhamos condições financeiras de mandar preparar essas documentações. Ou seja, vimos que era muita burocracia para sair pelo Estado e decidimos não tentar. (A subversão do Estado é maior que a da Prefeitura?) Parece que é mais. Se eu não me engano esse ano, a menina de um outro Boi - que se apresentou pelo Prefeitura, me disse que o valor da subversão foi 800,00 reais. Mas, cada ano que se passa esse valor vai baixando, nunca aumenta. (E o valor do Estado? Vocês chegaram a se apresentar?) Sim, já nos apresentamos, depois que iniciou esse processo de apresentação de documentação que paramos. Na época em que nos apresentamos recebemos uns 1.600,00 reais, sempre o Estado paga mais. (Essa inscrição começa quando?) Não tem data certa, a gente que tem de ficar atento, um telefonando para o outro para saber qual é o dia e indo na Prefeitura para saber a data correta, pois quem perder a data de inscrição não tem como se apresentar. (Podes falar dos eventos que vocês promovem ou chegaram a promover. E principalmente sobre o Festival do Sorvete) Na época do Nazareno nós fazíamos a Semana da Cultura, era a semana todinha do mês de Agosto que envolvia o Dia do Folclore - 22 de agosto, então ele fazia aqui no Bole Bole e chamava todos para apreciar as atividades. (Como era essa semana?) A gente tinha toda uma programação, onde a gente fazia artesanato para vender, também tinham as pessoas que iam para cantar. Mas, o dinheiro não aparecia, não dava pra nada e também a gente nunca ficava devendo ninguém. O dinheiro ia embora porque que a gente dava dinheiro para o fulano voltar de táxi; dava pra outro pegar um refrigerante; dar isso e dar aquilo; e assim ia. Até a Lourdes dizia: - Olha Nazareno, é melhor a gente não fazer mais essas festas porque a gente só tem trabalho e não obtém lucro algum. Mas, só que ele sempre acabava nos convencendo para fazer. Mas, na época do Nazareno era bom o Malhadinho porque a gente não tinha preocupação, já que ele arranjava as pessoas que ajudavam financeiramente, com dinheiro, ou tinha um amigo que tirava no cartão e também tinham pessoas que ajudavam com material. Como ele era muito conhecido e virado também, sempre dizia: - Deixa, deixa que na hora o Malhadinho sai. E saía mesmo. E sobre o Festival de Sorvete, às vezes dá um lucro de 500,00, de 600,00 reais, mas eu mando fazer barrica, ajeitar as coisas. Como esse ano, as barricas estão todas furadas, dessa festa que teve lucramos 300,00, mas com esse dinheiro eu vou mandar fazer tudo de barrica. Ah, o Nazareno também mandava fazer um Livro de Ouro, aí ele dava para assinar as pessoas que podiam ajudar financeiramente o Malhadinho, a pessoa escrevia seu nome e ao lado colocava o valor que contribuiu. (Vocês faziam rifas? Ou só eram as promoções e o Livro de Ouro?) Não, só fazíamos o Livro de Ouro, e as promoções fazíamos no máximo duas vezes ano. (Quais são as dificuldades que vocês vivenciam no grupo?) A gente tem sim muitas dificuldades, mas pelo Malhadinho eu pego um pouco do meu dinheiro e um pouco do dinheiro do meu marido e assim a gente vai. Já tiveram casos que para comprar material eu já pedi emprestado até de caixinha para depois pagar quando o

dinheiro da Prefeitura saísse. Só que, quando eu ía pagar eu tinha de entregar todo o dinheiro, por causa dos juros que já tinham corrido. Às vezes aparecem, ainda, alguns amigos do tempo do Nazareno que doaram muitas coisas para o Malhadinho. E também, guardamos algumas roupas para a apresentação do outro ano. Mas, nem todas, as das índias todo ano tem que fazer porque elas não têm cuidado. ( Mesmo vocês conversando com elas a postura continua a mesma?) Sim, muito porque a maioria das meninas vivem em situação precária, né? Tem vezes que eu falo: - Olha, traz a roupa que eu guardo. Mas, eu acho que elas pensam que sou eu que não quero que elas saiam mais. Aí eu fico com receio, porque temos de ter um jeitinho para conversar com todos eles, para não magoar nenhum deles. Às vezes a mãe vem e fica com raiva porque a outra está melhor que a sua filha, tem tudo isso. ( As mães sempre acompanham?) Tem algumas mães que sempre acompanham. ( De quanto vocês precisam para colocar o Malhadinho para se apresentar?) Olha, eu acho que vai de uns 1.500,00 a 2.000,00 reais, tudo está caro, mas também tem Boi que não usa o que usamos, a gente usa paitê, a gente usa boá - penas das índias ( Agora já vende em metro. Da última vez que comprei cada unidade estava 25,00 reais e cada roupa usa umas três daquela para ficar bem cheinho a roupa, e às vezes a gente tem 10 índias), a gente usa plumas, hoje que não usamos missanga - mas as roupas eram todas bordadas e hoje não dá mais pra ter esse trabalho. Quando nós queremos bordar pedimos para os meninos que saíram na 1ª Geração do Malhadinho, pois eles aprenderam a bordar. E hoje já não existe mais isso, nenhum dos meninos de hoje tem vontade de aprender. ( E aí a Prefeitura dá a subversão de 600,00 reais) 'Não, isso ajuda bem pouco o Malhadinho. Porque esse dinheiro ainda temos de usar para pagar o ônibus que leva eles que é 200,00 reais. ( Além desta apresentação vocês são convidados para se apresentarem em outros lugares?) Somos sim. Mas, tem muita gente que diz que sou besta pelo cachê que nos pagam. Eu acho que não sou, pois eu acho que é a pessoa que tem de ter consciência. Para algumas pessoas eu ainda digo, 100 reais, aí muitos dizem que não tem esse valor, aí eu digo para dar o quanto puderem. Digo também, se a pessoa tiver um refrigerante e um hot para dar pra eles já é o suficiente. Nas redondezas daqui da Pedreirinha eu não cobro nada, mas sempre digo que se quiserem dar alguma coisa a gente aceita pois temos muitos gastos. Digo assim pra fora, que nós temos de pagar o ônibus, né. (O que você propõe para a melhoria do grupo?) Eu queria assim, que o governo nos valorizasse mais, pois a gente precisa manter esse grupo. Que eles arransassem algo que nos ajudasse mais, não só na festividade de Junho, mas em todo o ano. Porque eu acho que o Boi, pelo menos o Malhadinho participava de vários festejos fora do período junino. Ele iria para vários lugares. Esse descaso não é só om o Malhadinho, é com todos os Boi-Bumbá. ( A maioria das pessoas veem o Carnaval como aquele espetáculo maravilhoso que tem de acontecer, independente de crise e das dificuldades. Mas, quando você vai falar de Boi-Bumbá, como essas pessoas se dirigem a você? tu ver essa mesma importância que elas

dão ao carnaval?) Não, as pessoas não dão importância para o Boi-Bumbá. As coisas acontecem porque a gente gosta do que faz. São poucas as pessoas que nos valorizam, na hora estão ali, apreciam, batem uma palma e acabou. Agora tem algumas pessoas que gostam mesmo do Boi, no período da quadra junina eles nos chamam para nos apresentar na casa deles, pois dizem que essa tradição não pode acabar. Atualmente, existem nove Bois-Bumbás no Guamá.

**Entrevista realizada dia 23/11/2016**

**Entrevistado: Roberto dos Santos Corrêa**

**Disse não ter apelido na Passagem Pedreirinha**

**Idade: 16/04/1962 (54 anos)**

**Naturalidade: Belém**

Meu nome é Roberto dos Santos Corrêa, não tenho nenhum apelido aqui na Pedreirinha, tenho 54 anos, nasci em 16/04/1962, em Belém e me criei na Pedreirinha, terminei o magistério mas não leciono, eu sou autônomo e faço confecção de instrumentos de percussão como o exemplo da matraca, também concerto instrumentos com defeitos, como o banjo. ( Neste momento o Sr Roberto foi buscar os instrumentos do caldo de Turu para me mostrar. Me mostrou algumas matracas que fez há pouco tempo para o Caldo de Turu, uma milheira e a maraca também chamada de maracá). (Como é feito a maraca?) Elas são feitas com cuias, as mesmas que se usa para tomar o tacacá, ela é apanhada verde, aí a gente abre e deixa a bucha apodrecer, retira e põe no sol para secar, aí faz o trabalho. ( E o que o senhor coloca dentro para fazer o som?) Eu coloco esferas, eu coloco a menor possível para poder dar qualidade no som. ( E as pessoas vem encomendar do senhor?) Eu estou com uma encomenda de maraca, tem uma menina aí que quer um par, aí eu vou fazer. Também eu faço o curimbó. ( Como ele é feito?) Ele é feito de madeira, o melhor curimbó é feito da madeira de piriúba, ela é retirada no mangue e já vem oca por dentro, aí a pessoa só faz o acabamento e deixa do tamanho que quiser. ( Voltando para o seu perfil, seu estado civil?) Sou solteiro, eu não resido na Pedreirinha há 29 anos, moro no Guamá, no Riacho doce mas só vou pra casa pra dormir, fico mais aqui na casa da mamãe, na Pedreirinha. (O senhor pode descrever a Passagem Pedreirinha? As memórias que tem da sua infância e suas vivências no decorrer dos anos?) Eu vou começar pelo tempo de criança, a rua sempre foi animada. Vieram uns colegas morar pra cá e eles eram mais crescidos que nós, aí resumindo, a gente brincava de cemitério; bandeirinha; geralmente era de cinco horas da tarde em diante, só que o velho ( seu pai) vinha entre cinco e meia a seis horas do serviço e a gente brincava, no caso nós, os filhos dele, porém atentos para a chegada de papai. Quando ele chegava a gente corria e ia tomar banho. Então, teve esse movimento na Pedreirinha, foi criado time feminino de futebol, dos homens também. Nos quinze anos da minha irmã, naquela época meu velho gostava de música, então ele tinha uns músicos conhecidos que eram da polícia, se entrosou com eles e todo final de semana passou a tocar aqui na frente de casa um órgão musical, é o motivo para eu gostar de música, sendo que a maioria se envolvia no meio. E antes disso nós já tínhamos a festa da mamãe, que por sinal tem a idade do Branco, 61 anos, então existe essa festividade dos santos que tempos atrás foi muito mais bonita do que agora, devido essas novas leis e a incidência de grande violência em nossa cidade, aí parou, só que a festa não morreu, ela

continua, mas não com a mesma proporção de antigamente. Antigamente, o pessoal se envolvia, a gente fechava a rua quase de ponta a ponta e era só uma festa. Hoje não é mais assim, o espaço da frente da nossa casa é o mais movimentado, nesse ano mesmo o pessoal já fizeram uma outra parte e dividiram em três partes. Temos também outros movientos aqui na rua, o Boi Malhadinho, o Bole Bole, temos aqui em casa o Mexe Mexe , o barracão (Terreiro de Mina) que é centenário, tínhamos uma igreja católica - uma paróquiazinha em que meu sobrinho Kleber era responsável e duas igrejas evangélicas. Mas, eu sei que não existe diferença, se precisarem eu sei que um ajuda o outro e vice-versa. Por sinal, semana passada eles estavam comemorando o aniversário da Igreja da Assembleia de Deus, se não me falha a memória eram 30 anos, e aí as crianças estavam distribuindo bolo para os moradores da rua e pra quem estava passando naquele momento. E teve na noite de sábado um grupo protestante musical, aqui da vizinha que é ela que canta, e deram um show, a Pedreirinha parou para escutar como uma forma de respeito também, mas mesmo assim, estava uma coisa agradável. E a Pedreirinha é isso, eu amo essa rua aqui e no dia em que partir, eu vou ter que sair daqui num cortejo de preferência a pé, eu vou pra cá, né? ( faz referência ao Cemitério Santa Isabel que fica próximo da Pedreirinha). E a Pedreirinha é isso, eu amo de paixão essa rua, todos esses movimentos que tem aqui, temos o Arraial do Pavulagem que começou por aqui, temos saudades do Nazareno que deixou o legado. Boi-Bumbá, antes do Malhadinho nós tivemos o Boi-Bumbá Bala de Prata aqui nessa rua. E esse Boi aqui não é o Malhadinho original, teve outro, que disputava com o Boi-Bumbá Tira fama, era guerra, quando eles dois se encontravam nos festivais que tinham naquela época. Eu não cheguei a ver, pois era bebezinho ainda, mas cresci ouvindo as pessoas falando. ( O senhor pode falar um pouco da Festividade de São Pedro e São Paulo, quais são as funções que realiza na mesma?) A responsabilidade burocrática das festa fica com o Branco. A minha função é comandar a estrutura da festa, fechar a rua e fazer a decoração , o Kleber e o Branco me passam, aí eu trabalho em cima e faço. Montar o palanque; quando a gente vai buscar o casamento na roça, no decorrer do cortejo tem a queima de fogos e sou eu que fico responsável também por essa parte. Mas, antigamente nós tínhamos queima de fogos, onde os fogueteiros vinham e faziam, só que o papai perdeu o depósito de papel e ficou difícil contratar os fogueteiros. Mesmo assim continuamos comprando só que era muito caro e paramos de comprar. Então, a minha atividade é ficar ajudando de todas as maneiras, é no bar, é no final da festa desarrumando, ajudando a carregar o que tem pra carregar e guardar. ( E sobre o aluá?) Como eu falei o aluá é especialidade da Dona Elsa, mas eu ajudo e atualmente sou eu que estou fazendo pra ela. ( Então o senhor aprendeu a fazer o aluá?) Sim, eu sei fazer. Ela só me orienta. Os preparadores do aluá podem ser feitos com a casca do abacaxi ou com o milho torrado, para o preparo dos dois os ingredientes são os mesmos, entra o cravinho, gengibre, o pão torrado, o açúcar caramelizado que é desmanchado e depois jogamos na

vasilha; o primeiro é o milho, torra o milho e põe na vasilha com a água e fica em fusão, aí vai jogando os ingredientes, cravinho, o gengibre, a torrada e o açúcar. Aí deixa em fusão uns quinze dias mais ou menos. Ele puro chama-se aluá já misturado com cachaça chama-se perua. ( O senhor é o único que sabe fazer dos filhos?) Eu creio que sim, se os outros filhos se interessassem em meter a cara, eles com certeza aprenderiam, mas ela pega mais eu para fazer. ( Mas, eles nunca tiveram vontade de aprender a fazer?) Não, porque eles trabalham fora e chegam cansados do trabalho mas eu também tenho serviço, porém mesmo assim a mamãe diz pra mim: “Olha, tu não vais trabalhar que vou precisar de ti”. Aí eu fico aqui disponível pra ela e é só eu mesmo. ( O senhor sabe que existem poucas pessoas que sabem fazer aluá no Pará) Pra lhe falar a verdade eu nunca vi aí por fora aluá, eu nunca vi, só sei que aqui a gente faz todo ano na festividade de São Pedro e São Paulo, mas em outras festividade eu nunca vi. A gente faz só pra festa um camburão, dá uns 100 litros mais ou menos, aí os vizinhos cooperam com o açúcar, aí quando fica pronto ela distribui. Quando a gente está trabalhando a gente já compra uma cachaça, aí já mistura e vira a perua, para o serviço fluirrr! rrsrrs. (Agora vamos falar do Caldo de Turu. O senhor sabe quando surgiu a manifestação e quando começou a participar do grupo?) O grupo já existe há 15 anos, ele surgiu aí na Paróquia Sta. Maria Gorretti em retiro de jovens. O pessoal estava desanimado e convidaram o Bruno e outras pessoas para animar o grupo, para fazer um carimbó, aí pegaram uns baldes velhos lá e começaram a batucar. E lá foi denominado Caldo de Turu, aí simpatizou com o nome e ficou até hoje. Sendo que, eram outros integrantes. E não era como é hoje em dia, tudo era precário, os instrumentos eles não tinham, tocavam com balde, pegavam um violão pirata e saia um som rrs. Então tinha um rapaz que faleceu depois de seis anos de grupo, e o grupo adormeceu um pouco. Aí, eu acho que através do Samuel que é um rapaz de lá de Marapanin e tal, sabendo da história, se envolveu e quando foi na construção e pintura aqui da Capelinha do Kleber, aí conversando comigo, me perguntou se eu gostava de carimbó, disse que sim, mas que nunca tinha me envolvido, só tinha participado nas bandinhas por aqui no Guamá, até no Carnaval eu gosto de trabalhar na montagem e decoração dos carros no Mexe Mexe. Aí ele disse para eu passar lá com o Bruno, aí eu fui, fizemos o ensaio e foi bacana, aí eu endocei mesmo no grupo e comecei a convidar o pessoal mesmo que sabe tocar e fui me entrosando. Hoje em dia nós somos o que somos, que eu considero bom , gosto de paixão do grupo. Mas, existem uns pequenos problemas que a gente tem de tentar solucionar e a minha participação no grupo é essa, eu estou há uns 8 anos, essa faixa, e o grupo está aí. Eu ajudo no que eu posso, sendo que o iniciante foi o Bruno, porém, hoje eu tenho o mesmo poder que ele no grupo, de tomar as decisões. Por sinal ele transfere pra mim as responsabilidades, mas nós trabalhamos juntos, eu sempre procuro a opinião dele, mas tem vezes que tomo atitude precipitada, como foi na compra de instrumentos, eu comprei uma flauta transversal e um clarinete, eu não pedi permissão, fui lá

e comprei. Aproveitei a promoção que o rapaz fez, pois financiou pra mim e comprei. E no tempo não tinha banjo, eles tocavam com violão, aí o Fabrício me deu banjo que por sinal era do finado do Nazareno ( sério?) É a nossa relíquia, é um legado e não sai daqui de jeito nenhum. Esse curimbó eu comprei sozinho, é dos baioaras, feito de jabatiteua, foi trezentos reais, sem dó eu peguei o dinheiro e comprei. Mas, o meu sonho é comprar dois maiores que esse daí, e eu perdi essa oportunidade por causa do Samuel. Lá em Vila Maú, o primo dele tinha dois curimbó grande, e ofereceu pra ele, o caboco sentava de perna aberta e nem fazia força para bater no instrumento. Aí eu escutei quando ele ofereceu no valor de 300 contos os dois, só que eu percebi que o Samuel não iria comprar, ele tinha um grupo também chamado os filhos mauenses. Aí eu disse pra ele reservar pra mim que na próxima vez em que o nosso grupo fosse pra lá eu iria comprar. Aí no ano seguinte no passeio, eu reservei o dinheiro e levei, chegou lá e chamei o Samuel: Ê, Samuel! Chama lá o teu primo! Aí ele tirou o corpo fora. Ou seja, ele não falou com o primo dele. Aí chateado, eu gastei o dinheiro todo em cerveja para o pessoal do grupo. Quando foi no segundo ano eu levei o dinheiro de novo, e chamei ele: Ê Samuel, cadê? E de novo ele deu pra trás. Aí eu fiquei chateado com ele, só naquele momento, aí até hoje eu comento: É Samuel, tu ainda estás devendo uma parada pra mim, né? A minha participação no Caldo de Turu é essa aí, eu gosto de tudo bonitinho, todo mundo unido, na sinceridade, no contrato e tudo. Então, tem de existir isso aí para ficar uma coisa agradável para todo mundo. Porque nós já perdemos vários dançarinos por causa de mexerico de uma pessoa só. Inclusive terça essa pessoa aprontou uma coisa que eu não fiquei gostando, e o Bruno foi conversar com essa pessoa e a mesma disse que ficaria no grupo até final do mês. Como eu dei a boa notícia para os demais que haviam saído, eles ficaram contentes, dizendo que se essa pessoa saísse iriam voltar para o grupo, quer dizer que já vem mais três pares de dançarinos com três que nós já temos, ficaremos com seis pares. Ou seja, quanto mais pessoas nós tivermos trabalhando com amor em prol da cultura é melhor. ( Quando o Caldo de Turu veio pra cá para a casa da Dona Elsa? Os materiais do grupo) Passou a ser aqui a sede do grupo, né? É assim, antes os instrumentos ficavam no pátio da casa do Bruno e quando chovia lá, alagava todo o pátio e molhava os instrumentos. Então, aqui na casa da mamãe os instrumentos ficaram mais protegidos, pois ficam aqui na sala. Os ensaios quando não são aqui na frente da casa da mamãe, fazemos lá no Bole Bole, aonde der pra gente ensaiar a gente ensaia. Estamos pensando em gravar um CD, o menino alí já nos sedeu o espaço e o som dele, o que está faltando é o grupo se reunir para conversar, criar repertório, uma boa pasta de música, pra gente poder ensaiar e gravar. Apareceu um convite pra gente ir para Recife, foi do mestre Toca Ogan, ele gostou da nossa apresentação no Espaço Apoena, achou muito legal. Quando você perguntou se eu tinha apelido eu entendi, tem o David que um dia me chamou de mestre, aí eu disse a ele: David, eu não sou mestre. Pra ser mestre é preciso muita coisa, tem de compor, e ter um grande conhecimento. Aí ele

disse: Ah, mais tu é mestre, tu não és professor? Aí falei: Sim, eu sou, mas não professor na arte do Carimbó. Porque o mestre tem de ter um vasto conhecimento e eu não tenho esse vasto conhecimento em relação a cultura, por isso eu não me denomino de mestre. ( O Senhor não é mestre, mas é um griô aprendiz. o senhor saber o que é?) É, eu estou caminhando pra isso, né? rrsr ( O griô aprendiz é aquela pessoa que recebeu todo aquele conhecimento através de suas vivências com outras pessoas e repassa através da oralidade. Ele é aquela pessoa que está sempre em busca de novos conhecimentos e repassa tudo o que aprendeu para as novas gerações) E quando foi lá no Apoena o David me chamou: Seu Roberto, mestre, venha cá! Eu vou lhe apresentar para um outro mestre, conversa de mestre para com outro mestre. Aí, eu me senti importante, sabe. ( Mais se eles lhe consideram mestre, né? Eu não participo a fundo das atividades da Pedreirinha, sabe que o senhor pode ser um mestre? rrsr) É, eu fiz só uma música. ( Assim, o mestre não é só aquele que compõe. Exemplo: As ervaíras tem uma imensa sabedoria da funcionalidade das ervas, e são consideradas mestres de tradição oral; as parteiras também; os mestres de carimbó, ou seja, existem uma grande variedade de mestres). É, eu confecciono instrumentos, tudo bem é um começozinho. Está muito cedo para eu me denominar mestre. Assim, na entrevista que você fez com o Aldryn ele me batizou como mestre, não foi? ( Sim! rrsr) Eu soube, e disse: Rapaz tu é doido? ( rrsrrrsr) Porque ninguém me chama aqui de mestre, só o David que passou a me chamar e agora o Mestre Toca Ogan, bora ver no que vai dar, se um dia eu serei um bom mestre rrsrs. ( O Caldo de Turu está aqui há quanto tempo?) Uns oito anos. ( O senhor pode falar um pouco da relação que o seu grupo tem com as outras manifestações daqui da Pedreirinha? De participar dos eventos, de ser convidados. As pessoas apreciam o Caldo de Turu?) Olha, o pessoal gosta, não só aqui na Pedreirinha como em outras toçadas que fazemos fora do Guamá. Eu vou fazer a comparação de sábado, sábado nós tocamos lá no Centro dos Rodoviários de dia, e de lá fomos tocar na Paróquia Jesus Libertador e antes de nós, se apresentou uma banda e o pessoal ficou todo sentado só escutando. E quando foi o Turu, aí fechou, que foi preciso pedirem espaço para os dançarinos mostraem seu trabalho, ou seja, o pessoal gosta e admira, graças a Deus e cada toçada está melhor. Aqui na Pedreirinha o grupo vai por amizade e prazer, a gente não cobra do Branco, do Mexe Mexe, do Boi, só o que a gente ganha é a nossa berita. Já no Bole Bole a gente vai por causa do Vetinho. Aqui na rua a gente está ensaiando, e o pessoal para e aprecia. Nós tivemos uma entrevista com a TV Cultura ano passado 2015 ( no dia do carimbó), nos reunimos aqui na frente, eles vieram e entrevistaram o grupo. ( Quantos integrantes participam atualmente do grupo?) Dançarinos temos 8 pessoas, aí tem de músicos 11 pessoas, sendo que não vai todas as pessoas em todas as apresentações. ( Qual é o sentido que o Caldo de Turu tem na sua vida?) Financeiro ele não tem nenhum, mas se tivesse. É só por amor mesmo, por amor a cultura, eu gosto de participar de música, eu não sou profissional sou amador, mas por conhecimento de ritmos é



só por amor a cultura que participo. ( Desde quando o senhor entrou para o Caldo de Turu houve uma transformação na sua vida?) É, porque eu gosto mesmo, me sinto bem tocando, mas não deixa de ser uma terapia. Temos o seu Raimundo que é o integrante mais idoso da turma, e a gente percebe que ele gosta, quando não dá para ele ir o mesmo fica cabebaixo, ou seja, o que fazemos é por prazer. Por sinal, ontem eu estava conversando com a esposa do seu Raimundo, mas não faltará ocasião para falar com sua esposa e filhos. Pois, tem vezes que os filhos levam ele para passear para Mosqueiro e o mesmo acaba se afastando das atividades do grupo, e a gente percebe que ele fica triste. Já que ele se sente muito bem com os meninos, se diverte na combe na viagem, ele sorrir, e é assim que eu me sinto também, feliz, com uma nova família onde todos devem compartilhar bons e más momentos. Vantagem eu não tirei nenhuma, pelo contrário, eu ainda tiro do meu dinheiro para ajudar o grupo. ( Quem é que compõe as músicas do Turu?) No grupo atualmente nós só temos duas músicas, uma foi o Delly que fez e a outra fui eu. Mas, nós temos músicas que o Bruno fez que precisam ainda serem modificadas pois estão muito longas, para o nosso carimbó de pau e corda tem de ser coisa pequena com refrão, e nesse sentido ele é muito apagado. E eu não sou bom para compor, eu fiz essa música com a ajuda do Aldryn e do Bruno. Sabe, a minha intenção era tirar um final de semana, convidar uns sambistas e fazer um domingo de composição, um ajudando o outro, corrigindo o outro. Também, temos música que o Vetinho nos deu, aí também cantamos de outros grupos. ( E quem é o compositor dessa música? Menina vem pra Pedreirinha pra dançar o carimbó....) Foi essa que eu fiz. Aí quando nós vamos nos apresentar o Aldryn fica falando: Agora nós vamos cantar uma música do compositor da Pedreirinha, seu Roberto! Aí eu digo: Ei Aldryn, para com isso, deixa o pessoal perguntar de quem é, melhor assim. ( O grupo recebe ou já recebeu algum patrocínio do Estado?) Não, esse é um dos problemas. ( Mas, vocês tem Cnpj, né?) Não tem, é um processo pra tirar. Eu já falei com o Bruno, pois ele tem os seus meios para agilizar, mas como eu falei o Bruno é um pouco parado. Sabe qual é o pensamento dele? Quando o grupo estiver tocando bonitinho ele quer se afastar e ficar só apreciando. Aí eu falei pra ele: Que músico é tu rapaz? Que amante da cultura é esse? É a primeira vez que eu vejo uma pessoa que se diz amante da cultura e quer ficar só apreciando. Aí, auxílio do estado nós nunca recebemos. É, nós estamos tocando para a Makel, o Bruno conhece o dono da loja, e o mesmo está nos ajudando com um agrado, prometeu uns materiais pra gente e estamos aguardando vamos ver se torna realidade. ( E as dificuldades que existem no grupo? O senhor até já falou de algumas, existem outras?) É, a dificuldade é financeira. Por exemplo, este ano de 2016 nós vamos fechar com quase 80 tocadadas (apresentações), no ano passado foi menos. Só que a maioria das tocadadas é para a paróquia aonde nós não recebemos nada quando nós deveríamos receber pelo menos um agrado. Você já pensou tocar para vinte paróquias e não receber nada? A gente toca por amor, mas tem sacrifício, suor derramado, tem gente que falta serviço. Vou jogar um

mínimo de 100 reais em 20 tocas daria dois mil reais, que daria para compramos instrumentos, roupas e ajudar nos gastos. Eu já chorei por esse grupo. Foi o primeiro vacilo do grupo, nós íamos tocar aí no Bole Bole, estava tudo certo, aí eu falei para o pessoal, deu o horário e eu fiquei esperando, não apareceu ninguém. Ah, eu fiquei muito enjuriado, até quis montar outro grupo na hora, aí o pessoal me dizendo para eu ter calma. Mas, a pessoa tem de honrar a roupa que veste, se deu a sua palavra tem de cumprir. Eu quis sair do grupo e o pessoal pediu para eu ficar. Penso que é porque eles veem que eu faço as coisas no grupo por amor e com muita responsabilidade. Agora em outubro, eu estava cansado, pois fiquei o dia todo cozinhando a maniva para a mamãe, já que o papai não estava bem - na realidade cada um tem uma função: ela compra, o papai cozinha e eu empacoto ( Ela é conhecida como a senhora do tucupi e da maviva?) É, a referência é a dona Elsa, ela é muito conhecida, aonde chega faz amizade, compram fiado dela, eu amo essa velha. E tinha uma tocada de noite, aí eu disse para o Bruno que eu não iria pois estava muito cansado, aí coloquei os instrumentos no carro, mas não resistir. Tomei um banho, me aprontei e segui para a paróquia. Só que eu fui para a paróquia errada, e quando eu cheguei lá eles ficaram surpresos. Quer dizer, eu faço as coisas por amor mesmo. E as dificuldades são essas, só que a gente tem de passar por cima, superar, se a gente quer a gente tem de lutar e se esforçar.( O que o senhor propõe para a melhora do grupo?) Eu acho que eu já falei, é a união, a força, vamos trabalhar juntos para a melhora do grupo, com honestidade e compromisso. Quando Deus achar que merecemos receber verba do governo, receberemos.

**Entrevista realizada no dia 27/11/2016.**

**Entrevistada: Elsa Santos Corrêa**

**Conhecida na Passagem Pedreirinha como Dona Elsa**

**Idade: 19/08/1933 (84 anos)**

**Naturalidade: Belém**

A pesquisadora diz ter sido recebida por dona Elsa com uma deliciosa tapioca com café com leite[...]

Me chamo Elsa Santos Corrês, nasci em 19/08/1933, tenho 84 anos, sou conhecida na Pedreirinha como Dona Elsa, nasci em Belém, minha escolaridade é o primário incompleto pois minha mãe só me colocou pra estudar pouco, o pessoal de antigamente não davam muito valor aos estudos. E dos meus pais, na realidade tenho só mãe, pai foi só pra fazer, ela estudou o básico tinha o 1º grau completo e sei que quando ele saiu daqui já estava estudando para ser médico, mas não se formou; eu tive 12 irmãos, mas morreram sete e ficaram só três; sou casada há 63 anos, casei com 20 anos e já estava grávida, casei em janeiro e tive meu primeiro filho em fevereiro. Sobre a Passagem Pedreirinha, qual é o sentido de pertencimento a este lugar?) Antigamente as casas da Pedreirinha era tudo de enchimento, de palha, né? O nome da Rua antigamente era Pico da Pedra, pois aqui foi uma pedreira, mas eu não cheguei a ver isso. ( Como foi a sua infância aqui na Pedreirinha? O que a senhora lembra? A senhora brincava no barracão da Mãe Amelhinha?) Não brincava, mas eu iria lá quando tinha as festividades porque eu recebo a entidade desde pequena. Nós duas crescemos juntas aqui na Pedreirinha, ela tem 82 anos e eu tenho 83 anos. ( E quando a senhora era criança brincava na rua?) Sim, eu era um machinho rrsrs, brincava de papagaio ( pipa), peteca, jogava bola, boneca, brincávamos de casinha, eu subia muito nas árvores, lembro que eu pegava muita queda ( a senhora subia para pegar frutas?) Não, era danação mesmo rrsrs. Tinha uma senhora aqui que ela tinha cem anos, ela foi descendente de escravos, chega ela era assim cascuda, tinha planta no quintal dela, e eu embarcava de dia para tirar de noite rrsrsr; ela vinha aqui fazer fuxico para a mamãe. Tinha o Malhadinho de criança no outro lado e agente brincava de Boi, eu era a Catirina, era um boi de criança, mas não era o Boi Malhadinho do Seu Almerindo. ( A senhora ouviu falar sobre a Escola de Samba Madureira que existiu aqui na Pedreirinha?) Era de uma madrinha minha, mãe do Ildegar, eu cheguei a participar. ( Dizem que essa escola é mais antiga que o rancho, mas ninguém tem documentação alguma que prove a data de surgimento, a senhora lembra quando surgiu essa escola aqui?) Eu era menina, ouviu, naquele ninguém se preocupava em guardar as coisas ( fotos, documentos), eu sei que a escola ficou por poucos anos que saía. ( Mas, a senhora chegou a sair na escola?) Sim, saía, eu saía em tudo rrsrsr Eu soube aproveitar a minha infância, eu era muito danada. Mas, hoje em dia esses meninos não brinca mais, como esse

meu netozinho aí, ele não brinca na rua, vive no celular. ( As manifestações culturais que a senhora participou e participa?) Eu já saí na Escola de Samba Arco-Íris, só eu que gostava de festa, o meu marido não saía, eu deixava era ele com raiva rsrs, pois eu me fantasiava e ia embora. (Mas, a senhora sempre participou com seus filhos?) Eu, o Branco e o Roberto agora, somente eles dos meus filhos se envolvem nas atividades culturais; e a minha mãe foi baiana do Rancho, saia ela, a madrinha do Branco e a Dona Lucinéia. ( A senhora chegou a sair no Bole Bole?) Sim, acho que eu saí umas duas vezes. Na realidade eu parei de participar dessas atividades há pouco tempo, depois que me apareceu essa doença de reumatismo, aí eu não vou estragar a minha 'cadeira' rrsrr. Teve um ano que eu saí no carro alegórico que estava homenageando os filhos de santo, eu saí com a Lulu ( Mãe Lulu) e a Juscelina (irmã do Ricardinho), esse ano o Bole Bole foi até campeão. (Sobre a Festividade de São Pedro e São Paulo, como surgiu a festa e por que?) A Festividade não surgiu aqui em casa, foi com os vizinhos, foi uma senhora conhecida como Maquitanda , já faleceu, ela tinha uma taberninha, seu nome era Raimunda dos Santos Conceição e ela era muito minha amiga. Aí começou com os vizinhos que fez mingau, fez aluá, fez tacacá, tudo. Mas, tiveram algumas pessoas faladeiras que reclamaram muito porque não conseguiram comer nada. Eu sou do seguinte, se der pra mim comer eu como se não der, né?. Aí no outro ano ela fez de novo, e no terceiro ano ela não fez mais, disque não iria fazer. Aí eu pedi para o meu marido não deixar a festa morrer, vamos continuarmos fazendo. Aí nós fizemos, mas com aparelhagem daquelas bem baratinhas, não era com aquelas aparelhagens grandes, famosas. Deu gente, gente, gente, que essa rua encheu. Foi daí que começou essa lotação de pessoal. Aí tiveram alguns vizinhos que ficaram preocupados da festa não acontecer: teve o meu compadre que fez dois anos, o marido da Lulu fez uma ano e esses daqui fizeram um ano só que eles praticamente tomaram a festa de mim. Eles fizeram o primeiro ano e quando segundo ano era 50 anos de São Pedro e São Paulo, a Festividade tem 61 anos aqui na Pedreirinha. Aí esse pessoal chamaram o Branco, pois queriam tomar conta da parte dos santos, ou seja cresceram muito o olho. Só que eu tinha vontade de enfeitar a rua e fazer sozinha a festa, mas não deixaram eu fazer. Aí ficou uma outra pessoa que fez a festa durante dois anos. A decoração da festa era muito bonitinho, pois naquela época na João de Deus próximo a Av Bernado Sayão, ainda era mata virgem de se perder - quem abriu aquilo ali foram os americanos. Então, eles iam buscar açazeiro e madeira para fazer ripa, do açazeiro tiravam a folha para decorar e as ripas para montar o palanque. Um dia fazíamos a festa para os convidados e no outro era para os vizinhos aqui, a gente enchia a cara, brincava, dançava, viu? No outro ano depois desses eles fizeram, eu quis fazer, mas não fiz. Eles fizeram lá e convidaram o Branco, pediram para que eu ficasse com a parte da decoração dos santos, e eu acabei comprando aqueles fogos de vista, sabe?. Não sei se tu chegou a ver ou te falaram que eu ainda cheguei a fazer? ( Sim, eles me falaram. Que ele começava na José Bonifácio

e vinha percorrendo toda a rua até chegar ao final da mesma na esquina Barão de Mamoré) Era! Tinha o aviãozinho. Na primeira vez até eu me assustei que não pensei que o pessoal de lá de Vigia (cidade – interior do Pará) fosse fazer a queimação de fogos daqui de cima de casa. Olha, o pessoal ficaram, meu Deus! Aí depois o marido disse: Eras, São Pedro te ajuda e não me ajuda, rrsr. Mas, eu vou dar agora os fogos da festa. Essa festa acontecia dois dias, no outro dia foi a noite todinha de muita chuva e sem luz. Aí ficou um rombo de dívida, né? Aí o Branco convocou três reuniões, pra gente se reunir né?, conversar e ver se a gente chegava em um acordo, fazer assim uma rifa ou qualquer coisa; que nada, foi eu e o Branco que pagamos tudo. E quando foi no outro ano e eles pensavam que não iria ter nada, mas teve. Tem um senhor lá de Mosqueiro que ele é formado na Marinha, e ele toca teclado, canta, aí eu contratei ele pra cá. Teve o casamento na roça, show de banda, apresentações juninas, aí eles ficaram de boca aberta. Aí de lá pra cá todo mundo se aquietou, só que nós não fizemos mais festa grandonaa! Porque hoje em dia não dá mais, quando chegava em maio eu já não dormia, já pensando na festa. Mas, graças a Deus que nesses anos todinhos nunca teve morte aqui, graças a deus! Porque 61 anos, que é a idade do meu filho Branco, não é 61 dias, né? Graças a Deus, mas eu ficava preocupada, orando para que tudo desse certo. Assim, como dava muita gente, o Branco contratava muita polícia aqui pra dar conta, né? O marido nem se incomodava de ficar alí na frente comigo, e naquela época ele vendia muita bebida. Hoje, a gente faz, mas é pouquinho. (E hoje a festa só ocorre um dia, né? E o que acontece agora na festa?) É! Tem casamento na roça; tem a brincadeira de criança ( quebra pote, cabo de guerra, corrida do saco, pegar a moeda na vasilha com trigo, pescaria) esse ano foram levar alí pra frente da casa da Cristina; tem o casamento na roça; as quadrilhas que vem se apresentar; tem o boi-bumbá; esse ano teve um show no final, com o ex-vocalista da banda Sayonara, tu estavas aqui até o final? ( Sim, estava! Deu muita gente!) Aí, a gente sempre teve sorte, a gente vai chamando e as pessoas vem participar. Tu não viu o meu passeio? ( Sim! Eu ainda vou lhe perguntar). As pessoas começaram a colocar olho gordo, mas acontece mas, que era pra gente ficar sem dinheiro para a festa do outro ano. O que eu comprava com o dinheiro da festa era uma comida do outro dia, porque o pessoal chegava e ficava aqui, então eu pegava os trocados e fazia comida. Também, tinha muito roubo de dinheiro no bar, de grades e grades de cerveja, mesa, cadeira. Mas, só que nós ainda não deixamos de fazer esse festejozinho, porém não é mais como era, com muita gente, mesmo. Porque nem eu quero mais como era, agora como tá, imagina a geração que está agora, que é só na droga, só quer resolver as coisas na bala, e ainda vão querer vender droga aqui por dentro, né? ( E sobre o aluá? Como a senhora faz a preparação do aluá? A senhora faz desde o primeiro ano da festa?) Não, eu passei a fazer no segundo ano da festa. ( Mas, por que a senhora passou a fazer? Alguém lhe pediu ou isso era comum em Belém, em Festa Junina, ter aluá?) Era, era comum. E no segundo ano que a vizinha começou a fazer a festa, foi ela

que começou primeiro. Aí, eu já vim tomar conta depois de dois anos. ( Mas, foi sempre a senhora que fez o aluá?) Sim, eu com o meu filho Roberto. Antes eu fazia sozinha. ( A senhora lembra com quem aprendeu a fazer aluá?) Eu aprendi perguntando para os outros e fui fazendo sozinha. A gente usava o pote ou então o barril, né? Fazíamos naquele barril grande, de vinho. ( A senhora pode dizer como se prepara o aluá?) Leva milho de canjiquinha, leva gengibre, cravinho da índia, erva-doce, o açúcar queimado e pão torrado. ( Como é que a senhora faz o preparo?) Torra o milho, aí ele bem torrado joga no barril ou pote. Aí se tiver tudo coloca logo tudo, gengibre, erva-doce, cravinho da índia, açúcar torrado, e depois o pão torrado, e coloca para fermentar, acaba de adoçar se não estiver bom. Também se faz de macaxeira, com a macaxeira cozida colocamos ela cozida com todos esses preparos. ( E qual dá mais trabalho?) É o aluá de milho, pois o milho se torra e fica alí na beira do fogo e a macaxeira se cozinha sem sal e depois coloca dentro do barril e faz a mesma coisa. Quando está perto já de fazer eu já vou atrás da gengibre da nossa que é pequena, não é essa grande que se vende por aí, vou antes no ver-o-peso encomendar do seu Levi que vende. (E quanto tempo ele fica fervendo?) Uns sete dias, depois ele azeda um pouco, aí a gente coa, adoça. Tu sabes que ele dura uns 2 anos, e quanto mais tempo ele passa mais gostoso ele fica? ( A senhora me falou no dia da festividade que já estava com dificuldades de fazer o aluá, pois a senhora não estava bem de saúde, aí foi até o Roberto que lhe ajudou. Mas, que tinha de ter o aluá, pois se não tivesse o aluá não haveria sentido em ter a festa. Por que?) Porque não existe quase ninguém mais que faça aluá, você não ver falar mais de aluá e tem outros que fazem e não dar certo. Porque é preciso ter muito cuidado para não queimar, e também fazer só com pão torrado. Hoje, é muito difícil trabalhar com esse açúcar normal, antes vendiam açúcar moreno, mas hoje os poucos lugares que vendem é muito caro, você já pensou temos de comprar 30 kg de açúcar. ( E sobre o passeio que tem a idade do Mexe Mexe? Como surgiu a ideia desse passeio para a praia do Caripi?) Meu filho, Leonardo, estava em Porto Alegre, aí ele convidou os conhecidos dele, nesse tempo ele era da Aeronáutica, e ele fez o aniversário de uma menina e tudo que se fez foi dentro do ônibus. Aí quando a gente chegou aqui, eras eu falei pra ele, vamos festejar teu aniversário assim. Aí eu fiz, no primeiro ano foram dois ônibus. E outra coisa, eu acho que as coisas dão certo comigo, vão pra frente comigo, porque eu não faço com intenção de ganhar dinheiro, entendeu? Mas, até que eu ganho rrsrsrs. E quando foi no outro ano, levamos cinco ônibus, e o Branco ainda dá corda em mim, rrsrsrs, é ele que organiza tudo e depois presta conta comigo. Aí foi que ano retrasado e ano passado foram dez ônibus. E essa ano agora que passou foram nove ônibus; Vem até meus familiares de Abaetetuba. Aí eu comecei a contratar os músicos - bandinha fanfarra para alegrar as pessoas no cortejo que ocorre na praia. Assim, o meu velho fazia, mas toda vez que ele fazia não dava certo, era só com dois ônibus. Aí levava os músicos, era muito gostoso, teve uma vez que eu fiz um aleijado dançar sem moleta rrsrsrs brinquei, brinquei,

tomando uma cerveja, e meu velho nunca se incomodou. ( E a senhora faz a a feijoada, né?) Sim, faço feijoada de construção, feijoada feita a lenha, é mais gostosa. ( E bandinha que sempre toca, né?) É, agora é um pessoal de Mosqueiro porque aqui eles estavam cobrando muito caro, e tem o Rhassely que está indo também. ( Eu esqueci de lhe perguntar: sobre a Festividade de São Pedro e São Paulo, a senhora ganhou ou comprou os dois santos?) Eu ganhei do meu filho Leonardo, ele é da aeronáutica. ( A senhora lembra há quanto tempo ganhou?) Faz muitos anos, ele que deve lembrar o tempo certo, mas acho que fazem mais de 30 anos. ( E sobre a sua fama de vendedora de maniçoba e de tucupí. Há quanto tempo a senhora vende aqui na Pedreirinha?) Olha, eu vendia alí na frente de festas que tinham aqui, também na frente do Clube do Gaúcho que era um clube, eu cansei de ir dançar aí. ( Mas, a senhora sempre vendeu maniva e tucupí para o Círio de Nazaré?) Não, eu comecei assim, porque o meu velho comprava porco e porco dava trabalho que só, e quando eu matava o mesmo não me ajudava, e ele não é de nada rrsrsr Aí ficava um bocado de toicinho, aí eu pensei colocar uma maniva aqui para vender, aí eu comecei com o meu filho que me ajudou a fazer propaganda. Aí no boca a boca, se tornou muito procurado, vem gente de Icoaraci, vem de Vigia, e daqui de Belém procurar pela maniva. Eu o ano todo, mas na época do Círio eu vendo mais. ( No Círio a senhora chega a vender quantas toneladas de maniva?) Eu vendo umas duas toneladas. ( E o tucupí, é a senhora que faz?) É o Roberto que 'tira' pra mim, mas aí eu não faço muito, pois eu já estu com bastante idade. E o meu marido que faz tudo pra mim, graças a Deus!, eu só vou orientando. Ele tem o maior prazer de cozinhar essa maniva, e é muito calor né?, pois fazemos na lenha. Esse ano que o Roberto ajudou, pois ele estava adoentado. ( Que sentido a Festividade de São Pedro e São Paulo tem para a sua vida?) Eu me operei, e a minha filha disse que eu iria sentir dor, porque eu trabalhei na festividade, e eu não senti nada. E teve um ano, na semana da Festividade que veio um amigo meu e me disse: Elsa, se tu quiser emprego tu vais agora na casa dessa senhora, ele me deu o endereço. Ou seja, eu trabalhei 25 anos lá no Colégio leep e só saí de lá para me aposentar. ( No final da entrevista pedi para dona Elsa me mostrar as panelas em que ferve a maniva, também as panelas e o barril em que faz o aluá.

**Entrevista realizada no dia 08/01/2017**

**Entrevistado: Kleber Alessandro Correa Oliveira**

**Conhecido na Passagem Pedreirinha como Padre**

**Idade: 40 anos**

**Naturalidade: Belém**

Meu nome é Kleber Alessandro Correa Oliveira, não tive apelido quando criança, tive agora depois de adulto que todo mundo me chama de ladrão ou padre. ( Por que ladrão?) Porque, quando eu entrei pra igreja tinha uma música da Celina Borges que falava: É, você chegou. Qual ladrão me fitou? E roubou para si meu coração. Aí eu fiquei com aquilo na minha mente, aí então eu comecei a falar: - Gente, eu sou ladrão de coração. E comecei a chamar o pessoal de ladrão e no começo todo mundo estranhava por isso. Aí eu cantava, ladrão de coração, você roubou a minha amizade, a minha atenção e tal né? Dá um significado para essa palavra mais importante, só que de outra forma, não aquela forma violenta, mas sim carinhosa. ( E padre?) Sim, pelo tempo que eu passei estudando teologia, estudando sobre a igreja, então foi através disso que ficou padre. E daí a gente montou a capelinha, e naquela época eu já queria entrar para o seminário. ( E a Capelinha surgiu quando na Pedreirinha?) Na verdade de uma certa forma ela já existia na Pedreirinha, não o espaço, mas através da peregrinação de Nossa Senhora de Nazaré pela qual eu participava quando criança com a minha avó materna ( Dona Elsa), devido eu ser o único neto criado e quando ela ia para a peregrinação tinha de me levar por eu ser moleque. Então, eu fui aprendendo a rezar o terço, eu fui gostando e tal. Daí eu me afastei por um longo tempo, depois que a gente cresce a gente esquece a religião, né? E até que por acidente, um assalto que eu sofri no Projeto Xequerê e tal, aí Nossa Senhora se revelou pra mim no hospital e eu tive a cura. Chamei minha amiga Alaíde e falei pra ela, sendo que a mesma me levou na Igreja do Capuchinho para assistir uma missa, e daí eu comecei a ir pra missa, a ir pra missa todos os dias e aí depois fui para a Festividade de Maria Goreth, sim, e aí acabei tendo aquela metanóia, aquela conversão. E aí com sete dias eu fui batizado no espírito santo, depois eu entrei para o Ministério de Intercessão, depois de pregação, depois fui para o Ministério de Cura, aí já fui ser Ministro da Arquidiocese de Belém através da renovação carismática católica, depois eu já fazia as missões nas Ilhas com o Dom Arani e o Padre Jonas que é responsável pelas Ilhas, e daí foi surgindo toda essa história. Então, eu senti uma necessidade de orar pelos meus. Porque tu orar pelos outros é muito fácil, mas tu orar pela tua casa é difícil, né? Até porque todo mundo te conhece e você acaba sendo motivo de chacota, porque quando você se dedica a igreja você se torna uma pallhaço pelas pessoas saberem a tua história de vida, mas eu não deixei isso me abater. Aí começamos a reunir na casa da Irene uma vez por mês para fazermos



oração. Depois nós passamos para o Bole Bole, nós fazíamos duas quinta - feiras do mês a oração de cura e libertação. E aquilo foi intensificando e os vizinhos começaram a participar sendo que a gente lotava aquele Bole Bole. E daí Deus foi usando muito mais a gente. Aí depois já não dava mais pra gente fazer no Bole Bole, pelo fato de que às vezes tinha festa e também aconteciam ensaios de quadrilha e tal, aí complicava a nossa oração. Aí passamos para a casa da Dona Bebeu, lá na casa dela o senhor deu um Salmo pra gente em revelação, na profissão ele disse que nós teríamos o nosso espaço aqui na Pedreirinha, que a gente não iria mais andar de casa em casa. Ele deu o Salmo 126 e a gente estava com o Sagrado Coração de Jesus na mão, que a gente peregrinava aqui, e a gente passando alí aonde era o terreno da Capelinha, visualizamos o número na parede do local, era o número do Salmo que o senhor tinha dado a gente. Então, a gente ficou encantado. Mas, preocupados pois ali não tinha como fazer porque o terreno era muito baixo, muito baixo, sem metira nenhuma que a nível da rua, ele tinha quase três metros para baixo e era alagado mesmo. Aí eu conversei com a dona, mas ela ficou receiosa dizendo que não tinha condições. Aí eu disse que a gente reformava e ageitava o lugar. Resumindo, aí todo mundo orou e os vizinhos foram lá com ela. Aí ela disse que estava com medo de emprestar pra gente porque depois de reformado iríamos querer algo. Aí nós dissemos que não iríamos querer nada e nem cobrar nada do que fizéssemos de reforma. Aí, eu fiz coleta aqui na rua, compramos 16 carradas de aterro trucada para colocar o terreno no nível da rua, aí o meu tio e o Carlinhos reformaram aquilo tudo, lógico que foi com a ajuda dos moradores e principalmente com a ajuda da Lola - a irmã do Vético que entrou com uma parte financeira boa. E nós começamos a fazer rifa, promoções de jantar, e nós já tínhamos um público grande de senhoras e de jovens, e todo mundo se reuniu para fazer a Capela. E o engraçado quando a gente passava o jantar para adquirir o dinheiro, os evangélicos e o pessoal do barracão ( do Terreiro da Mãe Lulu) , todos colaboravam. E foi aí que conseguimos fazer a Capelinha e como o espaço não era nosso depois de seis anos ela colocou à venda. E aí conversamos com o Padre Eberaldo, e foi a época em que o Dom Arani saiu de Belém, quer dizer que não pôde mais me ajudar. E aí a gente não conseguiu o dinheiro porque era um valor muito alto, aí ela vendeu pra esse pessoal da Igreja Evangélica Brasa Viva. Aí fomos e nos prostamos em oração diante do santíssimo e o Senhor falou: “Falei que aquela casa era minha então vai permanecer minha”. E aí nós demos Glória a Deus porque tornou-se Igreja e continua Igreja, independente de religião continua sendo a casa do Senhor. E me perguntavam? - Kleber tu vais tira tudo? Não, eu não vou tirar nada. Até porque eu não tenho como devolver uma telha, devolver uma pedra para cada vizinho que coletou, como é igreja, é do Senhor, a gente construiu pra ele e vai ficar pra ele. Aí a dona do terreno chegou comigo para comunicar a venda do mesmo e quando falou queria saber quanto era a nossa dívida, e se eu não me engano nós estávamos devendo dois meses de luz e água, mas era uma quantia pouca. O importante foi que a gente conseguiu

atingir o público alvo que queríamos, que eram as famílias. Aí eu já estava na Arquidiocese e a gente fechou com IDHI ( Instituto de Desenvolvimento Humano e Integral) que foi fundado pelo Dom Zico, e tinha parceria com o SENAI, SEBRAE. Então, começamos a trazer cursos profissionalizantes para a Capela, então ela ficava aberta o dia todo. E aí começou as oficinas de corte e costura, de panificação, quer dizer, e isso foi chamando pessoas fora da Pedreirinha, ou seja, a Capela começou a atingir o Bairro. Dia de quarta-feira era fechado pois era dia só de intercessão, mas se tinha alguém que estava com problema de saúde, briga na família, essa pessoa podia vir e entrava na intecessão, os intercessores oravam por ela diante do Santíssimo, tinham as palavras de profecias e revelações, e fazia um tratamento espiritual . Porque na verdade hoje, Juliana, o povo ele não é doente de doenças mesmo, não é isso, o povo ele tem carência de Deus [...] Hoje a família se destrói porque não tem Deus, você sempre vai ser uma pessoa humana, incompleta. Você pode ter uma boa família, uma boa educação, mas se você não tiver Deus, está quebrado, quer dizer, é a base[...] Então, o meu contato com Deus ele vem da minha infância através da minha avó materna, e o meu contato cultural vem através dela também. Por que? Porque a minha casa sempre foi uma casa festiva, a minha avó desde criança brincou em pássaro junino, em Boi - Bumbá, a minha avó materna era afilhada da dona do Madureira, que era a mãe do Manelão, então a minha família já gostava de carnaval, já gostava de Boi-Bumbá. E o meu avô por parte de pai, era amo do Malhadinho, o mestre Valter, e foi o único que permaneceu no Malhadinho até o fim; porque o Mestre Setenta saiu e depois o Mestre Fabico saiu logo depois por causa do Setente e acabou motando seu próprio Boi-Bumbá, mas o seu Valter permaneceu no Malhadinho até a morte da família e o término do boi. Infelizmente eu não conheci o meu avô Valter e eu acho que eu tenho essa aveia cultural, por causa dessa mistura da minha família por parte de pai e de mãe. O meu pai foi um grande festeiro e merengueiro, quer dizer, eu sou essa mistura: do merengue, do boi, do samba , da quadrilha, da religião, do amor e do respeito. Então, até a vida cultural, ontem a gente estava comentando aqui na frente da casa da Lurdinha, eu, o Jabá e sua esposa, sobre: - Há, o Bole Bole tem quantos anos? 32 anos. A idade do Bole Bole eu sei, me marcou, pois foi o ano que me acidentei e perdi um dos dedos da minha mão, em 1984. Então, o Bole Bole surgiu em 1984 e eu molequinho, e naquela época já tinha o Arco-iris e minha mãe trabalhava lá no Barracão, era aquela febre o Arco-iris, e eu pequeno era louco para ir no barracão, mas mamãe não me levava porque não podia entrar criança. O que eu fazia, eu corria e ia para o barracão do Bole Bole. Chagava lá, o tio Wilson e o Charlie Brown mandavam a gente ir nas casas dos vizinhos pedir bola de natal, que na época eram de vidro, então a gente recolhia as bolas de natal e ficava amassando para fazer porpurina para os carros alegóricos, pois não tinha subvenção, não tinha dinheiro, pois era o primeiro ano do Bole Bole como bloco. E a gente também não tinha instrumento, então a gente andava nas ruas atrás de tampinha de cerveja, aí a gente batia aquilo, amassava e furava com prego

no meio e fazia as platinelas, tudo com tampinha. Então, eu ainda não estava no barracão, estava ajudando assim e tal, tudom por um guaraná. No outro ano, eu já me interessei mais no entanto que eu ia pra lá desde a hora que abria. No terceiro ano em 1987, eu já ficava dentro do barracão e passava o dia riscando no papelão ( Você tinha quantos anos?) Eu tinha oito anos. Quando eu fiquei mesmo dentro do barracão riscando as coisas, eu já tinha dez anos. E já era em outro barracão que ficava na frente do Terreiro da mãe Lulu. Depois nós saímos de lá e viemos pra cá onde é até hoje a sede e daí pronto, acabou e fiquei direto. Aí foi que eu saí de casa por causa de uma briga familiar, eu tinha doze anos de idade, e fui parar na Praça da República, fui morar com o Albertinho Bastos e Neves Labasca, que me acolheram. E lá comecei a aprender a fazer teatro, comecei a fazer paisagismo da Praça da República, nós fizemos o paisagismo lá pra OEA, pra Eco 92, para o PARATUR. Aí o Alberto disse que eu iria ficar lá, foi que minha mãe foi lá conhecer o Alberto e a Neves, depois os meus tios foram lá também. Só que tinha um porém, eu comecei a aprender a cultura porque eu larguei o estudo. Que eles me cobravam que eu aprendesse, mas me cobravam que eu aprendesse a arte, como ela é, ter uma visão artística, não só daquele movimento cultural, mas também da vida, ver a vida como uma arte. Quer dizer, hoje eu digo que a vida é um grande quadro, que você pinta e vai botando as cores que você quer, né? Se a sua vida está escura é você que está procurando, então vamos lá buscar uma luz, buscar um amarelo, um verde, uma esperança. Então, é muito bacana esse envolvimento. Aí, através do Bole Bole a gente teve as oficinas de arte e educação já com o Nazareno Silva e a Irmân tomando conta da parte cultural do Bole Bole. Eles trouxeram as oficinas pra aí, através disso veio o Ronaldo Silva, Lúcio Mousinho, Rui Baldez, vieram dar oficina de Boi-Bumbá e a gente se encantou com aquilo, né?, ficamos maravilhados, porque Boi-Bumbá era novidade pra todos nós. E foi uma época que a juventude, assim como eu, estava indo por um caminho totalmente errado, era uma época que estava tendo aquela explosão de pinchação, de formação de gangues. E aí a gente começou a estudar sobre o Boi-Bumbá, fazer pesquisa sobre o Boi e todo mundo se interessou pela música e pela cultura. O Nazareno levava a gente para passear, pra ver Boi-Bumbá, nos levava para o Museu, para o Teatro também e a Irmã fazia passeios para os sítios dos amigos dela. Então, eles acabaram dando aquilo que a gente precisava, né? Ou seja, ele nos incentivaram a colocar pra fora tudo aquilo tudo que nós já tínhamos dentro de nós. Foi de uma forma bacana que até hoje a gente tem bons músicos, bons cantores, bons ritimistas, isso é fruto dessa semente pequena. Pode quem quiser dizer: - Ah, o Bole Bole é isso, é aquilo. Gente, **você tem que julgar Bole Bole** se tu olhar ele do começo ao hoje, porque tu vais ver o quanto ele foi importante na vida das pessoas dessa rua e da comunidade gumaense. Inclusive para os evangélicos, tinha oficina de arte e cultura aí no Bole Bole, o Prof. Biraelson do Carlos Gomes, vinha dar aula de musicalização tudo graça e os vizinhos evangélicos daqui tudo iam pra lá fazer canto, fazer aula, e hoje são grandes cantores da

Igreja Evangélica, mas saíram de onde? Aflorou, na realidade o talento que eles tinham dentro dessa quadra, dentro dessa universidade, não é uma Escola de Samba, é sim uma Universidade, porque o Bole Bole desde sempre descobre talentos e eu sou testemunha e cria disso. Tenho 40 anos e lembro de tudo isso. Graças a Deus eu morei em uma rua abençoada aonde os vizinhos respiravam cultura, talvez não se respira mais pela venda de muitas casas, muitas pessoas vieram de fora morar pra cá, mas a maioria ainda são veteranos como a minha avó que tem 85 anos e nasceu na Pedreirinha; a Dona Lulu do Barracão também nasceu na Pedreirinha e tem 85 anos; tia Altamira que era uma das grandes baianas e tacacazeira também nasceu aqui. Mas, essas casas que as famílias depois que morrem pai e mãe começam a desestruturar e foram vendendo, abrindo espaço e fazendo Kitnet, sendo que quem vem morar é todo tipo de gente. E hoje, você é impedido de fazer um movimento cultural como você fazia, como você quer fazer e não pode, por certos vizinhos que você nem conhece, pois se entocam dentro de um monte de Kitnet e você nem ver a cara; os que são cachaceiros que nem eu, é bacana, porque de alguma forma você conhece, mas os que não são ficam ligando para a polícia dizendo que estão perturbando, ou seja, são pessoas que não tem amor, porque se você não tem cultura dentro de você, não tem deus, você não tem amor, você não tem nem cultura familiar, quanto mais cultura popular. Eu digo e repito, hoje a nossa cultura está gravemente ferida no UTI e poucas pessoas vão visitar a cultura ( Qual Cultura?) De uma forma geral, eu acho que do mundo, vejo muito que o olhar dos nossos governantes para a Cultura é um olhar de desprezo, eu acho que eles nos veem como marginal, como anarquistas, como revolucionários, não, nós não somos isso, nós só gritamos quando alguém bate na gente. Nós, hoje, choramos de tristeza, é muito raro a gente chorar de alegria. Eu choro até quando o Bole Bole ou o Mexe Mexe ganha, mas eu choro de alegria e o que está faltando para a população é isso, chorar de alegria. Né? Dizia o grande poeta Vétinho: " Chorei, eu chorei quando pisei na passarela. E vi meu povo da favela, sorrindo, brincando Carnaval, Carnaval. Veja só que poesia belíssima, então a gente chora quando toca aquela sirene ( comunicando que a escola vai entrar na Avenida) emociona a gente, que você assim, é tipo uma mãe quando vai dar a luz, nove meses eu te segurei na minha barriga e hoje você nasce, deve ser a maior emoção. E quando a escola que a gente trabalha entra na Avenida, eu sinto que estou parindo, que estou sendo pai e mãe, está aqui o meu trabalho realizado, né? Agora vamos entregar nas mãos dos outros, eles que julguem como eles quiserem, mas eu sei que meu trabalho realizado, que meu enredo, a minha história, o meu samba, o meu suor, a lágrima de todo o bairro, de toda uma comunidade, não foi em vão. É lindo isso, você se emociona, você se arrepia, e é engraçado que a gente acaba se misturando, as religiões com a cultura, se misturam de uma forma muito linda. O Palheta disse assim: " Engraçado que eu já fui em várias ruas na peregrinação de Nossa Senhora de Nazaré, mas a peregrinação da Pedreirinha ela tem um quê de diferente". Aí eu perguntei: Por que? O

mesmo respondeu: "Porque os vizinhos enfeitam a sua porta pra passagem daquela santinha, os vizinhos enfeitam a rua, acendem vela do lado e do outro da rua, ou seja, eles vivem aquele momento". Eu digo: " É o nosso Círio!". Né? E vai o pessoal da Assembleia de Deus pra sua porta ver a gente passar, porque a rua está linda, os vizinhos tudo sorrindo um para o outro, é como se fosse uma confraternização de fim de ano, né?, a bandinha tocando e passando, os vizinhos vibrando com emoção, rezando assim quando a Santa vai passando. E aí você percebe a emoção de cada um, você olha para o semblante do teus vizinhos e percebe que eles estão, assim, maravilhados, estão cheios daquela benção apesar de não crer naquela imagem mas crer que naquela união se ganha muita energia positiva. Então, eu acho que fazer cultura popular, hoje, é a coisa mais difícil do mundo e poucos são os que se atrevem a fazer cultura popular atualmente. Né? Eu creio que uma porcentagem de 10% da humanidade quer fazer cultura e toda a pessoa que faz cultura, que saber sobre a sua origem, suas raízes, acaba no quê? No estudo, pois tu vai ter que ler, tu vai ter que pesquisar, entrevistar, tu vai te conhecer, quem sou eu?, de onde eu vim?, qual é a minha origem?, Por que isso? Por que aquilo?. Então, fazer cultura popular é isso, se descobrir, você se encontrar, você ter as respostas para as suas próprias perguntas. É: Quem sou eu? Quem foi minha mãe? Minha avó?, Por que eu gosto dessa toda essa festança? Mau tu sabes que antes de ti a tua família já gostava, teu avô e tua avò, teu tataravô, etc, e graças a Deus que eu herdei esse gosto cultural! Eu não quero herdar doença e sim cultura. Você nasceu na Pedreirinha?) Sim! ( A tua escolaridade?) Ensino Médio. (Mas, você está fazendo profissionalizante, né?) É, eu estou fazendo um curso de cozinheiro do SENAC, mas a minha intenção lá na frente é fazer gastronomia, até porque você acaba se descobrindo. É engraçado, Juliana, que eu fui fazer esse curso pelo meu trabalho com Buffet e decoração, sendo que eu acabei me apaixonando, porque a gastronomia ela é muito mais cultura e estudo do que a comida em si. Quando eu falei que a Igreja é muito envolvida, eu fui descobrir porque nós temos uma riqueza de doces e quase todos levam gema, por que? Porque os Grandes Conventos pegavam as claras para engomar as roupas dos nobres e aquela gema toda se estragava. O negro para sair da senzala e ir morar na casa grande, eles passavam o dia inteiro criando doces. Como a nossa moeda era a cana-de-açúcar, era essa riqueza toda, quanto mais doce mais poder você tinha, sendo assim elas endoidavam fazendo doce. Você pode ver que os melhores doces tradicionais eles são denominados com nome religioso, quindin de aiá, papa de anjo, não é isso?, suspiro, por que suspiro?, eram as senhoras dentro dos conventos que os pais colocavam para estudar, aí passava homem bonito, aí suspiravam apreciando a beleza deles. Você pode ver como é interessante, a cultura ela está muito forte na comida, no teu ser todo, principalmente na gastronomia. Então, eu me encontrei com a gastronomia por essa força cultural que eu fui buscar, que eu já gostava. E é muito forte, você não pode falar em comida regional, de raiz, se não falar, da Itália, se não falar dos portugueses, se não falar da

Alemanha, ou seja, é o nosso Brasil. São poucas as comidas no Brasil, que são nossas, legítimas, são poucas. Por que? Porque a culinária é do mundo. Se você perceber a maniçoba, todo mundo diz que é um prato paraense, não é nada, é um prato africano que os senhores de engenho davam para os negros comerem e morrer, porque ela crua é altamente venenosa. Só que eles com tanto sofrimento, tanta lida, descobriram que cozinhando muito a folha da maniva ela se tornava comestível. Mais que morreu muito negro que comeu maniva, morreu, eles moiam a maniva e mandava o negro comer; isso faziam aqueles senhores de "bom coração", que não mandava matar de forma violenta, a porrada ou a tiros. Então, eles foram descobrindo se cozinhassem bem tornasse comestível, se agregassem outros sabores aquilo ficava uma delícia. Graças a Deus, ela se tornou uma tradição forte aqui em Belém, mas sua origem não é brasileira. Então, você percebe que eu me encontrei na gastronomia, e estou feliz, danço Boi-Bumbá e como bem, estou feliz assim, o que mais querer da vida, né? Rsrtrs Mais nada rapaz, rsrtrs. (Qual a sua função no barracão do Bole Bole?) Eu sou artesão. ( Mas, não realiza outras coisas lá? Você não é também o coordenador geral do barracão, aquela pessoa que ordena fazerem as coisas?) E pior é que eu não consigo mandar, eu não nasci para mandar, eu nasci para orientar. Sabe o que é engraçado quando as pessoas pegam cargo elas começam a mudar e eu não, eu sempre incentivei as pessoas. Sempre digo: - Bora lá! Vamos lá! E vamos lá! E eu vou metendo corda, por mais que eu não faça nada rsrtrs, mas o povo faz e eu estou lá no meio rsrtrs. As vezes eu sento lá e começo a beber cerveja, mas o povo está trabalhando, aí eu digo: " deu certo! Deu certo!" rsrtr. Ou seja, tem de ter esse incentivador, a pessoa que está lá e dar essa força, e eu sou essa pessoa. Então, eu sou aquela pessoa que estou tanto nos momentos ruins como nos momentos bons ao lado dos meus amigos, eu digo assim: " Estás com dor, estás sofrendo, meu filho? Então vamos rezar juntos. Estás feliz, meu filho? Então bora beber juntos. Tu estás liso, mas eu tenho 50 reais e dá pra gente tomar 4 litros, então bora beber juntos. Isso é agregar valores na tua personalidade, fortalecer aquilo o que você sempre foi. A tua personalidade é muito importante, eu acho que você tem de valorizá-la, pra que valorizem a sua cultura e assim pra que você valorize toda uma humanidade. A cultura te ensina respeito, a cultura te ensina amor ao próximo, a cultura popular, assim como a cultura religiosa, a cultura gastronômica. E se você vive cultura, você vive respeito, você vive obediência, você vive amor ao próximo, independente de raça, de sexualidade. Você começa a ver o homossexual como uma pessoa normal, que pode ir pra festa com você, que pode brincar Boi contigo, que pode sair no Carnaval seja na bateria ou de mulata. Você começa a perceber os valores de todas as pessoas, mas isso acontece a partir do momento em que você começa a descobrir quem é você. ( Você é solteiro?) Sim! ( Qual a tua ocupação, atualmente?) Hoje, eu realizo oficinas de gastronomia através do SENAC e trabalho com o Buffet e Decoração. Inclusive, essa história do Buffet foi uma história muito engraçada, pois eu já fazia decoração

para festas e tal. Aí a Doa Heloisa ( conhecida como Lola) me disse: " Kleber, vamos montar um Buffet! Vamos dar trabalho para esse pessoal". Veja bem a preocupação dela, que não era ganhar dinheiro, era através do Bole Bole dar profissão para as pessoas. Então, fizemos o seguinte, juntamos aquelas pessoas do Bole Bole que tinham aptidão pra coisa e vamos trabalhar!, e uma galera ganha uma pontinha. Então, você falar de Bole Bole tem de falar das coisas positivas, né? Você não pode ficar só criticando o Bole Bole, pelo espaço físico, porque o Bole Bole não promove, porque o Bole Bole não tem dinheiro. Gente, não tem dinheiro, mas tem iniciativa, tem cultura, tem toda uma história para contar, tem bons profissionais hoje, na música e outros tipos de coisas, pessoas que saíram daí para fazer Medicina, ser advogado. Assim, podem não terem voltado para colaborar, virado as costas, mais que aprenderam, aprenderam muita coisa lá. Mas, a Universidade é isso, né? Muitos se formam e poucas ficam para ajudar o reitor, né? Mais a gente fica, pois a gente acredita que poderá fazer muita coisa pelos outros, quanto vidas Deus nos oferecer. E sabe que ele nos dar essa vida longa, porque você acaba fazendo um trabalho caritativo através da cultura, né?, gerando emprego, gerando renda. Agora foi engraçado que tem muitas crianças da bateria que vivem uma situação muito difícil, difícil. E no Natal, a Lola fez 11 cestas básicas, e falou para a Guida chamar os mais carentes da bateria para lhes entregar. E foi uma maravilha quando chegou essas cestas básicas na casa dessas crianças, ou seja, isso é Bole Bole!. Aí o pai já ver a escola de samba com outros olhos, que não está levando seu filho pra farrá e sim para a educação. É interessante agora quando esse novo presidente queria unir a cultura e a educação, houve uma grande polêmica, né? Eu fui contra, pelo sentido financeiro, porque eles iriam pegar a verba da cultura e dizer que colocaram na educação e no final ficaria muito pior do que estávamos. Mas, a cultura e a educação andam de mãos dadas que nem a ciência e a teologia. Ou seja, tu não podes fazer educação sem cultura popular e vice-versa. Por isso tem os grandes médicos, os grandes advogados, os grandes músicos que saíram daí, por que? Porque a cultura te leva a uma educação, a educação te leva a uma profissão. Ou seja, você retorna a casa do pai se quiser ou faz a sua vida independente. Mas, eu nunca quero sair do meu primeiro amor que é aonde eu me encontrei, que é a minha escola, que é a minha vida, aonde eu brigo, eu choro, eu acho graça e eu pinto e bordo, literalmente. (Me descreve a Passagem Pedreirinha) Caramba, é difícil! ( O que que é vem a sua cabeça quando falas sobre a Pedreirinha?) Eu percebo a Passagem Pedreirinha como um grande celeiro de frutas boas. Não um celeiro a palavra , é uma cesta, uma cesta de frutas maravilhosas e diferentes: a uva, a maçã, a pêra, a laranja, a banana, o Carnaval, o Boi, o Carimbó, a macumba, a igreja católica, a igreja evangélica. Quer dizer, essa cesta cultural. Eu falar da Pedreirinha, eu não sei falar da minha rua, às vezes é mais fácil tu falar dos outros do que de si próprio. Eu só sei que daqui não saiu e se sair quero para o Santa Isabel que é no Guamá, bem próximo daqui, nè? rrsrs. srsrs Como diz o Vetinho em sua poesia: " Meu coração guamaense não se engana.

É Bole Bole, é Malhadinho, é Tira Fama! Né? Não é preciso eu falar muito, é só você escutar os sambas do Bole Bole e vais ver o que é o Guamá. Pois, ele te diz tudo. O Guamá é mitologia. É, quem realmente eu sou nesta rua? Eu não sei, mas as pessoas sabem. ( Tu sabes o que era a Pedreirinha antes de ser uma rua?) Assim, segundo os mais antigos a Pedreirinha era um terreno alagado. É, o pessoal diz que o nome Pedreirinha é porque aqui tinha muita pedra, mentira. Aqui era um terreno alagado. A minha avó conta que na infância dela as roupas que lavavam eram todas estendidas aqui na rua para secarem, entendestes? Eu não sei porque Pedreirinha, esse nome a gente ainda não conseguiu saber de onde veio. Nem os mais antigos conseguem explicar a denominação da rua. Mas, eu sei te dizer que depois do Cemitério Santa Izabel, pra cá pra dentro a primeira rua a ser invadida foi a Pedreirinha. A primeira escola do Guamá surgiu aqui na Pedreirinha, aqui no canto. A primeira encanação depois da do Cemitério foi aqui no canto da Pedreirinha, onde tinha uma grande mangueira que todo mundo ia buscar água lá. Então, o que é a Pedreirinha a não ser uma dádiva de Deus!. É uma rua que se você passar todos os dias verá os vizinhos sentados em frente a sua porta, sem medo de ser feliz, sem medo de violência. Hoje é difícil você passar em uma rua e ver os vizinhos sentados na sua porta, batendo papo, nem que seja um mentindo para o outro, mas estão lá rrsrs, não é verdade? Eu acho que tu falar de cultura guamaense tu tens que falar de Bole Bole, de 1984 pra cá todo mundo que passou lá não se deu mau, não. Todo mundo que acreditou no Bole Bole, que fez projeto social; todo mundo que recebeu educação de Nazareno Silva, de Ronaldo Silva, de Ruy Baldes, de Lúcio Mousinho, da Silvaninha e tantas pessoas maravilhosas que passaram por aí. Uns já cantaram pra subir, estão lá lo céu com a graça de Deus, mas deixaram um legado muito grande de cultura e de história. Os que não eram guamaenses queriam ser, né?, O Evaldo não era guamaense, mas acabou se tornando guamaense e não saiu do Guamá nem morto, está enterrado no Cemitério santa Izabel. Quer dizer, quem não é quer vim e poucos querem sair daqui. Aí dizem: "Ah, mais o Guamá é muito violento!" Lógico, é o maior, é mais populoso, a tendência é aumentar a violência, a tendência é tudo não prestar. Quando falam em Guamá só falam que é violento. Aí eu digo: " Você só conhece a violência. Tu tens que ver é a violência quando o cara pega um surdo e começa a tocar, bum, bum, bum. Tem que ver a violência que os meninos tocam numa barrica, stinq, stinq, stinq. É essa a violência que você tem que ver, a violência da batida do tambor. Não é você ver o Guamá como um bairro violento, é você ver o Guamá com pouca educação, com pouco incentivo a cultura, com pouca escola. Kleber, se tu fosses presidente do Brasil o que farias? Qual seria o teu foco principal? Eu digo, educação e cultura. E se a pessoa questionar, mas a saúde e o saneamento básico? Aí eu continuo: Tu tens cultura para morar numa rua asfaltada? Não tem, porque tu vai jogar o teu lixo lá, entope tudo, enche tudo e o culpado é o prefeito? Então, se eu te educar tu vais morar em uma rua limpa, aí eu vou asfaltar, mas se eu não te der cultura e não te der



educação, não vai adiantar tu ter asfalto e saúde. Se tu não tiver educação tu vais comer mau, tu vais viver mau. Não adianta eu fazer um monte de pronto-socorro e não construir escolas. Infelizmente, eu acho que eu não tenho veia para a política, mas se um dia eu me tornasse um político era pelo que eu iria lutar, por educação e cultura. Talvez eu nunca iria ganhar, porque o povo não quer educação e cultura, o povo acha que se ele morar no asfalto está tudo lindo. Não precisa o filho estudar, que ele pode ser feirante, ou pode vende coxinha, não discriminando ninguém porque todo trabalho é trabalho, né? Uma cesta básica vale o meu voto, eu lá quero saber de Boi-Bumbá, eu quero lá saber de carnaval, é assim que o povo pensa. Porém, eu acredito que um dia a gente vai sair dessa UTI que eu te falei. E tu pode ver que quando a cultura avança, não é por causa dos nossos governantes, e sim pelo suor de todos que fazem parte da cultura popular, pelo meu suor, é pelo teu suor, pelo suor da Dora, pelo suor do Vetinho, pelo suor do Charles Brown, pelo suor do Sabá, do Wilson, do Cleyton, da Lóla, é pelo suor do Dom Alberto, do Dom Arani, é pelo suor da Mãe Lulu que está com esse terreiro centenário até hoje, é pelo suor do pastor da Assembleia de Deus que todo fim de ano pinta e limpa toda a rua junto com os vizinhos. É esse suor, o que a gente não tem é o que temer. É isso. ( Fala um pouco das atividades culturais e religiosas que você participa) Olha, hoje eu já não participo mais coordenando. Eu estou muito envolvido na questão do Bole Bole e do Mexe Mexe, nos outros movimentos eu só ajudo. ( E a festividade?) Eu participo indiretamente.